RICHARD FOSTER

autor de Celebração da disciplina



Oração:

o refúgio da alma

EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA

Vida

Oração:

o refúgio da alma

A Eugene e Jean Coffin,
meus pastores

Quando eu era criança, ouvia Eugene e Jean brincar que os dois eram como uma calça *jeans*. Essa declaração falava mais do que eles podiam imaginar. Hoje, mais de 50 anos depois, eles continuam tendo um sacerdócio mútuo e inseparável que veste muito bem.

Sumário

Agradecimentos 9

Prefácio à edição brasileira 11

Prefácio do autor 13

Voltando para casa: um convite à oração 17

Parte I: Movimento para dentro

Vendo a transformação de que necessitamos

1. A oração simples 25
2. A oração do desamparo 37
3. A oração de investigação 49
4. A oração de lágrimas 61
5. A oração de renúncia 75
6. A oração de formação 89
7. A oração de aliança 103

Parte II: Movimento para cima

Buscando a intimidade de que necessitamos

8. A oração de adoração 121
9. A oração de descanso 135
10. A oração sacramental 151

11. A oração incessante 169
12. A oração do coração 185
13. A oração meditativa 201
14. A oração contemplativa 219

Parte III: Movimento para fora
Buscando o sacerdócio de que necessitamos
15. A oração pelo comum 239
16. A oração de petição 251
17. A oração de intercessão 267
18. A oração de cura 281
19. A oração de sofrimento 299
20. A oração de autoridade 315
21. A oração radical 335

Agradecimentos

Jamais será possível, para qualquer um de nós, apresentar uma lista completa dos que contribuíram para nossa formação. Quando se escreve um livro, conseguir isso é ainda mais difícil. Não posso agradecer aqui a cada um, mas quero expressar minha gratidão a alguns, na esperança de que estes representem os demais que permanecerem anônimos.

Sou grato aos que leram o manuscrito inteiro, ou parte dele, contribuindo com sugestões importantes: Carolynn Foster, Nathan Foster, Lynda Graybeal, Dotsy Hill, Janet Janzen e Carol Mullikin. Além disso, li vários capítulos nas reuniões semanais do Milton Center e ouvi de seus membros críticas construtivas e palavras de incentivo. Sou grato também a Harold Fickett, Janine Hathaway, Frank Kastor, David Owens, Virginia Stem Owens, Charles Parker, Bruce Parmenter e Jim Smith.

Desejo agradecer aos meus antigos paroquianos e alunos que ajudaram a testar minhas ideias durante muitos anos, na teoria e na prática. Eles foram meus professores. Tenho também uma dívida de gratidão com um grupo especial que orou por mim enquanto eu escrevia, sustentando meus braços cansados: Wendell Barnett, Ken e Doris Boyce, Karen Christensen, Taddie Gunn, Dotsy Hill, Ed e Alice Kerr, Claudia Mitchell, Bonnie Parker, Betse

Rockwood, Sarah Smith, Dallas e Jane Willard, Jean Winslow, e Dick e Gayle Withnell. Quero expressar ainda minha gratidão a Kandace Hawkinson, da Harper San Francisco, por me ajudar com sua experiência editorial e com palavras de encorajamento.

Agradeço a Lynda Graybeal por cuidar do escritório e assumir tantas obrigações, que se eu fosse citar ficaria sem tempo para escrever. Finalmente, agradeço a Deus por Carolynn, que orou comigo e por mim desde a concepção até o nascimento deste livro.

Prefácio à edição brasileira

Não é simples escrever sobre oração. É uma tarefa que requer não apenas fundamentação bíblica, mas também experiência e discernimento pessoal. A combinação desses elementos é que torna a arte de escrever sobre oração particularmente difícil.

A fundamentação bíblica encontra sua dificuldade no fato de que não se trata de um tema de natureza dogmática. Ou seja, não é um assunto doutrinário, em que os contornos são mais facilmente definidos, pois envolve os mistérios de Deus e sua vontade, que não podem ser entendidos com a precisão da racionalidade científica.

Por outro lado, a experiência pessoal é sempre limitada. Quem de nós, em sã consciência, poderia dizer que está contente com sua vida de oração? Quem já penetrou todos os mistérios e conhece todos os segredos que circundam o tema?

No entanto, a experiência da oração constitui o elemento central da vida cristã, e toda tentativa honesta e sincera de nos aproximarmos desse mistério torna-se necessária.

Richard Foster é conhecido nosso. De suas obras, o livro *Celebração da disciplina* já se tornou literatura indispensável a todos os que desejam aprofundar sua vida espiritual e relação com Deus. Agora somos apresentados a uma de suas melhores obras. Em *Oração: o refúgio da alma*, Foster leva-nos pelos caminhos do grande mistério da oração, apresentando-nos a base bíblica: uma sólida fundamentação

histórica, resgatando a contribuição dos santos e pais da Igreja, muitas vezes esquecidos pelo cristianismo contemporâneo e, por fim, trazendo sua experiência pessoal que, além de enriquecer a compreensão do leitor, ajuda-o a contextualizar o significado e o lugar da oração.

O livro está estruturado de forma que se resguarde a natureza trinitária da oração. São três os movimentos que Foster destaca na busca do equilíbrio: o *movimento para dentro*, *o movimento para cima* e o *movimento para fora*. Com isso, o autor evita que a oração seja apenas intimista, sem nenhuma relação com o mundo e com a missão da Igreja, e a tendência comum entre nós de espiritualizá-la, a ponto de promover um profundo processo alienante.

Richard Foster aborda os mais variados temas relacionados à oração. Alguns aparentemente contraditórios. É aqui que encontramos a contribuição de Foster. A oração de autoridade não será compreendida adequadamente se não houver também a compreensão da oração de renúncia, ou de lágrimas. Se o leitor lê apenas o capítulo que mais lhe interessar, corre o risco de não compreender a natureza e o propósito da oração. Trata-se de um exercício espiritual em que a humildade e a reverência são ingredientes absolutamente indispensáveis.

Por fim, este não é um livro para ser lido como se fosse mais um manual com receitas prontas para uma vida de oração bem-sucedida. É bom lembrar o leitor de que as experiências pessoais descritas pelo autor nascem de um contexto próprio que nem sempre corresponde àquele vivido pelo leitor.

Leia-o com o coração de um aprendiz. Leia-o como quem busca em primeiro lugar o Reino de Deus, sua justiça, graça e amor, não como quem deseja encontrar os meios para dominar, manipular ou controlar. Leia-o em comunidade, com outros irmãos, para que sua compreensão da arte da oração não seja limitada por seus medos ou vaidades nem manipulado por seus anseios. Faça como os discípulos fizeram ao pedir humildemente a Jesus: "Senhor, ensina-nos a orar".

Ricardo Barbosa de Sousa
Pastor da Igreja Presbiteriana do Planalto – Brasília

Prefácio do autor

Oração foi um tema sobre o qual durante muito tempo desejei escrever. Se, entretanto, eu o tivesse feito há mais tempo, teria cometido o pecado da presunção. Eu não estava pronto. Tinha ainda muito que aprender, faltava-me experiência. É perfeitamente aceitável a incursão puramente intelectual em diversos assuntos; isso, porém, não acontece com a oração. A oração transporta-nos para o Santo dos Santos, onde nos prostramos diante dos profundos mistérios da fé e todos temem tocar a arca. Os anos foram passando, e eu continuava um novato nos caminhos da oração (quem pode dominar algo cujo principal objetivo é ser dominado?), embora às vezes eu sentisse um aceno divino de aprovação. Agora, entretanto, chegou o momento de escrever. E, enquanto escrevo, dirijo-me aos que pouco se dedicam à oração, que é como tenho sido, e aos que são inteiramente devotados a ela, que é como pretendo ser.

Na continuação deste trabalho, procurarei classificar as experiências de oração, algo semelhante à tarefa de dar nome aos animais, assumida por Adão no Jardim do Éden. Espero, dessa maneira, identificar alguns aspectos de nosso diálogo com Deus. Inúmeros cristãos oram muito mais do que imaginam. Muitos deles veem a oração como que através de lentes escuras, por isso

não conseguem perceber a própria experiência nessa área e acabam se sentindo culpados por não orar. Assim, creio que muitas das passagens citadas neste livro serão imediatamente reconhecidas e farão você pensar: "É isso! Essa é minha experiência!". Ao dar nome às experiências de oração, espero fazê-lo entender melhor o que Deus está realizando entre nós. Isso nos permitirá ser mais categóricos em nossa prática.

Gostaria, antes de tudo, de mencionar o problema linguístico que há na maneira de nos dirigirmos a Deus. O pronome pessoal é exemplo disso: ele é usado na tentativa de resolver a questão com ênclises e próclises, mas acaba criando problemas semânticos e estilísticos. Apesar de tudo, decidi seguir o uso padrão do pronome masculino, e sou o primeiro a admitir que nossa linguagem é bastante limitada aqui. Deus incorpora e transcende nossas categorias de sexualidade, isto é, Deus não é uma divindade macho, no sentido de ser o oposto de uma divindade fêmea.

De fato, o emprego que Jesus faz da "oração *Aba*" é inclusivo. Com o uso do diminutivo de "Pai", Jesus está demonstrando que nosso relacionamento com Deus envolve não somente a autoridade e a força em geral identificadas com a masculinidade, mas também a nutrição e o carinho intimamente associados à feminilidade.

Uma breve explanação sobre a estrutura deste livro poderá ser útil. Sem querer levar a metáfora longe demais, creio que ela lhe permitirá ver que são trinitarianos em caráter os três movimentos relacionados com a oração. O movimento para dentro (Parte 1) é a oração ao Deus Filho, Jesus Cristo, o qual desempenha o papel de Salvador e Mestre entre nós. O movimento para cima (Parte 2) é a oração a Deus Pai, o qual desempenha o papel de Rei soberano e Amante eterno. O movimento para fora (Parte 3) é a oração a Deus Espírito Santo, o qual desempenha o papel de Capacitador e Evangelista. O movimento para dentro é mencionado em pri-

meiro lugar porque Deus se revelou a nós de maneira mais clara e completa em Jesus Cristo.

Um simples conselho, antes que você se lance de corpo e alma nesta jornada disciplinadora rumo ao Santo dos Santos: a oração saudável precisa de experiências comuns, terrenas. Como caminhar, falar e rir. Como trabalhar no quintal, jogar conversa fora com os vizinhos e lavar as janelas. Como amar a esposa, brincar com os filhos e trabalhar com os colegas. Se desejamos estar espiritualmente preparados para escalar o Himalaia espiritual, precisamos de exercícios regulares nos vales e colinas da vida cotidiana.

Richard J. Foster
1º de janeiro de 1992

Voltando para casa: um convite à oração

A verdadeira e completa oração não é outra coisa senão o amor.

— Agostinho

Deus, por sua graça, tem-me permitido vislumbrar parte de seu coração, e eu gostaria de compartilhar com você o que tenho visto. Hoje o coração de Deus é como uma ferida aberta de amor. Ele sofre com nosso distanciamento e nossa preocupação. Ele lamenta o fato de não nos aproximarmos dele. Ele se angustia por havermos nos esquecido dele. Ele chora por causa de nossa obsessão de querer mais e mais. Ele anseia por nossa presença.

Ele está nos convidando — a você e a mim — a voltar para casa, a casa a que pertencemos, a casa em que fomos criados. Ele nos espera de braços abertos. Seu coração é grande o suficiente para nos acolher.

Vivemos ansiosos num país distante: um país em alvoroço, de multidões apressadas; um país de escaladas, empurrões e atropelos; um país de frustração, medo e intimidação. E ele nos convida a voltar para casa: para o lar de serenidade, paz e alegria; para o lar de

amizade, companheirismo e sinceridade; para o lar de intimidade, aceitação e afirmação.

Não precisamos ficar apreensivos. Ele nos convida à sala de estar de seu coração, onde podemos calçar os velhos chinelos e desfrutar o momento. Ele nos convida à cozinha de sua amizade, onde conversas e massas de bolo se misturam num ambiente alegre. Ele nos convida à sala de jantar de seu poder, onde podemos nos banquetear e alegrar nosso coração. Ele nos convida à sala de estudos de sua sabedoria, onde podemos aprender e nos desenvolver... e fazer todas as perguntas que desejarmos. Ele nos convida à oficina de sua criatividade, onde podemos ser seus auxiliares, trabalhando juntos para forjar nosso futuro. Ele nos convida ao quarto do descanso, onde nova paz é encontrada e onde podemos ficar à vontade, nus e vulneráveis. O quarto é também o lugar da mais profunda intimidade, onde conhecemos e somos conhecidos plenamente.

A CHAVE E A PORTA

A chave dessa casa — o coração de Deus — é a oração. Talvez você nunca tenha orado, senão em momentos de angústia e terror. Talvez o Nome divino só tenha saído de seus lábios em meio a expressões de desagrado. Não se preocupe. Estou aqui para lhe dizer que o coração do Pai está aberto — e você está convidado a entrar.

Talvez você não acredite na oração. Quem sabe já tentou orar e ficou profundamente desapontado. Sua fé parece agora pequena demais ou inexistente. Não importa. O coração do Pai está aberto — e você está convidado a entrar.

Talvez você tenha se machucado ou sucumbido diante das pressões do dia a dia. Você foi injustiçado, e isso o marcou pelo resto da vida. Você não consegue apagar antigas e dolorosas lembranças. Você evita a oração porque se sente afastado de Deus, indigno e

pecador. Não se desespere. O coração do Pai está aberto — e você está convidado a entrar.

Talvez você tenha orado durante muitos anos, mas as palavras congelaram e se quebraram. E nada aconteceu. Deus lhe parece distante e inacessível. Ouça-me: o coração do Pai está aberto — e você está convidado a entrar.

Talvez a oração seja o prazer de sua vida. Você vive num ambiente divino há muito tempo e pode dar testemunho de quão excelente ele é. Apesar de tudo, você quer mais: mais poder, mais amor, mais de Deus em sua vida. Creia-me: o coração do Pai está aberto — e você está convidado a ir mais alto e mais profundamente nele.

Se a chave é a oração, a porta é Jesus Cristo. Deus mostra sua bondade ao preparar-nos um caminho para chegar ao seu coração. Ele sabe que somos obstinados e duros de coração, por isso providenciou uma via de acesso. Jesus, o Cristo, viveu uma vida perfeita, morreu em nosso lugar e ressuscitou vitorioso sobre os poderes das trevas, a fim de que pudéssemos ter vida nele. Estas são notícias maravilhosas. Não precisamos mais ficar do lado de fora, impedidos de nos aproximar de Deus por causa de nossa rebeldia. Entremos agora pela porta da graça de Deus e da misericórdia de Jesus Cristo.

A SINTAXE DA ORAÇÃO

Este livro foi escrito para ajudá-lo a explorar o coração "esplendoroso" de Deus. Seu propósito não é apresentar definições *de* oração, novas terminologias *para* a oração ou argumentos *a favor* da oração, embora tudo isso tenha sua utilidade. Não se trata também de ensinar métodos e técnicas de oração, embora eu mencione o assunto. Não, este livro fala de amor: um sólido, contínuo e crescente relacionamento amoroso com o Soberano do Universo. E esse irresistível amor quer ser correspondido.

O amor é a sintaxe da oração. Para sermos de fato crentes "de oração", devemos amar de fato. No poema "A balada do velho marinheiro", Samuel Coleridge declara: "Ora bem quem ama bem".[1] Coleridge, naturalmente, tirou essa ideia da Bíblia, pois as páginas sagradas exprimem a linguagem do amor divino. A verdadeira oração não provém do ranger de dentes, mas de nosso fracasso em amar. Essa é a razão de a literatura sobre oração ser franca e maravilhosamente apaixonada. "A Trindade", escreve Juliana de Norwich, "é nosso amor eterno".[2] "Oh, meu amor!", exclama Richard Rolle. "Oh, meu Mel! Oh, minha Harpa! Oh, meu saltério e cântico de todo dia! Quando irás livrar-me desta minha aflição? Oh, raiz do meu coração, quando virás para mim?"[3] "Jesus, amante da minh'alma", exclama Charles Wesley, "deixa-me ao teu seio voar!".[4]

Certo dia, um amigo meu estava passeando num *shopping center* com seu filho de 2 anos de idade. O menino se comportava de maneira irritante, gritando e esperneando. O desconsolado pai tentou de tudo para acalmá-lo, mas nada parecia surtir efeito. O menino simplesmente não obedecia. Então, num ato inspirado, o pai tomou o filho nos braços, segurou-o junto ao peito e começou a cantar uma improvisada canção de amor. Não havia rima, e ele cantava desafinado. Mesmo assim, da melhor maneira possível, tentou expressar o que sentia no coração. Ele cantava: "Amo você./ Você me faz feliz./ Gosto do seu jeito de rir". Eles saíam de uma loja

---

[1] The Rime of the Ancient Mariner, in: Frank Kermode & John Hollander (Orgs.), *The Oxford Anthology of English Literature* (New York: Oxford University Press, 1975), v. 2, p. 204 [*A balada do velho marinheiro*, Cotia: Ateliê, 2005].

[2] *Enfolded in Love: Daily Readings with Julian of Norwich* (trad. pelos membros da Julian Shrine, New York: Seabury, 1980), p. 1.

[3] Apud Donald I. Alexander (Org.), *Christian Spirituality: Five Views of Sanctification* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1988), p. 182.

[4] *Hymns for the Family of God* (Nashville, TN: Paragon Associates, 1976), hino 222.

e entravam em outra. Sem perder a calma, aquele pai continuou a cantar, desafinando e inventando frases que não rimavam. A criança aos poucos se acalmou e então ficou em silêncio, ouvindo aquela intrigante canção. Finalmente, eles deixaram o *shopping* e foram para o carro. Assim que o pai acomodou o filho no assento, enquanto afivelava o cinto de segurança, o menino segurou-lhe a mão e pediu com simplicidade: "Cante de novo, papai! Cante de novo!".[5]

A oração não é muito diferente. Com simplicidade de coração, permitimos a nós mesmos ser levados aos braços do Pai e ouvi-lo cantar uma canção de amor para nós.

Querido Deus, sou grato a ti por me convidares a entrar em teu coração de amor, e o melhor que posso fazer é entrar. Obrigado por me receberes. Amém.

[5] Permita-me um breve comentário sobre as histórias — pessoais e de outras fontes — contadas neste livro. Quando se tratar de histórias de outras pessoas, significa que tenho permissão para publicá-las. Alguns detalhes podem ter sido alterados, a fim de preservar a identidade dos envolvidos. No que diz respeito a mim, às vezes hesito em compartilhar abertamente minhas experiências com a oração. Neste livro, entretanto, fui instruído por uma alta autoridade a dividi-las com você.

Parte I
Movimento para dentro



VENDO A TRANSFORMAÇÃO DE QUE NECESSITAMOS

Orar é mudar. Isso é uma graça maravilhosa. Deus, por sua bondade, providenciou um meio pelo qual nossa vida pode ser tomada por amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

O movimento para dentro vem primeiro porque, sem transformação do interior, o movimento para cima, rumo à glória de Deus, poderá nos esmagar, e o movimento para fora — nosso sacerdócio — poderá nos destruir.

Certa vez, um discípulo procurou Abba José e perguntou:

— Pai, dentro de minhas possibilidades, consigo manter minha vida com algum controle, jejum e oração. E, dentro de minhas possibilidades, esforço-me para purificar minha mente de todo mal e meu coração dos maus intentos. O que mais posso fazer?

Abba José levantou-se e ergueu as mãos para os céus, e seus dedos tornaram-se semelhantes a dez lâmpadas acesas. Ele retrucou:

— Por que não ser totalmente transformado pelo fogo?

UM

A ORAÇÃO SIMPLES

Ore como você pode, não como você não pode.

— DOM JOHN CHAPMAN

Nos dias de hoje, ansiamos pela oração e nos escondemos dela. Somos atraídos por ela e a repelimos. Acreditamos que a oração é a única coisa que podemos fazer, e até mesmo é algo que desejamos fazer, mas parece haver um abismo entre nós e a verdadeira oração. Experimentamos a agonia da falta de oração.

Não sabemos dizer com certeza o que nos retém. É certo que estamos ocupados com o trabalho e as obrigações familiares, mas isso é apenas uma cortina de fumaça para esconder o verdadeiro motivo. Raramente nossas ocupações nos impedem de comer, dormir e fazer amor. Não, existe algo profundo, muito mais profundo nos segurando. Na verdade, há certo número de "algos" a impedir tudo o que, em tempo oportuno, desejamos explorar; contudo sempre existe um "algo" necessitando de nossa imediata atenção. Esse conceito — talvez universal entre os grandes empreendedores de hoje — leva-nos à convicção de que temos de ter todas as coisas "em ordem" para poder orar. Isto é, antes que

possamos de fato orar, nossa vida precisa ajustar-se a uma espécie de sintonia fina, ou precisamos saber mais sobre como orar, ou precisamos estudar as questões filosóficas que cercam a oração, ou precisamos estar a par das sublimes tradições que a ela estão relacionadas. E por aí vai. Não que tais preocupações sejam inúteis ou que jamais teremos tempo para nos ocupar delas. O problema é que estamos cometendo o erro de começar do fim. Estamos pondo o carro na frente dos bois. Estamos encarando a oração como algo que precisamos dominar, como a álgebra e a mecânica de automóveis; algo que nos leve à galeria da fama, onde só ingressam os mais competentes, os que estão no controle. Quando oramos, porém, apresentamo-nos como "inferiores", entregando o controle de tudo, calma e deliberadamente, e reconhecendo nossa incompetência. "Orar", escreveu Emilie Griffin, "significa estar disposto a ser ingênuo".[1]

Costumo pensar que todos os meus motivos precisam estar definidos antes que eu comece a orar, a orar de fato. Ao participar de um grupo de oração, por exemplo, posso fazer uma análise de tudo pelo que tenho orado e dizer a mim mesmo: "Quanta tolice e egoísmo! Não posso orar desse jeito". Assim, posso decidir não retomar a oração até que todos os meus motivos sejam puros. Entenda, não estou sendo hipócrita. Sei que Deus é santo e justo. Sei que a oração não funciona como num encantamento. Sei que não devemos usar Deus visando a interesses próprios. Contudo, o efeito prático desse esquadrinhamento da alma é que ele paralisa por completo minha capacidade de orar.

A verdade é que, quando vamos orar, levamos conosco uma miscelânea de motivos — altruístas *e* egoístas, plenos de compaixão *e* de rancor, originados *em* sentimento amoroso *e* de amargura. Para ser franco, neste lado da eternidade *jamais* conseguiremos

[1] *Clinging: The Experience of Prayer* (San Francisco: Harper & Row, 1984), p. 5.

desemaranhar o bem do mal, o puro do impuro. Percebo, porém, que Deus é grande o bastante para nos aceitar com toda essa mistura. Não temos de ser especialmente iluminados, nem puros, nem cheios de fé ou de qualquer outra coisa. A graça significa não somente que somos salvos por ela, mas que vivemos por ela. Assim, é também por meio dela que oramos.

Jesus nos faz lembrar que a oração é semelhante à criança que deseja algo dos pais. Às vezes, nossos filhos nos fazem pedidos absurdos, e ficamos aflitos diante de suas solicitações sem sentido e motivadas pelo egoísmo. Ficaríamos mais preocupados, contudo, se eles jamais nos fizessem um pedido, ainda que desprovido de significado ou inspirado em propósitos interesseiros. A verdade é que ficamos felizes quando eles nos procuram — a despeito de seus motivos.

É exatamente assim que devemos orar. Jamais nossos motivos serão puros o bastante, bons o bastante. Jamais nossos conhecimentos serão suficientes para uma oração correta em todos os aspectos. O que devemos fazer é deixar essas preocupações de lado e começar a orar. De fato, esta é a verdadeira atitude de oração, de íntima e contínua interação com Deus: que os assuntos sejam apresentados na hora certa.

Exatamente como somos

O que estou tentando dizer é que Deus nos aceita como somos e aceita nossa oração tal como ela é feita. De igual modo, como a criança não consegue conceber um quadro ruim, os filhos de Deus não podem apresentar uma oração ruim. Devemos, então, adotar a forma de oração mais básica, mais primária: a oração simples. Deixe-me explicar. Na oração simples, apresentamo-nos a Deus exatamente como somos, com todos os nossos defeitos. Como filhos diante de um pai amoroso, abrimos nosso coração e fazemos nossos pedidos. Nada de tentar classificar as coisas, de

separar o bom do mau. De maneira simples e despretensiosa, expomos nossas preocupações e apresentamos nossos pedidos. Contamos a Deus, por exemplo, como estamos decepcionados com nosso colega no escritório ou com o vizinho do final da rua. Depois pedimos comida na mesa, tempo favorável e boa saúde.

Num sentido muito real, somos o foco da oração simples. Nossas necessidades, nossos desejos, nossas maiores preocupações, nossa experiência de oração. Nossas orações são lançadas ao céu ainda com sua carga de orgulho, presunção, vaidade, pretensão, arrogância e propósitos egocêntricos. Sem dúvida, há também magnanimidade, generosidade, altruísmo e boa vontade.

Nós cometemos enganos — montes deles; pecamos; falhamos muitas vezes — mas a cada vez nos levantamos e começamos de novo. Oramos de novo. Tentamos seguir a Deus de novo. Então, nossa insolência e nossa autoindulgência nos levam ao fracasso de novo... e de novo. De fato, às vezes, a oração simples é chamada de "oração do novo começo".

A oração simples é a forma de orar mais comum na Bíblia. Vemos pouca coisa de nobre e magnânimo nos heróis da fé que povoam as páginas das Escrituras. Pense em Moisés queixando-se a Deus de seus velhos e obstinados seguidores:

> Por que trouxeste este mal sobre o teu servo? Foi por não te agradares de mim, que colocaste sobre os meus ombros a responsabilidade de todo esse povo? Por acaso fui eu quem o concebeu? Fui eu quem o deu à luz? Por que me pedes para carregá-lo nos braços, como uma ama carrega um recém-nascido, para levá-lo à terra que prometeste sob juramento aos seus antepassados? (Números 11.11b,12).

Pense também em Eliseu revidando a zombaria dos meninos que o chamavam de "careca": "Voltando-se, olhou para eles e os amaldiçoou em nome do SENHOR. Então, duas ursas saíram do

bosque e despedaçaram quarenta e dois meninos" (2Reis 2.24). Pense ainda no salmista que se deleita na morte violenta dos filhos dos inimigos: "Feliz aquele que pegar os seus filhos e os despedaçar contra a rocha!" (Salmos 137.9).

Não obstante, nesses mesmos homens que oraram de maneira tão egoísta encontramos algumas das mais nobres e sublimes expressões do espírito humano. Pense em Moisés intercedendo diante de Deus a favor do intratável e desobediente povo de Israel: "... eu te rogo, perdoa-lhes o pecado; se não, risca-me do teu livro que escreveste" (Êxodo 32.32). Considere agora o mesmo Eliseu que amaldiçoou as crianças demonstrando outro dia compaixão por uma mulher estéril da cidade de Suném e profetizando a respeito dela: "... Por volta desta época, no ano que vem, você estará com um filho nos braços" (2Reis 4.16). Observe também o coração do salmista exclamando diante de Yahweh: "Como eu amo a tua lei! Medito nela o dia inteiro" (Salmos 119.97). Na oração simples, o bom, o mau e o desagradável estão misturados.

A oração simples é encontrada em toda a Bíblia. Abraão orou de maneira singela, como também o fizeram José, Josué, Ana, Davi, Gideão, Rute, Pedro, Tiago, João e toda uma plêiade de luminares bíblicos.

A oração simples envolve pessoas com preocupações normais na presença de um Pai amoroso e compassivo. Não há pretensão alguma na oração simples. Não pretendemos ser mais santos, mais puros ou mais santificados do que realmente somos. É inútil tentar esconder de Deus nossos motivos conflitantes e contraditórios — ou esconder a nós mesmos. Devemos assumir a postura de expor nosso coração sem reservas diante de Deus, porque ele "é maior do que o nosso coração e sabe todas as coisas" (1Jo 3.20).

A oração simples é a oração do iniciante. É a oração infantil, embora sempre retornemos a ela. Teresa de Ávila observa: "Não há estágio de oração tão sublime que nos isente de retornar ao

início muitas vezes".[2] Jesus, por exemplo, convida-nos à oração simples quando insiste em que oremos pelo pão de cada dia. John Dalrymple, com muito acerto, observa: "Jamais iremos além desse tipo de oração, porque jamais superaremos as necessidades que dão origem a ela".[3]

Existe nisso uma tentação, principalmente por parte dos "sofisticados": menosprezar a oração em sua feição mais elementar. Eles tentam pular a oração simples, na esperança de avançar para uma expressão mais madura dessa prática. Eles sorriem diante da oração daqueles que só pedem e pedem, pois a consideram egoísta. Falam muito também em evitar essa "oração egoísta", ressaltando a "oração altruísta". O que não percebem, entretanto, é que a oração simples é necessária, essencial mesmo, à vida espiritual. A única maneira de ir além da "oração egoísta" (se esse for mesmo o caso) é passar pela oração simples, não tentando contorná-la.

Quem pensa que pode pular a oração simples está menosprezando a si mesmo. O mais provável é que nem esteja orando. Ele discute oração, analisa oração e até mesmo escreve livros sobre oração, mas é bastante improvável que esteja de fato orando.

No entanto, quando oramos, a condição verdadeira de nosso coração é revelada. É assim que deve ser. É quando Deus começa verdadeiramente a trabalhar em nós. A aventura está apenas começando.

Começando de onde estamos

Até aqui, explicamos o que é a oração simples — apenas em teoria. Contudo, devemos ir além da teoria, que nos serviu de

[2] *The Collected Works of St. Teresa of Avila* (trad. Kieran Kavanaugh e Otilio Rodriguez, Washington, DC: ICS Publications, 1976), p. 94.

[3] *Simple Prayer* (Wilmington, DE: Michael Glazier, 1984), p. 13.

prelúdio, e começar a fazer as necessárias perguntas. Como praticar a oração simples? O que fazer? Por onde começar?

Muito simples. Devemos começar exatamente de onde estamos: na família, no trabalho, com nossos vizinhos e amigos. Entretanto, desde já advirto que não é algo tão banal quanto parece, porque, no nível prático do conhecimento de Deus, essa é a mais profunda verdade que vamos ouvir. Acreditar que Deus pode chegar até nós e nos abençoar nas circunstâncias da vida diária é algo intimamente ligado ao tema da oração. No entanto, nossa vontade é deixar tudo isso de lado, pois é difícil acreditar que Deus possa entrar em nosso espaço. "Deus não pode me abençoar aqui", lamentamos. Ou: "Quando eu me formar..."; "Quando eu for o presidente do conselho..."; "Quando eu for o presidente da companhia..."; "Quando eu for pastor-presidente..., então Deus vai me abençoar". Saiba, porém, que o único lugar em que Deus nos pode abençoar é justamente onde estamos, porque é o único lugar onde estamos!

Lembra-se de Moisés na sarça ardente? Deus ordenou-lhe que tirasse as sandálias — Moisés não sabia que estava pisando solo santificado. De igual modo, devemos tomar consciência de que estamos em terra santa — no trabalho, em casa, com nossos colegas, amigos e familiares. É nesses lugares que aprendemos a orar.

Da maneira mais simples e natural, aprendemos a viver nossas experiências de oração oferecendo a Deus os fatos comuns da vida diária. Talvez os efeitos de uma experiência dolorosa tenham ido além de uma noite de insônia. Chegamos ao fundo do poço *com* Deus e relatamos a ele toda a nossa dor, nosso sofrimento e nossa decepção. "Por que eu?", protestamos. "Por que eu?", pois a frustração, as lágrimas e a ira também compõem a linguagem da oração simples. Convidamos Deus para caminhar conosco sempre que no sentimos angustiados pelo fracasso de nossos sonhos. Talvez o comentário casual de um vizinho tenha sido o detonador de uma

explosão de emoções em nós: ira, ciúmes, medo. Muito bem, somos francos com Deus acerca do que está acontecendo e lhe pedimos que nos ajude a ver o sofrimento por trás da emoção.

Podemos nos sentir perfeitamente livres quando apresentamos nossas queixas a Deus, quando argumentamos com ele, ou quando clamamos a ele. Certa vez, o profeta Jeremias reclamou: "SENHOR, tu me enganaste, e eu fui enganado; foste mais forte do que eu e prevaleceste. Sou ridicularizado o dia inteiro; todos zombam de mim" (Jeremias 20.7). Posso muito bem imaginar o profeta sacudindo o dedo na direção do céu enquanto está falando.

Deus é perfeitamente capaz de lidar com nossa ira ou com nossa frustração. C. S. Lewis aconselha-nos a "depositar perante ele [Deus] o que está em nós, não o que deveria estar em nós".[4]

Não devemos crer na mentira de que os pormenores de nossa vida não se enquadram no conteúdo da oração. Por exemplo, talvez nos tenham ensinado que a oração é uma atividade sublime e sobrenatural, e que na oração falamos a Deus *acerca* de Deus. Como resultado, temos a tendência de enxergar nossas experiências como distrações ou intrusões em nossa oração. Isso é espiritualidade etérea, sem substância. Contudo, adoramos a um Deus que nasceu num estábulo malcheiroso e viveu na terra uma vida de sangue, suor e lágrimas, e, apesar de tudo, sempre foi receptivo ao Monitor celestial.

Por isso, insisto em que você mantenha um diálogo contínuo com Deus acerca dos fatos comuns da vida, à semelhança de Tevye, em *Um violinista no telhado*.[5] Por enquanto, não se preocupe

---

[4] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer* (New York: Harcourt, Brace & World, 1964), p. 22 [***Cartas a Malcolm*: principalmente sobre oração. No prelo, por Editora Vida**].

[5] A oração de Tevye, à sua maneira, interessa a nós porque é uma oração simples. Não há melhor exemplo disso que a canção "If I Were a Rich Man" [Se eu fosse um homem rico], uma oração na qual o protagonista faz um questionamento que muitos de nós também poderíamos fazer diante do Todo-poderoso: "Senhor, que criaste o leão e o cordeiro,/ Decretaste que eu

com o que é "apropriado" à oração; apenas fale com Deus. Fale abertamente de suas dores, tristezas e alegrias. Deus nos ouve com amor e compaixão, assim como fazemos quando nossos filhos nos procuram. Ele se alegra em nossa presença. Se fizermos isso, descobriremos um tesouro de inestimável valor. Descobriremos que, por meio da oração, aprendemos a orar.

Conselhos para a jornada

Gostaria de dar-lhe alguns conselhos básicos neste início de nossa aventura pelos caminhos da oração. Meu primeiro conselho é simplesmente relembrar que a oração não é outra coisa senão um progresso em nosso relacionamento amoroso com Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Isso vale principalmente para a oração simples. Aqui ninguém leva vantagem. Os feridos e quebrantados podem ingressar no caminho da oração simples com a mesma liberdade que os ricos e saudáveis. Madame Guyon escreveu: "Esse caminho da oração, esse relacionamento simples contigo, Senhor, que serve para todos, desde o mais ignorante ao mais erudito. Essa oração, essa experiência que começa de maneira tão simples, tem como fim um amor totalmente devotado ao Senhor. Uma única coisa é requerida: *o amor*".[6]

Meu segundo conselho é que, depois de começar, não esmoreçamos por causa de nossas deficiências na oração. Mesmo orando pouco, podemos ansiar por Deus. Até porque esse anseio é em si mesmo uma oração. "O desejo de orar", escreveu Mary Clare

---

fosse o que sou./ Seria arruinado algum plano eterno, incomensurável/ Se eu fosse um homem rico?" [N. do T.].

[6] *Experiencing the Depths of Jesus Christ* (Goleta, CA: Christian Books, 1975), p. 47 [*Experimentando as profundezas de Jesus Cristo através da oração*, São Paulo: Editora dos Clássicos, 2002].

Vincent, "é oração, a oração do desejo".[7] Com o tempo, o desejo conduzirá à prática, e a prática fará aumentar o desejo. Quando não conseguirmos orar, deixemos que Deus seja nossa oração. Não devemos ficar apreensivos com a dureza de nosso coração: a oração irá abrandá-lo. Devemos oferecer a Deus nossa falta de oração.

Um conselho inverso, mas igualmente importante, é que não devemos nos esforçar demais para orar. Alguns cristãos se lançam com tal apetite à prática da oração, que acabam tendo uma indigestão espiritual. Existe um princípio de progressão na vida espiritual. Não podemos escolher um corredor ao acaso e empurrá-lo para uma maratona: com a oração é a mesma coisa. Os pais e as mães do deserto falavam do pecado da "ganância espiritual", isto é, o desejar de Deus mais do que somos capazes de digerir. Se a oração não é um hábito estabelecido em sua vida, em vez de começar com 12 horas de intenso diálogo com Deus, dedique uns poucos momentos à oração, aplicando nisso todas as suas energias. Quando achar que já orou o bastante, diga para Deus, simplesmente: "Preciso de um descanso. Não tenho forças para ficar contigo o tempo todo". A propósito, isso é ser autêntico, e Deus sabe que você não tem estrutura para aguentar a companhia dele o tempo inteiro. Além disso, mesmo os mais desenvolvidos espiritualmente — talvez *principalmente* os mais desenvolvidos espiritualmente — com frequência necessitam rir, brincar e se divertir.

Creio que o conselho que vou dar agora soará um pouco estranho: devemos aprender a orar, mesmo quando estamos convivendo com o pecado. Talvez estejamos travando uma batalha interior contra a ira, a luxúria, o orgulho ou a cobiça. Não precisamos isolar essas coisas da oração. Em vez disso, conte para Deus o que está acontecendo que você sabe que o desagrada. Coloque seus

[7] *The Life of Prayer and the Way to God* (Still River, MS: St. Bede's Publications, 1982), p. 8.

atos de desobediência nos braços do Pai; ele é forte o suficiente para suportar o peso deles. O pecado, com certeza, nos separa de Deus, mas esconder o pecado nos separa de tudo. "O Senhor", escreveu Emilie Griffin, "nos ama — talvez acima de tudo — quando falhamos e tentamos de novo".[8]

Finalmente, devo lembrar que, no início, é sábio lutar pelas experiências rotineiras de oração.[9] A revelação divina e os momentos de êxtase podem desviar nosso espírito da verdadeira obra da oração. Devemos encará-la do mesmo modo que o salmista, que procurava evitar envolver-se "com coisas grandiosas [e] maravilhosas demais para mim. De fato, acalmei e tranquilizei a minha alma. Sou como uma criança recém-amamentada por sua mãe; a minha alma é como essa criança" (Salmos 131.1,2). Além do mais, se não estamos acostumados a orar muito, o simples ato de nos acomodarmos em silêncio na presença de Deus pode ser extraordinário e reconfortante, a ponto de nos proporcionar grande prazer.

A conversão do coração

A oração simples é ignorada em muitos livros que tratam do assunto, e fico espantado com essa omissão. Pode ser que esses autores devotos tenham receio de abordar os aspectos egoístas da oração simples. A ênfase sobre o "eu" pode, com muita facilidade, induzir ao egoísmo e ao narcisismo. Além disso, corremos sempre o risco de racionalizar e manipular nossas experiências, de modo que ouvimos somente o que queremos ouvir. Por fim, tornamo-nos tão destrutivos contra nós mesmos, que perdemos inteiramente Deus de vista e acabamos adorando "coisas e seres criados, em lugar do Criador", para citar as palavras de Paulo (Romanos 1.25).

---

[8] *Clinging: The Experience of Prayer*, p. 10.

[9] O valor das "experiências rotineiras de oração" me foi sugerido por Emilie Griffin. Esse assunto é discutido no capítulo 1 de *Clinging: The Experience of Prayer*.

Essa é uma preocupação legítima. Os perigos são reais, mas, como observa Joseph F. Schmidt, "são perigos do bom caminho. Devemos avançar com certa cautela, mas nunca voltar atrás".[10] Quanto a nós, também não devemos pensar em retroceder. Evocando a proteção divina, aventuremo-nos em prosseguir com toda a honestidade.

No início, somos de fato o sujeito e o centro de nossas orações, mas no tempo e no caminho de Deus, uma revolução copérnica terá lugar em nosso coração. Aos poucos, quase imperceptivelmente, uma alteração ocorre em nosso centro de gravidade. Passamos da fase de pensar em Deus, como parte de nossa vida, à convicção de que somos parte da vida dele. De modo admirável e misterioso, Deus se transfere da periferia para o centro de nossa experiência de oração. É quando ocorre a conversão do coração, uma transformação do espírito. Essa maravilhosa obra da graça divina é o assunto principal deste livro, e é para ela que devemos agora voltar nossa atenção.

Querido Jesus, preciso desesperadamente aprender a orar. Mesmo quando sou honesto, sei que isso nem sempre significa que eu esteja com vontade de orar.

Sou distraído.

Sou teimoso.

Sou egoísta.

Jesus, por tua misericórdia, equilibra meu querer com minhas necessidades, para que eu venha a desejar o de que realmente preciso.

Em teu nome e pelo teu amor é que eu oro. Amém.

---

[10] *Praying Our Experiences* (Winona, MN: Saint Mary's Press, 1989), p. 21.

DOIS

A ORAÇÃO DO DESAMPARO

Para chegar ao prazer que não tens,
deves ir pelo caminho
no qual menos o desfrutes.
— JOÃO DA CRUZ

Não existe oração mais melancólica e sincera que o clamor de Jesus: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" (Mateus 27.46b). A experiência de Cristo na cruz foi, com certeza, única e incomparável, pois ele tomava sobre si o pecado do mundo. Se, no entanto, buscarmos a intimidade da comunhão eterna com o Pai, também nós *faremos,* à nossa maneira, a oração do desamparado. Tempos de aparente deserção, ausência e abandono parecem ter chegado a todos os que passaram pelo caminho da fé antes de nós. Da mesma forma, precisamos nos acostumar com a ideia de que, mais cedo ou mais tarde, também saberemos o que significa sentir-nos abandonados por Deus.

Os autores antigos referiam-se a essa realidade como *Deus Absconditus* — "o Deus escondido". Quase instintivamente, compreendemos a experiência que eles descrevem, não é mesmo? Alguma vez você orou e não sentiu nada, não viu nada, não percebeu

nada? Alguma vez sua oração pareceu bater no teto e ricochetear nas paredes? Alguma vez você precisou desesperadamente de uma palavra de confirmação, de alguma demonstração da presença divina, e não sentiu nada? Às vezes, parece que Deus se esconde de nós. Fazemos tudo o que sabemos. Oramos. Servimos. Adoramos. Vivemos da maneira mais fiel possível, e mesmo assim nada acontece. Nada! É como se estivéssemos "batendo à porta do céu com os nós dos dedos feridos no escuro", para usar as palavras de George Arthur Buttrick.[1]

Tenho certeza de que você entende que, quando falo da ausência de Deus, não me refiro a uma ausência real, mas a uma *sensação* de ausência. Deus está presente o tempo todo entre nós — sabemos disso teologicamente —; contudo, algumas vezes ele fica fora do alcance de nossa consciência quanto à sua presença.

As certezas teológicas ajudam-nos um pouco a adentrar o Saara do coração. Nele, experimentamos a verdadeira desolação espiritual. Sentimo-nos abandonados pelos amigos, pelo cônjuge e por Deus. A esperança evapora quando chegamos mais perto. O sonho morre quanto tentamos realizá-lo. Questionamos, duvidamos, combatemos. Nada funciona. Oramos, mas as palavras parecem vazias. Recorremos à Bíblia, mas ela parece sem significado. Recorremos à música, mas ela não nos comove. Buscamos a comunhão de outros cristãos, mas descobrimos maledicência, orgulho e egoísmo.

A metáfora bíblica para as experiências de desamparo é o deserto. A ilustração é bastante adequada, pois nos sentimos realmente secos e improdutivos. Clamamos como o salmista: "Meu Deus! Eu clamo de dia, mas não respondes; de noite, e não recebo alívio" (Salmos 22.2). Na verdade, começamos a duvidar de que exista um Deus disposto a nos dar uma resposta.

---

[1] *Prayer* (New York: Abingdon-Cokesbury, 1942), p. 263.

As experiências de abandono e deserção aconteceram e continuarão acontecendo com todos nós. Portanto, é fundamental saber se algo útil pode ser dito quando encaramos o solo improdutivo da ausência de Deus.

A RODOVIA PRINCIPAL

A palavra a ser dita deve ser de encorajamento. Não estamos numa trilha de caça, e sim na rodovia principal. Muitos passaram por aqui antes de nós. Pense em Moisés, exilado do esplendor do Egito, esperando ano após ano a libertação do povo de Deus. Pense no clamor melancólico do salmista: "... Por que te esqueceste de mim?..." (Salmos 42.9). Pense em Elias, desolado numa caverna, fazendo vigília sozinho e passando por ventos, terremotos e fogo. Pense em Jeremias, jogado numa cisterna, afundando na lama. Pense na vigília solitária de Maria, no Gólgota. Pense nas palavras solitárias lá no alto do Gólgota: "Meu Deus, meu Deus, por que... por que... por quê?".

Ao longo dos séculos, os cristãos dão testemunho da mesma experiência. João da Cruz chama a isso "noite escura da alma". Um anônimo escritor inglês identifica a experiência como "a nuvem do desconhecido". Jean-Pierre de Caussade a denomina "a noite escura da fé". George Fox simplesmente declara: "Quando era dia, eu desejava a noite; quando era noite, eu desejava o dia".[2] Alegre-se, pois você e eu estamos em boa companhia!

Além disso, quero que você saiba que encarar os "ventos devastadores da ausência de Deus"[3] não significa que Deus esteja descontente com você ou que você seja insensível à obra do Espírito; tampouco significa que você tenha cometido alguma ofensa

[2] *The Journal of George Fox* (Cambridge: University Press, 1952), p. 9.

[3] Howard Macy, *Rhythms of the Inner Life* (Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell, 1988), p. 95.

terrível contra os céus ou haja alguma coisa de errado com você, ou alguma coisa nesse sentido. A escuridão faz parte da vida de oração. Ela deve ser esperada e até aceita.

Jornada sob medida

A segunda coisa que pode ser dita a respeito da nossa experiência de abandono é que toda jornada de fé é feita sob medida. O sentimento de ausência de Deus não tem hora para chegar. Não podemos simplesmente traçar um mapa universal, que todos possam seguir.

É certo que quem vive no primeiro fluxo da fé em geral recebe graças incomuns do Espírito, como um bebê cercado de mimos e muito bem cuidado. É verdade, também, que algumas das experiências mais profundas de alienação de Deus são vividas por pessoas que penetraram as esferas mais profundas da fé. Contudo, podemos entrar nos desertos da improdutividade e nos vales escuros da angústia em qualquer ponto da estrada.

Como não há uma sequência especial na vida de oração, não passamos simplesmente de uma fase para outra sabendo, por exemplo, que nas fases 5 e 12 experimentaremos o abandono da parte de Deus. É claro que dessa forma seria bem mais fácil, mas estaríamos descrevendo um sistema mecânico, não um relacionamento vivo.

Um relacionamento vivo

Algo deve ser dito em seguida sobre nosso sentimento da ausência de Deus, a saber, que estamos entrando num relacionamento vivo que começa e se desenvolve em liberdade mútua. Deus nos garante a perfeita liberdade porque deseja criaturas que escolham relacionar-se com ele por vontade própria. Com a oração do desamparado, aprendemos a dar a mesma liberdade para Deus. Relações dessa natureza jamais poderão ser manipuladas ou forçadas.

Se pudéssemos obrigar o Criador dos céus e da terra a atender ao nosso chamado, não estaríamos em comunhão com o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Fazemos isso com objetos, com coisas, com ídolos. Deus, o grande iconoclasta, entretanto, está constantemente destruindo as falsas imagens que concebemos acerca de quem ele é e como é.

Percebe como o sentimento da ausência de Deus é uma graça inesperada? Ao se esconder, Deus está lentamente evitando que o moldemos à nossa imagem. Como Aslan, a figura de Cristo em *Crônicas de Nárnia*, Deus é livre e tem vontade própria. Ao se recusar a ser nossa marionete ou o gênio da garrafa, ele está nos libertando de imagens distorcidas e da idolatria.

Além disso, talvez devêssemos ser gratos a Deus por ele não estar presente sempre que desejamos, pois podemos não resistir a tais encontros. Em diversas ocasiões, na Bíblia, o povo mostra-se assustado ao deparar com o Deus vivo em pessoa. "... que Deus não fale conosco, para que não morramos", imploraram os filhos de Israel (Êxodo 20.19). Às vezes, esse é também o nosso apelo.

Anatomia de uma ausência

Permitam-me relatar o que aconteceu comigo quando aderi à oração do desamparado. Aparentemente, tudo estava indo bem, em todos os aspectos. As editoras queriam que eu escrevesse para elas. Os convites para palestras chegavam em grande número e eram generosos. Contudo, a sequência dos acontecimentos parecia mostrar que Deus me queria fora das atividades públicas. Em resumo, ele estava dizendo: "Fique quieto!". E foi o que fiz. Parei com as palestras, deixei de escrever e fiquei esperando. Quando isso começou, eu não sabia se voltaria a falar ou a escrever — preferia pensar que não. Esse jejum de vida pública durou cerca de um ano e meio.

Esperei calado, e Deus também permaneceu calado. Juntei-me ao clamor do salmista: "... Até quando esconderás de mim o teu rosto?" (Salmos 13.1). Nenhuma resposta. Absolutamente nada! Nada de revelações repentinas. Nenhum discernimento penetrante. Nenhuma suave certeza. Nada.

Você já passou por isso? Talvez a morte trágica de um filho ou da esposa tenha lançado você no deserto da ausência de Deus. Talvez tenha sido uma crise no casamento ou na carreira, ou a falência nos negócios. Pode não ter sido também nenhuma dessas causas. Talvez o motivo tenha sido um acontecimento nada dramático. Você simplesmente saiu do calor aconchegante da comunhão íntima para o gélido frio do... nada. Pelo menos para algo parecido com "nada"... bem, verdadeiramente não há sentimento em nada. É como se todos os sentimentos estivessem hibernando. (Observe que estou me esforçando para que a linguagem descreva a experiência do abandono, pois as palavras são aproximações fragmentárias, na melhor das hipóteses, mas, se você já passou por isso, sabe de que estou falando.)

Como já mencionei, a disciplina do silêncio estendeu-se por cerca de um ano e meio. Ela terminou simplesmente com a suave certeza de que era tempo de voltar à esfera pública.

O SILÊNCIO PURIFICADOR

Pelo meu melhor discernimento, concluí que o silêncio de Deus naqueles longos meses foi um silêncio purificador. Digo "melhor discernimento" porque a purificação não foi dramática, nem mesmo perceptível. É como quando você não percebe quanto seu filho cresceu até medi-lo no batente da porta e ver a diferença da marca do ano anterior.

João da Cruz dizia que duas purificações acontecem na noite escura da alma; e eu passei pelas duas. A primeira despoja-nos da dependência dos *resultados exteriores*. Achamo-nos cada vez menos

impressionados com a religião das "grandes coisas" — grandes prédios, grandes orçamentos, grandes produções, grandes milagres. Não que haja algo errado com as coisas grandiosas, mas *elas* não nos impressionam mais. Não somos mais convencidos por referências elogiosas. Não que haja algo errado com os comentários gentis e graciosos; *eles*, porém, não nos comovem mais.

Em seguida, tornamo-nos também insensíveis às impressionantes obras da devoção religiosa. Práticas litúrgicas, símbolos sacramentais, participação no louvor, livros de realização pessoal, exercícios particulares de devoção — tudo vira cinza em nossas mãos. Não que haja algo errado com atos de devoção, mas eles não nos fascinam mais.

O despojamento da dependência de resultados exteriores se completa quando temos menos controle sobre nosso destino e ficamos à mercê dos outros. Isso é o que João da Cruz denomina "noite escura passiva". É a condição de Pedro, que se vestia e ia para onde desejava, mas chegaria o tempo em que outros o vestiriam e o levariam para onde ele não queria (João 21.18,19).

Para mim, o maior valor em minha ausência no controle foi o íntimo e completo conhecimento de que eu não poderia exercer domínio sobre Deus. Deus recusou-se a pular quando eu disse: "Pule!". Nem por perspicácia teológica nem por técnica religiosa consigo dominar Deus. Na verdade, é Deus quem me domina.

A segunda purificação de João da Cruz envolve a privação dos *resultados interiores*, mais perturbadora e dolorosa que a primeira, pois ameaça os alicerces de tudo o que cremos e aceitamos. De início, ficamos cada vez mais inseguros com as obras internas do Espírito. Não deixamos de acreditar em Deus, mas refletimos mais profundamente sobre o tipo de Deus em que cremos. Seria ele um Deus bom e atento à nossa bondade ou um Deus cruel, sádico e tirano?

Descobrimos que as obras da fé, da esperança e do amor ficam expostas à dúvida. Nossa motivação pessoal torna-se suspeita. Ficamos preocupados, tentando descobrir se nossos atos e pensamentos são inspirados por medo, vaidade e arrogância ou por fé, esperança e amor.

Como crianças assustadas, andamos cautelosamente através do nevoeiro negro que agora cerca o Santo dos Santos. Tornamo-nos vulneráveis à tentação e inseguros quanto a nós mesmos. Antigos questionamentos ressurgem com força renovada: "A oração é apenas um truque psicológico?" "O mal sempre vence?" "Existe significado real no Universo?" "Deus me ama mesmo?".

Paradoxalmente, isso mostra que Deus purifica nossa fé quando ameaça destruí-la. Somos conduzidos a uma santa e profunda desconfiança de toda atividade superficial e de qualquer esforço humano. Passamos a conhecer como nunca a infinita capacidade que temos de nos iludir. Aos poucos, somos despojados das garantias vãs e das falsas sujeições. Nossa confiança em resultados exteriores e interiores é de tal forma abalada, que aprendemos a ter fé somente em Deus. Por meio da improdutividade de nossa alma, Deus produz separação, humildade, paciência e perseverança.

O mais surpreendente nisso tudo é que nossa sequidão gera em nós o hábito de orar. Todas as distrações vão embora. Até mesmo a comunhão desaparece. Tornamo-nos pessoas concentradas. A alma fica ressecada, sedenta, e essa sede pode nos levar à oração. Digo "pode" porque ela também leva ao desespero ou simplesmente nos faz abandonar a busca.

A oração da queixa

Isso nos leva a outra questão: o que fazer nos períodos de desamparo. Existe algum tipo de oração que possamos adotar quando nos sentirmos abandonados? Existe. Podemos fazer a ora-

ção da queixa — uma forma de oração que se perdeu na religião moderna e pasteurizada, mas encontrada em toda a Bíblia.

A melhor maneira de reaprender esse nobre método de aproximação de Deus é orar a parte do Saltério tradicionalmente conhecida como "salmos de lamentação".[4] Os antigos cantores sabiam realmente como lamentar, e suas palavras de angústia e frustração podem conduzir nossos lábios na oração que não ousamos fazer sozinhos. Eles expressavam reverência *e* decepção: "Ó Deus, a quem louvo, não fiques indiferente..." (Salmos 109.1). Eles experimentaram esperança pertinaz *e* imenso desespero: "... SENHOR, a ti clamo por socorro; já de manhã a minha oração chega à tua presença. Por que, SENHOR, me rejeitas e escondes de mim o teu rosto?" (Salmos 88.13,14). Eles confiavam no caráter divino *e* se exasperavam com a inércia de Deus: "Direi a Deus, minha Rocha: Por que te esqueceste de mim?..." (Salmos 42.9).

Os salmos de lamentação ensinam-nos a orar em meio a nossos conflitos e contradições interiores. Eles nos permitem gritar nosso desalento nas cavernas escuras do abandono e então ouvir o eco retornando várias vezes até nos retratarmos amargamente, apenas para gritar de volta. Eles nos permitem sacudir os punhos diante de Deus num momento, para nos quebrantar em louvor logo depois.

"PEQUENOS DARDOS DE AMOR DURADOURO"

Outra coisa que podemos fazer quando somos repetidamente golpeados pelo silêncio de Deus é atingir a nuvem do

[4] Salmos de lamentação: 1) individuais: 3, 5, 6, 7, 17, 22, 25, 26, 27, 28, 35, 39, 41, 42, 43, 51, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 69, 71, 86, 88, 102, 109, 130, 140, 141 e 143; 2) coletivos: 60, 74, 79, 80, 83, 85, 90, 124, 126, 137 e 144. Extraído de A. A. ANDERSON, The Book of Psalms, in: Ronald E. CLEMENTS & Matthew BLACK (Orgs.), *The New Century Bible Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1981), v. 1, p. 38-9.

desconhecimento "com pequenos dardos de amor duradouro".[5] Podemos não ver o fim desde o começo, mas seguimos fazendo o que sabemos. Oramos, ouvimos, adoramos, cumprimos o dever do presente momento. O que aprendemos a fazer sob a luz do amor de Deus fazemos também na ausência de Deus. Pedimos e continuamos pedindo, mesmo que não haja resposta. Buscamos e continuamos buscando, mesmo que não encontremos. Batemos e continuamos batendo, mesmo que a porta continue fechada.

Esse é o amor constante e duradouro que produz sólida orientação de vida em nós. Amamos a Deus mais que aos dons que ele nos dá. Como Jó, servimos a Deus, mesmo que ele nos mate. A exemplo de Maria, temos liberdade para dizer: "Sou serva do Senhor; que aconteça comigo conforme a tua palavra" (Lucas 1.38). Essa é uma graça maravilhosa.

A CONFIANÇA PRECEDE A FÉ

Gostaria de dar mais um conselho a quem se encontra destituído da presença de Deus: espere em Deus. Espere calado e tranquilo. Mantenha-se vigilante e esteja pronto para responder. Aprenda que a confiança precede a fé. A fé é como o motor do carro e, no momento em que se sente destituído da presença de Deus, você não conseguirá exercitá-la, não conseguirá sair do lugar. Não se culpe por isso, e, quando se sentir incapaz de dirigir sua vida espiritual, não ande em marcha a ré: deixe em ponto morto. Confiar é como deixar a fé em ponto morto. É achar segurança no caráter de Deus. Firme e deliberadamente, você diz: "Não entendo o que Deus está fazendo nem quem ele é, mas sei que quer me fazer bem". Isso é confiar. Isso é esperar.

---

[5] The Cloud of Unknowing, in: James WALSH (Org.), *The Classics of Western Spirituality* (New York: Paulist, 1981), p. 145.

Não entendo completamente os motivos da desolação causada pela ausência de Deus. O que sei é o seguinte: embora seja necessária, a desolação nunca é permanente. No tempo e à maneira de Deus, o deserto se transformará numa terra que manam leite e mel. Enquanto esperamos pela terra prometida para a alma, podemos fazer ecoar a oração de Bernardo de Claraval: "Ó meu Deus, abismo chama abismo (Salmos 42.7). O abismo de minha profunda miséria chama o abismo de tua infinita misericórdia".[6]



DEUS, ONDE ESTÁS? O que fiz para que te escondas de mim? Estás brincando de gato e rato comigo, ou teus propósitos são maiores que minha percepção? Sinto-me sozinho, perdido, desamparado.

És o Deus que sabe se revelar. Tu te revelaste a Abraão, Isaque e Jacó. Quando Moisés quis saber como eras, tu o atendeste. Por que a eles, e não a mim?

Estou cansado de orar. Estou cansado de pedir. Estou cansado de esperar, mas vou continuar orando, pedindo e esperando, porque não tenho outro lugar para ir.

Jesus, também conheceste a solidão do deserto e o isolamento da cruz, e é por meio da oração do desamparado que digo estas palavras. Amém.

---

[6] James M. Houston (Org.), *The Love of God* (Portland, OR: Multnomah, 1983), p. 107.

TRÊS

A ORAÇÃO DE INVESTIGAÇÃO

A oração é o banho de amor interior no qual a própria alma mergulha.

— JOÃO VIANNEY

É muito estranho que tenhamos perdido a oração de investigação numa época de obsessiva introspecção. Hoje, é realmente possível alguém frequentar os cultos toda semana durante anos sem ter uma única experiência espiritual de investigação. Que tragédia! Que grande perda! Não é de admirar que o povo de hoje em dia seja doente. Não é de admirar que as pessoas estejam afundando.

Quão precioso e completo é o testemunho bíblico! O salmista declara: "SENHOR, tu me sondas e me conheces" (Salmos 139.1). O rei Davi — que devia ter experiência nisso — dá seu testemunho: "... o SENHOR sonda todos os corações e conhece a motivação dos pensamentos..." (1Crônicas 28.9). E por aí vai. O povo da fé conhece a investigação divina e a experimenta não como uma terrível inquirição, mas como algo de força imensurável e ao mesmo tempo capacitador. Para que serve a oração de investigação? Ela apresenta dois aspectos básicos, semelhantes aos dois lados de

uma porta. O primeiro aspecto é o *exame de percepção*, pelo qual descobrimos como Deus se faz presente em nossa vida no dia a dia e como reagimos à sua presença amorosa. O segundo aspecto é o *exame de consciência*, no qual expomos aquelas áreas que precisam ser purificadas e restauradas. Isso o ajudará a entender os dois aspectos da oração de investigação separadamente.

A LEMBRANÇA DO AMOR

No exame de percepção, refletimos, em atitude de oração, sobre nossos pensamentos, sentimentos e ações, até descobrirmos como Deus está trabalhando em nós e como reagimos à obra divina. Consideremos, por exemplo, a atitude de nosso impetuoso vizinho na noite passada — se ele apenas veio perturbar nossa tranquilidade ou se talvez — apenas talvez — fosse a voz de Deus tentando chamar nossa atenção para os sofredores e solitários que estão à nossa volta. Talvez no glorioso nascer do sol de hoje Deus estivesse declarando diante de nós o seu amor e a sua beleza, convidando-nos a fazer parte disso, mas estávamos sonolentos e distraídos demais para perceber. Talvez tenhamos atendido ao sussurro divino escrevendo uma carta ou telefonando a um amigo, e o resultado desse simples ato de obediência tenha sido nada menos que espantoso.

O exame de percepção é o meio que Deus usa para nos fazer mais atentos ao que acontece à nossa volta. Ontem, sentei-me perto de um estudante de Teerã e senti que a vontade de Deus era que eu me apresentasse e desse atenção ao rapaz. Seu nome era Reza, e logo ele estava me fazendo perguntas sobre dignidade, coragem e fé. Ele se expressava em poucas palavras, mas existia vida em cada uma delas. Eu tinha visto Reza em outras ocasiões, mas nunca me apresentara a ele, e me senti melhor depois que conversamos.

Veja, não estou falando de algo complicado ou muito estranho. Deus deseja que nos façamos presentes onde quer que estejamos.

Ele nos convida a ver e ouvir o que acontece ao nosso redor e a identificar, no meio de tudo, as pegadas do Santo.

De fato, o exame de percepção é um meio de atender ao chamado para proclamar os poderosos atos de Deus. Já notou com que frequência a Bíblia nos recomenda lembrar? Lembrar o pacto entre Deus e Abraão. Lembrar que Deus tirou seu povo da terra do Egito, do lugar da escravidão. Lembrar o santo Decálogo, os Dez Mandamentos. Lembrar o reino prometido a Davi. Lembrar o Descendente de Davi, cujo corpo foi ferido e cujo sangue foi derramado. No pão e no vinho, lembramos... lembramos o Calvário.

Depois que Israel derrotou os filisteus, Samuel erigiu um memorial de pedra entre Mispá e Sem e chamou-o Ebenézer, pois "até aqui o SENHOR nos ajudou" (1Samuel 7.12). Ele estava colocando à disposição do povo um recurso de memorização. É o que fazemos no exame de percepção. Erigimos nosso Ebenézer particular e declaramos: "Foi neste lugar que Deus veio ao meu encontro e me ajudou". Isso é lembrar.

UM ESCRUTÍNIO DE AMOR

No exame de consciência, somos incentivados pelo Senhor a sondar as profundezas de nosso coração. Longe de ser algo desagradável, isso é um escrutínio de amor. Podemos fazer ecoar corajosamente as palavras do salmista: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me, e conhece as minhas inquietações. Vê se em minha conduta algo te ofende, e dirige-me pelo caminho eterno" (Salmos 139.23,24).

Sem apresentar desculpas e sem ficar na defensiva, procuramos saber o que há de verdade em nós. Essa inquirição resulta em benefício nosso. É para nosso bem, nossa saúde espiritual, nossa felicidade.

Espero que você saiba que Deus nos acompanha no exame de consciência. É uma busca conjunta, se é que posso me expressar

assim. Conhecer esse fato será de grande utilidade para nós, por duas razões opostas, mas igualmente importantes.

Para começar, se fizermos sozinhos o escrutínio de nosso coração, mil justificativas surgirão para declarar nossa inocência. Chamaremos "ao mal bem e ao bem, mal" (Isaías 5.20). No entanto, se Deus estiver conosco nessa busca, ouviremos mais e nos defenderemos menos. Nossas racionalizações mesquinhas e tentativas de fugir às responsabilidades não serão toleradas à luz da presença divina. Deus nos mostrará o que precisamos ver no momento em que precisarmos ver.

No outro extremo do espectro, está nossa tendência para a autoflagelação. Deixados por nossa conta, nós nos limitaremos a dar uma boa olhada em quem realmente somos e nos declararemos irredimíveis. Nossa imagem deteriorada depõe contra nós, e começamos a nos castigar impiedosamente. Contudo, se Deus fizer parte do processo, estaremos protegidos e nos sentiremos confortáveis. Ele nunca permitirá que vejamos mais do que podemos suportar. Ele sabe que introspecção em excesso mais prejudica que ajuda.

Madame Guyon adverte-nos do perigo de "depender mais de nosso escrutínio do que de Deus para a descoberta e o conhecimento de nosso pecado".[1] Se a inquirição for apenas um autoexame, ao final dela sentiremos ou orgulho em excesso ou demasiada vergonha. Sob a poderosa lâmpada do Médico dos médicos, entretanto, só podemos esperar coisas boas.

Não que alguma dor não exista. Madame Guyon observa: "Quando você estiver habituado a essa espécie de rendição, descobrirá que, tão logo uma falta seja cometida, Deus a rejeitará, fulminando-a com um fogo interior. Ele não permitirá que ne-

[1] Donna C. Arthur (Org.), *Experiencing God Through Prayer* (Springdale, PA: Whitaker, 1984), p. 51 [*Experimentando Deus através da oração*, Rio de Janeiro: Danprewan, s.d.].

nhum mal se insinue na vida de seus filhos".[2] Desse modo, há uma dolorosa "queimadura interior", mas sabemos tratar-se de um fogo purificador — uma limpeza muito bem-vinda.

A INESTIMÁVEL GRAÇA

A esta altura, você deve estar se perguntando: "Afinal, qual o propósito de toda essa investigação? O que esperamos conseguir com isso?". Este é um questionamento honesto e merece uma resposta honesta. Na verdade, a resposta é fácil. A dificuldade está em articular sua importância.

A oração de investigação produz em nosso íntimo a inestimável graça do autoconhecimento. Espero ser capaz de explicar a você quão maravilhosa é essa graça. Infelizmente, o autoconhecimento não é tão valorizado em nossos dias quanto nas gerações passadas. Hoje, o conhecimento tecnocrático reina supremo. Mesmo quando buscamos o autoconhecimento, resumimos tudo a uma procura hedonista de paz interior e prosperidade pessoal. Que pobreza! Até mesmo os filósofos pagãos são mais sábios que esta geração. Eles sabem que uma vida que nunca sofreu um autoexame não vale a pena ser vivida. "Conhece-te a ti mesmo" é a famosa frase de Sócrates.

Teresa de Ávila entendia o valor do autoconhecimento. Em sua autobiografia, ela escreveu: "O caminho do autoconhecimento jamais deve ser abandonado, nem existe nessa jornada uma alma gigante, que não precise retornar ao estágio de infante ou de uma criança de peito".[3] O autoconhecimento não é somente fundamental, mas também um fundamento que não pode ser ignorado.

---

[2] *Experiencing God Through Prayer*, p. 51-2.

[3] *The Collected Works of St. Teresa of Avila* (trad. Kieran Kavanaugh e Otilio Rodriguez, Washington, DC: ICS Publications, 1976), p. 94.

Devemos retornar muitas e muitas vezes a esse caminho básico da oração.

Na tentativa de nos explicar o valor do autoconhecimento, Teresa de Ávila acrescenta algo que parece um tanto estranho. Ela escreveu: "À beira desse caminho de oração, de autoconhecimento e de contemplação dos pecados de alguns está o pão com o qual todos os paladares devem ser alimentados, sem importar quão delicados sejam. Eles não podem subsistir sem esse pão".[4] É assustador pensar que nossa pecaminosidade é o pão com o qual somos alimentados. Como pode ser isso?

Paulo, você deve lembrar, insiste em que ofereçamos nosso corpo, ou seja, nós mesmos como sacrifício vivo a Deus (Romanos 12.1). Essa oferta não pode ser feita de maneira apenas abstrata, com palavras piedosas e atos religiosos. Não, ela deve estar arraigada a aspectos concretos do que somos e de como vivemos. Devemos passar a aceitar e então honrar nossa condição de criatura. A oferta de nós mesmos só pode ser a oferta de nossa experiência de vida, porque só ela expressa o que de fato somos. Assim, a única oferta que devemos apresentar é o que somos, não o que desejamos ser. Por isso, ofereçamos a Deus não apenas nossas virtudes, mas também nossas fraquezas; não apenas nosso talento, mas também nossa incapacidade. Nossas dissimulações, nossa luxúria, nosso narcisismo, nossa indolência — tudo isso deve ser colocado sobre o altar de sacrifício.

Não devemos negar nem ignorar a extensão de nossa maldade, pois, paradoxalmente, nossa pecaminosidade se torna nosso alimento. Quando aceitamos com honestidade o mal que reside em nós como parte da verdade acerca de nós mesmos e oferecemos essa verdade a Deus, ingressamos num misterioso processo

---

[4] *The Collected Works of St. Teresa of Avila*, p. 94.

de nutrição. Até mesmo a verdade a respeito de nosso lado mais obscuro nos torna livres (João 8.32).

Não há, portanto, necessidade de reprimir, suprimir ou sublimar qualquer verdade divina acerca de nós mesmos. O autoconhecimento completo e sem disfarces é o pão com o qual somos sustentados. Dizer sim à vida significa um reconhecimento honesto de nossa maldade. Significa também dizer sim para Deus, que, em meio à nossa maldade, nos sustenta e nos atrai para sua justiça.

Por meio da fé, o autoconhecimento conduz-nos à autoaceitação e ao amor-próprio, cuja vida provém da aceitação e do amor de Deus. Teresa de Ávila está certa; afinal de contas, esse é "o pão com o qual todos os paladares devem ser alimentados". Suas palavras encerram um sábio conselho: "O caminho do autoconhecimento jamais deve ser abandonado".

Olhando para dentro

Já falei que a oração de investigação apresenta dois aspectos. Ela é bastante precisa na análise, mas quando passamos à prática pode nos confundir. Na verdade, a experiência assemelha-se a dois círculos concêntricos numa animação por computador, o tempo todo se sobrepondo, interagindo ou se entrelaçando um no outro. De igual modo, observamos, por exemplo, a atividade de Deus em nossa vida e descobrimos que ele expôs nosso ponto fraco. O exame de percepção e o exame de consciência são como as ondas do mar: distintas umas das outras, sempre se sobressaindo, mas nunca totalmente separadas. Entendido isso, voltemos à questão. Como pôr em prática a oração de investigação?

Para praticá-la, precisamos olhar para dentro. Não para fora, não para cima, não para baixo. Anthony Bloom escreveu: "Sua oração deve ser voltada para dentro, não para um Deus no céu

nem para um Deus distante, mas para o Deus que está perto, tanto quanto você esteja consciente disso".[5]

Na oração de investigação, mais que em qualquer outra forma de oração, cavamos bem fundo, como uma broca abrindo caminho nas entranhas da terra. Estamos sempre nos voltando para dentro, mas de um modo muito especial. Não estou querendo dizer que essa jornada interior irá se tornar cada vez mais introspectiva ou que deva ser empreendida na esperança de encontrarmos dentro de nós uma força especial ou um salvador em nós mesmos, capaz de nos libertar. Será uma busca inútil. Não, não é uma jornada *para dentro* de nós mesmos que devemos empreender, e sim uma jornada *através* de nós mesmos — então poderemos emergir das profundezas de nosso ser para as profundezas de Deus. João Crisóstomo observa: "Encontre a porta de seu coração e você descobrirá a porta do Reino de Deus".[6]

Madame Guyon chama "lei da tendência central" a essa forma especial de escrutínio. "Mantendo sua alma nos recessos mais profundos de seu ser, você descobrirá que Deus possui uma qualidade *magnética* de atração. Seu Deus é como um magneto! O Senhor, de forma natural, o atrairá mais e mais para junto de si."[7] Somos atraídos para o Centro divino, diz Madame Guyon, pela graça de Deus mais que por esforço nosso. Ela conclui: "Sua alma, depois que se volta para dentro, fica sob a influência dessa [...] lei da tendência central. Ela [...] aos poucos se deixa cair para o próprio centro, onde está Deus. A alma não precisará de outra força além do peso do amor".[8]

---

[5] *Beginning to Pray* (New York: Paulist, 1970), p. 49.

[6] Apud Anthony Bloom, *Beginning to Pray*, p. 46.

[7] *Experiencing the Depths of Jesus Christ* (Goleta, CA: Christian Books, 1975), p. 53.

[8] *Experiencing the Depths of Jesus Christ*, p. 56.

Ebenézer particular

Você pode estar se perguntando: "Como levar a efeito essa jornada interior? Existem atividades do corpo, da alma e do espírito capazes de nos ajudar?". Oh, sim! Muitas mais do que eu poderia enumerar. Permita-me citar apenas as mais comuns.

Um dos métodos consagrados pelo tempo para dar início ao exame de percepção é o recurso do diário espiritual. Desde *Confissões*, de Agostinho, até *Markings* [Marcações], de Dag Hammarskjöld, muitos cristãos através dos séculos descobriram a importância de manter um registro de sua jornada espiritual. "Como um torno", escreveu Virginia Stem Owens, "o diário nos empurra para o cerne da madeira".[9]

A manutenção desse diário implica uma reflexão intencional sobre os fatos de nosso cotidiano. Ele difere dos diários comuns por sua ênfase nos porquês, mais que em "quem" e "o quê". Os fatos externos são valorizados pela compreensão das obras profundas que Deus realiza em nosso coração. Um benefício especial de um diário é a manutenção dos registros — um Ebenézer particular, como queira. Podemos reler as páginas de nossa história com Deus quantas vezes desejarmos, lembrar as situações que enfrentamos e avaliar nosso progresso.

Os muitos registros de Frank Laubach expressam uma aventura disciplinada no campo do exame de percepção. Refiro-me especialmente ao seu *Game with Minutes* [Jogo com os minutos], no qual ele tenta descobrir quantos minutos num dia consegue se manter consciente da presença de Deus. No primeiro dia de 1937, ele escreveu: "Deus, meu desejo é dedicar a ti cada minuto deste ano. Tentarei conservar-te em minha mente nas horas em que eu

[9] *Life Path: Personal and Spiritual Growth Through Journal Writing* (Portland, OR: Multnomah, 1991). Endossado por Luci Shaw.

estiver acordado".[10] Em outra ocasião, ele anotou em seu diário: "Deus, após uma noite sem dormir, abri os olhos e sorri, porque estamos juntos! Dormir não é necessário. Perturbações como aquele homem tossindo a noite inteira na cama de baixo fazem bem ao caráter, se eu não permitir que elas me afastem de ti".[11]

Em seu livro *Learning the Vocabulary of God* [Aprendendo o vocabulário de Deus], Laubach dedica um ano inteiro a aprender como Deus fala por meio dos fatos do cotidiano. Bem no início da experiência, ele escreveu:

> Deus, essa caminhada em busca de teu vocabulário promete descortinar uma nova visão do mundo inteiro. Trago um pequeno livro em meu bolso para registrar tuas palavras conforme chegarem a mim ao longo do dia, assim como faço para aprender qualquer idioma.[12]

O interessante é que a experiência daquele ano levou-o ao trabalho de sua vida, conhecido no mundo todo como o "método de alfabetização de Laubach". Numa terça-feira, em Baroda Bazaar, na Índia, ele escreveu:

> Mais de 330 milhões de pessoas que não sabem ler estão pedindo ajuda. Necessitam de tua linguagem, de uma palavra vinda de ti. O caminho para a solução desse problema é incerto. Problemas insolúveis, porém, são a tua linguagem, pois neles é que nos treinas, como nosso professor.[13]

Ao mesmo tempo que encorajo a disciplina da manutenção de um diário como ferramenta de crescimento espiritual, preocupo-me

---

[10] *Learning the Vocabulary of God* (Nashville, TN: Upper Room, 1956), p. 5.
[11] *Learning the Vocabulary of God*, p. 17.
[12] *Learning the Vocabulary of God*, p. 7-8.
[13] *Learning the Vocabulary of God*, p. 7.

em não situá-lo acima do que convém. Tanto quanto sabemos, Jesus jamais adotou essa prática, tampouco Francisco de Assis e um grande número de cristãos conhecidos. Eles parecem ter sido muito bem-sucedidos em sua formação espiritual sem esse recurso. É necessário dizer isso porque alguns grupos hoje valorizam tanto a manutenção de um diário, que, enganosamente, presumem que todos devem ter um. Contudo, esse não é o caso. O diário é de grande utilidade para alguns cristãos, mas não para todos. Jamais poderemos impor os meios da graça de Deus.

Muitas outras coisas podem ser feitas. Certo verão, eu me dirigia todas as noites, por volta das dez horas, a uma pequena quadra de basquete junto à entrada de carros. Ali, sozinho, enquanto tentava encestar a bola, convidava Deus a fazer o inventário espiritual daquele dia. Muitas coisas me vinham à mente, mas o pecado sempre estava lá: uma palavra carregada de ira, uma descortesia, a omissão diante da oportunidade de incentivar alguém. Havia também coisas boas: um pequeno ato de obediência, uma oração silenciosa que pareceu tão eficaz, uma palavra dita no momento certo. Fiz isso apenas naquele verão. Nunca mais repeti a experiência; foi, no entanto, um meio de realizar o exame de percepção.

Há muitas maneiras de fazer o exame de consciência. Martinho Lutero incentivava a meditação piedosa e regular sobre os Dez Mandamentos e o Pai-nosso como forma de manter a vida orientada por um padrão moral. Muitos costumam fazer retiro para avaliar sua vida espiritual.

Talvez você prefira tentar o método singular usado por uma amiga minha para fazer o exame de consciência. Toda semana, ela tenta agir como uma herdeira do poder de Deus, praticando os atos de Deus e pensando seus pensamentos. Então, na sexta-feira ou no sábado, ela abandona as alturas e desce às profundezas do próprio ser, pedindo ao Espírito de Deus que venha guiar sua memória, fazendo uma retrospectiva da semana para descobrir um

pecado ou alguma falha que necessite de perdão. A seguir, ingressa num período definitivo de arrependimento, que se encerra com o recebimento da Santa Ceia no culto de domingo.

Isso nos leva diretamente ao assunto do capítulo seguinte — a oração de lágrimas. É para esse maravilhoso caminho que voltaremos nossa atenção agora.



Precioso Salvador, por que tenho medo de teu escrutínio? Sei que é um exame de amor. No entanto, continuo com medo... medo do que possa vir à superfície. Ainda assim, convido-te a me sondar profundamente, para que eu possa conhecer a mim mesmo — e a ti — de maneira completa. Amém.

QUATRO

A ORAÇÃO DE LÁGRIMAS

Lágrimas são como sangue nas feridas da alma.

— GREGÓRIO DE NISSA

No grego, a palavra é *penthos*. Simplesmente não existe um correspondente adequado em nossa língua. É uma experiência frequente para as personagens que conhecemos nas páginas da Bíblia e um tema recorrente nas obras dos grandes autores devocionais. *Penthos* significa "um coração quebrantado e contrito". *Penthos* significa "pesar divino interior". *Penthos* significa "pranto abençoado e santo". *Penthos* significa "arrependimento profundo". Acima de tudo, *penthos* significa "a oração de lágrimas".

Gregório de Nissa diz acerca de Efrém: "Quando me lembro das torrentes de lágrimas, começo a chorar, pois é quase impossível passar por um mar de lágrimas com os olhos secos. Nunca houve dia ou noite [...] em que seus olhos vigilantes não parecessem banhados de lágrimas".[1] O abade Antônio declara corajosamente:

[1] Apud Irénée HAUSHERR, *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East* (Kalamazoo, MI: Cistercian, 1982), p. 27.

"Quem quer que deseje avançar na virtude só o conseguirá por meio do choro e das lágrimas".[2]

A SUAVE CHUVA DE LÁGRIMAS

O que é a oração de lágrimas? É ficarmos "aflitos no coração", por causa da distância e da transgressão contra a bondade de Deus (Atos 2.37). É chorar por nossos pecados e pelos pecados do mundo. É sentir o impacto do arrependimento libertador. É a percepção mais íntima de que o pecado nos afasta da plenitude da presença de Deus. Na manhã de 18 de outubro de 1740, David Brainard, o valente missionário pioneiro entre os indígenas americanos, escreveu em seu diário: "Minha alma está excessivamente comovida e lamenta amargamente minha pecaminosidade e mesquinhez. Nunca senti nada tão pungente e tão profundo pela natureza odiosa do pecado quanto desta vez. De uma forma incomum, minha alma foi atraída pelo amor de Deus e senti esse amor sobre mim".[3]

Recentemente, experimentei uma graça especial da suave chuva de lágrimas. Pensava em meu pecado e no pecado do povo de Deus. Meditava também sobre o ensino do evangelho (e os antigos ensinamentos da Igreja) sobre "arrependimento" — tristeza no coração. Quando isso aconteceu, Deus graciosamente ajudou-me a emitir um profundo lamento em meu coração a favor da Igreja, e, em lágrimas, agradeci-lhe a paciência, o amor e a sua misericórdia para conosco. Como Miqueias declara: "Quem é comparável a ti, ó Deus, que perdoas o pecado...?" (Miqueias 7.18).

Esse lamento durou apenas alguns dias. Eu queria mais. Experiências desse tipo são exceções nos dias de hoje, mas houve

---

[2] Apud Irénée HAUSHERR, *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East*, p. 41.

[3] Jonathan EDWARDS (Org.), *The Life and Diary of David Brainard* (Chicago: Moody, s.d.), p. 34-5.

um tempo em que eram regra. Fui informado de que, após sua conversão, a atriz francesa Eve LaVallière tinha sempre os olhos avermelhados pelo choro constante.[4]

Uma ladainha de lágrimas

Sem dúvida, os homens e mulheres que encontramos nas páginas da Bíblia estão acostumados com a graça das lágrimas. Em meio à angústia, Jó declara: "... diante de Deus correm lágrimas dos meus olhos..." (Jó 16.20). Abalado pelo pecado e pela desolação de Moabe, Isaías clama: "Por isso eu choro, como Jazar chora, por causa das videiras de Sibma. Hesbom, Eleale, com minhas lágrimas eu as encharco!" (Isaías 16.9).

Jeremias é conhecido como o "profeta chorão" e faz jus ao apelido. "Ah, se a minha cabeça fosse uma fonte de água e os meus olhos um manancial de lágrimas! Eu choraria noite e dia pelos mortos do meu povo" (Jeremias 9.1). Se Jeremias não escreveu o livro de Lamentações, deveria tê-lo feito! "O coração do povo clama ao Senhor. Ó muro da cidade de Sião, corram como um rio as suas lágrimas dia e noite; não se permita nenhum descanso nem dê repouso à menina dos seus olhos" (Lamentações 2.18).

Quase todas as páginas do Saltério estão encharcadas com as lágrimas dos cantores: "Estou exausto de tanto gemer", lamenta Davi. "... De tanto chorar inundo de noite a minha cama; de lágrimas encharco o meu leito" (Salmos 6.6). Na verdade, o choro era uma prática tão habitual para Davi, que ele podia apelar para suas lágrimas como testemunhas perante Deus: "Registra, tu mesmo, o meu lamento; recolhe as minhas lágrimas em teu odre; acaso não estão anotadas em teu livro?" (Salmos 56.8). O cantor que, com tanta beleza descreve a sede de nossa alma como uma corça que

[4] Raissa Maritain, *Adventures in Grace* (New York: Longmans, Green, 1945), p. 182-5.

anseia por águas correntes, declara: "Minhas lágrimas têm sido o meu alimento de dia e de noite..." (Salmos 42.3). O salmo 119, que é um peã em louvor da *Torá*, contém este lamento: "Rios de lágrimas correm dos meus olhos, porque a tua lei não é obedecida" (Salmos 119.136).

Pense em Jesus, que "ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas" (Hebreus 5.7). Observe que ele chorava por seus amados em Jerusalém: "... Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram" (Mateus 23.37). Atente para esta bem-aventurança sobre os quebrantados e feridos: "... Bem-aventurados vocês, que agora choram, pois haverão de rir" (Lucas 6.21). Observe o carinho do Mestre para com Maria, que lhe havia lavado os pés com as próprias lágrimas: "... ela amou muito...". Ouça a absolvição: "... sua fé a salvou"; e a bênção: "... vá em paz" (Lucas 7.36-50).

Ou imagine Paulo, que foi para a Ásia disposto a servir ao Senhor "com toda a humildade e com lágrimas" (Atos 20.19). Aos efésios, ele revela: "... durante três anos jamais cessei de advertir cada um de vocês disso, noite e dia, com lágrimas" (Atos 20.31). Ao rebanho em Corinto, ele declarou: "... eu lhes escrevi com grande aflição e angústia de coração, e com muitas lágrimas..."; mais tarde, porém, ele pôde se alegrar, pois a "tristeza segundo Deus" o levou ao arrependimento (2Coríntios 2.4; 7.7-11).

Alegria profunda

O que há por trás de toda tristeza, pranto e lamento? Isso parece um pouco depressivo, pelo menos para quem foi criado numa religião de bons sentimentos e prosperidade. Os autores antigos, porém, tinham uma perspectiva diferente. Eles viam isso como um dom a ser buscado, o "carisma das lágrimas". Para eles, os mais miseráveis são os que atravessam a vida com os olhos secos e

o coração frio. Eles chamavam a essa agitação interior "profunda alegria".

Na verdade, a alegria é o resultado mais óbvio de um coração permanentemente contrito. Basilea Schlink escreveu: "A primeira característica do Reino dos céus é a alegria transbordante que provém do arrependimento [...] Lágrimas de arrependimento amolecem até o mais duro dos corações".[5] O salmista canta: "Aqueles que semeiam com lágrimas, com cantos de alegria colherão" (Salmos 126.5).

E assim é. Um grande amigo meu vivenciou recentemente uma demonstração incomum dessa profunda alegria. Ele é pastor de uma pequena congregação que é um microcosmo de todo pecado e dor do mundo moderno. Vezes sem conta, ele atravessa períodos de quebrantamento e choro pelos pecados e mágoas de seu povo e, às vezes, quando ora por determinados membros, o espírito de choro se manifesta.

Nessa ocasião especial, porém, ele participava de uma conferência e estava hospedado sozinho em um hotel. Certa manhã, acordou bem cedo com as palavras de Salmos 91.14-16 nos lábios: "Porque ele me ama, eu o resgatarei [...]. Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta". Imediatamente, esse pastor abriu a Bíblia e começou a orar segundo a Palavra a Deus. No meio da oração, começou a rir e, em seguida, a dar gargalhadas, daquelas que vêm lá de dentro. Risadas altas, santas, barulhentas. Ele rolava pela cama rindo, rindo, rindo, e riu até sentir dor. Riu até ter de colocar um travesseiro no rosto para abafar o som. Essa maravilhosa entrega de espírito em forma de riso santo durou pelo menos uns trinta minutos. Quando cessaram as gargalhadas, ele exclamou para ninguém: "Que maravilhosa forma de começar o dia!".

---

[5] *Repentance: The Joy-Filled Life* (Minneapolis, MN: Bethany, 1984), p. 28, 33.

Esse meu amigo não é propenso a leviandades. Na verdade, ele leva a vida espiritual tão a sério, que uma vez cheguei a aconselhá-lo a ser mais aberto. O que aconteceu? Prefiro pensar que Deus lhe estava proporcionando a alegria profunda reservada àqueles que conhecem o pesar do coração e o arrependimento com lágrimas. O abade Amonas, discípulo do abade Antão, escreveu: "O medo produz lágrimas; as lágrimas, alegria. A alegria produz força, por meio da qual a alma será próspera em tudo".[6] E o padre Hausherr observa: "Arrependimento gera felicidade".[7]

Questões confusas

Bem, talvez eu esteja indo rápido demais. Você ainda não entendeu por que existe tanta ênfase no lado mais emocional da oração — choro, lamento e tudo mais. Também não tenho certeza se compreendo. Só sei que, quando o centro emotivo da nossa vida não é tocado, é como um fusível queimado. As lágrimas são um sinal — não um sinal infalível, é verdade, mas não deixam de ser um sinal — de que Deus tocou esse centro. Por meio da oração de lágrimas, damos a Deus permissão para que ele nos mostre nossa pecaminosidade e a pecaminosidade do mundo no nível emocional. Melhor dizendo, as lágrimas são o recurso que Deus tem para nos ajudar a passar da mente para o coração, onde nos prostramos em adoração e louvor contínuos. Um grande número de questões pressiona nossa mente. Entretanto, não seria toda essa conversa sobre pecado, contrição e arrependimento um pouco arcaica — um retorno aos dias de falsa culpa e repressões maléficas? Que realidades teológicas geram esse tipo de oração? Para orar dessa forma, temos de chorar, literalmente? E... e... e...

---

[6] *The Letters of Ammonas* (trad. Derwas J. Chitty, Oxford, England: SLG, 1979), p. 18.

[7] *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East*, p. 139.

Entendo sua preocupação e suas dúvidas. Tenho também preocupações e dúvidas que não caberiam num único capítulo, ainda que eu tivesse todas as respostas. Talvez não exista um tipo de oração que extraia tantos questionamentos quanto essa. Deve ser essa a razão por que Madame Lot-Borodine chama a isso "mistério das lágrimas".[8] No entanto, em vez de nos queixarmos sobre o que não conhecemos, vamos tentar esclarecer o que já conhecemos.

O MÍNIMO DE VERDADE

O mínimo de verdade no que diz respeito à oração de lágrimas é o fato de sermos pecadores. Não quero dizer que cometemos pecado, embora eu tenha quase certeza de que isso seja verdade. Não estou fazendo nenhum julgamento moralista sobre suas atividades, mas um julgamento teológico da separação de Deus. Não somos pecadores porque cometemos atos pecaminosos; cometemos atos pecaminosos porque somos pecadores. Os teólogos chamam a essa corrupção essencial *peccatum originis*, ou "pecado original", e o pecado que está no centro de todo pecado é a recusa pela crença, uma falta de fé, um *defectus fidei*. Dessa falta fundamental e dessa alienação de Deus fluem todas as ações distorcidas que chamamos "pecado".

O Novo Testamento começa com o frequente, quase monótono apelo de João Batista, que diz: "Arrependam-se, pois o Reino dos céus está próximo". O refrão é adotado por Pedro no Pentecoste, e, ao final, a Bíblia termina com Jesus convocando as sete igrejas ao arrependimento e ao caminho de Deus.

Com certeza, é a cruz de Jesus Cristo que possibilita tal arrependimento. De um modo misterioso, ao verter seu sangue, Jesus tomou sobre si todo o mal e toda a hostilidade de todas as gera-

[8] Apud Irénée HAUSHERR, *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East*, p. 138.

ções, redimindo-as. Ele nos reconciliou com Deus, restaurando o relacionamento pessoal infinitamente valioso que fora destruído pelo pecado. Por meio da cruz, ele abriu a "torneira da graça", para citar Adrienne von Speyr.[9]

Isso não é tudo. Diz-nos a teologia cristã que Cristo morreu, atravessou o inferno e "levou cativos muitos prisioneiros" (Efésios 4.8). Depois, ao terceiro dia, rompeu com as cadeias da morte, e o primeiro ato do Cristo ressurreto foi instituir o sacerdócio da confissão e do perdão (João 20.23). A ressurreição é a absolvição abrupta de Deus!

Mais uma coisa é necessária: nossa reação ao arrependimento — não apenas uma, e sim muitas vezes. Martinho Lutero dizia que a vida do cristão deve ser de arrependimento diário. Diariamente nos confessamos, diariamente nos arrependemos, diariamente "viramos, viramos, até virarmos para o lado certo". A oração de lágrimas é nosso primeiro auxílio nessa virada, mas nos dias de hoje poucos entendem como isso é feito. É para essa questão que nos voltamos agora.

Atos de contrição

Deus nunca despreza "um coração quebrantado e contrito", diz o salmista (Salmos 51.17), mas a principal questão para o ser humano do mundo moderno é: "Como ter a experiência de um coração contrito? Com um coração magoado, ferido, triste, arrependido?".

Começamos pedindo. Eu queria que não soasse tão comum, pois é essa a verdade mais profunda sobre nosso retorno para Deus. Não podemos simplesmente fazer o arrependimento de coração acontecer. Não é algo que proporcionamos ao criar certo sentimento com certo tipo de atmosfera e certo tipo de música.

[9] *Confession* (trad. Douglas W. Stott, San Francisco: Ignatius, 1985), p. 50.

Isso é um dom de Deus, puro e simples. No entanto, é um dom que Deus faz questão de conceder aos que o pedem.

Logo, com coragem e persistência, pedimos um coração contrito. Pedimos um coração que chore e lamente. Podemos orar: "Senhor, permite que eu receba o dom das lágrimas". Se, a princípio, o coração quebrantado não aparecer, continuemos pedindo, continuemos buscando, continuemos batendo.

A exemplo do coletor de impostos na parábola de Jesus, supliquemos: "Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador" (Lucas 18.13). Não apenas uma vez, nem de vez em quando, mas com todas as nossas forças. O antigo refrão litúrgico *Kyrie, Eleison* (Deus, tem misericórdia) é baseado nessa parábola. Como as pessoas que clamavam a Jesus: "Filho de Davi, tem misericórdia de mim", juntamo-nos a esse coro de vozes de todas as idades, pedindo o dom do arrependimento, a oração de lágrimas. Pode ser que, às vezes, sua oração seja reduzida a uma palavra: "Misericórdia!".

Em segundo lugar, confessamos. Estamos cientes de nossa falta de fé, nossa distância, nossa dureza de coração. Na presença de um Pai amoroso e gracioso, declaramos nossos pecados sem justificativa ou privação: descrença, desunião, arrogância, autossuficiência e ofensas pessoais demais para serem nomeadas e numerosas demais para serem mencionadas. C. S. Lewis observa: "Os puritanos achavam que 'a narina dos verdadeiros cristãos devia estar continuamente atenta à fossa interior' ".[10] A declaração chocante de Paulo: "Miserável homem que eu sou!" é o clamor do cristão maduro que anseia pelo espírito de arrependimento (Romanos 7.24).

Não deixamos espaço para justificativas nem para as circunstâncias atenuantes. Dizemos: "Por minha culpa, minha culpa mais repugnante", como diz o antigo rito confessional. Também,

[10] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 98.

segundo o antigo ritual, "confessamos estes pecados e todos aqueles dos quais não nos lembramos". Phinea Fletcher, poeta do século XVII, escreveu:

> Caí, caí, lentas lágrimas,
> E estes formosos pés banhai,
> Que trouxeram dos céus
> As novas e o Príncipe da Paz.
>
> Não cesseis, lágrimas molhadas,
> De por misericórdia suplicar;
> Para clamar por vingança
> O pecado jamais cessará.
>
> Em seus profundos dilúvios
> Derramai todas as minhas culpas e medos;
> Permiti que meus olhos vejam
> O pecado, mas que o vejam através das minhas lágrimas.[11]

Em terceiro lugar, recebemos. Nosso Deus, que é fiel e justo — e também misericordioso — nos perdoará e nos purificará (1João 1.9). Como o pai do filho pródigo, ele corre até nós ao primeiro sinal de que estamos de volta ao lar. Ele é generoso o bastante para nos dar presentes que não merecemos.

No livro *Celebração da disciplina*, ofereço vários e detalhados conselhos para as horas em que somos incapazes de experimentar sozinhos o perdão e a purificação e precisamos da ajuda de nossos irmãos e irmãs na fé.[12] É pertinente dizer que nós, que seguimos a Jesus Cristo, recebemos o gracioso sacerdócio de levar o perdão de

[11] Poema sem título extraído de *Hail, Gladdening Light: Music of the English Church, The Cambridge Singers* (Great Britain: Collegium Records, 1991), disco compacto: digital, estéreo, COLCD 113.

[12] V. o cap. 10, "A disciplina da confissão" da Edição Especial de Aniversário de 30 Anos (São Paulo: Vida, 2008).

Deus uns aos outros (João 20.23). Você provavelmente conhece a confissão clerical na comunhão católica romana. Talvez lhe seja útil saber que o movimento monástico inicial era inteiramente não clerical e que os cristãos leigos começaram a fazer confissões uns aos outros, recebendo a segurança do perdão de Cristo uns dos outros. Somos privilegiados, pois podemos fazer o mesmo.

Podemos fazer até mais: pelo poder de Cristo, concedemos às pessoas o espírito de perdão e compaixão. Todo o capítulo 18 do evangelho de Mateus é dedicado aos ensinamentos de Jesus sobre dar e receber perdão. Bem no meio dessa importante discussão, Jesus nos promete: "Tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu" (Mateus 18.18). É o que fazemos. Ligamos a amargura e a dureza de coração. Desligamos o perdão e a bondade de coração. É um sacerdócio que podemos explorar com profundidade.

Em quarto lugar, obedecemos. Não basta pedir a Deus um coração bom e quebrantado em que haja espaço para o arrependimento. Não basta confessar livre e abertamente nossas muitas ofensas. O chamado para a obediência está vinculado à palavra de perdão.

Talvez nos venha à memória uma atitude farisaica. Devemos confessá-la instantaneamente. Talvez nos lembremos de uma palavra rude que tenhamos dado. Devemos procurar, sem hesitação, a pessoa ofendida e pedir-lhe perdão. Talvez um antigo ato de injustiça nos venha ao pensamento. Façamos a restituição imediatamente.

Do lado afirmativo da razão, aderimos à prática da virtude com zelo infinito. Talvez no trabalho tenhamos a oportunidade de combater a injustiça. Na mesma hora, devemos pronunciar-nos. Talvez vejamos a oportunidade de influenciar nossos filhos a fazer o bem. Não vamos desperdiçar essa oportunidade. Talvez

um vizinho precise de ajuda para consertar a cerca. Apressemo-nos em ajudá-lo. Por meio de tudo isso, experimentaremos a alegria da obediência.

Quando não conseguimos chorar

Quero concluir este debate sobre a oração de lágrimas dirigindo algumas palavras àqueles que não conseguem chorar. Existem cristãos que, como diz Simeão, "não sentiriam remorso nem espetando uma agulha".[13] Sei disso porque muitas vezes sou um deles, e somente por meio de graças especiais as mudanças têm sido possíveis.

Algumas coisas em nossa cultura nos empurram nessa direção. Além disso, certos tipos de temperamento são muito lentos para ceder às lágrimas. Se esse é o seu caso, não se sinta desencorajado. Também já passei por isso. Permita-me compartilhar alguns conselhos que foram bastante úteis para mim.

Seja severo e ao mesmo tempo complacente com você mesmo. Não se contente com a desculpa de não ser emotivo. Lembre-se também de que você não assumiu a atitude de "sou uma rocha, sou uma ilha" da noite para o dia. Será necessário mais de um dia para mudar os hábitos arraigados. Seja incentivado pela observação de Thomas à Kempis de que "um costume com outro se vence".[14] Você está construindo novos hábitos de oração, e a persistência paciente, boa e severa é tudo de que você precisa.

Em seguida, se você mergulhar nos Evangelhos, eles irão curá-lo da religião "aguenta firme", tão alheia ao considerado "homem de dores e experimentado no sofrimento". Jesus conhecia a oração de lágrimas e nos ensinará a seguir seus passos (1Pedro 2.21).

---

[13] Apud Irénée Hausherr, *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East*, p. 172.

[14] *Imitação de Cristo*, livro 1, cap. 21:2.

Siga o conselho de Teodoro, o Estudita: "Vamos no Espírito ao Jordão [...] e vamos receber dele o batismo, isto é, o batismo das lágrimas".[15]

Além disso, quando não puder chorar exteriormente, derrame lágrimas diante de Deus, em sua intenção. Tenha um coração que chora. Mantenha sua alma em prantos. Mesmo que os olhos estejam secos, a mente e o espírito podem ser quebrantados perante Deus.

Finalmente, enquanto espera com paciência pelo batismo das lágrimas, descanse nas palavras de João Crisóstomo: "O fogo do pecado é intenso, mas é apagado com algumas lágrimas, pois a lágrima apaga uma fornalha de culpa e purifica as feridas do pecado".[16]

Gracioso Jesus, para mim é mais fácil chegar a ti com a mente que com as lágrimas. Não sei orar com o centro emotivo de minha vida, nem mesmo sei como entrar em contato com essa parte de mim. Mesmo assim, venho a ti como estou.

Peço-te desculpas por minhas muitas rejeições às tuas aberturas de amor. Por favor, perdoa todas as minhas ofensas contra tua lei. Arrependo-me de meus caminhos insensíveis. Quebranta meu coração de pedra com as mesmas coisas que quebrantam o teu.

Jesus, passaste por tua maior prova em sincera agonia e derramaste lágrimas de profunda amargura. Em memória de tua amargura, ajuda-me a chorar pelo meu pecado... e pelos meus pecados.

Por teu amor e em teu nome, é isto que te peço. Amém.

---

[15] Apud Irénée Hausherr, *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East*, p. 131-2.

[16] Apud Irénée Hausherr, *Penthos: The Doctrine of Compunction in the Christian East*, p. 127-8.

CINCO

A ORAÇÃO DE RENÚNCIA

O Espírito ensina-me a entregar minha vontade inteiramente à vontade do Pai. Ele abre meus ouvidos para esperar, agindo com extrema suavidade e capacitando a alma para entender tudo o que o Pai, dia a dia, tem para falar e ensinar. Ele me faz perceber que a união com a vontade de Deus é a união com o próprio Deus; que a total rendição à vontade de Deus é exigência do Pai, exemplo do Filho, e verdadeira bem-aventurança para a alma.

— ANDREW A. MURRAY

Quando aprendemos a orar, descobrimos uma interessante progressão. No início, nossa vontade está em conflito com a vontade de Deus. Então imploramos. Fazemos beicinho. Exigimos. Esperamos de Deus algo como um espetáculo de mágicas ou que ele despeje suas dádivas sobre nós como se fosse o Papai Noel. Especializamo-nos em soluções instantâneas e em orações manipuladoras.

Por mais difícil que seja essa fase, no entanto, não devemos jamais menosprezá-la ou tentar evitá-la. Ela é parte essencial de

nosso crescimento e aprofundamento nas coisas espirituais. Para ser mais exato, é um estágio inferior, mas apenas no mesmo sentido em que a infância é um estágio inferior à fase adulta. O adulto raciocina melhor e consegue erguer pesos maiores porque tem o cérebro e os músculos mais desenvolvidos, enquanto a criança faz apenas o que se espera lhe seja possível fazer na sua idade. Assim é também a vida espiritual.

Convém lembrar, entretanto, que começamos a entrar na plenitude da graça depois que nos desobrigamos de nossa vontade e mergulhamos na vontade do Pai. É a oração de renúncia que nos leva do conflito para a libertação.

Instruído por um comercial

Desejo agora plantar um ícone visual da oração de renúncia em sua mente, mas para isso preciso lhe contar uma breve história — e você verá quão bem ela se encaixa à presente situação.

Uma amiga minha, que era assistente social, convidou-me diversas vezes para ir à sua cidade ensinar, a ela e a seus colegas, sobre oração e cura interior. Como ela morava um pouco distante, e por saber que em sua cidade havia pessoas capacitadas para essa tarefa, eu sempre declinava do convite. Ela, porém, insistia em me convidar. Até que um dia eu lhe disse: "Vamos fazer da ideia de minha ida até aí um motivo de oração. Quero que você faça o seguinte: volte para casa e não conte para ninguém, senão para Deus, a ideia de minha ida; se, na próxima semana, pelo menos seis pessoas expressarem o desejo de ter esse tipo de ensino, saberemos que Deus está nesse negócio. Então, aceitarei seu convite". Ela concordou.

Por favor, entenda, eu não estava tentando ouvir a Deus; queria apenas me livrar do compromisso de uma palestra! Quatro dias depois, ela ligou para mim e disse: "Doze pessoas vieram falar

comigo desde que voltei para casa!". Fiquei num beco sem saída, e concordei em ir.

Foi uma pequena reunião com cerca de 15 assistentes sociais. O encontro foi na casa de minha amiga. Na primeira noite, um homem muito educado pediu, com franqueza: "Seja bem claro comigo, porque não sou um de vocês". Com isso, ele queria dizer que não era cristão, e o grupo aceitou de bom grado o pedido.

Durante toda aquela semana, o Espírito Santo pousou suavemente sobre o grupo, em especial no domingo à tarde, quando o mesmo homem nos pediu calmamente: "Poderiam orar por mim, para que eu possa conhecer Jesus da maneira que vocês o conhecem?".

O que podíamos fazer? Nenhuma resposta normal nos parecia apropriada, e permanecemos em silêncio. Então um jovem se pôs de pé e gentilmente colocou as mãos sobre os ombros do homem. Jamais esqueci aquela oração. Senti como se estivesse tirando os sapatos — estávamos em solo sagrado.

Por estranho que possa parecer, o conteúdo de sua oração era um comercial. O jovem descreveu um anúncio bem conhecido de Nestea, no qual várias pessoas, num sufocante dia de verão, caíam numa piscina com um "ahhh!" de sede saciada no rosto. De repente, o homem começou a chorar, emitindo profundos suspiros de tristeza e aflição. Em reverente admiração, ficamos observando enquanto ele recebia o dom da fé salvadora. Foi um momento pleno de graça e de ternura. Mais tarde, o homem contou-nos que a oração lhe havia tocado num centro profundo de seu passado, relacionado com seu batismo em criança.

O quadro de uma pessoa caindo nos braços de Jesus com um "ahhh!" de sede saciada no rosto é, para mim, a imagem perfeita da oração de renúncia. É o ícone que desejo imprimir em sua mente.

O resultado final da oração de renúncia é que ela nos conduz a esse descanso de alma satisfeita. Minha esperança é que, enquanto lê este capítulo, você consiga gravar nos olhos de sua mente o quadro de si mesmo caindo nos braços de Jesus, inteiramente satisfeito, inteiramente descansado. Por certo, você está consciente de que esse quadro descreve mais o resultado final da oração de renúncia, e não tanto o processo, pois precisamos ver com clareza esse resultado diante de nós, a fim de criar coragem para encarar o processo.

A escola do Getsêmani

Aprendemos a oração de renúncia na escola do Getsêmani. Contemplemos a cena em maravilhada adoração. A figura solitária destaca-se contra os ramos retorcidos das oliveiras. Gotas de sangue, misturadas ao suor, escorrem até o chão. O humano está ansioso: "... afasta de mim este cálice...". A renúncia, porém, é definitiva: "... não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Lucas 22.39-46). Faremos bem em meditar repetidas vezes sobre essa inigualável declaração de renúncia.

Temos aqui o Filho encarnado orando em meio a lágrimas e sem ter sua oração atendida. Jesus conheceu o fardo de uma oração irrespondível. Ele desejou de fato que o cálice fosse afastado dele e perguntou se isso seria possível. "Se concordares...", era seu questionamento, sua preocupação. A vontade do Pai ainda não estava muito clara para ele. "Não tem outro jeito? Não poderia a humanidade ser redimida de uma forma diferente?" A resposta: não! Andrew A. Murray escreveu: "Por nossos pecados, ele sofreu debaixo do fardo da oração não respondida".[1]

Temos aqui a completa renúncia à vontade humana. Nosso grito de guerra é: "Seja feita a minha vontade", em vez de: "Tua

[1] *With Christ in the School of Prayer* (Springdale: Whitaker House, 1981) p. 211.

vontade seja feita". Temos excelentes razões para erguer a bandeira da vontade própria: "É melhor eu estar no controle do que eles"; "Além disso, posso usar o poder para nobres propósitos". Na escola do Getsêmani, porém, aprendemos a desconfiar de tudo o que provenha de nossa mente e de nossa vontade, mesmo que não seja pecaminoso. Jesus mostra-nos um caminho mais excelente. O caminho do desamparo. O caminho do abandono. O caminho da renúncia. "Minha vontade seja feita" é conquistada por "Não a minha vontade".

Temos aqui a perfeita harmonia com a vontade do Pai. "Tua vontade seja feita" era a mais profunda preocupação de Jesus. Aplaudir a vontade de Deus, fazer a vontade de Deus ou mesmo lutar para cumprir a vontade de Deus não é difícil... até os propósitos irem de encontro à nossa vontade. Então os limites são demarcados, o debate começa e a decepção assume o comando. Na escola do Getsêmani, porém, aprendemos que "minha vontade, meu caminho e meu bem" foram rendidos a uma autoridade maior.

O esforço necessário

Não devemos, no entanto, adotar o conceito de que tudo virá a nós sem esforço. Isso nem sempre é desejável. O esforço é um aspecto essencial da oração de renúncia. Você notou que Jesus pediu repetidas vezes que o cálice fosse afastado dele? Não se engane: ele poderia ter evitado a cruz, se o desejasse. Ele tinha o livre-arbítrio e estava diante de uma escolha genuína, mas espontaneamente decidiu submeter sua vontade à vontade do Pai.

Não foi uma escolha simples nem uma decisão rápida. O esforço de Jesus em sua oração — que o fez suar sangue — durou a noite inteira. A renúncia não é coisa fácil.

Todos os luminares das Escrituras tiveram de se esforçar: Abraão renunciou ao seu filho Isaque; Moisés renunciou à sua opinião sobre como deveria ser a libertação de Israel; Davi renunciou ao

filho que Bate-Seba lhe havia dado; Maria renunciou ao controle de seu futuro; Paulo renunciou ao desejo de ficar livre da debilidade causada pelo "espinho na carne".

O esforço é importante porque a oração de renúncia é oração cristã, não fatalismo. Não podemos nos resignar ao destino. Catherine Marshall escreveu: "A resignação é estéril de fé no amor de Deus [...] A resignação deita suavemente ao pó um universo do qual Deus parece ter fugido, e a porta da Esperança é fechada".[2]

Não estamos presos a um futuro prefixado, determinista. Nosso universo é aberto, não fechado. Somos "cooperadores de Deus", como diz o apóstolo Paulo. Trabalhamos em parceria com Deus para determinar os acontecimentos futuros. Portanto, nosso esforço na oração é um legítimo dar e receber, um verdadeiro diálogo com Deus — e um esforço real.

Rompendo laços importantes

Enquanto escrevia estas palavras, Carolynn e eu estávamos vivendo uma experiência de oração de renúncia. Pouco mais de um ano antes, uma palavra profética foi endereçada a mim. A primeira parte dizia respeito à nossa família, e os fatos foram se sucedendo de tal modo que encorajavam e fortaleciam nossa fé. A segunda parte da mensagem tinha relação com duras provas pelas quais iríamos passar, mas que, no final, nos elevariam a outra dimensão de um sacerdócio eficaz.

Eu não sabia o que pensar a respeito da parte final daquela profecia, até poucos meses depois, quando recebi uma revelação extraordinária da parte de Deus, a qual, em essência, dizia que eu deveria romper alguns laços muito importantes de minha vida. De início, não interpretei direito aquelas palavras, presumindo que se referiam a um pequeno grupo de escritores, de que eu fazia parte

[2] *Beyond Our Selves* (New York: McGraw-Hill, 1961), p. 94.

na época. (O fato de Deus falar conosco não garante que entenderemos sua mensagem corretamente!) Contudo, no momento certo pude perceber que Deus estava falando dos laços que eu mantinha com a cidade em que eu residia e com a universidade em que eu lecionava. Isso foi confirmado por numerosas circunstâncias e pelos sábios conselhos de muita gente de todo o país.

Era apenas o começo de nossa experiência de oração de renúncia. Fomos afastados do convívio de pessoas que eram nossos amigos havia dezenas de anos; fomos levados para longe da base de onde realizávamos nosso trabalho por um novo avivamento — a RENOVARE.

Eu era o diretor executivo de uma pequena comunidade de escritores denominada The Milton Center. Esse centro foi fundado por mim em 1986 e continuava a despertar grandes esperanças para seu futuro. Contudo, tive de abandoná-lo. Durante anos, Carolynn e eu sonhamos construir um centro de recuperação de drogados. Carolynn dedicou um ano inteiro planejando e idealizando a casa, mas tivemos de nos mudar. Tivemos de renunciar ao nosso sonho, e a muito mais.

Decisões desse tipo não são fáceis. Nós oramos. Lutamos. Choramos. Andamos para a frente e para trás, para trás e para a frente, analisando as opções. Oramos de novo, lutamos de novo e choramos de novo. Acredite, lutamos muito com Deus para tomar essa decisão. Na época em que eu escrevia estas palavras, desconhecíamos as implicações dessa decisão, mas nossa renúncia significou inteira concordância com Deus, com o fato de que seu caminho era o melhor.

Libertação com esperança

A oração de renúncia é uma entrega de boa-fé, mas é também uma libertação com esperança. Não concordamos com a resignação fatalista. Preferimos flutuar na segurança do caráter de Deus.

Mesmo quando tudo que conseguimos perceber são os fios entrelaçados na parte de baixo da tapeçaria da vida, sabemos que Deus é bom e sempre deseja o nosso bem e que nos dá esperança para acreditarmos que somos vencedores, não obstante sermos convocados à renúncia. Deus nos convida para o profundo e para o elevado. Existe aqui um treinamento na retidão, no poder transformador, em novas alegrias e em profunda intimidade.

Às vezes, a melhor renúncia é dar as costas a nós mesmos. Antes de escrever meu primeiro livro — *Celebração da disciplina* —, não falei de outra coisa durante um ano inteiro. Carolynn já estava cansada de minha tagarelice. O livro era a minha obsessão.

Foi então que participei de uma grande conferência, na qual um autor muito conhecido — e um dos principais preletores — deixou escapar que sua carreira nas letras estava destruindo seu casamento. Foi um comentário casual, não pertinente ao tópico da palestra; contudo não consegui ouvir mais nada durante o resto da semana. Uma pergunta ecoava em meus ouvidos: "Você seria capaz de renunciar a esse livro em favor de Carolynn e das crianças?".

Deus estava falando comigo, é óbvio, mas eu estava frustrado e com muita raiva: "Por que Deus poria em meu coração a ideia de um livro para depois me dizer que eu não o escrevesse? Além do mais, percorri toda essa distância, gastei tanto dinheiro e não consigo me concentrar em uma única palavra do que dizem os preletores. Que desperdício!". A questão, porém, continuava me perseguindo.

Peguei um voo no domingo, bem tarde da noite. No caminho do aeroporto para casa, minha mente fervilhava com previsíveis relatórios sobre as crianças, vazamentos de água e contas vencidas. Carolynn não sabia nada de minha luta interior. Quando cheguei a minha casa, tomei-a nos braços e disse-lhe com firmeza: "Amor, quero que você saiba que é mais importante para mim que o projeto desse livro. Se ele vai prejudicar nosso relacionamento, então

prefiro não escrevê-lo". Isso foi tudo. Fui para a cama naquele dia convicto de que jamais escreveria o livro.

Isso foi no domingo à noite. Na terça-feira de manhã, encontrei-me com um representante da Harper & Row que estava prestes a se tornar meu editor. Você conhece o resto da história. E, como você sabe, até hoje não me lembro de uma única palavra dita naquela conferência.

Um inestimável tesouro

Naturalmente, isso nem sempre acontece. Há ocasiões em que a renúncia é permanente. Resta-nos então confiar na sabedoria de Deus e pedir graça para descansar em paz. Uma paz consolidada é, de fato, a experiência mais frequente daqueles que trilham o caminho da renúncia.

Entretanto, como já falei, o objeto de nossa renúncia às vezes retorna a nós. Por que Deus iria nos lançar num processo de montanha-russa? Por que motivo, por exemplo, Jesus teria dito: "... se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto" (João 12.24)? Por que Deus parece sempre exigir uma renúncia antes de trazer alguma coisa à existência?

Parte da resposta repousa no fato de que, em geral, nos agarramos com tanta força ao bem que conhecemos, que ficamos impossibilitados de receber o bem maior que não conhecemos. Deus nos ajuda a ir além de nossa estreita visão, de modo que nos conceda o bem maior que ele tem reservado para nós.

Entretanto, essa é apenas parte da resposta. A resposta completa acha-se nos propósitos de Deus para a transformação da personalidade humana. A renúncia deposita aos nossos pés um inestimável tesouro: *a crucificação da vontade*. Paulo conhecia o imenso valor desse dom: "Fui crucificado com Cristo...", anuncia ele jubilosamente. Aqui existe renúncia. Aqui existe crucificação.

Aqui existe morte para a vida própria. No entanto, há também uma libertação com esperança: "... Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gálatas 2.20).

John Woolman, o alfaiate quacre que muito trabalhou para abolir a escravatura no continente americano, teve certa vez uma dramática visão. Nela, "ouvi uma voz suave e melodiosa, mais pura e harmoniosa que qualquer outra que até então houvesse chegado aos meus ouvidos. Pensei ser a voz de um anjo conversando com outros anjos. Ele dizia: '*John Woolman está morto*' ". Woolman ficou muito confuso ao ouvir essas palavras e resolveu "ir o mais fundo que podia para entender o mistério". Finalmente, "senti o poder divino preparando minha boca", e ele declarou: "Estou crucificado com Cristo. Então o mistério foi revelado e percebi [...] que a expressão 'John Woolman está morto' significava nada mais que a morte de minha vontade".[3]

"A morte de minha vontade" — linguagem forte! Todos os grandes mestres devocionais, no entanto, depararam com ela. Søren Kierkegaard faz eco à experiência de Woolman quando observa: "Deus criou todas as coisas do nada — e tudo o que Deus usa ele primeiro reduz a nada".[4]

Você tem ideia da maravilhosa libertação que a morte da vontade representa? Significa ficar livre do que A. W. Tozer denomina "os delicados fios da vida própria, os pecados interligados ao espírito humano".[5]

---

[3] The Journal and Major Essays of John Woolmn, in: Phillips P. Moulton (Org.), *A Library of Protestant Thought* (New York: Oxford University Press, 1971), p. 185-6.

[4] Alexander Dru (Org.), *The Journals of Kierkegaard* (New York: Harper & Brothers, 1959), p. 245.

[5] *The Pursuit of God* (Harrisburg, PA: Christian Publications, s.d.), p. 45 [*À procura de Deus*, Belo Horizonte: Betânia, 1985].

Significa libertar-se dos próprios pecados: autossuficiência, autopiedade, interesse próprio, abuso autoinfligido, autoengrandecimento, castigo autoinfligido, decepção consigo mesmo, exaltação de si mesmo, autodepreciação, autoindulgência, aversão por si mesmo e muitos outros sentimentos semelhantes a esses. Significa libertar-se do eterno fardo de sempre seguir o próprio caminho. Significa liberdade para cuidar dos outros, de pensar primeiro nas necessidades deles e então ajudá-los livre e alegremente.

Pouco a pouco, vamos sendo transformados pela crucificação diária da vontade. Essa transformação ocorre não como num tornado, que muda tudo de uma vez, e sim como a mudança causada por um grão de areia numa ostra. Novas graças vêm à tona: capacidade de lançar nossas preocupações aos pés do Senhor, alegria pelo sucesso dos outros, esperança num Deus que é bom.

Lembre-se, no entanto, de que estamos falando da crucificação da vontade, não de sua obliteração. A crucificação está sempre vinculada à ressurreição. Deus não está destruindo nossa vontade, e sim transformando-a, de modo que, depois de um processo que envolve tempo e experiência, possamos desejar o que ele deseja. Pela crucificação da vontade, somos habilitados a nos desprender das mesquinhas amarras da vida e seguir nossas melhores orações.

A prática da oração

Somente por meio dos fatos da vida diária você poderá ser conduzido à oração de renúncia. A vontade é rendida momento a momento, à medida que você vai tomando as decisões que são normais em relação ao lar, à família e ao trabalho. Não posso especificar como isso é feito. Na verdade, você não saberá que tipo de renúncia é exigido em determinada circunstância até que a esteja vivendo. Assim, o exercício da vontade virá com a expe-

riência de vida. Estou apto, no entanto, a propor-lhe algumas orações já experimentadas, que você pode interpretar de acordo com a situação.

Em primeiro lugar, aprenda a oração do autoesvaziamento. Em atitude de meditação, ore de acordo com o texto de Filipenses 2, que descreve a *kenosis*, o autoesvaziamento de Cristo, o qual era em forma de Deus, mas voluntariamente tomou a forma de servo e foi obediente até a morte. Convide o Espírito de Deus a aplicar essa oração aos fatos do cotidiano. Espere em silêncio. Ouça com atenção. Obedeça prontamente.

Em segundo lugar, aprenda a oração da rendição. Usando qualquer um dos Evangelhos sinópticos, acompanhe Jesus até o Jardim do Getsêmani. Mantenha-se desperto e atento. Contemple a tristeza de sua alma. Permita que seu coração fique triste também. Junte-se a ele na busca por outras opções, na esperança de esquivar-se do cálice. Agora, pronuncie as palavras dele, como se fossem suas: "Não seja feita a minha vontade, mas a tua". Convide o Cristo ressurreto para traduzir essas palavras em sua vida, sua família, sua vocação.

Em terceiro lugar, aprenda a oração do abandono. O livro *Self-Abandonment to Divine Providence* [O autoabandono à providência divina], de Caussade, pode ser de grande ajuda. Você pode valer-se também das palavras de Charles de Foucauld:

> Pai, abandono-me a mim mesmo em tuas mãos. Faze comigo o que desejares. Não importa o que venhas a fazer, eu te agradeço: estou pronto para tudo e aceito qualquer coisa. Que somente tua vontade seja feita, em mim e em todas as tuas criaturas. Não desejo nada além disso, Senhor.[6]

---

[6] Apud Roger Pooley & Philip Seddon (Orgs.), *The Lord of the Journey: A Reader in Christian Spirituality* (San Francisco: Collins Liturgical in USA, 1986), p. 292.

Permita que o Soberano de seu coração especifique que necessidades deverão ser lançadas aos pés dele.

Em quarto lugar, aprenda a oração da libertação. Antes de tudo, lance nos braços de Deus seus filhos, sua esposa, seus amigos. Em seguida, entregue ao amoroso cuidado do Senhor seu futuro, suas esperanças, seus sonhos. Por fim, confie a ele seus inimigos, sua ira, seu desejo de retaliação. Deposite tudo isso nas mãos de Deus, tome uma atitude e siga em frente. Ele cuidará de tudo, conforme julgar necessário.

Em quinto lugar, aprenda a oração da ressurreição. Você pode orar assim: "Senhor, traze de volta à vida o que te seja agradável e contribua para teu Reino. Que tudo aconteça no teu tempo e à tua maneira. Obrigado, Senhor, pela ressurreição!". Algumas coisas continuarão mortas — e será melhor para você que seja assim. Outras irromperão de tal modo numa nova vida, que você dificilmente as reconhecerá. Qualquer que seja o caso nesse processo, descanse na certeza de que Deus é superior a você.

Nossa jornada rumo à oração de renúncia está apenas começando. Temos muito que aprender, e é longa a caminhada. A renúncia leva-nos a um terreno acidentado. A subida é íngreme, as rochas são afiadas e as trilhas passam por lugares incertos. Do ponto de vista humano, às vezes poderá parecer que despencamos no precipício para a morte, mas não seremos enganados. Saberemos apenas estar caindo nos braços de Jesus, inteiramente satisfeitos, inteiramente descansados.

Senhor, como prosseguir se me sinto tão inseguro? Estou inseguro de tua vontade, estou inseguro a respeito de mim mesmo... de qualquer modo, esse não é o maior problema. A verdade nesta questão é que odeio a simples ideia de renunciar ao que quer que seja. Não, preciso estar no controle: "Para que isto? Por que aquilo?". Estou com medo de ceder o controle, medo do que possa acontecer. Cura meu medo, Senhor.

Como é bom saber que revelas meus pontos obscuros, mesmo quando tropeço na tentativa de orar. Obrigado!

O que faço agora? Como entrego o controle? Jesus, por favor, ensina-me o caminho da renúncia! Amém.

SEIS

A ORAÇÃO DE FORMAÇÃO

A oração — secreta, fervente, confiante oração — está na raiz de toda piedade pessoal.

— WILLIAM CAREY

"A oração muda situações", diz o povo. Ela também nos muda, e essa segunda meta é a mais imperativa. O objetivo primário da oração é levar-nos a uma vida de estreita comunhão com o Pai, de modo que, pelo poder do Espírito, sejamos cada vez mais conformados à imagem do Filho. Esse processo transformativo é o único propósito da oração de formação.

Nenhum de nós conseguirá manter uma vida de oração, a menos que esteja preparado para mudar. Ou aceitamos isso, ou retornamos àquela vidinha que mantém a forma da santidade, mas nega o poder — e isso é o mesmo que nos acomodar.

No início de nossa caminhada com Deus, de forma graciosa e maravilhosa, ele responde às nossas orações, ainda que ineficazes e egocêntricas. Então pensamos: "Isto é maravilhoso; Deus é mesmo real!". Algum tempo depois, porém, apertamos o botão mais uma vez, e Deus nos diz: "Quero ser mais que seu Provedor.

Quero ser também seu Mestre e Amigo. Deixe-me mostrar-lhe um caminho mais excelente. Quero libertá-lo da cobiça, do medo e da hostilidade, que fazem de sua vida um grande tormento". Bem, talvez agora estejamos zombando disso ou nos opondo a isso, mas no tempo certo aprenderemos os benefícios da retidão e caminharemos na direção da santa obediência. Nesse novo e vivo caminho, o Espírito de Deus nos ensinará todos os dias. Quando começarmos a seguir as orientações do Espírito, começaremos também a ser transformados de dentro para fora.

Os escritores antigos tinham um termo para essa dinâmica de transformação: *conversatio morum.*[1] Trata-se de uma expressão difícil de traduzir. Negativamente, significa morrer para o *status quo*, morrer para as coisas tais como elas sempre têm sido. Positivamente, significa mudança constante, conversão constante, abertura constante às orientações do Espírito. Jean-Pierre de Caussade escreveu: "A alma, leve como uma pluma, fluida como água, inocente como uma criança, corresponde a cada movimento da graça como um balão flutuante".[2]

Nos capítulos anteriores, referi-me rapidamente ao fato de que o caminho da oração consegue mudar alguns hábitos arraigados à estrutura de nossa vida. Na oração de formação, esse assunto passa a ser nossa preocupação principal. Questões vitais estarão em pauta. Como esse tipo de oração pode nos dar condições de sufocar o egoísmo e abandonar o fardo da presunção? De que modo ela pode promover o crescimento espiritual? Que papel ela desempenha na produção do fruto do "amor, alegria, paz,

---

[1] Para uma boa explanação acerca da *conversatio morum*, leia o cap. 5 de Esther de Waal, *Seeking God: The Way of St. Benedict* (Collegeville, MN: Liturgical, 1984).

[2] *The Sacrament of the Present Moment* (San Francisco: Harper & Row, 1982), p. 22.

paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" (Gálatas 5.22,23)?

A limitação da oração

Antes de prosseguir, cabe um alerta. Não podemos exagerar o papel da oração na formação de "santos hábitos". A oração em si mesma é bastante limitada no bem que pode realizar. É apenas parte — ainda que importante — de um todo muito maior.

Dallas Willard faz menção de três áreas principais em que Deus costuma atuar em nossa contínua transformação — um "triângulo dourado" da formação, se você preferir. A primeira área são as clássicas disciplinas espirituais da vida: solitude, jejum, adoração, celebração e outras. A segunda área é nossa contínua interação com as ações do Espírito de Deus: desobediência, arrependimento, submissão, fé, obediência e muito mais. A terceira área é a paciência que Deus desenvolve em nós por meio das frustrações, provas e tentações do dia a dia.[3]

Por esse motivo, jamais devemos isolar a oração do restante da devoção cristã ou exigir dela mais do que é intenção de Deus. Não. Em vez disso, devemos considerar uma dinâmica de oração que esteja em harmonia com todos os aspectos da vida espiritual.

Outro alerta. Quando falo de oração de formação, não me refiro ao perfeccionismo, e sim ao progresso da vida espiritual. Temas como a "perfeição impecável" ou a "santificação completa" são muito debatidos entre os teólogos. Embora eu creia que esses assuntos são importantes e tenha minha opinião sobre eles, não estou tentando resolvê-los aqui.

Minha insistência é na importância do progresso, do crescimento, da mudança, da formação. Deus deseja moldar-nos de maneira progressiva pelo padrão de Cristo: "Aqueles que [Deus] de

[3] Looking Like Jesus, *Christianity Today* 34, n. 11, 20 ago. 1990, p. 29-31.

antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho..." (Romanos 8.29). Queremos ver a oração de formação surtindo efeito nessa conformação progressiva.

Procurando e sendo procurados

Na oração de formação, existe tanto o aspecto ativo quanto o passivo. Pelo aspecto ativo, somos nós que buscamos a Deus. Somos viajantes a caminho de uma cidade cujo construtor é Deus. Somos peregrinos numa jornada de fé. Estamos desenvolvendo nossa salvação com temor e tremor. Estamos nos exercitando na piedade. Estamos perseguindo a meta de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus (Filipenses 2.12; 3.12-14; 1Timóteo 4.7).

Pelo aspecto passivo, somos procurados por Deus. Permanecemos atentos e sensíveis a ele. Somos como barro nas mãos do Oleiro (Jeremias 18).

Ambos os aspectos — o ativo e o passivo — são necessários e mantêm uma tensão dinâmica entre si. Podemos compará-los com o afresco de Michelangelo na Capela Sistina, que mostra Deus e Adão esticando o braço para tocar um no outro.

Esticando-se para tocar em Deus

Contemple comigo os três caminhos clássicos da oração proativa, cujo propósito principal é nossa transformação. O primeiro é derivado dos *Exercícios espirituais*, de Inácio de Loyola.[4] Embora Inácio, nessa abordagem da oração, tivesse em mente uma experiência de isolamento para os que estavam sob sua liderança, sua obra é também uma verdadeira aula de oração para todos nós. O sistema dos *Exercícios espirituais* está dividido em quatro seções

[4] São Paulo: Loyola, 2006.

básicas (ou quatro semanas). A primeira concentra-se em nossos pecados à luz do amor de Deus. A segunda é dedicada à vida de Cristo; a terceira, à paixão de Cristo; e a quarta, à ressurreição de Cristo.

Cada uma das quatro semanas é acompanhada de generoso suprimento de exercícios de meditação, muitos deles extraídos dos Evangelhos. Aqui Inácio se mostra em sua melhor forma ao insistir no uso de todos os sentidos em cada meditação. Por exemplo, se estamos pensando no julgamento de Cristo, devemos "ver" a multidão, "ouvir" as acusações, "sentir" o golpe do chicote. A principal razão dessa ênfase nos sentidos é sair da leitura e viver a cena. Estamos vendo, ouvindo, cheirando, degustando e tocando a história.

Uma vez que o propósito é trazer a nós uma conformidade com o padrão de Cristo, encontramos nos *Exercícios espirituais* uma busca contínua por *carismas* especiais, isto é, graças do Espírito. Na primeira semana, em geral buscamos a graça de ser amados por Deus, de ser imersos em seu amor. Durante a segunda semana, nossa súplica ininterrupta é pela graça de ser moldados à imagem de Cristo. Quando contemplamos a paixão de Cristo, pedimos sem cessar a graça de morrer para os vínculos com este mundo. Na semana final, voltada para a ressurreição de Cristo, a graça que buscamos é o poder do Espírito para escolher sempre a Deus e seu caminho.

Muitos dos que leem estas palavras talvez se sintam pouco à vontade com tantos detalhes, mas desejo recomendar a você essa harmonia de quatro vozes. Todos nós precisamos de profunda meditação acerca de nossa constante aptidão para a desobediência e da ilimitada capacidade que Deus tem de perdoar. Todos nós precisamos de uma substancial contemplação daquela *vida* que nos aponta o caminho que devemos seguir "em seus passos". Todos nós precisamos de uma meditação mais abrangente sobre aquela

morte que nos liberta. Todos nós precisamos de uma experiência mais profunda com aquela *ressurreição* que nos capacita a obedecer a Cristo em todas as coisas.

Os 12 degraus de Bento de Núrsia

O segundo caminho clássico da oração de formação é a busca ativa da humildade, descrita na *Regra de São Bento*.[5] Usando a metáfora da escada de Jacó, Bento de Núrsia concebe 12 degraus para se atingir a humildade.

A humildade causa tanta má impressão nos dias de hoje, que é nosso dever corrigir pelo menos em parte as distorções de conceito, antes de avaliar se temos condição de subir o primeiro degrau da escala, para não falar a escada inteira. Em termos simples, humildade significa viver tão perto da realidade quanto possível: realidade acerca de nós mesmos, dos outros, do mundo em que vivemos. Isso não tem nenhuma relação com o tipo de personalidade de Casper Milquetoast.[6] Não significa rastejar ou declarar o que há de pior em nós mesmos.

A humildade está, na verdade, identificada com o poder que faz brotar a vida. A palavra provém do latim *humus*, que significa "solo fértil". "A humildade", escreveu Anthony Bloom, "é o estado da terra". Em certo sentido, a humildade nada mais é que estar ligado à terra. Bloom nos faz lembrar que a terra está sempre conosco, sempre recebendo para dar, sempre sendo percorrida por todos. É o lugar em que depositamos nosso lixo. Bloom acrescenta:

---

[5] Apud Timothy Fry (Org.), *The Rule of St. Benedict in English* (Collegeville, MN: Litergical, 1982), p. 32-8.

[6] Antiga personagem das histórias em quadrinhos, cuja principal característica era a extrema timidez; criação do cartunista americano Harold Tucker Webster [N. do T.].

> Ela está aí, calada e aceitando tudo e, por um processo miraculoso, fazendo de todo refugo novas riquezas [...] transformando degeneração em poder de vida e uma nova possibilidade criadora, aberta para o sol, aberta para a chuva, pronta para receber qualquer semente que lhe lancemos e capaz de multiplicar cada uma delas, trinta, sessenta, cem vezes.[7]

Esse é o poder da humildade. Teresa de Ávila nos faz lembrar: "A humildade é o principal auxílio para a oração".[8]

Assim, como vamos alcançar a humildade? Humildade é uma daquelas virtudes que só conquistamos quando não estamos concentrados nela — um conceito muito estranho. Contudo, a conclusão a que muitos chegaram foi: não há nada que possamos fazer para lidar com a arrogância, o impulso centrado no ego que nos contamina, senão simplesmente esperar que Deus derrame a humildade sobre nossa cabeça. Inútil espera!

Bento de Núrsia prestou-nos um grande serviço ao demonstrar que há uma obra espiritual que podemos empreender nesse domínio. Existem atividades da mente, do corpo e do espírito capazes de derrotar o orgulho e nos conduzir a uma vida de submissão e humildade. Embora nem todos aceitem os degraus propostos por Bentos de Núrsia, devemos ser gratos a ele por nos mostrar que *existem* coisas que podemos fazer para avançar na conquista de uma vida de humildade.

Vários dos degraus sugeridos por Bento de Núrsia enfatizam nosso relacionamento com Deus: "Ter constante reverência por Deus; rejeitar os desejos e vontades próprios, preferindo fazer a vontade de Deus; confessar todos os maus pensamentos e todas as ações más ao Senhor". Três degraus dizem respeito ao uso da língua e destacam esse aspecto singular de nossa vida. Existimos

---

[7] *Beginning to Pray*, p. 35.

[8] Apud *Day, Discipline and Discovery*, p. 82.

para cultivar o silêncio, evitar conversas frívolas e usar palavras simples e sinceras. Outro degrau para a humildade é "suportar com paciência as ofensas e aflições". Outro ainda é "estar satisfeito em todas as situações".

Em todos os casos, o que se destaca nos ensinamentos é sua trivialidade. Coisas simples e comuns combinadas com o amor de Deus. À medida que experimentamos pequenas mortes nessa caminhada para além de nós mesmos, vamos crescendo na graça da humildade.

O Pequeno Caminho

Esse crescimento leva-nos diretamente ao terceiro caminho clássico para a oração de formação: o Pequeno Caminho, de Teresa de Lisieux.[9] Essa simples mulher, também conhecida como Pequena Flor, deixou-nos o legado de uma vida plena de oração que pode ser de grande ajuda para nós. O Pequeno Caminho, como ela o chama, é enganosamente simples. Em resumo, é procurar o trabalho servil, receber de bom grado as críticas injustificadas, tratar como amigos os que nos aborrecem, ajudar os que nos são ingratos. Teresa estava convencida de que essas "bagatelas" agradavam a Cristo mais que os grandes feitos de reconhecida santidade. A beleza do Pequeno Caminho é que ele está disponível a todos. Da criança ao adulto, do erudito ao analfabeto, do mais poderoso ao menos influente, todos podem experimentar o sacerdócio das pequenas coisas. As oportunidades de trilhar esse caminho apresentam-se a nós o tempo todo, enquanto os atos de grande fidelidade só ocorrem de vez em quando. Quase diariamente, conseguimos servir com um sorriso os colegas de trabalho mal-humorados, ouvir com atenção conversas entediantes, demonstrar um pouco de bondade sem fazer espalhafato.

---

[9] *The Story of a Soul* (trad. John Beevers, New York: Image, 1989). Para ler um bom capítulo sobre Teresa de Lisieux, v. Gloria Hutchinson, *Six Ways to Pray from Six Great Saints* (Cincinnati, OH: St. Anthony Messenger Press, 1982).

Talvez pensemos que essas atividades banais nem sejam dignas de menção, mas esse é precisamente o valor delas. São triunfos não reconhecidos sobre o egoísmo. Jamais receberemos uma medalha ou mesmo um "obrigado" por essas vitórias invisíveis em nosso cotidiano — que é exatamente o que desejamos.

Um incidente da autobiografia de Teresa de Lisieux, *The Story of a Soul* [A história de uma alma] destaca o caráter secreto do Pequeno Caminho. Uma freira rude e orgulhosa decidiu irritar Teresa de todas as maneiras; esta, porém, em vez de evitar a outra religiosa, resolveu trilhar a vereda reta do Pequeno Caminho com relação ao conflito: "Passei a tratá-la como se a amasse acima de tudo". Teresa obteve tamanho êxito em seu Pequeno Caminho, que, depois de sua morte, aquela freira declarou: "Durante sua vida, eu a fiz realmente feliz". Estou certo de que Teresa ficaria satisfeita.[10]

A COMUNHÃO DA SOLITUDE

Devemos agora voltar nossa atenção para o aspecto da oração de formação que destaca o ato de receber mais que o esforço para conseguir, o consentimento mais que a iniciativa. A imagem mais apropriada aqui é a do barro nas mãos do oleiro — macio, maleável. Contemple comigo, então, os três caminhos clássicos para esse lado mais passivo da oração de formação.

A solitude é o primeiro dos três caminhos e o mais fundamental. "Sem a solitude, é praticamente impossível viver uma vida espiritual", escreveu Henri Nouwen.[11] É fácil perceber o motivo: por meio da solitude, Deus nos liberta das cadeias que nos prendem a outras pessoas e de nossas compulsões interiores.

---

[10] Apud Gloria HUTCHINSON, *Six Ways to Pray from Six Great Saints*, p. 126-9.

[11] *Making All Things New* (San Francisco: Harper & Row, 1981), p. 69 [*E tudo se fez novo*, São Paulo: Palavra, 2007].

Para ingressar na solitude, é preciso ignorar o que os outros dizem a nosso respeito. Quem poderá entender esse chamado ao isolamento? Até mesmo nossos amigos mais íntimos o considerarão desperdício de um tempo precioso, além de uma atitude egoísta. Oh, mas que liberdade desfruta nosso coração quando deixamos de ser influenciados pela opinião alheia! Quanto menos fascinados formos pelas vozes humanas, mais capazes seremos de ouvir a voz de Deus. Quanto menos manipulados formos pelas expectativas dos que nos cercam, mais fácil será para nós cumprir as expectativas de Deus.

Na solitude, entretanto, morremos não apenas para os outros, mas também para nós mesmos. Na verdade, de início imaginávamos a solitude como meio de recarregar as baterias, para poder encarar com vigor renovado os vários desafios da vida. Com o tempo, todavia, percebemos que ela nos concedia poder não para vencer essa competição frenética, mas para ignorá-la por completo. Aos poucos, fomos deixando para trás nossa compulsão interior de adquirir mais riquezas do que necessitamos, de parecer mais jovens do que de fato somos, de alcançar mais *status* que o recomendável. Na quietude, nossos falsos e atarefados "eus" são desmascarados, e passamos a vê-los como os impostores que realmente são.

Jerônimo lembra-nos que "nunca estamos menos sozinhos do que quando estamos sozinhos".[12] Convido-o a participar dessa comunhão da solitude.

Sondando o abismo

Por mais estranho que soe aos ouvidos modernos, a contemplação da própria morte está entre os mais importantes caminhos para a transformação pessoal, uma experiência consagrada pelo tempo. Nesta era de narcisismo desenfreado, essa é uma prática

[12] Apud Clare Vincent, *The Life of Prayer and the Way to God*, p. 62.

que vale a pena ressuscitar. O que aconteceria se você morresse hoje? E se eu morresse hoje? Uma das conclusões mais sensatas a que se pode chegar como resultado de qualquer meditação é que a vida prossegue sem nós — e muito bem, no que diz respeito a esse assunto. O Sol nascerá no dia seguinte. As pessoas cuidarão da própria vida. Nada de substancial será alterado.

Essa é uma dura realidade para nós que alimentamos a ilusão de que o mundo gira em torno de nossas decisões. Como poderia algo de importância acontecer sem nossa participação? Como algo importante *ousaria* acontecer sem nossa presença? Entenda, somos a mosca da fábula de Esopo, que pousou no eixo da roda da carruagem, olhou para trás e exclamou: "Meu Deus! Quanta poeira eu levanto!".

Um amigo — o pastor luterano Bill Vaswig — e eu certa vez estávamos discutindo acerca de Gálatas 2.20 e ficamos surpresos com o que significa ser "crucificado com Cristo". Eu queria saber o que essa passagem significava nos dias de hoje.

— Vamos nós dois orar sobre o assunto — propôs Bill.

Na verdade, eu desejava encerrar logo a discussão, mas engoli seco e retruquei:

— Tudo bem, mas como vamos fazer isso?

— Não sei exatamente, mas você começa — foi a resposta de Bill.

Então fui até ele, coloquei a mão sobre sua cabeça e comecei a orar. Não faço ideia do que eu disse, além de manifestar a confiança de que iríamos vivenciar o significado de ser crucificado com Cristo.

Terminei a oração e fui me sentar. Bill olhou para mim com os olhos arregalados e sussurrou:

— Aconteceu!

— Aconteceu o quê? — perguntei sem muito interesse.

Ele explicou que, assim que comecei a oração, lhe veio à mente o nítido quadro de um culto fúnebre realizado em sua igreja. Ele podia ver tudo claramente: o caixão com a tampa aberta, a capela, a alta estrutura em arco — mas via tudo isso de dentro do caixão. Era o funeral dele! Enquanto as pessoas, com expressão de tristeza, passavam pelo caixão, ele tentava dizer a elas que estava tudo certo, que ele estava bem, que, na verdade, lhe havia acontecido algo de bom. Ele percebeu, porém, que elas não podiam ouvi-lo. Tudo o que viam era um cadáver, embora ele estivesse mais vivo do que nunca.

A oração que ele fez por mim em seguida teve efeito igualmente poderoso, pois havíamos mergulhado nos domínios do Espírito Santo naquele dia. O mais importante de tudo é que ambos alcançamos uma profunda compreensão da morte do eu.

A oração da docilidade

A terceira forma de oração de formação passiva é o que Evelyn Underhill chama de "a oração da docilidade".[13] Consiste na experiência de estar "inteiramente submisso, inteiramente transparente, inteiramente entregue nas mãos de Deus".[14]

Permita-me explicar isso por analogia. Imagine uma criança com um lápis na mão escrevendo rabiscos indecifráveis sobre uma folha de papel. Agora visualize a mãe colocando a própria mão sobre a mão da criança, guiando-a pela extensão da página e assim escrevendo belas e grandes letras. Essa é a oração da docilidade.

Imagine também uma vela de barco recebendo o vento de um lado e depois de outro, enquanto a pessoa que está ao leme faz as manobras com desembaraço. A maleabilidade da vela é que lhe permite extrair o máximo de proveito do vento. Coloque

[13] *Abba* (Wilton, CT: Morehouse-Barlow, 1982), p. 32-3.

[14] Anthony Bloom, *Beginning to Pray*, p. 33.

uma tábua no lugar dela, e o barco não irá a parte alguma. Essa delicadeza, essa irrestrita acessibilidade é o coração da oração de docilidade.

Assim, enquanto lê estas palavras, entregue-se às mãos amorosas do Oleiro. Não tenha medo. Você "não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante", como diz a Escritura (Mateus 12.20). O Oleiro nunca pisoteia o fraco, jamais apaga nossas débeis esperanças. Permita que as mãos dele repousem sobre seus ombros e o guiem. Torne-se fraco, frágil, vulnerável. Então escute a voz do verdadeiro Pastor e aprenda com ele.

As bem-aventuranças do inverno

Todo ano, quando o inverno se aproxima, gosto de observar a folhagem do enorme boldo de nosso quintal. Ela perde o verde do verão e assume uma fúnebre cor marrom. À medida que as folhas caem, as irregularidades da árvore vão sendo expostas, uma por uma. Aquelas imperfeições estão sempre lá, naturalmente, mas quase sempre ficam fora do alcance de meus olhos, escondidas sob um manto esmeralda. Nessa época do ano, entretanto, tudo fica exposto, desolado, e posso ver a real condição da árvore.

O inverno preserva e fortalece a árvore. Em vez de gastar sua vitalidade na superfície, a seiva é empurrada para o interior da planta. No inverno, uma vida mais robusta e resiliente é estabelecida. O inverno é necessário para que a árvore sobreviva e floresça.

De imediato, você percebe a aplicação. Quantas vezes escondemos nossa verdadeira condição sob uma capa de virtudes e piedosas atividades, mas depois que essa frágil cobertura é arrancada o poder transformador de uma espiritualidade hibernal faz sentir seus efeitos.

De fora, um observador enxerga apenas a esterilidade e as deformações. Nossos muitos defeitos, manchas, fraquezas e imperfeições são salientados, mas apenas as virtudes externas se

mostram arruinadas. O princípio da virtude é, na verdade, ser fortalecido. A alma cresce venturosamente para dentro. Virtudes reais, consistentes e duradouras começam a tomar forma no fundo de nosso ser. Um amor puro está nascendo.

Querido Jesus, em meus melhores momentos não desejo outra coisa senão ser como tu és. Existem outros momentos, porém... Ajuda-me a ver como é boa a conformidade com teus caminhos. Nesta minha busca por ti, quero que tu me encontres. Eu te amo, Jesus. Amém.

SETE

A ORAÇÃO DE ALIANÇA

O que precisamos é do desejo de conhecer toda a vontade de Deus, com a firme resolução de cumpri-la.

— JOHN WESLEY

A oração de aliança é o profundo chamado do coração para uma vida impregnada de Deus. Ela nos conduz à encruzilhada da decisão pessoal. Ela nos guia pelo vale do sagrado compromisso. Ela nos acena das trilhas alpinas da santa obediência.

A essência da oração de aliança é capturada na confissão do salmista: "Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme..." (Salmos 57.7). No altar da oração de aliança, prometemos solenemente irrevogável submissão, tomamos importantes resoluções e fazemos votos de santa obediência.

UM RECEIO COMPREENSÍVEL

Posso imaginar você instintivamente se encolhendo diante de todo esse palavreado sobre compromisso. Eu me retraio também. Qual a razão disso?

Bem, antes de tudo, muitos hoje deixam a desejar no que se refere a compromissos — de qualquer espécie. Num sentido, não podemos afirmar que é falha nossa. Isso está no ar. Compromisso significa responsabilidade, e responsabilidade soa como limitação.

Por exemplo, é comum em nossos dias definir-se liberdade como a completa ausência de restrições. Basta pensar nisso, por um instante que seja, e logo percebemos quão ridícula é essa ideia. A liberdade absoluta não faz sentido! Obtemos a liberdade em algum aspecto por meio do compromisso, da disciplina e de hábitos consolidados. Demóstenes era livre para ser um grande orador porque teve disciplina suficiente para treinar a fala num tom acima do bramido do mar com pedrinhas na boca. George Frederick Handel só se habilitou a compor o magnífico oratório *O Messias* porque educou a si mesmo em composição musical. Por meio de intensa disciplina pessoal, Flannery O'Connor foi capaz de superar as limitações de uma doença degenerativa e tornar-se uma das escritoras de ficção mais importantes do século XX. A liberdade é produto da disciplina e do compromisso.

Assim, temos receio de que o compromisso venha a tirar toda a espontaneidade e alegria de nossa vida. Votos solenes nos parecem pesados demais, algo que nos obrigará a passar toda a nossa existência de cara amarrada. Quando o compromisso é com a oração, tampouco desejamos ser compelidos pelo dever. Imaginamos o desejo de orar como uma atração irresistível. Nosso receio é que o compromisso torne a oração um exercício compulsório, em vez de uma oferta voluntária.

No entanto, como nos lembra Dietrich Bonhoeffer, a grande verdade nessa questão é que "a oração não é oferecida a Deus de livre vontade; ela é um serviço obrigatório, algo que ele exige".[1]

[1] *Meditating on the Word* (trad. David McI. Gracie, Cambridge, MA: Cowley, 1986), p. 31.

Contudo, o dever não precisa ser pesado. Será que, apenas pelo fato de muitos dos salmos que amamos terem nascido fora do contexto das cerimônias religiosas, devemos pensar que não existe nenhuma alegria neles? Será que, pelo fato de Pedro e João irem ao templo regularmente, na hora determinada para a oração, devemos pensar que não havia espontaneidade nas palavras dirigidas ao aleijado: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto lhe dou. Em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, ande"? Ou que aquele homem saiu templo afora "andando, saltando e louvando a Deus" de cara amarrada (Atos 3.1-10)? Não. Quando comprometidos com o poder do Espírito, os atos do dever podem ser completados com grande alegria e bênçãos. De fato, o dever é, como nos ensina Caussade, "o sacramento do momento presente".

Desejo fazer menção de outra razão pela qual desconfiamos do compromisso. É simplesmente o medo de não sermos capazes de cumprir nossa parte no trato. Talvez tenhamos assumido compromissos no passado e falhado em cumpri-los, como os votos de casamento ou uma promessa feita aos filhos. Pode até ter sido algo bem mais simples — o propósito de ser diligente na leitura devocional, por exemplo. Talvez até tenhamos encontrado na Bíblia o versículo que adverte: "É melhor não fazer voto do que fazer e não cumprir" (Eclesiastes 5.5). Como resultado, sentimos culpa no coração por haver quebrado o pacto.

Com relação a esse medo, é meu desejo expressar algumas palavras de graça e de misericórdia. Lembre-se de que até mesmo o grande apóstolo Pedro prometeu coisas acima de sua capacidade (João 13.36-38). Lembre-se também de que Deus conhece as intenções de nosso coração. Ele conhece nossas fraquezas. Em diversas ocasiões, nosso coração nos culpará por coisas pelas quais Deus não nos condena. Mais ainda, ele se agrada de nossa intenção de agradar-lhe. As promessas e compromissos de nosso coração têm seu valor. Deus está trabalhando nossa formação no

nível do desejo. Ele tem um meio de satisfazer nossos anseios mais profundos — afinal de contas, foi ele quem colocou esses anseios ali.

Alianças inspiradoras

"Aliança" é uma palavra bíblica. Com certeza, você tem conhecimento das alianças que Deus fez com Noé, Abraão, Moisés e Davi. Jesus, você deve estar lembrado, estabeleceu a "nova aliança" com seu sangue para perdão dos pecados.

O ponto principal de uma aliança é o compromisso — justamente aquilo pelo que nutrimos tanta aversão. Onde estaríamos, porém, se Deus não tivesse assumido, ele mesmo, o compromisso de abençoar o mundo por meio da descendência de Abraão? Onde estaríamos se Jesus tivesse recusado a missão de tirar os pecados do mundo? Onde estaríamos?

Quando fez aliança com Moisés, Deus prometeu libertar seu povo da terra do Egito, da casa da escravidão. Prometeu ser o Deus deles, protegê-los, guiá-los, abençoá-los. Havia também algumas cláusulas nesse pacto — que hoje chamamos de Dez Mandamentos. Eram a contrapartida do povo para a graça e a bondade irresistíveis de Deus; a promessa de viver em fidelidade e obediência, não um meio de obter o favor de Deus, e sim uma forma de expressar gratidão pela misericórdia divina.

A nova aliança que Jesus estabeleceu com seu sangue não exige menos. Ele escreveu sua lei não sobre tábuas de pedra, mas sobre as tábuas de carne do coração. Contemplamos a glória de Deus na face de Jesus Cristo, e o sacrifício do Calvário é o termo de compromisso de Deus. Ele fez uma aliança conosco. Entretanto, compromisso demanda compromisso. E como devemos corresponder? Estamos dispostos a oferecer em troca uma vida de obediência?

A ALIANÇA DA SANTA OBEDIÊNCIA

A primeira forma de corresponder à oferta do amor de Deus é pela aliança da santa obediência. Sem reservas, prometemos atender ao mais suave sussurro do Pai. Com total devoção e simplicidade, comprometemo-nos a obedecer à voz do verdadeiro Pastor. Thomas Kelly escreveu: "Existe um grau de santa e completa obediência, de alegre abnegação e de audição sensível que é empolgante".[2]

Sei que tudo isso parece assustadoramente absoluto e decisivo. Como vamos cumprir essas promessas? Bem, *nós* não podemos. A obediência é assunto de Deus, não nosso. Não seremos capazes de praticar uma única boa ação se Deus primeiro não nos der o desejo e a capacidade de realizá-la — mas esse é justamente o ponto. Deus está lhe dando esse desejo. Você não estaria lendo estas palavras se o desejo não estivesse borbulhando dentro de você. Além disso, ele jamais daria a alguém o desejo de fazer algo sem lhe dar também a capacidade de obedecer.

Acrescente-se ainda que a obediência não é um fardo pesado para carregar, como parece à primeira vista. Não estamos fazendo outra coisa senão mergulhando de cabeça no amor do eterno Amante de nossa alma. "Ó Amor que não me largas nunca!", exclama o compositor de hinos, George Matheson.[3] Estamos dando a única resposta possível ao invasivo, atraente e persuasivo chamado do eterno Amor.

Deus, como você pode perceber, corre para nós ao nosso primeiro sinal de sinceridade. Ele é o Cão de Caça do céu,[4] seguindo implacavelmente em nosso encalço. Ele põe em nosso interior

---

[2] *A Testament of Devotion* (New York: Harper & Row, 1941), p. 53.

[3] *Hymns for the Family of God*, hino 404.

[4] Referência a um poema do inglês *Francis Thompson* (1859-1907). Esse Cão de Caça obstinado representa Deus e sua insistência em manter um relacionamento conosco [N. do T.].

uma insaciável fome de Deus, que só pode ser satisfeita com o genuíno Pão da vida.

Em certos momentos, somos invadidos até o mais profundo de nosso ser pela irresistível experiência do amor de Deus. Certa vez, enquanto caminhava pelas ruas de Nova York, D. L. Moody sentiu-se tão dominado pela presença amorosa de Deus, que teve de correr até a casa de um amigo e isolar-se num quarto. Ali, durante duas horas, sucessivas ondas do arrebatador amor de Deus passaram sobre ele. Em outras ocasiões, experimentamos a visão de uma luz tão brilhante, que ficamos permanentemente cegos para qualquer disputa de lealdade. No centro de um desses sublimes momentos espirituais, Blaise Pascal escreveu uma única palavra: "Fogo!". Existe ainda a experiência de sermos visitados por uma paz indescritível, que nos faz levantar, caminhar, sentar e deitar em indizível adoração, submissão, admiração e glória.

Ao emergir desses períodos de comoção da alma e invasões amorosas, somos mudados para sempre. Oscilamos como a agulha da bússola na direção do centro magnético do Espírito. As boas ações costumeiras nunca mais serão satisfatórias. As meias medidas serão insuficientes. Seremos mortificados por um implacável padrão divino de obediência.

Descobri que essas experiências inebriantes com Deus são muito mais comuns do que em geral presumimos. Contudo, é possível que até agora você não tenha tido um encontro de causar comoção à alma. Tudo bem. Não há nada de errado com você. É possível experimentar o deslumbramento e tomar parte nas flamejantes visões por meio das biografias e diários dos santos e das maravilhosas histórias de cristãos anônimos, improváveis, comuns. Afinal de contas, essas experiências são permitidas para encorajamento de todo o povo de Deus, não de alguns poucos indivíduos.

Podemos também cultivar o hábito de ter a mente e o coração concentrados em Deus. Enquanto cuidamos dos afazeres do dia, interiormente nos mantemos próximos do Centro divino. A cada oportunidade, elevamos nossa mente à presença de Deus com petições e confissões silenciosas: "Misericórdia, Senhor!"; "Eu te amo, Jesus!"; "Mostra-me teu caminho neste dia". Mais ainda, vamos pousando a mente no coração, em silenciosa admiração, adoração e louvor.

Então passamos a obedecer a Deus em tudo o que podemos e em tudo o que sabemos. Vamos aprender a oração de Elizabeth Fry: "Oh, Senhor! Permite que eu seja cada vez mais individual, simples e totalmente obediente no teu serviço".[5]

Se falharmos — e *vamos* falhar —, devemos nos levantar e tentar ser obedientes de novo. Estamos formando o hábito da obediência, e todos os hábitos começam com deslizes, quedas e recomeços. Não aprendemos a andar ou tocar piano de um dia para o outro. Assim, não devemos nos culpar quando damos uma topada com o dedão ou tocamos uma nota errada. Não seria justo. De igual modo, não devemos nos culpar quando isso acontece na vida espiritual. No início, será como se *nós* estivéssemos fazendo o trabalho, como se a iniciativa fosse *nossa*, mas, com o tempo, veremos que é Deus quem inflama nosso coração com um desejo ardente pela pureza absoluta. A. W. Tozer escreveu: "Buscamos a Deus unicamente porque ele primeiro colocou um anseio em nós que nos impele a buscá-lo".[6]

Aqui reside a beleza disso tudo: a descoberta de Deus somente aprofunda e intensifica a busca. Sentimos o gostinho da obediência e logo queremos mais. "Provem, e vejam como o SENHOR é bom...", convida o salmista (Salmos 34.8). A experiência paradoxal dos filhos de coração ardente é que banquetear-se com Deus só

[5] *Friends of Jesus Community Newsletter* 1, nº. 5, dez. 1990.
[6] *The Pursuit of God*, p. 11.

faz aumentar o apetite por ele. Bernardo de Claraval expressa em verso esse vício santo:

> Nós te provamos, ó Pão vivo,
> E por muito tempo nos deleitamos em ti:
> Nós bebemos de ti, ó Manancial,
> E nossa alma anseia saciar-se em ti.[7]

Eis o que estou tentando dizer: a obediência tem meios de fortalecer mais que de exaurir nossos recursos. Se obedecermos numa pequena área, teremos poder para obedecer em qualquer lugar. Obediência produz obediência.

Espero que você saiba que estou falando de santa obediência no âmbito dos caóticos desencontros no lar, no escritório, na escola e no *shopping*. Aprendemos a obediência na paciência inabalável diante de crianças travessas. Aprendemos a obediência da absoluta benevolência para com as frustrações, os medos e a dor da esposa. Aprendemos a obediência de ficar em paz na expectativa de fatos que estão além de nosso controle. Essa é a aliança da santa obediência.

A ALIANÇA DE TEMPO

A oração de aliança não nos conduz apenas ao compromisso geral da santa obediência. Ela também nos conclama a resoluções menores. Richard Baxter aconselha-nos a buscar "o tempo mais adequado para orar, o lugar mais adequado para orar e o melhor preparo do coração" para orar.[8] Isso estabelece as regras da oração de aliança.

---

[7] Contemplation, *Service Book and Hymnal* (Minneapolis, MN: Augsburg; Board of Publication Lutheran Church in America, 1958), hino 483.

[8] *The Saint's Everlasting Rest* (London: Epworth, 1962), p. 146-52 [*O descanso eterno dos santos*, São Paulo: Shedd, s.d.].

A aliança de tempo significa o compromisso com uma experiência *regular* de oração. Em sua *Regra*, Bento de Núrsia insiste na regularidade da oração porque ele não desejava que seus seguidores esquecessem quem estava no comando. Os cristãos devotos estão sujeitos a um risco ocupacional: confundir sua obra com a obra de Deus. É muito fácil trocar "esta obra é importante" por "eu sou importante". Tendo profunda compreensão dessa realidade, Bento de Núrsia convocava seus seguidores para a oração a intervalos regulares durante o dia — bem no meio de uma tarefa aparentemente urgente e importante. Nós também descobriremos que o compromisso com a oração regular fará malograr tanto nossa presunção quanto os ardis do Diabo.

O que é regular, então? Dependerá de você: sua personalidade, suas necessidades. Pelo antigo padrão hebreu, significava orar três vezes ao dia — de manhã, à tarde e à noite. Pedro e João encontraram o aleijado porque estavam indo ao templo "na hora da oração", às três horas da tarde (Atos 3.1). (Sei de um grupo na Índia que possui um carrilhão que toca às dez da manhã e às três da tarde, avisando que é hora de todos pararem o que estão fazendo e se concentrarem nas necessidades da comunidade em silenciosa oração.) Muitos já descobriram seu momento mais produtivo — quase sempre de manhã cedo. "De manhã, SENHOR, ouves a minha voz...", declara o salmista (Salmos 5.3, *ARA*).

Devemos ser cuidadosos aqui, a fim de não depositarmos um fardo impossível de carregar sobre ninguém. A vida no campo tende a funcionar em torno de um ciclo diário, enquanto a vida urbana é orientada por um ciclo semanal. No campo, há pequenas tarefas a ser realizadas pela manhã e à tarde, como ordenhar as vacas e alimentar as galinhas. A disciplina da oração diária faz muito sentido nesse contexto. Já na vida urbana, as coisas vão nos empurrando para a sexta-feira — "Graças a Deus que é sexta-

-feira",[9] costumamos dizer —, e os finais de semana são muito mais discricionários. Nesse contexto, parece fazer mais sentido organizar a vida de oração em torno de um padrão semanal. Em vez de se sentir culpado por não conseguir manter um período diário de oração, talvez seja melhor você dedicar as manhãs de sábado, por exemplo, para experiências mais abrangentes de oração e leitura devocional.

A respeito desse assunto, desejo dar alguns conselhos aos pais de filhos pequenos. Um bebê exige imensos cuidados — muito mais do que você possa estar pensando agora —, especialmente se você for pai solteiro ou mãe solteira. As interrupções não têm fim. Você também não dorme direito porque precisa estar alerta quando ele chorar. É fundamental reconhecer esse fato e ser mais complacente consigo mesmo. Essa fase passará — mais rápido do que você imagina. Em vez de ficar procurando um ambiente ideal de isolamento, que você jamais vai encontrar, descubra a presença de Deus nos momentos em que estiver com seu bebê. Deus se tornará real para você por meio dessa criança. O momento de brincar com seu filho *é* sua hora de oração. Você pode orar quando for alimentá-lo — isso vale principalmente para as lactantes —, cantarolando orações diante do Senhor. Em poucos meses, você terá condições de retornar a um padrão mais regular de oração.

Uma vez que fazemos tão generosas concessões por questões pessoais e diferenças de horário, devemos ser firmes em disciplinar a nós mesmos para estabelecer um padrão de oração. Não podemos presumir que esse tempo se abrirá diante de nós como num passe de mágica. Jamais *teremos* tempo para orar: devemos *criar* esse tempo. Nessa questão, temos de ser implacáveis com nossas racionalizações. Jamais justifiquemos, por exemplo, nossa falta de oração com a desculpa de que estamos sempre "orando em

[9] Em inglês, TGIF — "Thank God it's Friday" [N. do T.].

espírito". John Dalrymple observa, com muito acerto: "A verdade é que só aprendemos a orar o tempo todo e em todo lugar depois que resolutamente dedicamos à oração um pouco de tempo em algum lugar".[10]

Assumir responsabilidade com outros cristãos ajuda bastante. Costumo me reunir semanalmente com um grupo, e nessas reuniões cada um de nós responde a diversas perguntas. A primeira pode ser: "Que experiências com oração e meditação você teve esta semana, e o que pretende fazer na semana que vem?".

Decisões simples e práticas ajudam a manter nossa aliança. Gosto de anotar cada período de oração num caderno de espiral que sempre trago comigo. Quando estou viajando, costumo aproveitar o primeiro trecho do percurso para adoração, oração e meditação. Houve um inverno em que reservei em minha agenda de trabalho o horário das três horas. Eu me ausentava do escritório por uma hora: dirigia cinco minutos até um zoológico próximo e, com a Bíblia e meu diário na mão, sentava-me num banco e ali passava cinquenta minutos numa agradável floresta tropical. Sei que a maior parte das pessoas não dispõe de flexibilidade de tempo no trabalho, mas, se quisermos pôr em prática essa ideia, devemos reservar um tempo para nós mesmos.

Creio que você sabe que não somos obrigados a atender ao telefone ou à porta nessas ocasiões. Anthony Bloom conta-nos que seu pai fixou o seguinte aviso na porta de casa: "Não se dê ao trabalho de bater. Estou em casa, mas não vou atender à porta".[11] Eu não seria capaz de fazer isso, mas de vez em quando penduro uma tabuleta na porta de minha sala que todos entendem: "Em conferência com o Chefe".

Estou certo disto: sempre haverá alguma coisa tentando afastá-lo dessa hora sagrada. O telefone tocará. A caneta falhará.

---

[10] *Simple Prayer*, p. 47.

[11] *Beginning to Pray*, p. 86.

Alguém baterá à porta. De repente, algo que você deixou inacabado há anos terá de ser concluído com urgência. Numa fração de segundo, você terá de decidir sozinho se permanecerá em seu santuário interior ou se abandonará o santo lugar, cedendo à tirania da urgência.

A aliança de lugar

A aliança de tempo convida-nos à constância, enquanto a aliança de lugar nos conclama à estabilidade. Bento de Núrsia viu tantos profetas itinerantes sem nenhuma espécie de responsabilidade, que fez do voto de estabilidade um dos pilares de sua *Regra*. Nós também precisamos estar ancorados em algum lugar.

A aliança de lugar concede-nos a dádiva da concentração. Em meus primeiros tempos de convertido, eu costumava ir todas as manhãs para trás da garagem e ficava sentado sobre um muro de concreto, com os pés apoiados nas latas de lixo e a Bíblia na mão. Aquilo era solo sagrado para mim. Nos dias em que o frio me impedia de ficar lá fora, eu literalmente me escondia num armário em nosso pequeno dúplex no Novo México. Ali encontrava escuridão e silêncio, e ambos ensinavam-me a me concentrar. Insisto em que você também encontre um lugar de concentração — um sótão, um jardim, um quarto pouco usado, um ático ou mesmo uma poltrona preferida —, um local afastado da rotina diária e livre de distrações. Permita que esse local se torne sua "tenda do encontro". Thomas Merton escreveu:

> Minha maior alegria é escapar para o ático do jardim lá de casa e espiar pela pequena vidraça quebrada que olha para o vale. Amo o silêncio da grama verde. O movimento tortuoso das macieiras tornou-se parte de minha oração. [...] Amo ainda mais essa solitude quando caminho pela estrada até os velhos celeiros que se erguem solitários, afastados das edificações mais recentes.

> O prazer começa a me dominar da cabeça aos pés, e a paz me invade serena até a medula dos ossos.[12]

A aliança de lugar inclui um compromisso com a comunidade. Somos parte de um povo; identificamo-nos com ele e estamos comprometidos com ele. Alguns têm seu mentor espiritual, alguém que está em sintonia com eles na caminhada com Deus. Outros se reúnem em pequenos grupos — uma igreja dentro de outra — dividindo responsabilidades e sustentando-se mutuamente.

Lembre-se, no entanto, de que a comunidade é uma dádiva. Não podemos simplesmente fazê-la acontecer por meio de arranjos logísticos. Em ocasiões especiais e em determinados lugares, até podemos viver sem essa graça. Nossa aliança, todavia, prevê sua existência, procura sempre torná-la visível e promove seu desenvolvimento.

A ALIANÇA DE PREPARO DO CORAÇÃO

Precisamos ter "o melhor preparo do coração", diz Richard Baxter. Qualquer um sabe que a linguagem corporal revela nossos sentimentos mais íntimos. Baxter estimulava o povo a buscar a Deus de maneira desinibida, de modo que os mais profundos sentimentos pudessem vir à tona. Podemos correr, saltar, pular, ficar parados, ajoelhar e prostrar-nos no chão. Podemos fechar os olhos em sinal de reverência ou olhar para cima em atitude de louvor e devoção. Podemos erguer as mãos, bater palmas ou ficar de mãos postas. Podemos chorar, rir, cantar, gritar. Podemos utilizar trombetas, alaúdes, harpas, tamborins, instrumentos de corda, flautas e címbalos sonoros. Podemos nos ajoelhar em silenciosa contemplação e adoração.

---

[12] *The Sign of Jonas* (New York: Harcourt & Brace, 1953), p. 288.

Podemos também preparar o coração pelo cultivo da "santa expectativa". Com os olhos da mente, passamos do pátio externo para o pátio interno. O véu é retirado de nossos olhos, e entramos no Santo dos Santos. O ambiente fica saturado de expectativa. Ouvimos em total silêncio a *Kol Yahweh*, a voz do Senhor.

Outro meio de preparar o coração para entrar na atemorizante presença de Deus é a disciplina da língua. É muito mais apropriado chegar em absoluto silêncio à presença do Santo da eternidade que correr para sua presença com o coração e a mente arrevesados e a boca cheia de palavras. As Escrituras admoestam: "O SENHOR [...] está em seu santo templo; diante dele fique em silêncio toda a terra" (Habacuque 2.20).

Alguns preparativos em particular podem ser de grande ajuda. O Saltério é o livro de oração da Igreja, e não raro minha oração pessoal é precedida da leitura reverente de um salmo. A tradição de minha igreja é decididamente não litúrgica, razão pela qual em determinados momentos utilizo algum dos consagrados livros de liturgia como auxílio na oração particular. Há ocasiões em que é John Baillie quem lavra meu coração com seu famoso *Diary of Private Prayer* [Diário da oração em secreto], ou então me volto para as menos conhecidas *Doctor Johnson's Prayers* [Orações do dr. Johnson]. Outras vezes, escrevo as minhas orações e leio-as orando, como um ritual diário e pessoal de preparação do coração.

A preparação de nosso pequeno santuário particular pode induzir nosso coração a adorar. Tenho um amigo que acende uma vela em seu pequeno estúdio sempre que vai orar. Flores frescas podem deleitar a vista e o olfato. Gosto de ter uma xícara de café na mão sempre que oro pela manhã.

Sei que você tem métodos próprios de preparação. A ideia é utilizar todos os meios disponíveis que conduzam à doxologia tudo o que existe em nosso interior: "Bendiga o SENHOR a minha alma! Bendiga o Senhor todo o meu ser!" (Salmos 103.1).

Como nos lembra Richard Baxter, a recompensa bem vale o esforço: "Não há ninguém na face da terra que viva uma vida tão alegre e abençoada quanto os que estão acostumados com essa conversação celestial".[13]

A oração para encontro

Costumamos pensar num encontro como algo combinado por amantes. Muito apropriado. A oração para encontro é nosso encontro especial com Deus. Podemos nos sentir à vontade porque estamos entrando no verdadeiro lar do nosso coração. Antes disso, nosso Amante eterno já nos seduziu com expectativa e prazer. Não é difícil comparecer regularmente a esses encontros, pois a linguagem dos amantes é a linguagem do esbanjamento. Ficamos felizes em gastar nosso tempo com Deus, porque sua companhia muito nos agrada.

Bendito Salvador, tenho experimentado avanços e retrocessos no altar do compromisso. Desejo realmente adquirir o hábito da oração. Pelo menos, é o que desejo agora. Não estou certo se é o que desejarei daqui a duas semanas. Sei que sem uma forma de comunhão consistente contigo jamais chegarei a conhecer a santa obediência. Assim, da melhor maneira que me é possível, prometo estabelecer um horário regular para oração, meditação e leitura devocional. Dá-me forças para cumprir minha parte neste pacto. Ajuda-me a encontrar prazer na tua presença, de modo que eu queira retornar muitas vezes.

Em teu nome e para tua glória, firmo contigo esta aliança. Amém.

[13] *The Saint's Everlasting Rest*, p. 152.

Parte II
Movimento
para cima

Buscando a intimidade
de que necessitamos

Somos exilados e estrangeiros até que nos chegamos a Deus, o verdadeiro lar do nosso coração. O orgulho e o medo nos mantinham a distância. Entretanto, à medida que a resistência em nosso interior foi sendo quebrada pela operação da fé, da esperança e do amor, começamos a caminhar em direção à divina intimidade. Em contrapartida, recebemos poder para ministrar aos outros.

Leon Tolstói conta a história de três eremitas que viviam numa ilha. Sua oração de intimidade e amor era tão simples quanto eles: "Nós somos três; tu és três. Tem misericórdia de nós. Amém". Milagres às vezes aconteciam quando eles oravam dessa maneira.

Ouvindo falar daqueles eremitas, um bispo concluiu que eles precisavam aprender algo mais sobre oração e foi visitá-los na pequena ilha. Depois de instruir os monges, içou as velas e começou a viagem de volta para o continente, satisfeito por haver trazido luz à alma daqueles homens simples.

De repente, olhou na direção da popa do barco e viu uma enorme esfera luminosa deslizando no oceano. Ela foi se aproximando cada vez mais, até que ele percebeu que eram os três eremitas correndo sobre as águas. Depois que subiram a bordo, disseram ao bispo:

— Desculpe, mas já nos esquecemos de algumas coisas que o senhor ensinou. Poderia, por favor, nos ensinar de novo?

O bispo sacudiu a cabeça e replicou mansamente:

— Esqueçam tudo o que eu ensinei e continuem a orar como antes.

OITO

A ORAÇÃO DE ADORAÇÃO

Na escola da adoração, a alma aprende por que razão fica tão inquieta ao se aproximar de um novo objetivo.

— DOUGLAS STEERE

A oração é a *resposta* humana ao contínuo derramamento de amor pelo qual Deus forma um cerco em torno de cada alma. Quando nossa resposta a Deus é dada da mais direta forma, chamamos a isso "adoração". Adoração é o anseio espontâneo do coração por adorar, honrar, magnificar e bendizer a Deus.

Em certo sentido, a adoração não é uma forma especial de oração, pois toda oração verdadeira está saturada de adoração. Ela é o ar que a oração respira, o mar em que a oração navega. Em outro sentido, todavia, a adoração *é* distinta de outras formas de oração, pois na adoração adentramos a atmosfera rarefeita da devoção abnegada. Não pedimos nada, apenas expressamos nossa admiração por Deus. Não buscamos nada, a não ser sua exaltação. Não nos concentramos em nada, a não ser em sua

bondade. "Na oração de adoração, amamos a Deus por ser quem ele é, por seu verdadeiro ser, por sua radiante alegria."[1]

Aventura na adoração

Participo todos os anos de um encontro de escritores — um grupo pequeno porém animado. O espírito corporativo e o tête-à-tête garantem a diversão. Houve um ano em que o encontro se deu num recanto próximo da fronteira com o Canadá. Estranhamente, logo me senti pouco à vontade com os gracejos inteligentes de meus colegas. Eu não conseguia entender a razão de meu retraimento. "Estou cansado da viagem", racionalizei, "e meu espírito está triste, oprimido pela dor e pela tristeza de muitos. Talvez um pouco de solitude resolva o problema". Lá no íntimo, contudo, eu sentia a necessidade de algo mais que solitude... mas o quê?

No dia seguinte, o início da tarde era livre, e a parte final estava reservada para leituras opcionais — o momento perfeito para ficar sozinho. Após o almoço, empreendi uma caminhada solitária pelas proximidades de um belíssimo lago e me emocionei com as infinitas nuanças de verde e azul. Em seguida, dirigi-me à cidade perto dali e fiquei passeando pelas lojas — o anonimato permitiu-me a solitude no meio de um grande número de pessoas.

Na hora de retornar para as leituras, eu ainda tinha a sensação de que a obra que precisava ser feita em meu interior não estava completa. No caminho de volta, avistei uma placa meio escondida que indicava uma queda d'água nas proximidades. Tomei um caminho que atravessava uma luxuriante floresta até chegar à cachoeira. O Sol aparecia e desaparecia entre as árvores, num alegre jogo de esconde-esconde, enquanto eu explorava a área.

---

[1] Douglas V. Steere, *Prayer and Worship* (New York: Edward W. Hazen Foundation, distribuído por Association Press, 1938), p. 34.

Segui a correnteza do rio por cerca de uma hora, até que me achei fora de todas as trilhas normais e bem longe dos turistas e caminhantes. Comecei a andar junto das pedras e sobre árvores caídas até deparar com uma enorme saliência de rocha que avançava para o rio e tinha a forma de ferradura. Com muita dificuldade, escalei o enorme bloco de granito e por algum tempo deleitei-me com a beleza do cânion acima de mim e das corredeiras lá embaixo.

O que aconteceu em seguida é difícil expressar em palavras. Sabendo que o ruído das águas do rio abafaria o meu grito mais poderoso, senti-me livre para soltar a voz em ação de graças e louvor a Deus. Um espírito de adoração brotou de meu interior, e comecei a dançar como que acompanhando o ritmo de um percussionista celestial e cantando palavras que eu não conseguia entender. Cantei com a mente também — hinos e salmos que emergiam de memórias longínquas e canções que cascateavam em esplendoroso improviso. Eu transbordava de gratidão por coisas grandes e pequenas. Os louvores juntavam-se ao rio em jubilosa exaltação. Sentia-me como se tivesse sido convidado, a despeito de minha insignificância, para um contínuo peã de louvor que ascendia diante do trono de Deus.

De início, foi tudo pura efervescência, mas aos poucos a exuberância foi cedendo lugar a um sussurro: "Santo! Santo! Santo!". A adoração tornou-se mais profunda, mais prolífera. Eu começara bendizendo o nome de Deus, mas agora me limitava a murmurá-lo. A exaltação foi imersa na adoração.

Os suaves sussurros de adoração continuaram por algum tempo. Então um audível silêncio desceu sobre mim, concedendo-me as instruções necessárias para os dias que eu teria pela frente. A essa altura, as sombras alongadas do cânion indicavam o fim do dia. Em completo silêncio, fiz meu caminho de volta rio acima, saturado de reverente temor e de adoração. Aquela quietude interior permaneceu comigo vários dias. Naquela noite, não experimentei

nenhum êxtase, no sentido clássico do termo, mas pude oferecer aquela adoração em amor, que cura nossas tristezas e nos aproxima do coração do Pai.

As duas faces da adoração

Existem dois lados na oração de adoração: ação de graças e louvor. A distinção comum entre essas duas experiências é a seguinte: na ação de graças, damos glória a Deus pelo que ele *tem feito por nós*; no louvor, damos glória a Deus pelo que ele *é em si mesmo*.

Tal distinção é válida, mas não devemos lhe dar ênfase exagerada. Na prática, ambas se entrelaçam, tornando-se parte de um todo orgânico. Os autores sagrados usam ambas as palavras de modo intercambiável e sempre uma após a outra: "Eu te darei graças na grande assembleia; no meio da grande multidão te louvarei" (Salmos 35.18). A adoração e o louvor espraiam-se na experiência de toda verdadeira adoração.

O mundo do Antigo Testamento está impregnado com a linguagem de ação de graças. Nos tempos da monarquia, o rei Davi escolhia alguns sacerdotes, cuja tarefa era ministrar diante da arca da aliança; contudo com uma comissão singular: "... fazendo petições, dando graças e louvando o SENHOR, o Deus de Israel". Ele indicava determinados cantores que não faziam outra coisa senão "[louvar] o SENHOR com salmos de gratidão" (1Crônicas 16.4-36). Havia também as "ofertas de gratidão", que eram uma característica essencial na adoração do antigo Israel (Levítico 7.12ss).

É difícil encontrar uma página no Saltério que não contenha a retórica de ação de graças: "Deem graças ao SENHOR porque ele é bom; o seu amor dura para sempre" (Salmos 106.1); "SENHOR, quero dar-te graças de todo o coração e falar de todas as tuas maravilhas" (Salmos 9.1); "... SENHOR, meu Deus, eu te darei graças para sempre" (Salmos 30.12). A ladainha é ininterrupta, ação de graças sobre ação de graças.

Jesus foi o exemplo definitivo de gratidão. A marca registrada de sua vida era a oração: "... Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra..." (Lucas 10.21). Paulo também conhecia o espírito de gratidão: "... sou grato a meu Deus, mediante Jesus Cristo, por todos vocês..." (Romanos 1.8). É notório ainda o testemunho bíblico, que, a uma voz, insiste em que devemos "[dar] graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Efésios 5.20).

Neste ponto, podemos traçar uma linha divisória, situando o louvor num plano mais alto que a ação de graças. Em sua obra clássica intitulada simplesmente *Prayer* [Oração], Ole Hallesby observa: "Quando dou graças, meus pensamentos giram em torno de mim mesmo, até certo ponto. Já no louvor, minha alma ascende à abnegada adoração, contemplando e louvando apenas a majestade e o poder de Deus, sua graça e sua redenção".[2]

A Bíblia está repleta de louvor. A antiga legislação nos surpreende com suas palavras incisivas: "Seja ele o motivo do seu louvor, pois ele é o seu Deus..." (Deuteronômio 10.21). O livro de Salmos reverbera o burburinho do louvor: "Aleluia! Louve, ó minha alma o SENHOR. Louvarei o SENHOR por toda a minha vida; cantarei louvores ao meu Deus enquanto eu viver" (Salmos 146.1,2); "Bendirei o SENHOR o tempo todo! Os meus lábios sempre o louvarão" (Salmos 34.1); "... vós que temeis o SENHOR, louvai-o..." (Salmos 22.23, *ARA*); "[O SENHOR] pôs um novo cântico na minha boca, um hino de louvor ao nosso Deus..." (Salmos 40.3).

O autor de Hebreus insiste em que "ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, que é fruto de lábios que confessam o seu nome" (Hebreus 13.15). O autor de Apocalipse assegura-nos de que o louvor é uma instituição séria no céu: "... olhei e ouvi a voz de muitos anjos, milhares de milhares e milhões de milhões.

[2] (Trad. Clarence J. Carlsen, Minneapolis, MN: Augsburg, 1959), p. 141.

Eles rodeavam o trono, bem como os seres viventes e os anciãos, e cantavam em alta voz: 'Digno é o Cordeiro que foi morto de receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor!' " (Apocalipse 5.11,12).

A bendição é jubiloso louvor, e o louvor chega ao seu nível mais elevado. Exclama o salmista: "Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome" (Salmos 103.1, *ARA*). Lucas encerra seu evangelho com encantadoras palavras de bênção: "E [os discípulos] permaneciam constantemente no templo, louvando a Deus" (Lucas 24.53). Quando somos levados a experiências interiores de adoração a Deus, nossa alma é arrebatada em exaltação.

Quem poderá questionar o valor dessas atividades gêmeas do coração e da mente? Juntas, elas nos ajudam a interpretar o significado da adoração. Que nosso coração se anime. Que nossa mente seja rejuvenescida. Que possamos alegremente nos juntar ao cortejo que se dirige às colinas de Sião: "Entrem por suas portas com ações de graças, e em seus átrios, com louvor; deem-lhe graças e bendigam o seu nome" (Salmos 100.4).

LÁGRIMAS NOS OLHOS DE DEUS

Se pudéssemos tão somente contemplar o coração do Pai, seríamos com muito mais frequência inspirados a louvar e dar graças. Muitas vezes, somos levados a pensar que Deus é tão majestoso e superior, que nossa adoração não faz nenhuma diferença para ele. De fato, a autossuficiência de Deus é uma importante doutrina, mas cabe aqui lembrar as palavras de Agostinho: "Deus tem sede de estar sedento".[3]

Nosso Deus não é feito de pedra. Seu coração é o mais sensível e terno que existe. Nenhum gesto passará despercebido, nenhuma

[3] Apud Clare VINCENT, *The Life of Prayer and the Way to God*, p. 25.

causa será considerada pequena ou sem importância. Um copo de água fria é o bastante para lhe encher os olhos de lágrimas. Da mesma forma que a mãe orgulhosa se emociona ao receber um buquê de dentes-de-leão murchos do filho, Deus celebra nossas débeis expressões de gratidão.

Pense nos dez leprosos curados por Jesus. Apenas um retornou para dar graças — e era um samaritano! Como Jesus ficou comovido com aquele único homem e como ficou triste pelos outros nove! Pense na mulher que banhou os pés do Mestre com lágrimas de gratidão. Como ele se mostrou enternecido com aquela devoção simples! Pense na mulher que ungiu a cabeça de Jesus com um perfume muito caro. Como ele ficou emocionado com aquele ato generoso de adoração! E quanto a nós? Teríamos a mesma ousadia? O coração de Deus se alegra quando seguramos aquelas mãos perfuradas e dizemos com simplicidade, mas de coração: "Obrigado! Bendito sejas! Eu te louvo!".

Obstáculos à adoração

C. S. Lewis identifica vários fatores que atrapalham nossa adoração.[4] O primeiro obstáculo é a desatenção. Somos capturados com muita facilidade pelo redemoinho da vida e perdemos as propostas do divino Amor — e não estamos falando apenas de estar preso a uma competição desenfreada por adquirir mais e mais coisas. São as demandas legítimas da casa, da família, da escola e do trabalho que conspiram para embaraçar nossa vida. Parece que temos a obrigação de crescer durante a noite, como na história de João e o pé de feijão. Não podemos adorar quando não enxergamos nada.

[4] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 90. Estou em dívida com C. S. Lewis por esses quatro pontos.

O segundo obstáculo é o tipo errado de atenção. Contemplamos o pôr do sol e somos conduzidos ao exame mais que à doxologia. As frustrações acontecem, e só pensamos nelas: "Ignoramos o aroma da Deidade".[5]

Numa noite de verão muito quente, eu estava dirigindo um culto de adoração numa casa. As portas estavam abertas, na esperança de uma brisa. Em determinado momento da reunião, convidei os presentes a "esperar no Senhor" em respeitoso silêncio. A quietude, no entanto, logo foi interrompida pelo gato da casa, que começou a arranhar a tela da porta, querendo entrar. Por mais que eu tentasse ignorar o animal, só pensava nele. Orei então para que Deus fizesse alguma coisa: mandasse o gato embora ou abrisse a porta como num passe de mágica, além de outras soluções mais drásticas, que acho melhor não mencionar, caso você tenha muito apego aos bichanos. (Estranhamente, não me ocorreu levantar e colocar o gato para dentro de casa!)

Mais tarde, na mesma noite, alguém mencionou o gato, e todos admitiram que o animal conseguira distraí-los de sua concentração em Deus. Bem, todos menos Bill — um missionário aposentado cheio de sabedoria e do Espírito Santo. Bill sentou-se pensativo, sem dizer uma palavra.

— Bill, em que você está pensando? — inquiri.

— Oh! — exclamou. — Estava pensando se Deus não queria dizer alguma coisa por meio do gato.

Até hoje, tanto quanto estou informado, nenhum de nós conseguiu decifrar a "mensagem" do gato arranhando a tela... exceto isto: eu olhei para o gato por distração; Bill olhou para o gato à procura de uma mensagem — que bem poderia ser uma "mensagem" suficiente para alguém por uma noite.

---

[5] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 90.

O terceiro obstáculo à adoração é a ganância. "Em vez de declarar: 'Isto também é teu', alguém pode dizer a palavra fatal: *bis*."[6] Uma razão de nossa obsessão por mais, mais e mais destruir nossa capacidade de adorar é que ela nos afasta da reflexão. Demorar-se em admirar uma rosa ou em meditar numa frase das Escrituras — cheirando, provando, mastigando, bebendo e tudo mais — são coisas próprias da adoração. Quando pedimos bis, estamos pedindo mais do que Deus pretendia nos dar. Em vez de simplesmente desfrutar o que é bom, queremos mais coisas boas — quer as aproveitemos, quer não. Permita-me abusar de um dito antigo: bastam a cada dia os seus prazeres.

C. S. Lewis menciona mais um obstáculo: orgulho. Com muita facilidade, os que descobrem a Deus em serviço ativo se tornam presunçosos por causa disso. Ficam espantados quando encontram outros vendo o céu apenas em preto-e-branco, enquanto eles "se deleitam observando finuras de pérolas, de pombas e de prata".[7] Os que ensinam são especialmente propensos a essa tentação. "Você ainda não entendeu?!", lastimam. "Mas está bem diante do seu nariz!" A verdade é que os professores já estudaram e refletiram sobre essa realidade uns quinze anos, enquanto seus alunos só agora depararam com ela. Quando o orgulho predomina, a pessoa pensa apenas em como é fenomenal. Por essa razão, rompem-se as cordas da adoração.

Alpondras

A oração de adoração deve ser aprendida, pois não acontece automaticamente. Veja nossos filhos. Eles não precisam ser treinados para pedir as coisas. Para ter a prova empírica disso, basta levá-los para dar uma volta no *shopping* ou no supermercado. Expressar

[6] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 90.
[7] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 90.

gratidão? Isso já é outra história. É preciso muito empenho para cultivar nas crianças o hábito de agradecer.

O mesmo acontece conosco. Ação de graças, louvor, adoração — raramente são as primeiras palavras que nos vêm à mente ou saem de nossos lábios. Precisamos de toda ajuda possível para alcançar um nível de adoração mais profundo e completo. Espero que as alpondras a seguir o ajudem a marcar o caminho.

Queremos começar justamente de onde nos encontramos: os recessos e as brechas no muro da vida, as frustrações e os medos do cotidiano. Quando estamos cheios de tristeza, porém, é difícil contar as muitas bênçãos ou recitar os gloriosos atributos de Deus. Não aprendemos a adoração na grande escala cósmica concentrando-nos no grande e no cósmico, pelo menos não no princípio. Começar dessa maneira nos deixa arrasados.

Não, devemos começar com simplicidade. Aprendemos sobre a bondade de Deus não por contemplar a bondade de Deus, mas sim observando uma borboleta. Este é o meu conselho: comece a prestar atenção às pequenas criaturas que rastejam pela terra. Não tente estudá-las nem analisá-las. Apenas observe os passarinhos, os coelhos e os patos. Não avalie, apenas observe.

Dirija-se a um riacho e jogue um pouco de água no rosto. Nesse momento, não tente resolver todos os problemas da poluição e do ecossistema; apenas sinta a água. E o mais importante: não tente encontrar Deus na água ou se mostrar grato por ela. Apenas permita que ela lhe refresque a pele. Depois, sente-se e escute o som do riacho. Observe os galhos da árvore balançando. Veja como as folhas flutuam na brisa — perceba o formato, as cores, a textura. Ouça a sinfonia do roçar das folhas, da corrida dos pequenos animais e do gorjeio dos pássaros. Lembre-se: não estou pedindo para você analisar, mas apenas observar.

Se fizermos essas coisas com certa regularidade, com o tempo, passaremos a *experimentar* os prazeres, em vez de somente examiná-los.

O que isso faz conosco é maravilhoso. Primeiro somos conduzidos a esses pequenos prazeres e depois para o Criador desses prazeres. Afinal, os verdadeiros prazeres são "raios de glória", para usar a expressão de C. S. Lewis. Quando isso acontece, ação de graças, louvor e adoração fluirão naturalmente, a seu tempo: "Experimentar a mínima teofania é adoração em si".[8]

É aqui que começamos, mas não é aqui que terminamos. Outra alpondra que deve ser colocada à beira do rio de nosso narcisismo é o que Sue Monk Kidd chama de "centro de gratidão".[9] Cada um de nós possui esse centro — um tempo e um lugar em que nos libertamos de todas as amarras, da pressão, da desaprovação e da discordância.

Permita-me descrever para você meu centro de gratidão. Eu tinha sete anos de idade, e meus pais estavam tentando mudar-se para a Costa Oeste. Uma relativa pobreza, contudo, nos alcançou, e tivemos de passar o inverno na cabana de um tio nas montanhas Rochosas. Foi um tempo difícil para meus pais, tenho certeza, mas para mim foi a glória. Para um menino da cidade, cair no meio de um paraíso de pinheirais, quartzo róseo e córregos... bem, *paraíso* ainda é pouco. Até a natureza rústica da cabana — luz de velas, aquecimento com lareira, vaso sanitário fora de casa — aumentava a aventura.

Eu e meus irmãos conquistamos uma fortaleza de granito, encontrando ali pontas de lança e esconderijos secretos. Quando a neve do inverno chegou, "acompanhamos" o almirante Byrd numa expedição congelada. Para o Natal, ajudei minha mãe a pintar pinhas de prateado.

Contudo, minha lembrança mais forte é a da lareira. (Eu nunca havia ficado junto a uma lareira. Até então, nosso aquecimento vinha de uma caldeira de carvão em nossa casa no Nebraska.) Toda noite, eu saía da cama enrolado no acolchoado, com a cabeça a

[8] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 89-90.

[9] *God's Joyful Surprise* (San Francisco: Harper & Row, 1987), p. 200.

menos de três metros dos estalos do fogo. Noite após noite, eu dormia observando a estranha labareda amarela que nos aquecia. Eu estava no meu centro de gratidão.

Ainda hoje, posso retornar a esse centro por meio da maravilhosa capacidade da memória e ali experimentar a ação de graças e a gratidão ao Deus que nos concede todo bom presente. Não estou tentando escapar das dificuldades da vida moderna, mas estou me dando um ponto de referência para encarar essas dificuldades.

Tenho certeza de que você também possui esse centro. Recolha-se a ele em pensamento sempre que puder e, estando lá, permita que a ação de graças flua.

Experiências assim nos ajudam a alcançar a próxima alpondra: a prática da gratidão. Agora podemos desenvolver o hábito de dar graças pelos simples dons que vêm a nós diariamente. Carolynn e eu acabamos de alimentar os gansos que de vez em quando visitam o lago atrás de nossa casa. Isso é motivo de gratidão. Estou feliz pelo ar mais frio de hoje que marca o fim do verão e agradeço pelo maravilhoso pinheiro simétrico que aparece na janela de meu escritório. Comida, casa, roupas, a vida em si — por tudo isso e muito mais praticamos a gratidão. Tente viver um dia inteiro em ação de graças. Compense cada queixa com dez expressões de gratidão, e cada crítica com dez palavras de gratidão. Se *praticarmos* a gratidão, chegará o tempo em que não diremos mais " 'por favor', e sim 'obrigada' ", escreveu Annie Dillard.[10]

Agora estamos prontos para saltar para uma alpondra que não podia ser colocada no início: magnificar a Deus. Para magnificar algo ou alguém, você faz com que ele pareça maior, aumentando a proporção. Falar sobre nós ou sobre nossas atividades em maior proporção é perigoso, mas quando magnificamos a Deus estamos

[10] *Pilgrim at Tinker Creek* (New York: Bantam Books/Harper's Magazine Press, 1974), p. 278.

em terreno seguro. Não só podemos falar muito sobre a bondade e o amor de Deus, como ainda o que de mais grandioso pudermos pensar sobre ele estará muito aquém da realidade.

A maneira mais fácil de começar a magnificar a Deus é usar o Saltério. Em quase todos os salmos, encontraremos uma passagem que nos ajudará a louvar a Deus. O salmista diz: "Proclamem a grandeza do SENHOR comigo; juntos exaltemos o seu nome" (Salmos 34.3). Com isso, estamos fazendo das palavras do salmista nossas palavras.

Com o tempo, as palavras não serão apenas nossas, mas também nos conduzirão a outras palavras. Poderemos começar com expressões de compromisso, que nos levarão a conhecimento, apreciação, gratidão, ação de graça, louvor e adoração.[11]

A música é uma ajuda maravilhosa nisso tudo. O louvor musical é muito presente hoje em dia e pode fazer adorar até corações tristes. Podemos participar alegremente dessas canções, mesmo que tenhamos pouco talento musical. Em casa ou no carro, apenas Deus nos escuta — e tem prazer nisso.

A última alpondra que desejo mencionar é a celebração alegre, animada. Batemos palmas, rimos, gritamos, cantamos, dançamos. A celebração é melhor quando feita em grupo; mesmo quando parecemos sozinhos não estamos de fato sós, pois um coro de anjos, arcanjos e seres viventes nos acompanha. A exemplo de Miriã, dançamos e cantamos ao Senhor, pois ele triunfou gloriosamente e lançou no mar o cavalo e seu cavaleiro (Êxodo 15). A exemplo de Maria, nossa alma glorifica ao Senhor e nosso espírito se alegra em Deus, nosso Salvador (Lucas 1).

Bem, percorremos um longo caminho em nossa reflexão sobre a adoração. Começamos com passos de bebê, o que C. S.

[11] V. Glenn CLARCK, *I Will Lift Up Mine Eyes* (New York: Harper & Brothers, 1937), p. 107.

Lewis chama "adoração em infinitesimais";[12] contudo no tempo de Deus seremos irresistivelmente guiados para a adoração a ele, que é eterno, imortal, invisível, o Deus único (1Timóteo 1.17). Richard Baxter nos alerta: "Permaneça no trabalho angelical da oração. Assim como os espíritos mais celestiais terão o emprego mais celestial, quanto mais celestial o emprego, mais celestial será o espírito".[13]



Ó, exaltado e glorioso Deus, como é grande o meu dilema! Em tua terrível presença, o silêncio parece melhor. Se eu ficar calado, as próprias rochas clamarão. Se eu falar, o que vou dizer?

É o amor que impulsiona meu discurso, embora ainda pareça um balbucio. Eu te amo, Senhor Deus. Eu te adoro. Eu te louvo. Eu me prostro diante de ti.

Obrigado pelos dons da graça:

- *a consistência do nascer e do pôr do sol;*
- *a beleza das cores;*
- *o conforto das vozes que conheço.*

Eu te magnifico, Senhor. Permite que eu veja a tua grandeza, até quanto possa receber. Ajuda-me a me curvar em tua presença em admiração eterna e louvor incessante.

Em nome daquele cuja adoração nunca falhou. Amém.

---

[12] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 91.

[13] *The Saint's Everlasting Rest*, p. 136-7.

NOVE

A ORAÇÃO DE DESCANSO

Descanse. Descanse. Descanse no amor de Deus. O único trabalho que você precisa ter é o da máxima atenção à quieta e pequena voz de Deus que está dentro de você.

— MADAME GUYON

Deus, por meio da oração de descanso, põe seus filhos no olho do furacão. Quando à nossa volta só existe o caos, dentro de nós existe estabilidade e serenidade. Em meio a uma intensa luta pessoal, permanecemos tranquilos e relaxados. Enquanto milhares de frustrações querem nos distrair, continuamos atentos e concentrados. Isso é fruto da oração de descanso.

Talvez, em toda a Bíblia, não haja convite mais apelativo que as graciosas palavras de Jesus: "Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso" (Mateus 11.28). Hoje, nada é mais necessário que esse descanso de corpo, alma e espírito. Vivemos grande parte de nossa vida numa "luta intolerável de desassossego", como dizia Thomas Kelly.[1] Toda

[1] *A Testament of Devotion*, p. 124.

compreensão, todo controle, toda atividade manipuladora da vida nos deixam exaustos.

Se ao menos pudéssemos viver sem tensão, ansiedade ou pressa! Se ao menos conhecêssemos a perene paz de Deus, onde não há mais preocupação e Cristo já venceu o mundo! Se ao menos... Ouça, meu amigo, estou aqui para dizer-lhe como pode ser nossa vida. *Podemos* conhecer o descanso, a confiança, a serenidade e a constância da orientação de vida. *Podemos* conhecer por experiência própria as palavras de Jean Sophia Pigott:

> Estou descansando, descansando
> Na alegria do que és, Senhor;
> Estou descobrindo a grandeza
> Do teu coração de amor.[2]

Chegou o momento. Jesus convida você e a mim para descansar: "Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas" (Mateus 11.29).

Oração sabática

O autor de Hebreus destaca a promessa de que "ainda resta um descanso sabático para o povo de Deus" (Hebreus 4.9). Essas palavras são familiares para mim desde meus primeiros dias de cristão, mas só pouco tempo atrás aprendi o que é de fato a "oração sabática", quando me encontrava numa pequena ilha canadense, na costa do Pacífico. Eu estava com um pequeno grupo de estudos e, durante o intervalo, encontrei uma canoa e remei até uma minúscula ilha. Puxando a canoa para a praia, comecei a explorar o afloramento dos pinheiros. Ao chegar ao centro da ilha, descobri

[2] *Hymns for the Family of God*, hino 86.

uma pequena plataforma de madeira construída por alguém e uma cadeira velha sobre ela, como se fosse uma sentinela solitária.

Subindo na cadeira, esperei para ver se ela aguentaria meu peso. Segurei firme. Senti sob o sol quente e bebi da quietude da terra, do mar e do céu. As árvores estavam absolutamente imóveis — testemunhas silenciosas da majestade de Deus. O canto do chapim e do gaio não quebrava o silêncio, apenas dava continuidade a ele.

Eu fora remando até aquele belo lugar não para orar, mas para explorá-lo. Sentado ali, porém, lembrei-me das palavras de despedida de Carolynn, no aeroporto: "Quero que você volte revigorado!". Logo me encontrei orando apenas isto: "Revigora-me, Senhor! Revigora-me!". Não foi difícil esperar no silêncio — todo o santuário ao ar livre parecia calar-se em reverência. Em seguida, o que veio à minha mente foi: "Quero ensinar a você a oração sabática". Curvei-me para a frente, cheio de expectativa — estava longe de saber o que era a oração sabática, mas estava ávido por aprender. "O Senhor terá de me guiar, pois não sei o que fazer", respondi. Então, vieram as palavras: "Fique tranquilo... Descanse... *Shalom*". Isso foi tudo. Essas palavras e nada mais. Por alguns momentos, tentei experimentar cada uma delas.

A experiência foi maravilhosa, mas eu também sabia que o tempo estava passando. Comecei a ficar preocupado e pensei: "É quase meio-dia. Os outros vão começar a sentir minha falta e a se perguntar por que estou demorando tanto. Tenho de voltar para o almoço". As mesmas palavras, no entanto, vieram até mim: "Fique tranquilo... Descanse... *Shalom*". Elas pareciam acalmar meu espírito, e voltei à expectativa silenciosa.

Depois de um tempo, contudo, minha mente começou a se agitar com a hiper-responsabilidade — talvez você conheça essa sensação. "A próxima sessão vai começar em breve", pensei. "Preciso estar lá. Que exemplo eu daria cabulando o estudo? Além disso, todos começariam a ficar realmente preocupados com minha

ausência". A toda velocidade, minha mente começou a visualizar cenários surrealistas concentrados em mim: "Eles devem estar pensando que minha canoa virou e é provável que neste exato momento estejam planejando o resgate!". As mesmas palavras retornaram para disciplinar minha mente: "Fique tranquilo... Descanse... *Shalom*".

A tentação final, contudo, foi a mais sedutora. Comecei a pensar: "Esta experiência é absolutamente maravilhosa. Devo guardar este momento para o futuro. Mas como? Não vou me lembrar de tudo o que aconteceu comigo aqui. Onde acho um papel? Preciso escrever tudo isso!". Mais uma vez: "Fique tranquilo... Descanse... *Shalom*". Mais concentrado que antes, voltei à oração sabática. Pouco tempo depois, parecia que a "Presença" havia terminado e então retornei ao grupo, que, como você já deve ter adivinhado, nem havia notado minha ausência e seguia com a programação.

Descansando em Deus

A Bíblia nos revela que, depois de ordenar a existência de todas as coisas, desde a formiga até o porco-da-terra, e de soprar no homem o fôlego de vida, Deus descansou. Esse "descanso de Deus" no sétimo dia tornou-se a base teológica para a lei do sábado, que nos convida a descansar em Deus. Agora, antes de descartar essa lei do Antigo Testamento, é importante lembrar que há muito mais por trás dela que a instituição de um descanso periódico. Por exemplo, ela tem a capacidade de amenizar nossa necessidade corrosiva de seguir sempre adiante. Se quisermos saber o grau de nossa paixão pelos bens materiais, tudo que precisamos fazer é observar a dificuldade que temos para manter o ritmo sabático.

Nenhum ensinamento proveniente do princípio sabático é mais importante que descansar em Deus. Em vez de lutar para que isto ou aquilo aconteça, aprendamos a confiar no Pai celeste, que tem

prazer em nos dar as coisas. Isso não produz inatividade, e sim uma atividade dependente. Já não faremos as coisas pelas nossas mãos, mas poremos tudo nas mãos de Deus, e então expressaremos nossos desejos mais íntimos.

Você deve estar lembrado que os filhos de Israel não conseguiram entrar no repouso de Deus, mesmo sendo libertados da terra do Egito, da terra de servidão. Incapazes de confiar em Yahweh, eles se rebelaram e passaram seus últimos dias murmurando no deserto do Sinai. Com trágica determinação, Deus declarou: "... Jamais entrarão no meu descanso..." (Hebreus 4.3).

Hoje, somos convidados ao descanso sabático de Deus, no qual os filhos de Israel não conseguiram entrar. "Resta entrarem alguns naquele descanso", declara o autor de Hebreus. A tradução literal de "ore continuamente" é: "venha descansar". Por meio da oração de descanso, entramos nessa quietude intensa, nesse alerta silencioso.

Oração na voz reflexiva

Mas como? Como entrar na oração de descanso? É aqui que deparamos com um sério dilema. Por um lado, nossa tendência é assumir o controle, ou, por outro lado, não fazer absolutamente nada. Começamos a encarar a oração da forma pela qual aprendemos a lidar com os problemas — trabalhando pesado. Apertamos os dentes, reunimos toda a nossa força de vontade e tentamos, tentamos, tentamos. Na verdade, esse é um conceito pagão de oração, segundo o qual os deuses são invocados por várias fórmulas e vãs repetições.

Anthony Bloom conta a história de uma senhora que se dedicava à oração com todas as suas forças, sem jamais sentir a presença de Deus. Sabiamente, o arcebispo aconselhou-a a fechar-se no quarto todos os dias, acrescentando: "Ajoelhe-se diante de Deus durante quinze minutos, mas eu a proíbo de dizer uma só

palavra de oração. Apenas ajoelhe-se e tente aproveitar a paz de seu quarto".

A mulher aceitou o conselho e, no início, seu pensamento foi: "Que bom! Tenho quinze minutos para não fazer nada sem sentir culpa!". Aos poucos, porém, ela começou a penetrar o silêncio criado naqueles períodos que passava de joelhos. Dias depois, ela declarou: "Percebi que o silêncio não era apenas a ausência de barulho, mas que também tinha substância". Com o hábito de se ajoelhar diante de Deus todos os dias, ela descobriu que "no coração do silêncio estava Deus, que é pura tranquilidade, paz e equilíbrio".[3] Ela se libertara dos esforços mesquinhos para entrar na presença de Deus e, fazendo assim, descobriu que a presença de Deus já estava lá.

Contudo, não devemos passar ao outro extremo. A passividade total também não é a resposta. Descansar em Deus não significa resignação ou preguiça. Não significa que devemos sentar e esperar que Deus faça alguma coisa. Esse é o conceito indiano de oração, segundo o qual o homem mergulha passivamente na vontade impessoal e predestinada dos deuses e deusas.

Embora já se tenham passado alguns anos, lembro-me muito bem daquela noite. Eu era o responsável por reunir centenas de adolescentes, e os encontros estavam dando certo. O pregador havia encerrado a mensagem e estava convidando rapazes e moças para entregarem a vida a Jesus Cristo. O silêncio tomou conta do ambiente. Era um momento delicado. Até que uma correia do ar condicionado começou a ranger. Um ruído desconcertante ecoou pelo auditório.

Comecei a orar: "Senhor, este é um momento especial na vida desses jovens. Por favor, faça este barulho parar. Jogue óleo na correia, conserte o motor. Faça alguma coisa, qualquer coisa!".

---

[3] *Beginning to Pray*, p. 92-4.

Nada aconteceu, e, com a minha frustração, uma pequena crise de fé tomou força dentro de mim. Em seguida, eu me aquietei e ouvi esta frase: "Por que você mesmo não vai lá e desliga o ar condicionado?". Eu estava a menos de cinco passos do botão de desligar! Em meu jovem entusiasmo, eu esperava que algo acontecesse por ordem divina quando bastava uma simples ação de minha parte.

Não, nem controle manipulador nem passividade indiferente são modelos apropriados da oração de descanso. Então, que método devemos seguir? Como romper com esse dilema?

"A oração acontece a meia-voz", escreveu Eugene Peterson.[4] Em gramática, a voz ativa é aquela em que agimos, e a passiva, aquela em que sofremos a ação. Já na voz reflexiva, agimos e sofremos a ação. Participamos na formação da ação e colhemos seus benefícios. "Nem manipulamos Deus (voz ativa) nem somos manipulados por ele (voz passiva). Somos envolvidos na ação e participamos dos resultados, mas não os controlamos nem os definimos (voz reflexiva)".[5]

Como você pode ver, não somos limitados por categorias de ativismo ou de quietismo, que são insuficientes para descrever o que acontece na oração de descanso. Para ser exato, esse é o "descanso sabático", que parece passivo. No entanto, nós também precisamos "entrar em", o que parece torná-lo ativo. Oramos na voz reflexiva, entrando no caminho de receber e responder "que se irradia em mil sutilezas de participação, intimidade, confiança, perdão e graça".[6]

Os mestres devocionais mencionam muitas vezes o *Otium Sanctum*, isto é, o "ócio santo", que se refere a um equilíbrio na

---

[4] *The Contemplative Pastor* (Dallas, TX: Word, 1989), p. 110 [*O pastor contemplativo*, São Paulo: Mundo Cristão, s.d.].

[5] *The Contemplative Pastor*, p. 110.

[6] *The Contemplative Pastor*, p. 111.

vida: atividade e descanso, trabalho e lazer, sol e chuva. Representa a atividade de administrar as atividades diárias repletas da paciência cósmica de Deus. O santo ócio significa viver (e orar) na voz reflexiva.

Ação da eterna Trindade

A maravilhosa notícia que estou tentando dar é esta: embora sejamos participantes do trabalho gracioso da oração, o trabalho da oração não depende de nós. Muitas vezes, oramos com dificuldade. Muitas vezes, temos apenas relances fragmentados da glória celeste. Não sabemos pelo que orar. Não sabemos como orar. Vez por outra, nossa oração parece não passar de gemidos desarticulados.

Esta é a promessa que a Bíblia traz como boas-novas: "Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus" (Romanos 8.26,27).

Você percebe que isso é um alívio? O Espírito Santo de Deus, a terceira pessoa da Trindade, ele próprio acompanha nossas orações. Quando tropeçamos nas palavras, o Espírito fortalece a sintaxe. Quando oramos por motivos confusos, o Espírito purifica o canal. Quando vemos através de um vidro escurecido, o Espírito ajusta o foco sobre o que pedimos até que isso corresponda à vontade de Deus.

A questão é que não precisa estar tudo perfeito quando oramos. O Espírito lapida, refina e reinterpreta nossas orações fracas e egocêntricas. Podemos ficar descansados, pois ele trabalha a nosso favor.

Agora fica ainda melhor. O autor de Hebreus lembra-nos que Jesus Cristo é o Sumo Sacerdote, e, como você sabe, a função do

sumo sacerdote no antigo Israel era interceder pelo povo (Hebreus 7—9). Você percebe o significado disso? Hoje, enquanto seguimos com nossas atividades, Jesus Cristo ora por nós. À noite, enquanto dormimos no escuro, Jesus Cristo ora por nós. A oração contínua é oferecida do trono de Deus a nosso favor por ninguém menos que o Filho de Deus. Neste momento, ele está orando por você e por mim. Podemos ficar descansados, pois o Filho trabalha a nosso favor.

O melhor ainda está por vir. Por mais que seja difícil imaginar, Deus está em eterna comunhão consigo mesmo por meio de nossas orações desajeitadas. P. T. Forsyth escreveu: "Quando falamos com Deus, é o próprio Deus que vive em nós falando através de si mesmo. [...] O diálogo da graça é na verdade o monólogo da natureza divina em amor compartilhado consigo mesmo".[7] Incrível! Isso vai além da fé! "Oramos, mas não somos nós que oramos: o que é Maior é quem ora por nós."[8] Um poeta expressou-se desta forma:

Dizem, Senhor, que, quando falo
E ouço as palavras tuas,
Como uma voz é ouvida, dizem que é sonho,
Uma pessoa se passa por duas.

Às vezes é, mesmo que não
Como pensam. Em mim
Busco o que espero dizer
Mas oh! Meu poço secou, enfim.

Então, vendo-me vazio, tu abandonas
O papel de ouvinte e através
De meus lábios sopras e despertas
Pensamentos que jamais conheci.

[7] *The Soul of Prayer* (Grand Rapids, Mi: Eerdmans, 1916), p. 32.
[8] Thomas KELLY, *A Testament of Devotion*, p. 45.

Desse modo, não precisas de resposta,
Nem ela é possível; assim, quando parecemos
Estar os dois conversando, tu és o Eterno, e eu
Não sou o sonhador, mas o sonho teu.[9]

Dessa forma, temos a atividade da eterna Trindade concentrada em nossas frágeis orações. O Espírito de Deus interpreta nossos suspiros e gemidos perante o trono dos céus. Deus Filho intercede por nós perante o trono dos céus, e Deus Pai, que está assentado no trono dos céus, faz uso de nossas orações para formar um perfeito solilóquio — Deus falando com Deus.

Com tanta ajuda divina, não poderíamos esquecer nossas preocupações mesquinhas com a vida? Não poderíamos trocar nossa vontade pela oração? Não poderíamos nos render ao Centro divino? Não poderíamos permitir a ele nos guiar para uma comunhão mais rica e plena? Não poderíamos fazer a oração de descanso?

Três atitudes básicas

Existem três ações bem definidas para nos conduzir à oração de descanso. A primeira é a solitude. Na oração de formação, explicamos resumidamente como a solitude nos transforma. Aqui, veremos como a solitude nos purifica. Na solitude, abstemo-nos voluntariamente dos padrões normais de atividade e interação com as pessoas, por um tempo, a fim de descobrir que nossa força e bem-estar provêm somente de Deus. Para Louis Bouyer, a "solitude serve para abrir e romper a concha de nossa certeza pessoal".[10]

Nas experiências de solitude, adentramos suavemente o Santo dos Santos, onde somos peneirados pelo silêncio. Dolorosamente, deixamos imagens de nós mesmos a cargo de tudo e de todos.

[9] C. S. Lewis, *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 67-8.

[10] The Spirituality of the New Testament and the Fathers, in: *A History of Christian Spirituality* (New York: Seabury, 1982), v. 1, p. 313.

Lentamente, abandonamos todos os projetos que pareciam importantes. Docilmente, nos tornamos mais concentrados e menos complicados. Alegremente, recebemos o sustento do maná celestial.

Você já percebeu que Jesus experimentou a solitude muitas vezes? O versículo que diz que, "de madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se, saiu de casa e foi para um lugar deserto", descreve mais um padrão de vida que um acontecimento fortuito (Marcos 1.35). Jesus precisava de retiro e solitude constantes para fazer seu trabalho. Ainda assim, pensamos ser possível viver sem o que Cristo julgava essencial!

Hesychia é a palavra grega para "descanso", e *hesicasmo* refere-se à espiritualidade dos pais e mães do deserto. Henri Nouwen observa: "A oração dos hesicastas é uma oração de descanso".[11] Eles descobriram a *hesychia*, esse perfeito repouso de corpo e alma, na solitude do deserto.

Poucos de nós conseguimos — ou mesmo queremos — seguir os pais e mães do deserto, em qualquer sentido. Temos família, emprego e compromissos sociais. Mesmo assim, podemos experimentar a solitude. Houve um ano em que vivenciei uma experiência nova e esplêndida. A fim de dar uma expressão prática à minha experiência de solitude, programei quatro retiros pessoais, de acordo com as estações do ano: verão, outono, inverno e primavera. Eram retiros curtos, com duração de 24 a 48 horas, dependendo de meu limite de tempo, mas que me mantinham num simples programa de treinamento em solitude. Um grupo que conheço muito bem costuma fazer um retiro de oito horas uma vez por mês. São pessoas ocupadas — executivos, secretárias e donas de casa — que descobriram que um sábado por mês faz

[11] *The Way of the Heart: Desert Spirituality and Contemporary Ministry* (New York: Seabury, 1981), p. 70.

bem para o espírito e para tudo mais.[12] Tenho certeza de que você também descobrirá maneiras criativas de entrar na solitude de coração.

Uma segunda prática consagrada é a do silêncio, a tranquilidade em relação ao que os antigos escritores chamavam de "atividade de criatura". Isso é mais um silêncio imposto ao desejo de manipular pessoas e situações que um silêncio de palavras. Significa combater nossa tendência de controlar a todos e querer consertar tudo.

Essa angustiante atividade humana obstrui a obra de Deus em nós. No *silêncio*, porém, aquietamos todo ato que não esteja arraigado em Deus. Ficamos quietos, calados, imóveis, até que tudo esteja equilibrado. Libertamo-nos do excesso de bagagem e das superficialidades até estarmos em conformidade com o Reino de Deus. Vamos nos livrando das distrações até alcançarmos a essência. Seguimos a Deus para reorganizar nossas prioridades e eliminar as frivolidades.

Esse silêncio de atividade humana capacita-nos a ouvir a Deus. François Fénelon escreveu: "Devemos silenciar toda criatura, devemos silenciar a nós mesmos, para ouvir o silêncio profundo de toda a alma, a voz inefável do esposo. Devemos inclinar os ouvidos, pois é uma voz suave e delicada, ouvida apenas pelos que não ouvem mais nada".[13]

Certa vez, eu estava tentando resolver um problema crônico na universidade onde lecionei durante anos. Reuni os principais envolvidos num almoço, acreditando que uma discussão cara a

[12] Esse grupo é chamado SEE Christ (Spiritual Enrichment Encounters with Christ). Os membros fazem rodízio de atividades nos dias de retiro. Eles costumam isolar-se e ficar em silêncio em vários períodos de uma ou duas horas, havendo em seguida nova interação do grupo e oração. Para mais ideias sobre a prática da solitude, v. o capítulo 7 de meu livro *Celebração da disciplina*.

[13] *Christian Perfection* (Minneapolis, MN: Dimension Books, 1975), p. 155-6.

cara resolveria a questão de imediato. Horas se passaram, no entanto, e percebi que eles se mantinham irredutíveis. O encontro terminou sem nenhuma solução em vista, e voltei desolado para meu gabinete. Reclamei: "Deus, não estamos chegando nem perto de solucionar o problema. Serão meses de reuniões e negociação, e mesmo assim não existe a mínima garantia de que chegaremos a um acordo".

Então, veio a palavra de Deus: "Em primeiro lugar, não pedi para você resolver esse problema. Fique calmo. As mudanças acontecerão no tempo certo". Consegui, por fim, acalmar meus impulsos e, fazendo isso, aprendi um pouco mais sobre o *silêncio*.[14]

O terceiro modo de adentrar a oração de descanso é o que chamamos de "reminiscência". Reminiscência significa foco. Significa tranquilidade de mente, coração e espírito.

Analisaremos a reminiscência mais de perto quando chegarmos à oração contemplativa. Por hora, uma breve palavra sobre essa prática será suficiente. O que podemos fazer? Podemos cultivar uma vida de reflexão. Podemos vencer, obtendo esclarecimentos sobre nossa existência — quem somos e qual o propósito de sermos assim. Podemos fazer um retiro pessoal apenas para pensar no rumo de nossa vida. Isso é o que devemos recordar.

Um pássaro nas mãos

Jean Vanier, fundador das comunidades L'Arche, que atendem a pessoas necessitadas, explica esse método, com uma ilustração simples, aos que moram na instituição. Ele coloca as mãos em forma de copo e diz:

[14] Um fato ocorrido cerca de oito anos mais tarde serve como adendo a essa história. Fui convidado para liderar um comitê num processo de nove meses, e ali consegui encontrar uma solução favorável para o problema.

— Imagine que eu tenho um passarinho ferido em minhas mãos. O que acontecerá se eu fechar minhas mãos completamente?

A resposta é imediata:

— Os ossos do passarinho serão quebrados, e ele morrerá.

— Bem, e o que acontecerá se eu abrir as mãos completamente?

— Ah, não. Ele tentará voar, mas depois acabará caindo e morrendo.

Vanier sorri e diz:

— O lugar certo para ele é a minha mão em forma de concha: nem totalmente fechada nem totalmente aberta. É o espaço em que se pode crescer.[15]

Para nós, as mãos de Deus estão assim. Temos liberdade suficiente para nos esticar e crescer, mas também temos proteção suficiente para não sermos machucados e assim obtermos a cura. Essa é a oração de descanso.

[15] Apud Henri Nouwen, *Lifesigns: Intimacy, Fecundity, and Ecstasy in Christian Perspective* (Garden City, NY: Doubleday, 1986), p. 71.

Bendito Salvador, não sou muito bom em descansar à sombra de tuas mãos. Minha experiência nunca me ensinou esse descanso. Aprendi apenas a ser responsável. Aprendi apenas a ficar no controle. Mas como descansar? Não, não tenho modelos nem paradigmas para descansar.

Isso não está muito certo. Jesus, quando andaste entre as multidões de Jerusalém e pelas colinas da Judeia, foste o pioneiro nessa forma de vida. Estavas sempre vivo e alerta. Viveste em total submissão ao Pai. Diversas responsabilidades foram colocadas sobre ti, e mesmo assim continuaste a obra em paz e com poder.

Ajuda-me a andar em teus passos. Ensina-me a ver apenas o que tu vês, a dizer apenas o que dizes e a fazer apenas o que fazes. Ajuda-me, Senhor, a descansar e a orar descansando.

É o que te peço, em teu bom e poderoso nome. Amém.

DEZ

A ORAÇÃO SACRAMENTAL

O verdadeiro sacramento é a personalidade santa.

— P. T. FORSYTH

A oração sacramental é a oração da encarnação. Deus, em sua imensa sabedoria, preferiu compartilhar sua vida conosco por meio de realidades perceptíveis. Este é um grande mistério. Deus, que é puro Espírito e completamente livre de toda limitação criada, curva-se à nossa fraqueza e se revela a nós por meio do material e do visível. O Filho eterno vira uma criança numa manjedoura. O pão e o vinho são investidos com poder sacramental. Diante de tais maravilhas, nós nos prostramos.

Com o decorrer dos séculos, uma infeliz e, em minha opinião, desnecessária divisão teve lugar entre os cristãos. De um lado, estão os que enfatizam a liturgia, o sacramento e a oração decorada. Do outro, estão os que enfatizam a intimidade, a informalidade e a oração espontânea. Cada um dos dois grupos olha para o outro com piedosa condescendência.

É aqui que precisamos da santa conjunção "e". Não precisamos ser forçados a escolher entre um grupo e outro. Ambos são inspi-

rados pelo mesmo Espírito. Podemos ser levados à santa reverência pela riqueza e profundidade de uma liturgia bem organizada e também ser conduzidos a maravilhas impressionantes por meio do aconchego e da intimidade da adoração espontânea. Nossa espiritualidade pode abraçar ambas as coisas.

Embora se tenham passado vários anos, lembro-me muito bem de minha experiência com o "cristianismo sem religião" — um conceito popular inspirado pelos escritos de Dietrich Bonhoeffer, quando ele estava na prisão. Minha experiência foi a seguinte: eu estava tentando passar três meses em contínua comunhão com Deus, sem nenhum "auxílio" externo — sem Bíblia, sem liturgia, sem Santa Ceia, sem pregação, sem cultos, sem tempo reservado para a oração, sem nada. Deus foi bondoso para comigo durante aqueles noventa dias, mas de longe a coisa mais importante que aprendi foi o quanto preciso desses "auxílios" para me manter no Centro divino. Descobri que padrões regulares de devoção formam uma espécie de estrutura esquelética, na qual posso inserir os músculos e tecidos da oração incessante. Sem essa estrutura, os anseios interiores de meu coração não serão saciados. Esses padrões regulares, comumente chamados "rituais", são meios da graça ordenados por Deus.

Um livro de rituais

O que eu não sabia na época de meu pequeno experimento — mas imagino que você já saiba — é que a Bíblia está repleta de rituais, liturgias e cerimônias de todo tipo. Tenho certeza de que é desnecessário fazê-lo lembrar-se dos detalhes das leis cerimoniais do tabernáculo, do sacerdócio dos levitas e dos rituais do templo. Os salmos são ricos em ritos sacramentais e em liturgias do templo. Por serem utilizados com frequência nos encontros de adoração, os títulos de muitos deles — frases que hoje achamos difíceis de entender — são na verdade, orientações para os músicos

do templo. "Aleluia", no Saltério, é uma aclamação litúrgica que significa "louve a Deus!". Grande número de salmos são orações escritas para uso da comunidade de adoradores.

Com certeza, Jesus participou da vida litúrgica de seu povo quando ainda era bem jovem. Ele foi à sinagoga no sábado "como era seu costume" (Lucas 4.16). Sem dúvida, Jesus adotou as duas disciplinas dos fiéis judeus: recitar o *Shemá* duas vezes por dia e observar os três horários de oração: manhã, tarde e pôr do sol. O *Shemá* ("Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR") era (e ainda é) uma confissão de fé (Deuteronômio 6.4). A cada hora de oração, um hino, a *Tefilá*, era entoado. Consistia em certo número de bênçãos — 18, no início do século I.

As epístolas do Novo Testamento contêm muitos hinos e confissões que sem dúvida eram usados na vibrante adoração da prístina comunidade cristã. Quase podemos ouvir o louvor deles: "Ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém". Ou o testemunho confessional deles para Cristo: "... Deus foi manifestado em corpo, justificado no Espírito, visto pelos anjos, pregado entre as nações, crido no mundo, recebido na glória" (1Timóteo 1.17; 3.16).

É fácil também detectar a espontaneidade dessa comunidade cheia de fé: "... falando entre si com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor, dando graças constantemente a Deus Pai por todas as coisas, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Efésios 5.19,20). Como eu já disse, esse é um lugar onde se pode dizer "ambos/e", em vez de "nem/ou".

A LIBERDADE DA ORAÇÃO LITÚRGICA

Embora nem toda forma de oração sacramental seja litúrgica, toda liturgia é sacramental. Permita-me comentar alguns dos benefícios desse tipo de oração mais estruturada.

Em primeiro lugar, a oração litúrgica ajuda-nos a articular os anseios do coração que clama por um gesto. Às vezes, é difícil encontrar palavras para dizer o que sentimos. Outras vezes, não temos vontade de orar, e as palavras da liturgia "vêm com tudo", como se diz. Quem, por exemplo, poderá melhorar o conteúdo da "Confissão geral" do *Livro de oração comum*?

> Andamos errantes e afastados dos teus caminhos como ovelhas perdidas, seguimos muito os planos e desejos de nosso coração, pecamos contras as santas leis, deixamos por fazer aquilo que deveríamos ter feito e temos feito aquilo que não deveríamos fazer. Mas tu, ó Deus, tem misericórdia de nós, poupa aqueles que são penitentes, de acordo com as tuas promessas declaradas para a humanidade em Cristo Jesus, nosso Senhor; e permita, ó Pai misericordioso, pelo teu amor, que possamos viver futuramente uma vida devota, correta e sóbria, para a glória do santo Nome.[1]

Em segundo lugar, a oração litúrgica ajuda-nos a ter união com a "comunhão dos santos". É um empreendimento muito maior do que nós somos. Mesmo que não concordemos com a oração *aos* santos, aceitamos a oração *com* os santos. Pense nisto: estamos elevando ao trono da graça as mesmas palavras que foram ditas por seguidores do Caminho através de muitas gerações. Que emoção é incluir nas orações dos santos o "próprio gorjeio", como diz C. S. Lewis![2]

Em terceiro lugar, a oração litúrgica ajuda-nos a combater a tentação do espetáculo, do entretenimento. Personalidades carismáticas são desnecessárias. Palavras inteligentes são inúteis. Ideias brilhantes são dispensáveis. Fazemos a oração que sempre foi feita. Concentramo-nos cada vez mais em Deus e cada vez menos no líder individual.

---

[1] P. 320-1.

[2] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 16.

Em quarto lugar, a oração litúrgica ajuda-nos a resistir às tentações da religião pessoal. Para nós, humanos, é normal que façamos de nossas preocupações insignificantes o fardo de nossa oração. Não é errado orar por nossas necessidades, mas estas nunca devem ser o objetivo maior de nossa oração. Por meio da liturgia, somos trazidos de volta à vida comunitária; somos confrontados com a doutrina; somos forçados a ouvir o clamor do pobre e a contemplar a angústia das nações.

Em quinto lugar, a oração litúrgica ajuda-nos a evitar a familiaridade que produz irreverência. A intimidade da oração deve ser sempre contrabalanceada pela infinita distância entre a criatura e o Criador. Na Bíblia, é comum encontrar a experiência de pessoas que chegam à presença de Deus e têm sua face decaída como se estivessem mortas. A pompa e a formalidade da liturgia ajudam-nos a perceber que estamos na presença da verdadeira Realeza.

Preocupações compreensíveis

Esse método de oração talvez lhe traga algumas preocupações. Isso é perfeitamente compreensível. De uma forma ou de outra, já tive todas as preocupações — e continuo tendo um pouco delas — que com frequência se manifestam com respeito à oração sacramental.

Uma dessas preocupações é com a monotonia de orações decoradas e com as liturgias. Talvez você já tenha dito ou ouvido algo como: "Ah, você está apenas fingindo. Está tudo escrito aí. Na realidade, você não está pensando no que diz na oração".

Em tese, a alegação é correta, mas a liturgia está longe de ser um empecilho. Vejo isso principalmente como uma qualidade. Um dos grandes valores da oração litúrgica é precisamente não ter de pensar. Se quando estou escrevendo fico preocupado com vírgulas e conjugação de verbos, é porque ainda estou aprendendo

a escrever. O mesmo acontece com a oração. Quando recito as palavras da "Oração matutina" — "Ó Deus, vem em meu auxílio. Senhor, apressa-te em ajudar-me" —, não preciso pensar em como vou expressar aquilo de que preciso. Em vez disso, estou livre para chegar à profundeza de minha necessidade, assim como à realidade das mais profundas fontes de Deus.

Outra preocupação está relacionada à aplicabilidade. As palavras da liturgia são arcaicas. A ladainha parece fora de moda e sem relação com o mundo moderno.

Mais uma vez, a suposta desvantagem é uma virtude. A exigência de aplicabilidade é uma tentação do Diabo que precisa ser combatida. As liturgias foram feitas para conservar o que há de melhor na devoção cristã: dessa forma, muitas vezes ela nos livra dos modismos. É claro que elas podem ser alteradas com as mudanças na linguagem, mas espero que isso não aconteça rápido demais. Acho muito difícil que hoje alguém tenha capacidade para produzir, na Igreja, algo parecido com, digamos, o *Livro de oração comum*. Além disso, como C. S. Lewis observa, "a missão entregue a Pedro foi: 'Alimente minhas ovelhas', e não 'Faça experimentos em minhas cobaias' ".[3]

Outra questão é: as formas de oração litúrgicas são as "vãs repetições" que Jesus critica tão severamente (Mateus 6.7, *ARC*). É uma preocupação legítima. Infelizmente, descobri que muitas vezes é exatamente isso o que acontece. Nosso prazer pelo bom gosto literário pode facilmente se tornar um talismã. A beleza e a precisão do culto de adoração podem suplantar os anseios por Deus.

Isso, é claro, não significa que "rude" e "espiritual" sejam aliados, mas devemos estar cientes da idolatria da sofisticação. Podemos facilmente orar "sempre repetindo a mesma coisa", como

[3] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 5.

a Bíblia diz, sem aproveitar a "justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Mateus 6.7, Romanos 14.17).

Farei menção agora à última preocupação: o medo de fazer com que Jesus se sinta "prisioneiro do tabernáculo", como os pietistas costumavam dizer. Mais uma vez, quero afirmar que essa preocupação é compreensível. Esquecemos facilmente a importância dos ensinamentos de Jesus, quando ele diz: "Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade" (João 4.24). Facilmente caímos na dicotomia do sagrado/secular. Pensamos ser possível frear o Espírito, que sempre sopra onde quer.

Contudo, a preocupação não deve nos impedir de reconhecer os caminhos da graça de Deus ao nosso coração e à nossa vida. A confissão de que o mundo é sacramental não nega o fato de Deus ordenar determinados sacramentos como instrumentos de sua misericórdia.

Jonathan Edwards diz que Deus é um Deus de meios. Edwards está certo. Parte de nosso crescimento espiritual vem da compreensão e do ingresso nesses "meios da graça".[4] É para essa tarefa que voltamos nossa atenção agora.

Um novo cântico na forma antiga

O livro de Salmos sempre foi, ao mesmo tempo, um hinário e um livro de oração da Igreja. A palavra "saltério" originariamente se referia a um instrumento musical. O título hebraico de Salmos

[4] Entre os cristãos, há divergências quanto ao número de sacramentos e à maneira em que a graça é por eles mediada. Para nossos propósitos, todavia, não é necessário fazer distinção entre o sacramento propriamente dito e o que é sacramental em mais de um sentido. Escolhi a expressão "meios da graça" para discutir esse conceito menos específico da presença de Deus. Nosso principal interesse é ver as formas de oração enriquecidas pela graça de Deus a nós manifestada na Criação.

também significa "hinos". O salmo 72.20 refere-se aos salmos anteriores como "as orações de Davi". As comunidades monásticas, que se reúnem cinco vezes ao dia para orar, bem como algumas congregações litúrgicas, usam o Saltério em seus cânticos.

Nem todos os salmos são hinos ou orações, mas a designação é justificada, pois todos eles servem para glorificar a Deus, que é o objetivo da oração. Ao reunir canto e oração, os salmos fazem algo deveras importante. No âmbito puramente humano, a música é um dos meios mais poderosos, pois apela ao sentimento, à vontade, à imaginação e ao bom senso. Quando unimos a música à oração, temos um poderoso conjunto para o louvor. Cantar também proporciona vivacidade, ânimo e júbilo. Você deve conhecer o antigo ditado que diz: "Quem canta ora duas vezes". Sobre os outros livros de oração, Martinho Lutero afirma: "Ah, não possuem a essência, a força, a paixão, o fogo que encontro no Saltério".[5]

Talvez estejamos satisfeitos com a tendência moderna de colocar salmos em músicas — e algumas ficam ótimas. Espero que essa prática continue. Talvez um dia todo o livro de Salmos seja transformado em música, como o foi no passado, ou pelo menos uma seleção de salmos sobre cada um dos temas abordados no Saltério: a Criação, a lei, a história sagrada, o Messias, a Igreja, a vida, o sofrimento, a culpa, os inimigos, o fim.[6] Essa é uma das melhores formas de abranger todo o conselho de Deus na oração, do lamento ao júbilo.

Uma sugestão para você que canta salmos: cante em espírito de oração, isto é, cheio de oração. Permita que as palavras o tranquilizem e se aprofundem em você. Isso não é difícil, pois a estrutura de muitos salmos é destinada a essa finalidade. A expressão "selá"

---

[5] Apud Dietrich Bonhoeffer, *The Psalms: The Prayer Book of the Bible* (trad. James H. Burtness, Minneapolis, MN: Augsburg, 1974), p. 25.

[6] Esta classificação é de Dietrich Bonhoeffer, *The Psalms: The Prayer Book of the Bible*, p. 27.

(*ARC*), que às vezes aparece no meio de um salmo, serve para indicar um interlúdio de meditação. Se você está criando uma melodia para um salmo, com certeza desejará colocar um interlúdio nessa parte para que o povo pense no que está cantando. Martinho Lutero diz que "selá" invoca "uma alma tranquila e descansada, que pode se apegar àquilo que o Espírito Santo apresenta e oferece".[7] Somos também auxiliados pelo paralelismo da poesia hebraica — repetição de uma ideia mudando poucas palavras —, que nos convida a cantar meditando. Pela simples repetição, mergulhamos cada vez mais na oração.

Para quem não está acostumado com orações escritas, o Saltério é a melhor iniciação. Se trouxermos algumas passagens à memória, elas calarão profundamente em nosso coração, formando orações mais espontâneas. Nas comunidades cristãs primitivas, era comum memorizar "o Davi inteiro". Jerônimo dizia que, na sua época, era possível ouvir os salmos sendo entoados em campos e jardins. Que venha o dia em que também possamos cantar "ao SENHOR um novo cântico" na forma antiga (Salmos 96.1).

A ORAÇÃO MAIS COMPLETA

No centro de toda oração cristã, está a celebração da ceia do Senhor. Quase todos os aspectos da oração estão incluídos na ceia: exame, arrependimento, petição, perdão, contemplação, ação de graças, celebração, entre outros. Ela incorpora perfeitamente a essência da oração, da qual somos participantes ativos, mas toda graça vem de Deus. Todos os sentidos são empregados. Vemos, cheiramos, tocamos, provamos. Ouvimos as palavras sacramentais: "Isto é o meu corpo. [...] Este cálice é a nova aliança no meu sangue". Em resumo, a oração da ceia do Senhor é a mais completa que faremos deste lado da eternidade.

---

[7] Apud Dietrich BONHOEFFER, *The Psalms: The Prayer Book of the Bible*, p. 23.

Os cristãos de coração honesto percebem que a vida de Cristo é compartilhada conosco por meio da ceia. Palavras complicadas fazem distinções importantes: "transubstanciação", "consubstanciação", "memorial", e assim por diante. Creio que essas questões são significativas e tenho minha opinião sobre elas, mas eu seria tolo de pensar que poderia irradiar muita luz nesses temas complexos. Homens e mulheres de intelecto superior ao meu exploraram essas questões em obras elaboradas. Além disso, não tenho a intenção de abalar a crença de ninguém por menosprezar a tradição seguida em seus cultos.

Particularmente, prefiro o entendimento de Máximo, o Confessor, teólogo sacramental por excelência da era patrística. Na Santa Ceia, ele chama o corpo e o sangue de Cristo de "símbolos", "imagens" e "mistérios".[8] É maneira de ele dizer: "Cristo está presente entre nós, e sua vida é verdadeiramente repartida entre nós, mas como isso funciona é um mistério". É aqui que nossa análise abre caminho para a doxologia. Na verdade, na tradição ortodoxa oriental a Santa Ceia é oficialmente designada como um dos "mistérios sagrados". Como diz C. S. Lewis, "a ordem foi: 'Tomai e comei', e não: 'Tomai e compreendei' ".[9]

Também divergimos em relação à frequência e ao estilo. Alguns celebram muitas vezes e de maneira simples. Jerônimo conta a história de um bispo cujo amor pela pobreza deixou-o apenas com uma cesta de vime para colocar o pão e uma taça para o vinho. Em outros casos, a liturgia da santa ceia é mais formal e até esplêndida. Todas essas diferenças, contudo, são questões superficiais, com-

---

[8] Apud Alexander SCHMEMANN, *For the Life of the World: Sacraments and Orthodoxy* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1988), p. 139. Máximo não usa a palavra "símbolo" (*symbola*) em oposição ao que é real. Essa distinção só surgiu séculos mais tarde. Quando ele diz "símbolo", está querendo dizer que o pão e o vinho "incorporam" a realidade "como sua real expressão e forma de manifestação".

[9] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 104.

paradas com o que temos em comum. A comunidade cristã fala com voz singular sobre entender a ceia do Senhor como "meios visíveis da graça invisível".[10] Deus escolheu os elementos mais comuns da refeição judaica (pão e vinho) para compartilhar sua vida por meio deles. É isso o que celebramos em uma única voz.

Na oração da ceia do Senhor, somos constantemente lembrados de que a Paixão é o centro do evangelho. Isso nos obriga a retornar ao grande sacrifício: o corpo ferido de Jesus, seu sangue derramado. É assim que vivemos. É assim que somos fortalecidos. É assim que recebemos poder. Na oração da ceia do Senhor, sentamo-nos todos à mesa no mesmo nível: o instruído e o sábio não têm vantagem sobre o ignorante e o imaturo. Todos nós abrimos as mãos, fazendo a oração da criança — a oração do recebimento.

Na oração da ceia do Senhor, nossos sentimentos são irrelevantes. Que libertação! Não precisamos invocar emoções especiais para ser dignos de participar. Sei que isso é comum a todas as formas de oração, aqui, porém, é mais fácil de ser percebido. Sento-me à mesa "como estou, sem justificativa além de teu sangue, que foi derramado por mim". Você também. Perante o Senhor, não faz diferença o que sentimos ou qual é o nosso desempenho. Viemos com as mãos vazias e também abertas. O que acontece é por causa da graça.

Neste ponto, dirijo a palavra a qualquer um que esteja perturbado pelos ensinamentos de Paulo, em 1Coríntios, quanto aos que participam da ceia e trazem "condenação" sobre si (1Coríntios 11.20-30). Isso talvez o assuste, especialmente se você não se sente digno de receber a graça e a bondade de Deus. Talvez você

[10] Estou consciente de que os quacres e o Exército de Salvação não utilizam formas externas de sacramento; contudo, enfatizam a natureza da comunhão com Deus. (Alguns ramos do quacrismo permitem que se siga a consciência na questão do uso físico dos elementos.) Ambos os grupos, todavia, são sacramentais no sentido de que acreditam que a vida de Deus pode ser comunicada por meio das coisas criadas.

esteja preocupado por ter feito, dito ou pensado em coisas que o desqualificam de participar da mesa do Senhor, e, se dela participa, sente medo de trazer condenação sobre sua vida.

Se esses pensamentos o incomodam, asseguro-lhe que Paulo está se referindo a outro tipo de problema. Ele está preocupado com os que participam da ceia ocasionalmente ou mesmo de modo leviano. Ele se dirige aos que comem e bebem indignamente, que não têm discernimento da sagrada seriedade do momento.

É exatamente o contrário de sua situação, não é? Acredite, Deus o recebe tal como você é. Você não precisa melhorar sua personalidade nem aumentar sua quota de boas ações, nem ostentar um arrependimento mais adequado. Nada disso. Não hesite por não se sentir digno. Essa refeição é expressamente para os indignos. Venha! Coma! Beba! "Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha" (1Coríntios 11.26).

O sacramento da Palavra

Martinho Lutero dizia que a Igreja está onde quer que "a Palavra de Deus seja pregada em sua verdade e pureza e os sacramentos sejam administrados segundo a Palavra e a instituição de Cristo".[11] O sacramento da ceia é o evangelho através de lentes. O sacramento da Palavra é o evangelho através dos ouvidos. P. T. Forsyth escreveu: "No sacramento da Palavra, os próprios ministros são os elementos vivos nas mãos de Cristo — quebrantados e com a alma derramada, mesmo até a morte. Assim, eles não apenas dão testemunho ou simbolizam Cristo, mas pelo sacramento da personalidade o transmitem, crucificado e ressuscitado".[12]

[11] *Dr. Luther's Small Catechism with Explanation* (Rock Island, IL: Augustana Book Concern, 1957), p. 56.

[12] *The Church and the Sacraments* (London: Independent, 1947), p. 141.

Espero que você entenda que, quando falo do sacramento da Palavra, estou me referindo a algo além da pregação, embora ela esteja incluída. A "Palavra" tem muitos significados: a voz de Deus; Jesus, o *Logos* divino; as Escrituras, a Palavra de Deus escrita; o falar a verdade de Deus aos homens sob o poder e a inspiração do Espírito Santo.

Espero também que você saiba que o sacramento da Palavra não é ministrado apenas por obreiros reconhecidos oficialmente, embora estes estejam incluídos. Jesus Cristo, o Cabeça da Igreja, escolhe e capacita os que levam a Palavra da vida. Por mais incrível que possa parecer, Deus pode usar você e a mim para proclamar sua Palavra, que não voltará vazia, mas cumprirá seus objetivos.

Além disso, espero que você reconheça que o sacramento da Palavra está presente em vários lugares e situações fora do ambiente de culto, embora certamente nele aconteça. Já vi a Palavra ser pregada e o poder cair em esquinas, quartos de hospital e escritórios. É a vida de Deus fluindo para o povo, e ele utilizará qualquer meio que desejar para manifestar sua glória. Podemos estar ao telefone com alguém e proferir palavras ungidas "que falam verdade ao poder", como gostavam de dizer os antigos escritores. Esse é o sacramento da Palavra.

Dito isso, quero destacar a pregação da Palavra como um dos meios da graça ordenados por Deus para nossa vida. Sem a pregação e a oração pelos ouvintes, seremos uma igreja anêmica e digna de pena. E. M. Bounds declara: "O caráter de nossa oração determinará o caráter de nossa pregação. A oração fraca conduzirá a uma pregação fraca. A oração fortalece a pregação, traz unção e faz durar".[13]

Nessa afirmação, Bounds usa uma palavra antiga de que necessitamos desesperadamente hoje: "unção". A unção é o mistério do

[13] *Power Through Prayer (Grand Rapids, Mi: Zondervan, 1979)*, p. 27.

que é espiritualmente consagrado, e que vem com a mensagem pregada que é distinguida dos outros tipos de mensagens. É mais que dedicação; é mais que fervor; é mais que habilidade retórica. É Deus na pregação. Ela dá o tom, a perspicácia e a potência. Ela impregna a verdade revelada de toda a energia de Deus. Ela dá apoio e conforto, abre caminhos, confronta e faz reviver ossos secos.

Certa vez, participei de um culto do qual nunca me esquecerei. Eu estava com um amigo que não familiarizado com o cristianismo. Chegamos na hora marcada, às dez e meia da manhã, mas o período dedicado à adoração já havia começado. Ao entrar pelas portas do local do culto, um barracão reformado, ambos (conversamos sobre isso mais tarde) fomos fisicamente sacudidos pelo poder espiritual daquela adoração. Ficamos literalmente sem ar e tivemos de dar um passo para trás.

O pastor falou com suavidade, compaixão, autenticidade e poder. Não havia eloquência — aquele bom homem jamais pensaria nisso —, mas existia algo muito melhor: uma ordem divina. Sabíamos que ele estava falando a verdade viva. Parecia que entre a boca do pregador e o ouvido do público a Palavra era animada com vida e poder incomuns. A unção sobre ele dava a sensação de uma consagração espiritual. Até o ar parecia vibrante, e um silêncio santo caiu sobre todos. Para nós dois, aquela pregação acabou com todas as dúvidas sobre a ação de Deus em assuntos humanos.

Graças como essa não nos vêm automaticamente. "Oração, muita oração, é o preço de uma palavra ungida; oração, muita oração, é o único critério para manter esse derramamento de poder. Sem a oração incessante, a unção nunca chegará ao pregador. Sem a perseverança na oração, a unção, como o maná que era guardado em excesso, cria bicho".[14]

[14] E. M. Bounds, *Power Through Prayer*, p. 70.

Como podemos colaborar? Com certeza, orando pelo pregador. Existe, porém, algo ainda mais importante: a santa audição. Quando vemos que o pregador se aproxima do púlpito, devemos estar dispostos a aprender. Quando o sacramento da Palavra é ministrado, interiormente devemos estar de joelhos, recebendo as bênçãos dessa ministração. Somos todos, ao mesmo tempo, ouvintes da *Kol Yahweh*, a voz de Deus. Ouvimos com a mente e com o coração. Todo o tempo, examinamos nossa vida e sussurramos orações de aceitação e aplicação.

Você pode estar pensando: "Sim, mas você não sabe o tipo de pregação que tenho de aguentar toda semana. Ela não parece muito sacramental para mim". Conheço bem esse problema: pregadores que pregam ortodoxias antigas; pregadores que prostituem o ofício divino para engrandecimento pessoal; pregadores que seguem a última tendência espiritual e cultural. Sei que muitos sermões são precariamente pensados, mal preparados e sofrivelmente pregados. Estou ciente também da pressão que muitos pastores fiéis recebem, a qual interfere de maneira negativa na preparação adequada para a tarefa da pregação.

Digo ainda que devemos aprender a santa audição. Estamos ouvindo, sempre ouvindo o sussurro de Deus no meio do alvoroço humano, pois, como P. T. Forsyth observa, o "sacramento da palavra é que dá valor aos outros sacramentos".[15]

Oração corporal

Não tenho um espírito: eu sou espírito. Da mesma forma, não tenho um corpo: eu sou corpo. O mesmo acontece com você. Muitas vezes, porém, oramos como se fôssemos espírito sem corpo. É hora de restaurar o conceito cristão de corpo. A graça de Deus

[15] *The Church and the Sacraments*, p. 141.

é concedida a nós por meio de nosso corpo. Louvamos a Deus com nosso corpo. Oramos com nosso corpo.

A Bíblia está repleta do que chamamos de "oração corporal": Moisés orando com os braços levantados durante a batalha dos israelitas contra os amalequitas; Elias orando para que um menino de Sarepta voltasse a viver, enquanto se deitava sobre ele; Davi dançando na presença do Senhor, enquanto a arca era levada à Cidade Santa; Jesus impondo as mãos sobre as multidões; João, na ilha de Patmos, caindo prostrado diante do Cristo glorificado. A lista pode continuar infinitamente.

A postura de oração mais frequente na Bíblia é a prostração completa com as mãos estendidas. A segunda mais comum são as mãos levantadas e as palmas voltadas para cima.[16] A posição com a qual estamos mais acostumados — mãos postas e olhos fechados — não é encontrada na Bíblia. Isso, porém, não torna as duas primeiras legítimas e a terceira inadequada, mas deve nos deixar livres para usar qualquer linguagem corporal que *seja* apropriada à experiência de oração no momento em que estamos orando.

Permita-me dar algumas sugestões. Se formos conduzidos à confissão e ao arrependimento, devemos orar prostrados, de cabeça baixa, em contrição. Se formos conduzidos à adoração ao Senhor exaltado, devemos ajoelhar com as mãos levantadas, palmas para cima em ação de graças e contemplação silenciosa. Se formos conduzidos ao louvor e à adoração ativa, devemos ficar de pé com as mãos para cima, cantando e suplicando. Finalmente, se formos levados a bendizer o nome do Criador dos céus e da terra, podemos ficar diante dele com as mãos erguidas, repetindo as palavras do salmista: "Bendiga o SENHOR a minha alma! Bendiga o Senhor todo o meu ser!" (Salmos 103.1).

---

[16] Barry LIESCH. *People in the Presence of God* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988), p.168.

A dança sagrada é outra forma de oração corporal que voltou a ser utilizada na celebração cristã. Uma das melhores coisas nessa forma renovada é a combinação de formas litúrgicas com expressões carismáticas de louvor, adoração e profecia. Estou contentíssimo.

Durante mil anos, os cristãos dançavam o *tripudium* no acompanhamento de muitos hinos. Enquanto os adoradores cantavam, eles cruzavam os braços e davam três passos para a frente, um para trás, três para a frente, um para trás. Dessa forma, estavam literalmente proclamando uma teologia com os pés. Estavam declarando a vitória de Cristo sobre o mundo mau, uma vitória que nos leva para a frente, mas não sem alguns passos para trás.

A dança sagrada pode ser executada como parte da oração e da adoração particulares tanto quanto em grupos. Como o salmista, louvamos a Deus com lira e harpa, com tamborins e danças, com cordas e com flautas. Celebramos a bondade de Deus com nossas entranhas.

Menciono essas coisas apenas como sugestão. Deus nos guiará, a você e a mim, nas formas de oração corporal que nos sejam mais necessárias e que a ele tragam mais honra.

Uma vida repleta de oração contém infinitas variedades. Chegamos perante Deus em dignidade litúrgica e júbilo carismático. Ambos são vitais para uma experiência completa de oração.

Pai nosso, que estás nos céus!
Santificado seja o teu nome.
Venha o teu Reino;
seja feita a tua vontade,
assim na terra como no céu.
Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia.
Perdoa as nossas dívidas,
assim como perdoamos aos nossos devedores.
E não nos deixes cair em tentação,
mas livra-nos do mal,
porque teu é o Reino, o poder
e a glória para sempre. Amém.

ONZE

A ORAÇÃO INCESSANTE

Quando o Espírito vem fazer morada em alguém, a pessoa não consegue parar de orar, pois o Espírito ora nela sem cessar. Não importa se ela está dormindo ou acordada, a oração é ativa em seu coração o tempo todo. Comendo ou bebendo, descansando ou trabalhando, o incenso da oração ascende espontaneamente de seu coração. O mais insignificante movimento de seu coração é como uma voz que canta em silêncio e em secreto ao Invisível.

— ISAQUE, O SÍRIO

Agora, quero lhe revelar uma excelente forma de viver sempre na presença de Deus. Não posso afirmar já ter mergulhado de corpo inteiro nessa vida de perpétua comunhão com o Pai, mas nela já adentrei o suficiente para saber que é a mais extraordinária e completa forma de viver.

Pessoas comuns, através dos séculos, mostraram que essa vida é possível. O irmão Lourenço diz simplesmente: "Não há no mundo um modo de viver mais agradável e pleno de prazer que o diálogo contínuo com Deus". João, o Jovem, aconselha: "Deixe

a lembrança de Cristo entrar no ritmo de sua respiração". Juliana de Norwich é bem direta: "A oração une a alma a Deus". Calisto, sacro escritor bizantino, ensina: "A oração incessante consiste numa incessante invocação do nome de Deus". Diz-se de Francisco de Assis que ele "parecia mais uma oração em forma de homem que um homem orando". Frank Laubach declara: "Oh! Esse negócio de se manter em contato permanente com Deus, de fazer dele o objeto de minha contemplação e o companheiro de minhas conversas, é a coisa mais maravilhosa que já deparei".[1]

Talvez esse estilo de vida lhe pareça impossível ou você nem mesmo o deseje. Já experimentei esse sentimento. A vida em si já é bastante complicada. Por que razão acrescentaríamos outro dever religioso a uma agenda já sobrecarregada? Além do mais, parece algo incrivelmente dificultoso. Ninguém consegue pensar em Deus o tempo todo. Quem desejaria assumir esse compromisso?

Se esses sentimentos, de alguma forma, são familiares a você, espero poder lhe dar algum estímulo. A expectativa de Deus não é que você mergulhe de imediato no oceano da comunhão constante e fique nadando de um continente para outro. Aprofundamo-nos nessas águas por meio de um processo compreensível e prático que envolve experiências de vida. Embora essa "prática da presença de Deus" seja extenuante, aos poucos deixará de ser assim. Nós nos tornaremos cada vez mais concentrados em nosso objetivo, vendo tudo de maneira mais sinóptica. Mais e mais nos veremos

---

[1] Pela ordem, as citações foram extraídas das seguintes fontes: *The Practice of the Presence of God* (Philadelphia: Judson Press, s.d.), p. 60 [*A prática da presença de Deus*, São Paulo: Candeia, 2004]; *Writings from the Philokalia on Prayer of the Heart* (trad. E. Kadloubovsky e G. E. H. Palmer, London: Faber & Faber, 1975), p. 85; *Showings* (trad. Edmund Colledge e James Walsh, New York: Paulist, 1978), p. 253; *On the Prayer of Jesus: From the Ascetic Essays of Bishop Ignatius Brianchaninov* (trad. Father Lazarus, London: John M. Watkins, 1965), p. 60; Gloria HUTCHINSON, *Six Ways to Pray from Six Great Saints*, p. 10; *Letters by a Modern Mystic* (Syracuse, NY: New Readers Press, 1979), p. 23.

transitando com absoluta serenidade entre as fadigas e pressões do cotidiano, e nós mesmos ficaremos surpresos.

Além disso, a verdadeira comunhão, em vários aspectos, é mais cômoda que o caminho normal da oração. É mais difícil a oração inconsistente que a consistente, assim como é difícil jogar bem uma partida de tênis se praticamos apenas de vez em quando. Como experimentaremos a integração do coração, da mente e do espírito com uma vida errática de oração? Acreditamos realmente que seremos como Moisés, capazes de falar "face a face" com Deus, como a um amigo, tendo uma vida de oração tão oscilante? Não, a intimidade só pode ser desenvolvida pela regularidade. A naturalidade também. Por que a naturalidade? Porque estamos estabelecendo hábitos de retidão. Com o tempo, esses "hábitos santos" passarão a operar a desejada integração, para que a oração se torne fácil, natural e espontânea — difícil então será refreá-la.

Comunhão inquebrantável

Os autores sagrados não fazem silêncio sobre as possibilidades da oração incessante. "Orem continuamente", ordena o apóstolo Paulo (1Tessalonicenses 5.17). Aos crentes de Roma, ele diz: "Alegrem-se na esperança, sejam pacientes na tribulação, perseverem na oração" (Romanos 12.12). Aos cristãos de Éfeso: "Orem no Espírito em todas as ocasiões, com toda oração e súplica..." (Efésios 6.18). Aos de Colossos: "Continuem firmes na oração, sempre alertas ao orarem e dando graças a Deus" (Colossenses 4.2, *NTLH*). Aos de Filipos: "Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus" (Filipenses 4.6).

O autor de Hebreus insiste em que "ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor, que é fruto de lábios que confessam o seu nome" (Hebreus 13.15). Jesus contou algumas

parábolas sobre o tema da oração para mostrar que devemos "orar sempre e nunca desanimar" (Lucas 18.1). Ele modelou para nós a realidade da comunhão perpétua com o Pai: "... Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz" (João 5.19); "Por mim mesmo, nada posso fazer; eu julgo apenas conforme ouço..." (João 5.30); "Creiam [...] que estou no Pai e que o Pai está em mim..." (João 14.11). Quando disse aos discípulos que permanecessem nele assim como um ramo permanece ligado à videira, eles de imediato entenderam o que o Mestre queria dizer, porque havia alguns anos observavam a permanência dele no Pai (João 15.1-11).

Uma paixão ardente

Estou certo de que você sente uma desesperadora necessidade da oração incessante em seu dia a dia. Vivemos ofegantes em meio a intermináveis afazeres, com a mente dispersa e o coração inquieto. Sentimo-nos exaustos, ansiosos, sem ânimo. Nossa mente dardeja pensamentos para todos os lados, sem ritmo ou razão. Temos dificuldades para nos manter concentrados numa única coisa. Nossa concentração é interrompida por qualquer motivo. Somos gente distraída.

A oração incessante tem meios de articular a paz em meio ao caos, e começamos a experimentar um pouco da paciência cósmica de Deus. Nossas atividades fragmentárias começam a se consolidar em torno de um novo centro de referência. Então, experimentamos paz, estabilidade, serenidade e constância na orientação para a vida.

No entanto, isso não acontece de maneira automática. Devemos desejar essa condição, e desejá-la com paixão ardente. William James escreveu: "A religião existe não como um hábito insípido,

mas como uma febre aguda".[2] Não está cada célula de seu corpo clamando por essa vida? Não existe, no mais profundo de seu ser, uma ânsia pela contínua presença de Deus? Não suspira você pelo crescente amor de Deus, pela alegria de Deus, pela paz de Deus, pelo poder de Deus? Sou capaz de apostar que umas poucas orações borrifadas aqui e ali não são o bastante para você. Oh, não! Você quer mais, muito mais. Você anseia por queimar a eterna chama da devoção sobre o altar da oração incessante. Quem dera você soubesse como! Essa é a questão à qual nos vamos dedicar agora.

Oração aspirativa

Havendo ao longo dos séculos se empenhado em obedecer à injunção bíblica de "orar sem cessar", os cristãos desenvolveram duas formas fundamentais de oração incessante. Uma delas é mais formal e litúrgica; a outra é mais coloquial e espontânea. A primeira teve origem na tradição hesicasta do cristianismo oriental, e é geralmente chamada de oração aspirativa ou oração do fôlego.[3] O conceito tem suas raízes nos salmos, em que uma frase repetida nos fez lembrar o salmo inteiro. Por exemplo: "Senhor, tu me sondas e me conheces" (Salmos 139.1). Como resultado, surgiu o conceito de uma petição breve e simples, que podia ser emitida de um só fôlego, daí o nome "oração aspirativa". Diz Gregório do Sinai: "O amor de Deus deve passar antes da respiração".[4]

---

[2] *Varieties of Religious Experience* (Bergenfield, NY: New American Library, 1958), p. 24.

[3] As palavras "hesicasta" e "hesicasmo" provêm do termo grego *hesychia*, que significa "tranquilidade", "paz". O hesicasmo é uma forma cristã de viver a vida espiritual, cujas raízes estão nos primeiros eremitas, que fugiram para as regiões desérticas do Egito e da Síria, no século IV. No século XIV, houve um renascimento do hesicasmo entre os monges do monte Atos, e desde essa época o sistema está associado à ortodoxia oriental.

[4] *Writings from the Philokalia on Prayer of the Heart*, p. 85.

A mais famosa oração aspirativa é a oração citada por Jesus: "Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem misericórdia de mim, pecador". Como você pode perceber, essa oração é derivada da parábola do fariseu e do publicano, em que um coletor de impostos bate no peito e ora: "Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador" (Lucas 18.13). Essa petição assumiu depois a presente forma, que foi usada exaustivamente no século VI e revivida no século XIV pela Igreja oriental.

Um desconhecido camponês russo do século XIX conta, no livro *O caminho de um peregrino,* a comovente história de sua busca pela oração incessante.[5] Depois que aprendeu a Oração de Jesus, ele passou a fazê-la continuamente, até que ela se transferisse de sua mente para seu coração e, por fim, lhe tomasse o corpo inteiro, internalizando-se de tal forma, que estava presente nele em todos os momentos, estivesse ele dormindo ou acordado. Esse livro singular exerceu grande influência sobre cristãos além das fronteiras da Igreja oriental.

A Oração de Jesus, entretanto, não é o único exemplo. Você também pode descobrir uma oração aspirativa exclusivamente sua. Certa noite, alguns anos atrás, eu estava fazendo a minha corrida quando mais de uma dezena de orações aspirativas me brotaram dos lábios. Estes são alguns exemplos das orações proferidas naquela noite de verão: "Ó Senhor, batiza-me com amor"; "Ensina-me com brandura, Pai"; "Jesus, faze-me receber tua graça"; "Gracioso Mestre, remove de mim o medo"; "Revela meu pecado, Espírito Santo"; "Senhor Jesus, ajuda-me a me sentir amado".

Observe a brevidade de cada uma dessas orações — algumas não têm mais que dez sílabas. Observe também o sentido de proximidade e intimidade. Deus está envolvido de uma forma muito próxima, pessoal. Observe ainda como a pessoa que ora

[5] Trad. Olga Savin e Alyda Christina Sauer (Rio de Janeiro: Rocco, s.d.).

expressa dependência, docilidade, autenticidade — o oposto da autoconfiança. É notório que todas essas orações são pedidos. Existe oração concentrada no sentido de que estamos pedindo algo a ser feito em nós ou para nós. Mas não é o caso aqui, pois os pedidos da oração aspirativa são reflexões maduras sobre a vontade e os caminhos de Deus.

A oração aspirativa é mais descoberta que criada. Estamos pedindo a Deus que nos mostre sua vontade, seu caminho, sua verdade em relação àquilo de que necessitamos.

Aqui está um meio de você descobrir uma oração aspirativa exclusivamente sua: isole-se num lugar onde não possa ser interrompido e fique sentado em silêncio, até ser dominado pela terna presença de Deus. Depois de alguns momentos, permita que Deus o chame pelo nome: "Joel", "Linda". Em seguida, deixe que esta pergunta venha à tona: "O que você deseja?". Responda com simplicidade e de maneira direta. Talvez uma única palavra venha à sua mente: "paz", "fé", "força". Talvez seja uma frase: "entender tua verdade","sentir teu amor". Depois disso, junte à frase uma expressão agradável com a qual você costuma se dirigir a Deus: "bendito Salvador", "*Aba*", "Emanuel", "Pai santo", "gracioso Senhor". Finalmente, registre sua oração aspirativa por escrito, certificando-se de que ela pode ser dita de um só fôlego.

Nos dias que se seguirem, permita que Deus vá ajustando lentamente sua oração. Escreva isto: "Ajuda-me a entender tua verdade, Senhor". Depois de um dia ou dois de oração, você perceberá que sua real necessidade não é tanto entender a verdade de Deus quanto viver essa verdade. Daí em diante, comece a orar: "Ajuda-me a viver tua verdade, Senhor!".[6]

---

[6] Para entender melhor a oração aspirativa, v. Ron DelBene com Herb Montgomery, *The Breath of Life: Discovering Your Breath Prayer* (Minneapolis, MN: Winston, 1981). Estou em dívida com esses autores por algumas aplicações práticas contemporâneas do hesicasmo.

De início, faça sua oração aspirativa sempre que for possível. Permita que Deus plante essa oração no mais profundo de seu ser. Não se precipite, mudando a oração muito rapidamente. Certa vez, recebi uma oração aspirativa e durante meses não obtive nenhuma indicação de que a obra fora consumada. Às vezes — nem sempre — atingimos um ponto em que nem avançamos nem recuamos. Cristo está à nossa retaguarda; Cristo está adiante de nós; Cristo nos envolve e passa através de nós. Esse é o ponto em que deixamos nosso labor para *estar* com Deus.

Comentando a oração aspirativa, Teófano, o Recluso, observa: "Os pensamentos pululam em sua cabeça, como moscas. Para pôr fim a esse alvoroço, você deve sintonizar sua mente com um único pensamento — ou com o pensamento do Único, apenas. Um auxílio para isso é uma oração breve, a qual ajudará a ordenar e unificar a mente".[7]

A prática da presença de Deus

A segunda maior expressão da oração incessante está associada com aqueles que oram enquanto exercem sua profissão, como o irmão Lourenço (*A prática da presença de Deus*), Thomas Kelly (*A Testament of Devotion* [Um testamento de devoção]) e Frank Laubach (*Letters by a Modern Mystic* [Cartas escritas por um místico moderno]). Seu método extremamente simples consiste em manter uma jubilosa consciência da presença de Deus durante as atividades do dia a dia, com orações sussurradas de adoração e louvor a fluir continuamente do coração. O irmão Lourenço, que se referia a si mesmo como "senhor de todas as panelas e frigideiras", cristalizou essa ideia em seu famoso comentário:

---

[7] Thimothy Ware (Org.), *The Art of Prayer: An Orthodox Anthology* (comp. Igumen Chariton of Valamo, trad. E. Kadloubovsky e E. M. Palmer (London: Faber & Faber, 1966), p. 97.

> A hora do trabalho não difere da hora da oração. E, em meio ao vozerio e ao barulho de pratos em minha cozinha, enquanto várias pessoas pedem diversas coisas ao mesmo tempo, desfruto a intimidade com Deus num estado de grande tranquilidade, como se eu estivesse de joelhos recebendo o sacramento.[8]

O irmão Lourenço insiste em que façamos "uma capela particular em nosso coração, para onde possamos nos retirar de tempos em tempos a fim de comungar com ele [Deus] pacífica, humilde e amorosamente". Ele nos incentiva a fazer da oração em espírito o último ato da noite e o primeiro da manhã, pois assim descobriremos que "aqueles que recebem o sopro do Espírito Santo continuam seguindo em frente mesmo quando estão dormindo".[9]

Nos últimos anos de sua curta existência, o filósofo Thomas Kelly dizia que "as nascentes de água viva da divina revelação brotam continuamente, dia após dia, hora após hora, constantes e elevadas". Ele escreveu:

> Existe um meio de ordenar nossa existência mental em mais de um nível de uma só vez. Em determinado nível, podemos pensar, questionar, buscar, calcular e reunir todas as demandas de nossos negócios externos. Mais internamente, porém, por trás das cortinas, num nível mais profundo, podemos estar em espírito de oração e adoração, cantando e adorando, numa terna sensibilidade ao sopro divino.[10]

As muitas notas diárias de Frank Laubach brilham com a *Shekinah* de Deus:

---

[8] *The Practice of the Presence of God* (Old Tappan, NJ: Revell, 1958), p. 9.
[9] *The Practice of the Presence of God* (Doubleday/ Image, 1977), p. 57, 65.
[10] *A Testament of Devotion*, p. 31, 35.

> Nesta tarde, a possessão divina apanhou-me com uma alegria tão absoluta, que acho que jamais experimentarei coisa semelhante. Deus estava tão próximo e tão maravilhosamente gracioso, que me senti derreter inteiramente num bem-aventurado contentamento.

Em 1930, na pequena ilha de Mindanao, nas Filipinas, ele escreveu:

> Este senso de cooperação com Deus em pequenas coisas é que me deixa tão abismado, pois nunca me havia sentido assim [...]. Minha parte consiste em viver esta hora em contínuo diálogo com Deus e em perfeita receptividade à vontade divina. Fazer esta hora gloriosamente significativa. Isso parece ser tudo com que preciso me preocupar.

Anos mais tarde, em outro continente, ele orou: "Deus, essa tentativa de curvar minha vontade diante da tua me completa. Aqui, no posto de Calcutá, sinto as forças renovadas, tal como não experimentava há muito tempo".[11]

Fico meio perdido na hora de comunicar o sentido de aproximação, de aventura, de ruptura presente nos diários e cartas não somente desses três homens, mas também de muitos outros desbravadores da vida espiritual. Eles viveram uma realidade que a maioria de nós desconhece. Seus escritos dançam no ritmo da alegria da descoberta. Thomas Kelly escreveu: "A vida que emana do Centro é de uma paz tranquila e poderosa. É serena. É maravilhosa. É triunfante. É radiosa. Isso não toma tempo: ocupa todo o tempo. E faz com que nossos novos projetos de vida sejam realizados".[12]

---

[11] *Letters by a Modern Mystic*, p. 12, 20; *Learning the Vocabulary*, p. 8.
[12] *A Testament of Devotion*, p. 124.

Poderá *você* viver esse caminho? Poderei *eu* viver esse caminho? "De modo algum", apressamo-nos em dizer. Mas espere: talvez não seja tão difícil quanto imaginamos. De fato, essa vida de comunhão inquebrantável não é automática nem pode ser conseguida sem esforço. Isso não deve nos surpreender. Qualquer coisa que valha a pena demanda esforço. O irmão Lourenço admite que levou dez anos para integrar-se de maneira total à prática da presença de Deus. Laubach declara:

> A tarefa para a qual me tens chamado é tão difícil quanto escalar o monte Everest, mas tu a poderás cumprir se eu harmonizar minha vontade com a tua [...] Esta é *minha* tarefa: manter confinada minha vontade ao fluxo de poder e permitir que a purifiques continuamente.[13]

Difícil, sim, mas não impossível — como tudo mais que entendemos estar envolvido no processo; um passo de cada vez.

Passos rumo à oração incessante

Não vamos nos lançar às vertiginosas alturas da comunhão constante num único salto. Elas serão alcançadas após um período de tempo, em passos mensuráveis e práticos.

O primeiro passo é o das disciplinas exteriores. É como obteremos proficiência em alguma coisa. O pianista profissional que hoje faz correr com habilidade as mãos para cima e para baixo no teclado já teve de agonizar na execução de monótonas escalas. O mesmo vale para nós.

Então, vamos começar com expedientes simples e conspícuos, até mesmo artificiais. Professores podem usar o som da campainha para lembrar-se de elevar sua oração aspirativa aos braços do Pai.

---

[13] *The Practice of the Presence of God* (Doubleday/Image), p. 67; *Learning the Vocabulary of God*, p. 8,9.

Os que têm preferência pela cor púrpura podem ser lembrados da presença amorosa e constante de Deus cada vez que depararem com essa cor. Cirurgiões podem ser induzidos à oração enquanto esterilizam as mãos, antes de começar uma operação. Caixas de agências bancárias podem orar cada vez que alguém se aproxima do guichê. Podemos colocar adesivos na porta da geladeira, no espelho do banheiro e no aparelho de TV. Lavar a louça, arrumar a cama, esperar na fila do supermercado — tudo pode nos convocar à oração. Correr, nadar e caminhar podem ter o mesmo efeito. A ideia é surpreendentemente simples. Frank Laubach chama isso "jogo com os minutos", e nós também podemos participar desse jogo empolgante. Quantos minutos por dia você consegue se manter em santa comunhão?

O segundo passo visa levar essa obra ao subconsciente: fazemos a oração, mas não temos consciência do que dissemos. Parece sempre haver em oculto alguma expressão mais forte de admiração e adoração, como pano de fundo para todas as coisas — como uma melodia que cantarolamos o dia inteiro sem nos dar conta disso. Orações brotam de nosso interior nas horas mais estranhas: no meio do trânsito, durante o banho, num *shopping* superlotado. Começamos a idealizar nossa oração.

Nesse ponto, começamos a perceber mudanças em nosso comportamento. Ficamos menos irritados no trânsito. Encaramos com mais facilidade as pequenas frustrações experimentadas no lar e no trabalho. Passamos a ouvir os outros com mais atenção e paciência. Passamos a tratar as crianças com maior consideração.

O terceiro passo é dado quando a oração é dirigida ao coração. Na realidade, buscamos com a mente comover o coração. Sentimento e razão trabalham de comum acordo. O ato de orar se torna cada vez mais suave, cada vez mais agradável, cada vez mais espontâneo, parecendo-se menos com uma obrigação e mais com um prazer.

Começamos então a pensar em tudo com amor. Nossas decisões, aos poucos, são envolvidas por afetuosa racionalidade. Não tenho as palavras exatas para explicar esse fenômeno. Tornamo-nos, por exemplo, mais sensíveis aos sofrimentos alheios. Ao adentrar um recinto, conseguimos identificar quem está abatido, quem se sente abandonado ou quem experimenta profunda e inexprimível tristeza. Qualquer que seja o caso, seremos capazes de nos sentar ao lado deles, em silêncio, e oferecer-lhes o conforto, a compreensão e a cura de que necessitam, sabendo que "abismo chama abismo" (Salmos 42.7).

O quarto passo é dado quando a oração permeia toda a nossa personalidade. Torna-se como a respiração e o sangue, que percorrem o corpo inteiro. A oração desenvolve uma profunda harmonia em nosso interior.

Isso que estou falando vai além de minha experiência pessoal; todavia minhas fontes são confiáveis. Os santos, através dos séculos, foram testemunhas dessa realidade, que eles muitas vezes chamam "união divina". Madame Guyon declara que tanto nossas orações quanto nossas meditações são "mera preparação" para essa obra tão profunda: "*Elas não são o fim.* Elas não são um *meio* para chegar ao fim. O fim é a união com Deus".[14]

O último passo é grande demais para mim no momento. Talvez o seja para você também. Está mais relacionado com a pobreza de nossa experiência espiritual nos dias de hoje que com o passo em si. De qualquer forma, trataremos desse assunto num capítulo mais adiante.

Dois problemas

Antes de encerrar este capítulo, desejo fazer menção de um problema prático e de um problema teórico. A questão teórica

[14] *Experiencing the Depths of Jesus Christ*, p. 125-6.

pode estar ou não relacionada com a oração incessante abrigada sob o guarda-chuva da vã repetição, condenada por Jesus. Você deve estar lembrado que discorremos sobre esse assunto no capítulo anterior. Jesus estava se referindo a uma prática específica de sua época, quando os fariseus faziam questão de exibir sua piedade, recitando suas orações em praça pública. Tratava-se de uma repetição que era não apenas vã, mas também impregnada de vaidade. A oração incessante, no entanto, é discreta, uma oração em secreto: ninguém fica sabendo quando estamos nela envolvidos... exceto talvez quando alguém percebe que estamos felizes e realizados.

A repetição em si mesma não é errada. Ela é recomendada por Jesus na parábola do amigo importuno, e ele mesmo valeu-se desse recurso no Getsêmani. Abraão fez esse tipo de oração ao barganhar com seu hóspede celestial, assim como Paulo quando pediu que lhe fosse removido o "espinho na carne". O problema não é a repetição em si, mas a repetição vista como fórmula mágica. A ideia de que podemos recitar a combinação perfeita de palavras na sequência ideal e com isso convencer Deus a defender nossa causa é a repetição que a Bíblia rejeita.

O segundo problema é de natureza prática. Tudo que já dissemos neste capítulo ajusta-se muito bem às situações em que nos encontramos mais sensíveis às coisas espirituais e sentimos necessidade de buscar a Deus. Mas, e quanto às ocasiões em que sentimos fugir a espiritualidade — quando temos um confronto com os filhos ou nos desentendemos com a esposa, por exemplo?

Para ser franco, além das orações desesperadas que mencionamos no capítulo 1 ("Ó Deus, ajuda-me!"), descobri que nessas ocasiões não consigo orar. Em vez de bancar o tolo com a piedosa pretensão de manter uma comunhão constante, o que faço nessas horas é "pedir tempo" a Deus. Sua graça está sempre à disposição, e ele entende nossa fragilidade. No tempo certo, poderemos tentar outra vez. A questão não é se falhamos ou se tornamos a falhar

— isso já é esperado. O que importa é se depois de determinado tempo desenvolvemos o hábito da comunhão divina.

Deus está à nossa espera no santuário de nossa alma. Ele nos dá as boas-vindas e ali experimentamos, nas palavras de Madame Guyon, uma "duradoura estabilidade interior".[15] E esta é a melhor parte: os resultados sempre excedem o esforço empreendido.



"Senhor, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra!" As Plêiades e a Órion cantam em teu louvor. O pardal e o chapim imitam a canção delas. Toda a Criação parece estar em harmonia contigo, o grande Maestro. Isto é, tudo menos eu. Por quê? Por que me isolo, querendo cantar uma música só minha? Sou mesmo uma criatura obstinada. Perdoa-me.

Desejo uma harmonia mais completa e frequente contigo. Desejo uma comunhão constante e estável. Por favor, fortalece agora mesmo esse meu desejo, que parece tão insignificante e frágil. Possa eu um dia tornar-me como uma árvore "plantada à beira de águas correntes: Dá fruto no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prospera!".

Pelo amor de Cristo. Amém.

[15] *Experiencing the Depths of Jesus Christ*, p. 110-1.

DOZE

A ORAÇÃO DO CORAÇÃO

O coração fala ao coração.

— JOHN HENRY NEWMAN

A oração do coração é caracterizada pela intimidade. É a oração de amor e ternura, como de uma criança a Deus Pai.[1] Assim como a galinha, que acolhe seus pintinhos debaixo das asas, nós, pela oração do coração, permitimos que Deus nos aproxime dele — para nos guardar, afagar e amar (Lucas 13.34).

"QUERO AQUECER O CORAÇÃO DELES"

Enquanto esperava o nascer da manhã debaixo das cobertas, eu repassava os acontecimentos dos dias anteriores. Havia acabado de

[1] A oração do coração é às vezes chamada "oração *abba*". Sei de muita gente que descobriu a dolorosa linguagem *abba* por ter sofrido abusos de seus pais humanos. Sofro pelos que foram expostos a uma experiência tão terrível e destrutiva, e oro — mesmo enquanto escrevo estas palavras — para que eles possam encontrar graça e restauração. Que isso sirva também para lembrar a todos nós que devemos encarar a função de pais humanos exatamente como a aprendemos de Deus, e não de outra maneira.

cumprir com êxito uma agenda de pregações — o povo se mostrara afável e receptivo, e o Espírito repousara sobre nós de maneira suave. Restava ainda uma tarefa: pregar no domingo de manhã numa igreja da região e, então, tomar o caminho de casa.

"Senhor, o que tens para essa congregação nesta manhã? Desejas que algo especial seja dito ou feito?", eu indagava. Embora costume preparar meus sermões com antecedência, tenho por hábito fazer essa oração porque, não raro, alguns suaves impulsos parecem nos guiar para suprir necessidades espirituais. Naquela manhã em particular, a orientação foi bem específica: "Diga-lhes que quero aquecer o coração deles".

"Aquecer o coração deles? O que significa isso?", pensei. Levantei-me e anotei às pressas umas poucas ideias a serem acrescentadas à mensagem que eu tinha planejado apresentar naquela manhã. Na verdade, porém, eu não tinha nenhuma pista de como Deus poderia aquecer nosso coração. Ao longo dos anos, tenho aprendido que, em situações como aquela, não preciso saber coisa nenhuma.

Antes do início do culto, tive um encontro com o coral para, da melhor maneira possível, passar o que Deus me tinha revelado. Um murmúrio de santa expectativa percorreu o grupo enquanto orávamos pela experiência de adoração que nos aguardava.

O culto fluiu muito bem. Quando encerrei a mensagem, procurei transmitir ao povo, da maneira mais simples possível, o que eu pudera discernir do que recebera de Deus. Revelei à congregação que o Senhor desejava aquecer o coração de várias pessoas presentes àquele culto, e que, por isso, deveríamos aguardar o toque divino. Esperei algum tempo e me senti gratificado ao ver que cerca de uma dezena de pessoas se levantou para falar de questões particulares — Deus estava derretendo o gelo e amaciando corações endurecidos. Depois disso, pedi que se levantassem os que estavam sentindo a necessidade de buscar uma vida profunda de discipula-

do em Jesus Cristo. Cerca de metade da congregação ficou de pé, e conduzi uma longa oração de compromisso — intercalada com momentos de silêncio — enquanto aguardava o momento em que Deus iria aquecer os corações. O ambiente estava impregnado de ternura e estímulo. O processo continuou após o término do culto. Eu havia sido escalado para falar num fórum adulto, mas ocupei todo o tempo orando por pessoas individualmente, as quais, de várias maneiras, desejavam ter o coração aquecido: uma precisava da cura para o coração enfermo; outra precisava da cura emocional por causa de um relacionamento rompido; e assim por diante. Até mesmo o horário do lanche foi agraciado com novas revelações a respeito de corações feridos, e orei em silêncio para que a cura continuasse.

À tarde, encontrei-me com o pastor da igreja — uma jovem estrela em ascensão dentro de sua denominação. (Antes disso, eu tinha ficado aborrecido porque meu voo para casa seria muito tarde. Agora, entretanto, entendia por quê. Tivemos a oportunidade de conversar durante longo tempo sem nenhuma interrupção.) Enquanto falava comigo, aquele pastor começou a esquadrinhar os recessos mais profundos de seu coração. Senti que o que ele estava experimentando era o clássico exemplo da "noite escura da alma". Fiquei a escutá-lo por cerca de uma hora, comovido com os sentimentos que perpassavam a alma daquele líder bem-sucedido.

Eu estava consciente de que aquele era um momento sagrado, mas não sabia o que fazer. Levantei-me e me postei à esquerda do pastor, colocando uma das mãos em suas costas e a outra sobre o coração. Ele encostou a cabeça em meu peito e começou a chorar baixinho e a suspirar. Orei por ele durante quinze minutos ou mais, na maior parte uma oração silenciosa intercalada com algumas palavras em voz alta. Enquanto orava, senti a mão que eu colocara sobre o coração dele ficar muito quente. Quando percebi que estava concluída a obra que Deus desejava fazer, paramos e

conversamos mais um pouco. Perguntei-lhe se ele notara o calor em minha mão enquanto orávamos. "Oh, sim!", ele respondeu. "Sua mão não teria ficado tão quente se você a tivesse esfregado com força sobre minha pele." Enquanto ele falava, coloquei a mão outra vez sobre o coração dele, e de imediato ela voltou a ficar quente, quase queimando. Mantive minha mão ali enquanto continuávamos conversando, maravilhados com o que estava acontecendo.

Pensei no livro de Richard Rolle, *The Fire of Divine Love* [O fogo do divino amor], em que o autor relata experiências incomuns de calor intenso sentido em volta do coração, a ponto de ele colocar a mão sobre o peito para certificar-se de que o órgão não estava literalmente em fogo.

De repente, percebi a conexão entre o que estava acontecendo e a mensagem que eu recebera naquela manhã, enquanto estava na cama. (Essa ideia não me havia ocorrido até o momento.) O desejo divino de aquecer os corações estendia-se à congregação, estou certo disso, contudo a obra mais específica destinava-se àquele sincero pastor.

Enquanto permanecemos ali, Deus continuou aquecendo o coração daquele jovem pastor, e a manifestação física de calor era um gracioso indício de uma obra mais profunda do amor que cura e da misericordiosa graça produzida em seu interior. Havia muito tempo que aquele fiel servo de Cristo não "sentia" a presença de Deus. Tudo o que podemos dizer é que, por sua graça, Deus estava confirmando para ele a realidade da promessa "nunca o deixarei, nunca o abandonarei" e curando profundas feridas que lhe tinham sido causadas nos primeiros anos de ministério.

Contei essa história para ressaltar o desejo divino de comungar conosco, de Coração para coração. Jean-Nicholas Grou diz: "Esse é o coração que ora, essa é a voz do coração que Deus ouve e esse

é o coração ao qual ele responde".[2] A exemplo de John Wesley, precisamos sentir "o coração estranhamente aquecido".

A PEDRA DE TOQUE

A oração do coração é a oração *abba*. O grande apóstolo Paulo revela-nos que "Deus enviou o Espírito de seu Filho ao coração de vocês, e ele clama: 'Aba, Pai' " (Gálatas 4.6). A experiência da oração *abba* de Jesus constitui a pedra de toque para a oração do coração.

Uma das primeiras coisas que nos chamam a atenção quando lemos os Evangelhos é a intimidade profunda e pessoal que Jesus experimentava e demonstrava ter com o Pai. De fato, a ideia de Deus como Pai não é nova. O salmista declara: "Como um pai tem compaixão de seus filhos, assim o SENHOR tem compaixão dos que o temem" (Salmos 103.13). No livro de Oseias, Deus descreve a si mesmo como um pai que toma o filho nos braços, que o conduz "com laços de bondade humana e de amor" e que se inclina para alimentá-lo (Oseias 11.1-4).

Contudo, Deus não se apresenta apenas como figura paterna. Ele se dirige ao profeta Isaías, por exemplo, com linguagem de mãe: "Assim como uma mãe consola seu filho, também eu os consolarei..." (Isaías 66.13). Não. Não é a imagem paterna ou materna de Deus que nos surpreende quando lemos os Evangelhos: é o convite para *nos dirigirmos a Deus* por uma vereda íntima e pessoal jamais explorada. Os discípulos devem ter ficado estupefatos com a resposta que obtiveram de Jesus quando lhe pediram instruções acerca da oração. Ele disse simplesmente: "Quando vocês orarem, digam: 'Pai!...' " (Lucas 11.2). Para o judeu tradicional, que hesitava até em pronunciar o nome de Deus, a inocente intimidade das palavras de Jesus deve ter causado um violento choque.

---

[2] *How to Pray* (trad. Joseph Dalby, Greenwood, SC: Attic, 1982), p. 18.

Abba e *imma* — "papai" e "mamãe" — são as primeiras palavras que uma criança judia aprende a falar. *Abba* é um termo tão íntimo e pessoal, que ninguém ousava empregá-lo para se dirigir ao grande Senhor do Universo — ninguém até aparecer Jesus. O professor Joachim Jeremias declara: "Não há um único caso do uso de *abba* [...] como forma de se dirigir a Deus em toda a literatura judaica".[3]

Essa intimidade plena entre Jesus e Deus Pai é que nos surpreende. Com apenas 12 anos de idade, no templo em Jerusalém, ele já dizia a seus pais terrenos: "... Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?" (Lucas 2.49). Dezoito anos mais tarde, ao dar início ao seu ministério, ele saiu das águas do batismo enquanto eram ouvidas as palavras celestiais: "... Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado" (Lucas 3.22). Mais uma vez, agora no monte da Transfiguração, a mesma voz, proveniente de uma nuvem, declarou: "Este é o meu Filho amado. Ouçam-no!" (Marcos 9.7). Jesus experimentou a intimidade de Deus Pai não somente no êxtase da transfiguração, mas também na agonia do Getsêmani: "*Aba*, Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres" (Marcos 14.36).

Isso é apenas uma amostra, naturalmente. Essa intimidade profunda era uma realidade que permeava tudo o que Jesus dizia ou fazia. John Dalrymple observa: "Toda a vida de Jesus foi uma contínua 'experiência *abba*' ".[4]

Ontologicamente, o relacionamento entre Jesus e Deus Pai é único, sem dúvida, mas, como experiência, somos convidados à mesma intimidade que Cristo em carne desfrutou com o Pai. Somos incentivados a nos aconchegar no regaço do Pai e receber

[3] *The Prayers of Jesus* (Philadelphia: SCM, 1967), p. 111.

[4] *Simple Prayer*, p. 38. Alguns estudiosos chegam a afirmar que, por trás de todas as menções de Jesus a Deus Pai em nosso Novo Testamento grego, está a linguagem hebraica e aramaica de *abba*.

dele amor, conforto, cura e força. Ali, podemos rir e chorar sem nenhum impedimento. Podemos ser abraçados e encontrar consolo em seus braços. Podemos adorá-lo com toda a intensidade de nosso espírito.

Eu estava ministrando uma série de palestras num conceituado seminário. A semana fora preenchida com boa discussão teológica. Foi quando Deus despertou numa aluna o dom da música e lhe deu uma canção: "Abba's Lullaby" [Canção de ninar do *Abba*], da qual ela me deu uma cópia manuscrita. Meu coração foi tocado com aquelas palavras, e de imediato liguei para ela e declarei que Deus lhe dera não apenas uma canção, mas uma mensagem muito especial para toda a comunidade do seminário. Perguntei-lhe se gostaria de cantar aquela música na capela no dia seguinte, na última sessão daquele evento. Ela generosamente concordou.

Na sexta-feira, após as costumeiras palavras de abertura, expressei minha convicção de que Deus tinha uma palavra especial para nós, não por meu intermédio, mas usando outra pessoa. Expliquei que aquela canção, composta apenas um dia antes, era uma oração, mas uma oração às avessas. Era Jesus cantando a respeito de nós, e deveríamos ser receptivos à sua mensagem.

Minha amiga estudante aproximou-se do microfone. Sua bela voz de soprano era clara como cristal, induzindo todos nós à adoração. As palavras que ela cantava eram de extrema simplicidade, contudo era exatamente o que aquela plateia de alto nível necessitava:

> Filho querido, filho amado, você sabe do meu cuidado.
> Filho querido, filho amado, você sabe que estou aí.
> Filho querido, filho amado, você sabe que isso é verdade.
> Filho querido, filho amado, eu amo você.
>
> Arranjaste-me um berço, é verdade, Senhor.
> Berço grande e resistente, oh, meu Deus!

Arranjaste-me um berço, é verdade, Senhor.
As mãos de Deus em meu berço, humm, humm.

Embala-me docemente Jesus,
Embala-me docemente a noite inteira.
Embala-me docemente, humm, humm.
Em tuas mãos, posso ser forte.[5]

Aquelas boas pessoas — homens e mulheres que haviam estado a semana inteira envolvidos num caloroso debate sobre Barth, Niebuhr, Pannenberg e Tillich — absorveram como esponjas as singelas palavras de amor da canção. Uma santa quietude tomou conta do auditório, prova de que o coração de todos ali se havia aproximado do coração de Deus. Saboreamos a letra da canção por alguns momentos, e estou convencido de que minhas palestras já foram esquecidas, mas aquelas palavras simples permanecem, porque naquele dia Jesus cantou sua canção de ninar para nós.

O Espírito ora em nós

O que vem a ser essa oração do coração? Trata-se tão somente do Espírito Santo a orar dentro de nós. Alguns antigos autores apontam três estágios na oração: oração dos lábios, oração da mente e oração do coração.[6] Embora possamos discutir essa classificação, todos hão de concordar que, quando fazemos a oração

[5] *Copyright* de Carol Lacquement Penick. Informações sobre essa canção e sobre permissão de uso podem ser obtidas diretamente com a autora: 107 Shannon Dr., Greenville, SC, 29615.

[6] Kenneth Swanson, *Uncommon Prayer: Approaching Intimacy with God* (New York: Ballantine, 1987), p. 198. Foi Evágrio Pôntico (346-399) quem primeiro elaborou essa sistematização. No Ocidente, João Cassiano (360-435) tomou esses três estágios e transformou-os no que hoje conhecemos como "oração purgativa" (dos lábios), "oração iluminativa" (da mente) e "oração unificativa" (do coração).

do coração, adentramos uma dimensão na qual o Espírito Santo é o iniciador. Ou seja, é o Espírito Santo quem cria essa oração e é ele que a sustém.

A oração do coração significa que chegamos ao nosso limite. Tentamos achar as palavras certas, mas não as encontramos. Esforçamo-nos para expressar o que sentimos no coração e chegamos à dolorosa constatação de que não chegamos nem perto do que desejamos exprimir. É aqui que o Espírito Santo interfere, "com gemidos inexprimíveis". Recebemos dele o Espírito de adoção, por meio do qual clamamos: "Aba, Pai" (Romanos 8.17-26).

Na oração do coração, experimentamos "uma amizade conservada em reverência".[7] Somos conduzidos pelo Espírito às profundezas da intimidade, onde nos tornamos "como uma poça de água perfeitamente capaz de refletir o Sol".[8]

Expressões comuns

A oração do coração é expressa de formas infinitas, compatíveis com a mente de Deus. Assim, não devemos nunca tentar classificar os ventos do Espírito com muita precisão. Ainda assim, pode ser útil relacionar as manifestações mais comuns em que o Espírito Santo se movimenta no meio de seu povo quando ocorre a oração do coração.

Talvez as mais comuns dessas manifestações sejam as impressões especiais e as palavras reveladoras que o Espírito Santo comunica ao cristão. Estas são muitas vezes denominadas *rhema*, que no grego significa simplesmente "palavra". Quando Jesus observou que vivemos não apenas de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus, ele usou a palavra *rhema* (Mateus 4.4). De igual

[7] *Prayer*, p. 264.

[8] Kenneth Swanson, *Uncommon Prayer: Approaching Intimacy with God*, p. 211-2.

modo, quando Paulo se referiu à Palavra de Deus como "a espada do Espírito", ele usou a palavra *rhema* (Efésios 6.17).

Quando lemos a Bíblia, é comum a experiência de encontrar "uma palavra na Palavra" — uma passagem em particular que nos parece aplicável, de modo diferente, a uma situação específica. Às vezes, ficamos admirados quando Deus, por meio de semelhantes experiências, opera o criativo fator da inteligência para trazer ao nosso consciente novas e maravilhosas combinações de ideias e *insights*. De qualquer forma, essa "estimulação da Palavra" nos anima, pois tomamos consciência de que Deus está perto de nós e profundamente interessado em circunstâncias particulares de nossa vida.

Uma *rhema* especial também pode ser dirigida a nós partindo de outra pessoa, quando uma revelação divina nos orienta em determinada situação. O resultado dessas experiências é que nosso coração vai se aproximando cada vez mais de Deus.

A glossolalia, isto é, o falar em línguas, é outra forma de oração do coração. Essa experiência é bastante comum e não está restrita aos séculos XX e XXI. Antes disso, todas as gerações e todos os grupos experimentaram, em alguma medida, esse carisma do Espírito, desde o primeiro século até o presente.

Há muitas justificativas e serventias para a glossolalia; a mais fundamental, porém, é render nosso espírito ao Espírito de Deus, enquanto este ora por nosso intermédio. O Espírito toca o nosso espírito. Sem cometer violência contra nossas faculdades mentais, vamos além do racional. Adentramos a dimensão celeste por meio de uma linguagem celestial complacente diante de nossa insignificante e incompreensível linguagem, de modo que possamos exprimir o inexprimível.

Minha primeira experiência com a "oração em línguas", como às vezes é chamada, ocorreu de maneira bastante simples. Foi há muitos anos, num rústico chalé — o "lugar tranquilo" num local

retirado. Eu estava ali com um amigo de confiança, ao qual eu havia solicitado que me ensinasse algo sobre a oração do coração. Seu principal método de ensino consistia na própria oração, e, enquanto estávamos ali sentados, ouvindo a voz do Senhor, ele me passava as instruções. Logo pude perceber um suave murmúrio de adoração emanando dos lábios de meu amigo — palavras que não faziam sentido para o intelecto, mas que eram inteligíveis para o espírito.

Fiquei ouvindo, numa atitude de reverência. Meu amigo não tentou me obrigar a orar daquele jeito nem a fazer alguma outra coisa. Eu estava muito grato por isso, pois teria me esquivado de qualquer forma de manipulação como se fugisse de uma doença contagiosa.

Eu não disse nada em voz audível todo aquele tempo, mas algo foi liberado em meu espírito naquela tarde, e nos dias que se seguiram o carisma da glossolalia manifestou-se de maneira natural, como um fato comum de minha vida de oração.

Outra forma de oração do coração é aquela às vezes referida como "descanso no Espírito". Consiste em ser de tal modo tomado pelo poder do Espírito Santo, que a pessoa perde a consciência por determinado tempo. Alguns entram em transe, outros caem sem sentidos ao chão.

Pelo que sei, quando essa experiência é autêntica (e há muito charlatanismo nesse campo), existe sempre um resultado benéfico. Quase todos dão testemunho de uma comunhão muito íntima e de uma porção maior de amor santo. Há também casos de cura interior. Embora eu nunca tenha tido o privilégio de receber essa graça, já pude observá-la bem de perto — em umas poucas ocasiões, as pessoa por quem eu orava simplesmente caíram ao chão. Todos pareciam em perfeita paz. Era como se o *shalom* de Deus repousasse sobre eles. Sem dúvida, a oração interior foi contínua todo o tempo — oração do coração, o Espírito falando ao espírito.

O "riso santo" também é uma forma de oração do coração. A alegria do Espírito parece fluir do interior até explodir numa sonora e santa gargalhada. Quase sempre, isso acontece com o indivíduo em sua oração particular, mas não raro acontece com a comunidade reunida. Para quem não está acostumado, pode parecer que estão todos bêbados, como de fato estão — com o Espírito. O riso santo pode ser interrompido, creio eu, mas quem desejaria fazer isso? O Espírito revigora a alma e restaura o coração. As tristezas e as mágoas que oprimem o cristão são muitas vezes instantaneamente dissipadas.

O riso santo difere da boa e velha risada, mas são primos distantes. O verdadeiro riso, a verdadeira hilaridade — não a gargalhada escarnecedora que sempre surge a expensas de alguém — provém de Deus. Ele é dado para nossa cura. Ele é dado para nossa alegria. Ele é dado para nos fazer completos. Não há o que temer. Todos nós sabemos algo da psicologia e da fisiologia do riso comum. A dimensão santa apenas o intensifica e realça a sua realidade. Eis uma graça a ser recebida com alegria e ação de graças.

Alguém pode ficar confuso com meus exemplos — *rhema*, glossolalia, descanso no Espírito, riso santo, e assim por diante. Seriam realmente formas de oração? Costumamos pensar na oração como algo que fazemos — algo iniciado por nós ou em que pelo menos temos participação ativa. Pelo que se vê aqui, no entanto, parece mais uma influência recebida que uma iniciativa nossa. Como chamar a isso "oração", se pouco fazemos além de receber?

Eis uma boa pergunta, e vou tentar respondê-la da melhor maneira possível. Para começar, ficar na situação de receber não é ruim, se estamos em plena comunhão com o onipotente Criador do Universo. De fato, nossa participação é mais passiva, mas às vezes isso é tudo o que podemos suportar. Além disso, é bem provável que nossa participação seja maior do que imaginamos. Mesmo quando alguém descansa no Espírito, isso pode muito

bem significar uma comunhão interior e profunda mais ativa e participativa que em qualquer outro momento. Penso que nosso espírito finito é ativado e influenciado pelo Espírito infinito do Universo. O certo é que estamos orando, talvez orando mais do que nunca.

No entanto, não quero dar a impressão de que as formas de oração do coração são todas caracterizadas por êxtase, porque muitas não o são. Em alguns casos, ocorre um simples despertar do coração para as coisas de Deus. Sentimo-nos mais apaixonados por Deus, mais desejosos de sua presença, mais dispostos a conhecer seus caminhos. Tendo Deus como nossa companhia, estaremos sempre preparados para fazer face a tudo o que exija nossa atenção: aguardamos com real interesse as reuniões, adiantamos o trabalho com nossos parceiros, aguardamos ansiosos a hora de estar com a esposa e os filhos. Esses são aspectos comuns da oração do coração.

A RESPOSTA DO AMOR

Na oração do coração, temos uma tarefa a cumprir, ainda que ela seja apenas um reflexo da iniciativa do Espírito Santo. Essa receptividade é importante e merece toda a nossa atenção.

Considerando neste capítulo as maneiras de ingressar na oração do coração, não faço referência a métodos e técnicas. Estou falando de manter uma história secreta com o Pai. Estou falando de manter um relacionamento pessoal com Jesus. Madame Guyon escreveu: "Ensine essa simples experiência, essa oração do coração. Não ensine métodos; não ensine maneiras elevadas de orar. *Ensine a oração do Espírito de Deus*, não a inventada pelo homem".[9]

O caminho principal para a oração do coração é o amor simples. O amor é a resposta do coração à irresistível bondade de Deus, que

[9] *Experiencing the Depths of Jesus Christ*, p. 122.

nos permite simplesmente chegar e falar com ele honestamente, sem rodeios. Você pode ser tão cheio de temor e tão pleno de amor na presença divina, que não encontra palavras para se expressar. E isso é perfeitamente cabível! É o bastante para vivenciar o que Brennan Manning chama "a sabedoria da ternura".[10]

Você deve escolher um nome carinhoso para Deus, que possa sussurrar sempre que for necessário retornar à divina presença. Você pode escolher algo bem simples, como "*Abba*, Pai", ou talvez prefira a expressão favorita de Charles Spurgeon, extraída de Cântico dos Cânticos: "meu Amado".

Se seus pensamentos estiverem confusos, basta começar a sussurrar o nome que você escolheu, e as distrações logo serão dissipadas. Se precisar fazer isso 50 vezes em uma hora, você terá praticado 50 atos de amor para Deus.

Dirija ao Pai palavras piedosas e de amor. Talvez, de início, isso lhe pareça estranho e um pouco forçado, pois você não está acostumado a tratar Deus dessa maneira. Contudo, no devido tempo você descobrirá que a linguagem do amor é algo natural para quem está apaixonado.

Cair no sono durante a oração não é problema. Você pode descansar na presença de Deus. Além disso, a proximidade do coração de Deus é um bom lugar, um lugar seguro para dormir. O autor anônimo de *A nuvem do desconhecido* afirma que você deve ser grato a Deus se cair no sono sem perceber.[11]

A frase "*Abba*, eu pertenço a você" é perfeita para esse tipo de oração, pois pode ser falada de um só fôlego. Frases similares também podem ser utilizadas.

---

[10] *The Wisdom of Accepted Tenderness: Going Deeper into the Abba Experience* (Denville, NJ: Dimension Bools, 1978) [*A sabedoria da ternura*, São Paulo: Palavra, 2007].

[11] Clare VINCENT, *The Life of Prayer and the Way to God*, p. 81.

É certo que temos ordem para amar a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma, de toda a nossa mente e de todas as nossas forças. Contudo, você pode encontrar dificuldade para amar a Deus. O esforço parece deixar você mais indiferente e duro de coração. Você não é motivado pela graça nem pela misericórdia de Deus. Você não se permite ser envolvido pelo amor e cuidado divinos. O que fazer?

Minha sugestão é que você convide Deus para acender uma chama de amor em seu íntimo. Peça a ele que coloque uma dor contínua em seu coração. Assim, quando você se afastar da divina presença por muito tempo, a dor da ausência será sentida, e você será levado de volta ao coração de Deus.

No entanto, é possível que isso ainda não seja o remédio mais eficaz para você. Algo mais pode ser feito? Sim, sem dúvida. Recomendo-lhe a oração de John Donne: "Quebra meu coração, Deus trino".[12] Esse é o primeiro verso de um soneto, no qual Donne revela que nem a bondade de Deus conseguiu levá-lo ao arrependimento. Ele suplica a Deus que utilize instrumentos contundentes como tática para levá-lo de volta: "Aplica tua força para quebrar, golpear, queimar e me fazer de novo". Eis uma oração forte, é verdade, mas que pode trazer resultados surpreendentes.

A chuva forte do Pai

Sei que até agora apenas arranhei a superfície da oração do coração. Podemos ir bem mais longe, aprender muito mais. Contudo, sei também que você tem um Professor muito melhor que eu e que ele o guiará a toda a verdade. O amor do Pai é como um aguaceiro que se abate sobre nós quando menos esperamos, encharcando-nos com maravilhas, louvores e indizíveis palavras.

[12] Walter Hendricks (Org.), *The Complete Poems of John Donne* (Chicago: Packard, 1942), p. 270-1.

Quando isso acontece, não armamos o guarda-chuva para nos proteger; preferimos ficar debaixo da chuva forte do Pai.



Abba, querido Abba, tu sabes que a linguagem do amor não desabrocha com facilidade em mim. Posso falar com facilidade de coragem, de fé e de inúmeras outras coisas, mas não de amor. Em algumas situações, é mais fácil eu oferecer meu corpo para ser queimado que amar.

Ó Vinho do meu coração, embriaga-me com teu amor!

Pelo amor de Cristo. Amém.

TREZE

A ORAÇÃO MEDITATIVA

A meditação é a língua da alma e a linguagem do nosso espírito.

— JEREMY TAYLOR

Você já viu alguma vez uma vaca ruminando? Esse pacato animal enche o estômago com grama e outros alimentos. Então se deita tranquilamente e dá início ao processo de regurgitação, reprocessando a comida com lentos movimentos da boca. Dessa maneira, o que foi consumido é inteiramente assimilado e depois transformado no leite substancial e cremoso.

O mesmo acontece com a oração meditativa. A verdade sobre a qual refletimos passa da boca para a mente e depois desce ao coração, onde, por meio de tranquila ruminação — ou regurgitação, se você preferir —, produz naquele que ora uma reação de fé e amor.

O MONGE CORREDOR

Permita-me contar-lhe a história de Jim Smith, um ex-aluno meu. Jovem brilhante, Jim tinha planos de trabalhar numa

conceituada escola da Costa Leste depois que se formasse. No segundo ano, entretanto, ele estava preocupado em manter sua vida espiritual, e por isso decidiu fazer um retiro.

Ele chegou à casa na qual iria se instalar e foi apresentado ao religioso que seria seu orientador espiritual por uma semana. Na mesma hora, Jim ficou desapontado, pois notou que, por baixo do hábito, o homem calçava tênis de corrida... e da Adidas! Jim esperava encontrar um sábio barbudo de idade avançada e deparou com um monge corredor!

O monge passou a Jim uma única instrução: meditar sobre a história da anunciação, no primeiro capítulo do evangelho de Lucas. Isso era tudo. Jim foi para seu quarto e abriu a Bíblia, resmungando: "A narrativa do nascimento de Jesus. Eu já li isso centenas de vezes!". Nas primeiras horas, ele esmiuçou a passagem, como faria um bom exegeta, extraindo um bom número de ideias interessantes que poderiam ser aproveitadas em futuros sermões. O restante do dia ele passou em total silêncio, ocupado apenas em girar os polegares.

No dia seguinte, Jim encontrou-se com seu orientador para discutir sua vida espiritual, e este lhe perguntou como estava indo com a passagem indicada. Na esperança de impressionar o monge, Jim lhe falou das ideias que extraíra do texto. Não conseguiu.

— Qual o seu propósito ao ler a passagem? — perguntou o monge.

— Meu propósito? Entender o significado do texto, eu presumo.

— Algo mais?

Jim fez uma pausa.

— Não. Há mais alguma coisa?

— Bem, existe muito mais do que saber o que o texto diz e descobrir significados. Há também algumas perguntas, por exemplo: o que esse texto diz a você? Algo chamou sua atenção

em especial? E, mais importante, você teve alguma experiência com Deus durante a leitura?

O monge recomendou-lhe a leitura do mesmo texto para aquele dia inteiro, insistindo em que o lesse mais com o coração e menos com a mente. Durante todo o dia, Jim tentou fazer o que seu orientador havia recomendado, mas foi inútil. Ao anoitecer, ele já sabia a passagem praticamente de cor, mas, para ele, o que havia lido continuava sem vida. Jim sentiu que estava ficando surdo por causa do silêncio.

No dia seguinte, os dois se reuniram outra vez. Desesperado, Jim confessou ao monge que não estava conseguindo fazer o que lhe fora pedido. Foi então que a sabedoria oculta pelos tênis de corrida se tornou manifesta:

— Você está forçando a barra, Jim. Está tentando controlar Deus. Volte para sua leitura, mas desta vez mantenha o coração aberto para receber o que Deus tem para você. Não manipule Deus, apenas se mantenha receptivo. A comunhão com ele não é algo que você determina. É como dormir. Você não impõe o sono a si mesmo, apenas cria as condições para que ele aconteça. Tudo o que desejo é que você crie as condições: abra sua Bíblia, leia o texto bem devagar, preste atenção ao que está lendo e reflita sobre a passagem.

Jim retornou ao seu quarto e começou a ler. Nada. Por volta do meio-dia, ele olhou para o teto e gritou:

— Eu desisto! Você venceu!

Não houve resposta nenhuma, como ele já esperava. Então, ele se debruçou sobre a escrivaninha e começou a chorar.

Pouco tempo depois, ele tomou a Bíblia e fez uma rápida leitura do texto. As palavras eram bem conhecidas, mas agora havia algo diferente. Sua mente e seu coração estavam mais flexíveis. Parte da resposta de Maria ele tomou como palavras suas: "... que aconteça comigo... que aconteça *comigo*". Então Deus falou. Foi como se

uma janela se abrisse de repente para que Deus falasse de amigo para amigo. O que se seguiu foi um diálogo em torno da história contada por Lucas: sobre Deus, sobre Maria, sobre Jim.

O Espírito o levou até o nível dos profundos sentimentos de Maria, das dúvidas de Maria, dos temores de Maria, da notável resposta de fé dada por Maria. Obviamente, foi também uma jornada através dos sentimentos, temores e dúvidas de Jim, durante a qual o Espírito, pelo seu toque amoroso e compassivo, quebrou os laços que o prendiam ao passado.

Embora Jim tivesse alguma dificuldade para acreditar, a mensagem do anjo a Maria parecia dirigida também a ele, Jim: "Você foi agraciado por Deus!". A pergunta de Maria, carregada de perplexidade, também era a pergunta de Jim: "Como isso acontecerá?". E mais uma vez Jim lançou-se a chorar nos braços de um Deus cheio de graça e de misericórdia.

Na passagem bíblica, o anjo informou com precisão o futuro de Maria. E quanto ao futuro de Jim? Eles — Deus e Jim — conversaram sobre isso, sobre o que deveria ser, sobre o que poderia ser. Jim empreendeu uma caminhada de oração com Deus, observando o Sol brincar de esconde-esconde por trás da copa das árvores. Na hora em que o Sol desapareceu no horizonte, ele já estava pronto para fazer a oração de Maria: "Que aconteça comigo conforme a tua palavra". Jim simplesmente deixou de exercer controle sobre a própria vida e, no mesmo instante, ele o encontrou.[1]

Vínculo com as Escrituras

A história de Jim destaca a principal forma de meditação cristã — a meditação associada às Escrituras e também aos clássicos devocionais. Neste capítulo, vamos nos concentrar na abordagem

[1] Jim publicou sua história. Para um relato mais detalhado, v. *Chistianity Today* 35, n. 8, 21 jul. 1991, p. 29-31.

mais elementar da oração meditativa.[2] O motivo é muito simples. Devemos ter a mente ocupada e disciplinada pelas Escrituras antes de podermos, com real benefício, chegar à presença do Santo numa comunhão direta. Assim, será possível assumirmos a atitude do justo no salmo que serve de introdução a todo o Saltério: "... sua satisfação está na lei do SENHOR, e nessa lei medita dia e noite" (Salmos 1.2). Todos os mestres devocionais da história da Igreja consideram a *meditatio Scripturarum*, a "meditação nas Escrituras", o referencial básico para todas as outras formas de meditação.

Na oração meditativa, a Bíblia deixa de ser uma coletânea de citações para se tornar as maravilhosas "palavras de vida" que nos conduzem à Palavra da vida. Isso difere até mesmo do estudo das Escrituras. Enquanto o estudo das Escrituras se concentra na exegese, a meditação nas Escrituras procura internalizar e personalizar o texto. A Palavra escrita transforma-se em palavra viva dirigida a nós. Não é o momento de análises ou estudos técnicos, nem mesmo de reunir material para compartilhar com alguém. É quando deixamos de lado qualquer traço de arrogância e, com humildade de coração, recebemos a mensagem que nos está sendo comunicada. Pelo que pude perceber, quase sempre

---

[2] Para um estudo mais completo das variadas formas de meditação e uma detalhada fundamentação bíblica, v. o capítulo 2 de meu livro *Celebração da disciplina*.

A Bíblia não faz distinção entre meditação e contemplação. Com o passar dos séculos, entretanto, os autores de escritos devocionais passaram a considerar os termos separadadamente, do seguinte modo: enquanto a meditação se concentra na ruminação das Escrituras, de temas devocionais como Deus, suas obras e a Criação, a contemplação consiste em descansar na agradável consciência da presença de Deus, sem que necessariamente haja um vínculo com um conceito ou uma passagem das Escrituras.

Em meus artigos, quando o espaço é pequeno para falar no assunto, prefiro seguir o padrão bíblico e usar os termos "meditação" e "contemplação" de modo intercambiável. Neste livro, todavia, oriento-me pela distinção que se consolidou através dos séculos de existência da Igreja, embora para mim não faça muita diferença.

a posição de joelhos é a mais apropriada nessa hora. Dietrich Bonhoeffer diz: "Assim como você não analisa as palavra de alguém que você ama, aceitando-as tal como lhe são ditas, aceite a Palavra das Escrituras e medite nelas, como fez Maria. Isso é tudo. Isso é meditação".[3] No seminário fundado por Bonhoeffer, em Finkenwalde, os alunos reservavam meia hora todos os dias para meditar nas Escrituras.

Para nós, é muito importante resistir à tentação de ler muitas passagens, pois serão leituras superficiais. Nossa precipitação reflete nosso estado interior; e é nosso estado interior que precisa ser transformado. Bonhoeffer recomenda um único trecho da Bíblia para uma semana inteira! Minha sugestão, porém, é que você selecione um episódio, uma parábola, uns poucos versículos ou mesmo uma única palavra e permita que essa pequena porção das Escrituras crie raízes em sua vida.

Na meditação, experimentamos o que Søren Kierkegaard denomina "contemporaneidade" das Escrituras. O passado não é paralelo: ele se cruza com o presente. A propósito dessa realidade, o famoso pregador escocês Alexander Whyte declara que a Bíblia se torna "autobiográfica para você, do princípio ao fim".[4] Na meditação sobre as Escrituras, não podemos, por exemplo, ler o texto em que Deus ordena a Abraão que ofereça Isaque em sacrifício, denotando total alheamento e gratidão por não estarmos na pele do patriarca. Pois a verdade é que entramos na pele dele! Tal como Abraão, sentimo-nos aflitos diante da decisão de sacrificar algo que é precioso para nós. A exemplo dele, encaminhamo-nos para o lugar onde ofereceremos a Deus o que mais prezamos. Como o patriarca, descemos da montanha com o significado dos pronomes "meu" e "minha" mudados para sempre.

---

[3] *The Way to Freedom* (New York: Harper & Row, 1966), p. 59.

[4] *Lord, Teach Us to Pray* (New York: Harper & Brothers, s.d.), p. 251.

Santificando a imaginação

A maneira mais simples e básica de meditar num texto das Escrituras é pela imaginação. A esse respeito, Alexander Whyte fala do "divino ofício e dos préstimos esplêndidos da imaginação cristã".[5] Talvez alguns cristãos consigam ter experiências com Deus por meio da meditação abstrata somente a maioria de nós, porém, precisa de uma ligação mais íntima com os sentidos.

Trata-se de um auxílio extraordinário quando nos debruçamos sobre o texto das Escrituras, porque desejamos ver, ouvir e tocar a narrativa bíblica. Assim, por meio desse singelo expediente, adentramos a história e a tornamos nossa. Saímos da observação imparcial para a participação ativa.

Não devemos menosprezar esse caminho simples, tão humilde, para a presença de Deus. O próprio Jesus pensava dessa maneira, fazendo constantes apelos à imaginação em suas parábolas. De igual modo, muitos mestres devocionais recomendam esse método. Teresa de Ávila, em seu *Livro da vida*, diz: "Como não podia discorrer com o entendimento, procurava representar Cristo dentro de mim. [...] Destas simplicidades tinha eu muitas. [...] Tenho para mim que assim a minha alma ganhou muito, porque comecei a praticar a oração sem saber que coisa era".[6] Muitos de nós se identificam com essas palavras, pois é comum tentarmos nos aproximar de Deus pelo caminho da razão, tendo como resultado algo mecânico, insípido.

Além do mais, a imaginação serve de âncora para nossos pensamentos, não nos deixando desviar a atenção. Francisco de Sales observa que "por meio da imaginação restringimos nossa mente ao mistério sobre o qual meditamos, assim ela não fica divagando.

---

[5] *Lord, Teach Us to Pray*, p. 249.

[6] Como citado em Lynn, J. Radcliffe, *Making Prayer Real*. John K. Ryan, New York: Doubleday, 1952), p. 214.

É como prender um pássaro na gaiola ou manter o falcão preso a uma correia, de modo que ele possa repousar em nossa mão".[7]

O uso da imaginação também possui a virtude de acrescentar emoções à equação. Assim, podemos nos aproximar de Deus com o coração e com a mente. É de fundamental importância entender a Palavra de Deus intelectualmente. No entanto, se nossas emoções não estiverem envolvidas não a teremos compreendido em sua totalidade.

Alguns fazem objeção ao uso da imaginação por considerá-la não confiável, além do fato de poder ser usada para o mal. Sem dúvida, há um bom motivo para preocupação, pois, a exemplo de outras faculdades, a imaginação teve participação na Queda. Entretanto, assim como Deus pode tomar nossa razão (decadente como é) e santificá-la, usando-a para bons propósitos, acreditamos que ele também pode santificar a imaginação com o mesmo objetivo. É certo que a imaginação pode ser desvirtuada por Satanás, mas a isso estão sujeitas todas as nossas faculdades. Deus nos criou dotados de imaginação e, como Senhor de sua criação, tem poder para redimi-la e fazer uso dela na obra do Reino.

Outra preocupação acerca do uso da imaginação é o temor da manipulação humana e do desapontamento. Afinal de contas, algumas pessoas possuem imaginação em excesso e são capazes de misturar toda espécie de imagens para compor o quadro desejado. Além do mais, a Bíblia não adverte contra os pensamentos fúteis (Romanos 1.21)?

Essa preocupação é legítima. É possível que tudo não passe de vão esforço humano. Por isso é tão importante que nos coloquemos sob a total dependência de Deus nessa questão. Estamos tentando pensar os pensamentos de Deus, deleitar-nos em sua presença, desejar sua verdade e seu caminho. Quanto mais nos

---

[7] *Introduction to the Devout Life* (trad. John K. Ryan, New York: Doubleday, 1955), p. 84 [*Introdução à vida devota*, Petrópolis: Vozes, 1999].

demorarmos nesse caminho, mais Deus utilizará nossa imaginação para seus bons propósitos. Acreditar que Deus pode santificar e usar nossa imaginação corresponde a levar a sério a ideia cristã da encarnação. Deus está tão conformado, tão incorporado ao nosso mundo, que utiliza as imagens que conhecemos e entendemos para nos ensinar acerca do mundo invisível, do qual sabemos e entendemos muito pouco.

Vivendo a experiência das Escrituras

Na meditação cristã, procuramos viver a experiência das Escrituras. Alexander Whyte diz:

> Você abre seu Novo Testamento [...] E nesse momento imagina que é um dos discípulos de Cristo, no mesmo lugar que eles, e que está aos pés dele [...] com sua imaginação ungida com óleo santo [...] numa hora, você é o publicano; em outro momento, é o filho pródigo [...] numa hora, você é Maria Madalena; em outro momento, é Pedro no pórtico do templo.[8]

Como um meio prático de viver a experiência das Escrituras, Inácio de Loyola recomenda que apliquemos nossos sentidos nessa tarefa. Sentir o cheiro do mar. Ouvir o barulho das ondas na praia. Contemplar a multidão. Sentir o sol sobre nossa cabeça, enquanto a fome nos aperta o estômago. Experimentar o sabor do sal. Tocar a borda de seu manto.

Suponha que desejemos meditar sobre a surpreendente declaração de Jesus: "... a minha paz lhes dou..." (João 14.27). Nossa tarefa não é tanto estudar a passagem; trata-se muito mais de ser iniciado na realidade aqui proclamada. Meditamos sobre o fato de que ele está enchendo nosso ser com sua paz. O coração, a mente

[8] *Lord, Teach Us to Pray*, p. 249-51.

e o espírito são despertados para essa paz em afluência. Todas as manifestações de medo são aplacadas e subjugadas por um espírito "de poder, de amor e de equilíbrio" (2Timóteo 1.7). Mais que dissecar a paz, estamos penetrando nela. Somos envolvidos, absorvidos, capturados por essa paz.

Um fato maravilhoso nessa experiência é que o eu fica esquecido. Não teremos mais nenhuma preocupação quanto ao que fazer pela obtenção da paz, pois estaremos ocupados com a paz concedida ao nosso coração. Não mais estaremos preocupados em planejar atitudes pacíficas, pois os atos de paz brotarão espontaneamente de nosso interior.

Várias passagens das Escrituras estabelecem critérios para a oração meditativa: "Parem de lutar! Saibam que eu sou Deus!"; "Permaneçam no meu amor"; "Eu sou o bom pastor"; "Alegrem-se sempre no Senhor". Em todos esses casos, percebe-se uma busca para saber se Deus está perto de nós e o desejo ardente de estarmos em sua presença.

Lembre-se, na oração meditativa Deus está sempre se dirigindo à nossa vontade. Cristo nos confronta com nossos desejos e nos manda escolher. Tendo ouvido sua voz, fazemo-nos obedientes à sua ordem. É esse chamado moral ao arrependimento, à mudança, à obediência que distingue a meditação cristã de suas correlativas orientais e seculares. Na oração meditativa, não há perda de identidade, nem fusão com a consciência cósmica, nem mirabolantes viagens astrais. Em vez disso, somos convocados à obediência que transforma a vida, porque nos encontramos com o Deus vivo de Abraão, Isaque e Jacó. Cristo está de fato presente entre nós para nos curar, perdoar, transformar e revestir de poder.

Existe um termo técnico para tudo isso que estou falando, e será útil para você conhecê-lo: *lectio divina*, isto é, "divina leitura". É uma forma de leitura na qual a mente desce ao coração e ambos são envolvidos pela bondade e pelo amor de Deus. Certa vez, Henri

Nouwen apontou para um quadro na parede de seu apartamento e me disse: "Isso é *lectio divina*". Era a pintura de uma mulher com a Bíblia aberta no colo, mas com os olhos voltados para o céu. Captou a ideia? Trata-se de algo mais que a leitura de palavras; estamos buscando "a Palavra contida nas palavras", para usar a frase de Karl Barth. Estamos ouvindo com o coração o Espírito Santo dentro de nós. Essa piedosa leitura, como a podemos chamar, nos edifica e nos fortalece.

As fontes que nos sustentam

Ao mesmo tempo que declaramos as Sagradas Escrituras a primeira e mais pura fonte de *lectio divina*, podemos também recorrer aos maravilhosos escritos devocionais, os quais têm alimentado os cristãos ao longo dos séculos.

Hesitei um pouco em usar a expressão "escritos devocionais", pois alguém pode pensar que estou me referindo às obras enfadonhas e sem substância que hoje recebem essa designação. Longe disso! É aqui que devemos exercitar o sábio uso do veto. É uma virtude ser um ignorante no que diz respeito ao vasto campo dos "livros devocionais" dos dias de hoje.

Não, estou falando daquele tipo de obra que resulta de longa experiência no deserto e no confessionário. São os escritos produzidos pelos que viveram no "monte Sinai" e até agora falam de maneira direta a homens e mulheres, aonde quer que eles estejam.

As fontes que nos sustentam são largas e profundas. Você pode começar com *Sobre a vida de Moisés*, de Gregório de Nissa. Esse livro é um verdadeiro guia para a vida virtuosa. Para Gregório — e para nós que o seguimos —, a virtude não está tanto em sua obtenção, mas na tentativa, no esforço, na corrida em si. Encontramos a virtude na pureza de nossas intenções. O objetivo final é tornar-nos amigos de Deus: "Julgamos o esfriamento da amizade com Deus a única coisa terrível e consideramos tornar-se amigo

de Deus a única coisa digna de honra e de se desejar. Isso [...] é a perfeição de vida".[9] Sem dúvida, esse é um objetivo pelo qual vale a pena investir nossa vida, não é?

Você deve recorrer em seguida às *Confissões*, de Agostinho. Já é uma aventura apenas seguir a sinuosa trilha de Agostinho rumo à emancipação, completada após numerosos desvios e ruas sem saída. Observe como a desobediência pessoal, o mal instituído e a depravação social conspiram para tumultuar a vida dele — e a nossa. Ele escreveu: "Quem desatará este nó, tão enredado e emaranhado? Como é asqueroso! Não quero voltar para ele os olhos, não quero vê-lo".[10] Faça um estudo sobre sua peregrinação espiritual desde Cícero e Maniqueu aos "acadêmicos", a Platão e ao apóstolo Paulo. Observe a forte influência que Agostinho recebeu de alguns baluartes da virtude: Mônica; o amigo que ele perdeu na juventude; Vitorino; Antônio; Ambrósio. Emocione-se ao ver Deus, por sua graça, libertá-lo do que ele chamava "corrente do vício" — orgulho, ambição, sensualidade, indolência, esbanjamento, rivalidade, medo, vingança.

Após a dura luta de Agostinho, procure a alegre simplicidade de *The Little Flowers of St. Francis* [As pequenas flores de São Francisco]. Participe da adoração de Francisco a Deus, o Criador de todas as coisas, cantando seu "Cântico do Irmão Sol", com sua celebração da Irmã Lua e do Irmão Sol, do Irmão Vento e da Irmã Água. Delicie-se com as maravilhosas histórias do Irmão Bernardo, da Irmã Clara, do Irmão Masseo e — minhas favoritas — do Irmão Junípero. Sinta-se maravilhado com a sabedoria e o bom senso dos "ditos do Irmão Giles". Aos que estavam prestes a desesperar com o seu comportamento desregrado, Giles adverte: "Você está certo ao se queixar de seus pecados. Entretanto, aconselho-o a ser

[9] The Life of Moses, in: *The Classics of Western Spirituality* (trad. Abraham J. Malherbe e Everett Ferguson, New York: Paulist, 1987), p. 137.

[10] Livro 2, cap. 10.

moderado em suas queixas, porque você deve sempre acreditar que o poder de Deus para perdoar é maior que o poder do pecado".[11] Ainda que questionemos a veracidade desses relatos, sem dúvida seremos pessoas melhores depois de lermos as histórias dos Frades Menores, que chamavam a si mesmos "saltimbancos de Deus". Arrebatados pelo amor de Deus, seu desejo era servir o próximo com toda a humildade.

Por falar no amor de Deus, sua leitura seguinte deverá ser *Revelations of Divine Love* [Revelações do amor divino], de Juliana de Norwich. Esse livro contém maduras reflexões sobre 16 visões que a autora teve no dia 8 de maio de 1373. Encontramos nessa obra o amor expresso numa das mais belas formas em toda a literatura religiosa. Ela escreveu: "Nosso amor deseja que nossa alma se apegue a ele com todas as suas forças e que possamos estar sempre firmados em sua bondade". Nós, que hoje com muita facilidade nos inclinamos a uma religião marcada pela indiferença, precisamos ouvir suas palavras impregnadas de paixão e zelo: "Com seu amor, ele nos acolhe e nos protege. Ele nos abraça com amor e jamais irá nos deixar".[12]

Você, naturalmente, não vai ignorar aquela que é uma obra-prima inconteste da literatura devocional há cinco séculos: *Imitação de Cristo*. Cristãos de todo o mundo já foram ricamente abençoados com a leitura desse livro simples, que lança luz sobre um dinâmico movimento espiritual do século XV conhecido como os Irmãos da Vida Comum. Sua insuperável popularidade é constatada no fato de que ele já foi traduzido para mais de 50 idiomas. O livro está pontilhado com frases de efeito com as quais podemos conviver durante dias, com genuíno proveito. Considere estes exemplos tomados ao acaso: "Grande tranquilidade do coração goza o que não

[11] Irmão Ugolino, *The Little Flowers of St. Francis* (Garden City, NY: Doubleday, 1958), p. 277.

[12] *Enfolded in Love: Daily Readings with Julian of Norwich*, p. 1, 6.

faz caso de elogios nem de censuras"; "Mais penoso é resistir aos vícios e às paixões que afadigar-se em trabalhos corporais"; "Nem todo desejo que pareça bom logo devemos seguir, tampouco a todo sentimento contrário logo havemos de fugir"; "Perseguir-te-á a serpente antiga e te molestará, mas tu a afugentarás com a oração e, com o trabalho proveitoso, lhe trancarás a principal entrada".

Outro escritor que ajudará a expandir seus horizontes para a humanidade ferida e em desgraça é John Woolman. Embora seu diário tenha sido escrito no século XVIII, suas observações aguçadas podem ser aproveitadas nas importantes discussões do mundo de hoje: racismo, consumismo, poderio militar. Depois de ler Woolman, você nunca mais conseguirá separar o amor a Deus do amor ao próximo, pois o autor os considera um mandamento único, não dois mandamentos. Woolman provocou um verdadeiro maremoto de convicção antiescravagista, que tomou de arrastão essa prática e depois a aboliu entre os quacres cerca de século e meio antes da Guerra da Secessão. Mais notável ainda é a maneira pela qual ele combina compaixão e coragem, ternura e firmeza. O diário de Woolman merece ser lido com paciência, em espírito de oração.

Um dos meios de sustento espiritual consagrados pelo tempo é a leitura das histórias dos santos através dos séculos. Nessas histórias, acompanhamos grandes cristãos em sua caminhada com Deus e aprendemos a seguir os passos deles. As opções são muitas, desde a *Vida de Santo Antão*, no século IV, até a *Autobiografia* de Teresa de Ávila, no século XIV, e *Toyohiko Kagawa*, no século XX. Uma forma bastante eficaz de ser apresentado a essa inspiradora nuvem de testemunhas é por meio de *Deeper Experiences of Famous Christians* [Experiências profundas de cristãos famosos].

Devo resistir à tentação de me debruçar continuamente sobre essas obras maravilhosas que alimentam nosso coração, em parte

porque costumo ceder a essa tentação,[13] mas também porque é mais fácil afogar-se que nadar na primeira vez que encaramos um mar de opções. É melhor optar por um cardápio menos variado até moldar novos hábitos alimentares.

Uma experiência gratificante na leitura dos mestres devocionais é descobrir a facilidade com que eles transitam da mera narrativa para a oração apaixonada e depois retomam a história sem nenhum sinal de artificialidade. Creio que eles conseguem fazer isso porque, na experiência deles, a oração e o trabalho são como um manto sem costura. Pascal declara que sua obra *Pensamentos* foi escrita "de joelhos". Søren Kierkegaard diz de sua vocação de escritor:

> Tenho literalmente vivido com Deus, como alguém que vive com um Pai, amém. [...] Levantei-me de manhã e dei graças a Deus. Então comecei a trabalhar. Em determinado momento, à noite, parei e outra vez agradeci a Deus. Então dormi. É assim que vivo.[14]

Não é de admirar que Bento de Núrsia tenha feito da *lectio divina* parte de sua *Regra* para a vida diária. Essa leitura em espírito de oração é uma dádiva de Deus para nos fortalecer e capacitar. Durante a leitura, podemos seguir o conselho de Thomas à Kempis:

---

[13] Associei-me a James Bryan Smith para compilar os escritos de 52 mestres devocionais, de Gregório de Nissa a Dietrich Bonhoeffer. A obra foi elaborada de modo que seja feita a leitura de um autor por semana. Cada capítulo contém uma seção biográfica do autor, excertos de seus escritos, questões para reflexão, um breve estudo bíblico referente à matéria selecionada, uma bibliografia comentada das principais obras do autor e, por fim, um artigo sucinto que estabelece a ponte entre a leitura devocional e a cultura contemporânea. [O livro está no prelo, e será lançado em português pela Editora Vida [N. do E.].)

[14] Douglas V. Steere, *Prayer and Worship*, p. 58-9.

> Nas Sagradas Escrituras, devemos buscar a verdade, não a eloquência. Todo livro sagrado deve ser lido com o mesmo espírito que o ditou. [...] Não te mova a autoridade do escritor, se é ou não de grandes conhecimentos literários; ao contrário, lê com puro amor à verdade.[15]

Raios divinos de amor

Na oração meditativa, Deus se dirige a nós pessoalmente. Nada do que acontece é causado por nós. De fato, até mesmo o desejo de ter contato com a voz de Deus é uma obra divina em nosso coração, pois somos inclinados a nos esconder do Cão de Caça do céu. Thomas Merton escreveu:

> Qualquer um que imagine poder simplesmente começar uma meditação sem orar pelo desejo e pela graça de realizá-la logo irá desistir da ideia. O desejo de meditar, porém, e a graça para começar a meditação podem ser considerados uma promessa implícita de graças adicionais.[16]

O desejo já lhe foi concedido, eu sei. No entanto, você pode não estar lendo estas palavras. As graças adicionais virão quando forem necessárias. Deus pode conceder a você e a mim a habilidade de falar do fundo de nosso coração as palavras do salmista: "Como eu amo a tua lei! Medito nela o dia inteiro. [...] Como são doces para o meu paladar as tuas palavras! Mais que o mel para a minha boca!" (Salmos 119.97,103).

---

[15] Livro 1, cap. 5.

[16] *Spiritual Direction and Meditation* (Collegeville, MN: Liturgical, 1960), p. 98.

Senhor, estou tentando meditar em tuas perturbadoras palavras: "Vim trazer fogo à terra" (Lucas 12.49). O que elas significam? O que estão me dizendo?

Há coisas em mim que precisam ser queimadas? Orgulho? Medo? Ira? Consome cada uma delas.

Há coisas neste mundo que desejas destruir? Os sistemas religiosos que usamos para nos esconder de ti? As linhas imaginárias que traçamos para nos separar uns dos outros — negros e brancos, homens e mulheres, pais e filhos? As terríveis injustiças cometidas contra o fraco e o necessitado? A inominável violência praticada contra a mulher e contra as crianças ainda não nascidas?

Perdoa-nos, Senhor.

Pelo amor de Cristo. Amém.

CATORZE

A ORAÇÃO CONTEMPLATIVA

Ó meu divino Mestre, ensina-me essa muda linguagem, que diz tanta coisa.

— JEAN-NICOLAS GROU

A oração contemplativa nos faz imergir no silêncio de Deus. Quão desesperadamente, no mundo de hoje, necessitamos desse batismo sem palavras! Tornamo-nos sapatos velhos, como dizia Clemente de Alexandria, pai da igreja primitiva — todos nos desgastamos, exceto na língua. Vivemos num mundo verborrágico com seus sofisticados sistemas de comunicação. Temos agora a honra questionável de ser capazes de nos comunicar mais e falar menos que qualquer outra civilização na História.

Isaque de Nínive, um monge sírio, certa vez observou: "Os que se deleitam na multidão de palavras, ainda que digam coisas admiráveis, no íntimo são vazios".[1] A censura contida nessa observação aplica-se perfeitamente aos dias de hoje.

[1] Apud Thomas MERTON, *Contemplative Prayer* (Garden City, NY: Doubleday/Image, 1971), p. 30.

A oração contemplativa é uma disciplina que pode nos libertar do vício das palavras. Progredir na intimidade com Deus significa progredir em direção ao silêncio. Diz o salmista: "Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa..." (Salmos 62.1, *ARA*). O pai do deserto Amona, discípulo de Antônio, escreveu:

> Eu te mostrei o poder do silêncio, quão completamente ele cura e quão plenamente agradável é para Deus [...] Saiba que foi pelo silêncio que os santos cresceram, que foi por causa do silêncio que o poder de Deus habitou neles, por causa do silêncio que os mistérios de Deus se fizeram conhecidos a eles.[2]

Na oração contemplativa, somos convidados a desfrutar esse agradável silêncio.

Uma advertência e uma medida de precaução

Antes de prosseguir, gostaria de fazer uma pequena advertência, algo como um aviso na embalagem de um produto ou num frasco de remédio. A oração contemplativa não é para principiantes. Não dá para dizer o mesmo de nenhuma outra forma de oração. Todas as outras podem ser adotadas sem restrições, independentemente de competência ou habilidade, na adoração, na meditação, na intercessão e em tudo mais que envolva o ato de orar. A contemplação, no entanto, é diferente. Ao mesmo tempo que somos todos iguais aos olhos de Deus, nem todos estamos igualmente preparados para "ouvir a voz de Deus em meio ao seu admirável, terrível, gentil, agradável e envolvente silêncio".[3]

Damos leite ao bebê, em vez de carne, porque sabemos que um bife não lhe fará bem. Um aprendiz de eletricista não tem permis-

---

[2] Apud Thomas Merton, *Contemplative Prayer*, p. 42.

[3] Catherine de Haeck Doherty, *Poustinia: Christian Spirituality of the East for Western Man* (Notre Dame, IN: Ave Maria Press, 1983, p. 216.

são para fazer a tarefa de um profissional experiente porque ainda não está pronto para executá-la e porque ela é de fato perigosa.

O mesmo ocorre na vida espiritual. Devemos aprender a tabuada antes de começar a fazer contas, devemos conhecer as palavras antes de falar. Trata-se de um fato do mundo espiritual, e eu estaria cometendo um erro se omitisse essa observação.

C. S. Lewis, escrevendo ao seu amigo Malcolm, lembra o pouco êxito que teve no início da carreira cristã com a oração silenciosa: "Ainda penso que a oração sem palavras é a melhor — se é que alguém pode mesmo praticá-la. Contudo, agora percebo que, na tentativa de fazer dela meu pão diário, eu me apoiava numa grande força mental e espiritual que eu de fato possuía. Para obter êxito na oração sem palavras é preciso estar 'no auge da boa forma' ".[4]

Lewis está certo. A oração contemplativa é para quem já exercitou bastante os músculos espirituais e detém certo conhecimento dos domínios do espírito. De fato, quem trabalha na área da orientação espiritual procura sempre sinais de fé amadurecida antes de recomendar a oração contemplativa. Estes são alguns dos indicadores: desejo insaciável de intimidade com Deus; capacidade de perdoar, mesmo com grande custo pessoal; sólida crença em que Deus sozinho pode satisfazer todos os anseios do coração humano; satisfação profunda na oração; avaliação realista das próprias aptidões e deficiências; libertação da tendência de gabar-se de suas realizações espirituais; capacidade evidente para suportar as tribulações com paciência e sabedoria.

Isso não significa que tenhamos de chegar à perfeição nessas áreas. Está muito claro que se trata de um processo. Por certo, você fará muitas perguntas a si mesmo como forma de avaliar sua situação: "Tenho agora menos medo de ser conhecido e possuído por Deus?"; "Está a oração se tornando em mim uma disciplina

[4] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 11.

desejável?"; "Está sendo mais fácil, para mim, receber críticas construtivas?"; "Estou aprendendo a me colocar acima das ofensas e a perdoar sem reservas aqueles que falham para comigo?". Se após essa pequena sabatina você sentir que ainda não está pronto para uma comunhão mais direta com Deus, sinta-se à vontade para interromper a leitura deste capítulo e passar para o seguinte. Não se preocupe. Chegará o momento em que brotará de seu interior tanto o anseio quanto a prontidão para "ler o texto do Universo no original".[5]

Sugiro também uma medida de precaução. Na contemplação silenciosa de Deus, estamos adentrando áreas mais remotas do reino espiritual, mas nem tudo que existe na dimensão do espiritual é divino. Embora a Bíblia não ofereça muitas informações sobre a natureza do mundo espiritual, sabemos o bastante para admitir que existem várias ordens de seres espirituais e que algumas delas são claramente antagônicas a Deus e seu caminho.

Digo isso não para amedrontá-lo, mas para deixá-lo informado. Você precisa saber que "o Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar" (1Pedro 5.8). Precisa saber também que "aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo" (1João 4.4).

O tema da batalha espiritual, na qual estamos engajados, será discutido em minúcias num capítulo mais adiante. Por ora, aconselho-o a aprender e praticar orações de proteção. Esta é a oração que Lutero costumava fazer: "Protege-nos, Senhor, com teu braço poderoso. Salva-nos dos terríveis danos do pecado".[6] Em meus momentos de contemplação, costumo fazer esta simples oração, à guisa de preâmbulo:

---

[5] Douglas V. Steere, *Prayer and Worship*, p. 11.

[6] Apud Donald G. Bloesch, *The Struggle of Prayer* (San Francisco: Harper & Row, 1980), p. 86.

> Pela autoridade do Deus todo-poderoso, cerco-me agora com a luz de Cristo, cubro-me com o sangue de Cristo e aplico em mim o selo da cruz de Cristo. Toda a treva e todos os espíritos malignos sejam afastados agora. Que nenhuma influência venha sobre mim, a não ser aquela filtrada pela luz de Cristo, em cujo nome faço esta oração. Amém.

São meras sugestões, naturalmente — você pode orar da maneira que julgar mais adequada.

Desvelo por Deus

O que vem a ser essa experiência a que Richard Baxter se refere como "um arrebatador exercício de contemplação celestial"? Teresa de Lisieux chama-a "sonhar com o céu". Para Nicolau de Cusa, ela é o "olhar fixo de Deus". Madame Guyon a denomina "a oração da realidade".

Em sua expressão mais básica, a oração contemplativa é um terno desvelo por Deus. É quando voltamos nossa atenção para ele, que nos ama, que está perto de nós e que nos atrai para si. Na oração contemplativa, o falar se recolhe a um plano secundário, enquanto os sentimentos ficam em primeiro plano. Certa ocasião, Richard Rolle estava sentado num banco de uma capela quando, "de súbito, senti em meu íntimo um fogo estranho e agradável".[7] Bernardo de Claraval, alta figura religiosa e política do século XII, descreve desta maneira sua experiência com a presença de Jesus: "Senti que ele estava presente. Lembrei-me mais tarde de que ele estivera comigo. Às vezes, tinha o pressentimento de que ele viria, mas nunca senti sua chegada e sua saída".[8] Por fim, John Wesley

[7] The Fire Love, in: Elmer O'Brien (Org.), *Varieties of Mystic Experience* (New York: Mentor-Omega, 1964), p. 133.

[8] Sermon LXXXIII on the Song of Songs, in: Elmer O'Brien (Org.), *Varieties of Mystic Experience*, p. 105.

exclama após o famoso encontro com os morávios em Aldersgate "Senti meu coração estranhamente aquecido. Senti que confiava em Cristo, apenas em Cristo para minha salvação. E uma garantia me foi dada de que ele levou para longe meus pecados, os meus mesmo, e me livrou da lei do pecado e da morte".[9]

Observe a linguagem afetuosa em todos os exemplos. Esse tipo de oração é, sem dúvida, mais uma experiência do coração que um exercício mental. A ênfase nos sentimentos, entretanto, nos perturba. Fomos treinados a vida toda para desconfiar de nossos sentimentos, e a simples ideia de que podemos obter conhecimento da verdade e da realidade por meio deles nos parece ridícula.

Não devemos, todavia, ser tão rígidos em nosso julgamento. Em primeiro lugar, as testemunhas que nos recomendam esse caminho são numerosas e confiáveis. Em segundo lugar, referem-se a algo que vai muito além das emoções. O uso da linguagem sentimental e contemplativa diz respeito a uma sensação profunda acerca de Deus — ou uma voz interior, como queira. Esses cristãos buscavam a simplicidade e a fidelidade, em obediência ao mandamento de Yahweh: "Deem-me ouvidos e venham a mim; ouçam-me, para que sua alma viva" (Isaías 55.3). Isso corresponde ao ingresso nessa comunhão íntima, e é isso o que eles querem dizer quando falam de sentimentos.

Além do mais, nossos sentimentos podem ser disciplinados e santificados por Deus tanto quanto sejam capazes nossa razão e nossa imaginação. Lembre-se: a oração contemplativa é para os veteranos na vida de fé. Não são cristãos que se deixam levar por qualquer vento de doutrina... ou de emoção. São pessoas que desde muito tempo caminham à margem do mundo e da carne e longe do Diabo. São pessoas de larga experiência, que sabem a diferença entre o entusiasmo de um enlevo espiritual passageiro

[9] John Wesley, in: Albert C. Outler (Org.), *A Library of Protestant Thought* (New York: Oxford University Press, 1964), p. 66.

e uma sólida convicção concedida pelo Espírito. São pessoas com um longo histórico de tentativa e erro, que aprenderam a distinguir a voz de Cristo do palavreado de manipuladores humanos.

União com Deus

Qual o objetivo da oração contemplativa? A essa questão, os antigos escritores respondem a uma só voz: união com Deus. Juliana de Norwich declara: "A razão pela qual oramos é estar unidos à visão e contemplação daquele a quem oramos".[10] Boaventura, seguidor de Francisco de Assis, dizia que nosso objetivo final é "a união com Deus", que consiste num relacionamento em que não vemos "absolutamente nada".[11] Madame Guyon escreveu: "Passemos agora para o último estágio da experiência cristã: a união divina. Ela não pode ser alcançada apenas pela nossa experiência. A meditação também não redundará em união divina, tampouco o amor, a adoração, a devoção ou o sacrifício [...] É necessário um *ato de Deus* para tornar essa união uma realidade".[12]

Essa linguagem nos faz lembrar a maravilhosa união afirmada por Jesus em seu discurso no cenáculo:

> Permaneçam em mim, e eu permanecerei em vocês. [...] Eu sou a videira; vocês são os ramos. [...] Tenho lhes dito estas palavras para que a minha alegria esteja em vocês e a alegria de vocês seja completa. [...] Rogo [...] para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti. Que eles também estejam em nós (João 15.4,5,11; 17.20,21).

[10] *Showings*, p. 254.

[11] Apud Kenneth Swanson, *Uncommon Prayer: Approaching Intimacy with God*, p. 163.

[12] *Experiencing the Depths of Jesus Christ*, p. 125.

A união com Deus não significa a perda de nossa individualidade. Longe de implicar anulação de identidade, a união leva a personalidade à sua completude. Tornamo-nos o que Deus pretendia que fôssemos ao nos criar. Os cristãos mais contemplativos costumam referir-se à sua união com Deus pela analogia com a lenha no fogo: a brasa está tão unida ao fogo que *se torna* fogo, embora não deixe de ser madeira. Outros preferem a comparação com o ferro incandescente na fornalha: "Nossa personalidade é transformada, não perdida, na fornalha do amor de Deus".[13]

Dois elementos essenciais

Como alcançamos o objetivo de ter união com Deus? Embora se trate de uma obra divina realizada no coração humano, há dois elementos essenciais sob nossa responsabilidade na equação: pureza de coração e amor a Deus.

A oração contemplativa começa com amor a Deus. Na verdade, é o mecanismo que põe toda a máquina em movimento. Simplificando: recebemos amor de Deus e correspondemos a esse amor. Thomas Merton escreveu:

> A mensagem de esperança proclamada pelo contemplativo não é que você precisa encontrar seu caminho através da selva da linguagem e dos problemas hoje relacionados a Deus, e sim que [...] Deus ama você, está presente em você, vive em você, habita em você, chama você, salva você e proporciona a você um entendimento, uma luz que você jamais encontrará nos livros ou escutará em sermões.[14]

[13] John Dalrymple, *Simple Prayer*, p. 109-10.

[14] William Shannon (Org.), *The Hidden Ground of Love* (New York: Farrar, Straus & Giroux, 1985), p. 156.

Depois de haver traçado nosso caminho através da obscura e quase ininteligível linguagem dos contemplativos, que se esforçam para descrever o indescritível, ficamos reduzidos à confissão simples de Walter Hilton: a contemplação é "amor ardente com devoção".[15]

O amor, tendo um caminho perfeito, conduz-nos à pureza de coração, e, bombardeados continuamente pela arrebatadora experiência do divino amor, é natural que desejemos ser semelhantes ao Amado. O salmista declara:

> Quem poderá subir o monte do SENHOR?
> Quem poderá entrar no seu Santo Lugar?
> Aquele que tem as mãos limpas
> e o coração puro,
> que não recorre aos ídolos
> nem jura por deuses falsos (Salmos 24.3,4).

Jesus confirma a declaração: "Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus" (Mateus 5.8).

A impureza é fatal para a união com Deus. O puro e o impuro não podem se unir. Para que duas coisas se tornem uma, elas precisam ter natureza similar. Por exemplo, a escória não se pode unir à pureza do ouro. É necessário que o material passe pelo fogo, de modo que a escória seja queimada, restando o ouro puro. O mesmo acontece conosco. Madame Guyon escreveu:

> Eis por que Deus envia fogo ao coração: para destruir tudo que é impuro em você. Nada pode resistir ao poder do fogo. Ele consome *tudo*. Sua Sabedoria queima todas as impurezas num

[15] *The Stairway of Perfection* (trad. M. L. Del Mastro, (Garden City, NY: Doubleday/ Image, 1979), p. 71.

ser humano com um propósito: deixá-lo preparado para a união divina.[16]

Nos capítulos iniciais deste livro, exploramos alguns dos muitos caminhos que conduzem à pureza de coração, até mesmo coisas como as disciplinas que imitam a vida de Cristo e a "noite escura da alma". Muito mais, creio eu, poderia ter sido acrescentado; Søren Kierkegaard, porém, esclarece de forma definitiva a questão, com sua famosa frase: "Pureza de coração é desejar uma coisa".

É o que ocorre conosco: queremos uma coisa. Desistimos de nossa lealdade a qualquer outro e passamos a nos dedicar inteiramente ao Instrutor celestial. Vemos agora apenas o que o Pai vê, dizemos apenas o que o Pai diz e fazemos apenas o que o Pai faz. Queremos uma coisa, a qual, como nos lembra Kierkegaard, é uma coisa boa: Deus. Isso é pureza de coração.

Aprendendo a reminiscência

Três passos básicos são necessários à oração contemplativa, e creio que uma simples descrição desses passos já será de grande ajuda para muitos.

O primeiro passo é tradicionalmente chamado "reminiscência". Consiste na simples contemplação de nós mesmos até estarmos unificados ou integrados. Basil Pennington utiliza a expressão "oração centralizada". Sue Monk Kidd a denomina "oração da presença". Os antigos quacres usavam o termo *centering down* [algo como "enfatizando"]. Todos se referem à mesma experiência. A ideia é livrar-se de tudo que constitua uma distração, até estarmos de fato presentes onde estivermos.

Aqui está um método para a reminiscência: Sente-se de maneira confortável e, então, lenta e deliberadamente, deixe desaparecer

[16] *Experiencing the Depths of Jesus Christ*, p. 127.

toda a tensão e ansiedade. Tente conscientizar-se da presença de Deus na sala. Talvez você prefira compor o quadro com Jesus sentado numa cadeira diante de você, para sentir sua presença real.[17] Se alguma preocupação ou distração começar a perturbá-lo, lance-a simplesmente nos braços do Pai e deixe-o cuidar de tudo. Não significa que nossa turbulência interior será suprimida, mas que podemos deixá-la de lado. A supressão implica uma pressão, uma urgência, enquanto na reminiscência estamos relaxando. Ela é mais que um relaxamento psicológico: é uma rendição ativa, "a entrega de si mesmo à providência divina", para usar as palavras de Jean-Pierre de Caussade.

É justamente pelo fato de o Senhor estar conosco que podemos relaxar e esquecer de tudo, pois em sua presença nada mais importa, exceto ficar atento à sua voz. Com isso, criamos condições para que tudo que nos distraia ou perturbe derreta diante dele, como a neve ao calor do sol. Permitimos que ele acalme a tempestade que devasta nosso interior com uma ordem: "Aquiete-se! Acalme-se!".

---

[17] Os autores devocionais se dividem quanto ao uso da imaginação na oração contemplativa. Alguns a consideram uma ferramenta muito útil; outros acreditam que ela deve ser usada mais para a meditação que para a contemplação; outros ainda creem que ela jamais deve ser usada nessa atividade espiritual. Seu uso também está relacionado à controvérsia iconoclasta do século VIII, quando era forte o sentimento de que a utilização de ícones era uma forma de idolatria. Por exemplo, Roberto de Thierry, monge cisterciense do século XII, acreditava que orar com o auxílio de imagens era idolatria, porque o único relacionamento puro com Deus só era possível com base em sua imagem estampada em cada ser humano. Muitos líderes puritanos do século XVII eram da mesma opinião.

Quanto a mim, estou do lado daqueles que consideram a imaginação uma ferramenta útil na oração contemplativa. Não se trata de uma lei, e sim de um auxílio prático. Nunca tracei uma linha divisória muito nítida entre a meditação (na qual a imaginação é bem aceita) e a contemplação. Além disso, o fato de a contemplação em geral não utilizar palavras não implica que tenha também de se abster das imagens. Alguns dos grandes cristãos contemplativos, como Juliana de Norwich, tiveram marcantes visões de Deus em momentos de contemplação.

Permitimos que seu majestoso silêncio acalme a turbulência de nosso coração.

Devo adverti-lo de que essa concentração não acontece com facilidade nem rapidamente, no início. A maioria de nós tem uma existência tão agitada e confusa, que a serenidade nos parece um elemento estranho. No momento em que tentamos nos concentrar, tomamos ciência de quão distraídos realmente somos. Romano Guardini observa: "Se tentamos nos recompor, a inquietação se intensifica, mas não do modo em que acontece na noite, ao tentarmos dormir, quando as preocupações e os desejos nos assaltam com uma força que não possuem durante o dia".

Isso, contudo, não deve nos desanimar. Devemos estar preparados para dedicar todo o tempo da contemplação à reminiscência, sem nenhuma intenção de resultado ou de recompensa. Prontamente, "perderemos nosso tempo" dessa maneira, como uma pródiga oferta de amor ao Pai. Deus então tomará o que parece puro desperdício e o usará como forma de nos levar para mais junto de sua amorosa presença. Com muita perspicácia, Guardini comenta: "Se de início alcançamos não mais que a compreensão de quanto perdemos em unidade interior, já teremos ganhado alguma coisa, pois significa que, de alguma forma, estivemos em contato com aquele centro no qual não há nenhuma distração".[18]

A oração de quietude

Depois de acostumados à graça unificadora da reminiscência, estaremos prontos para o segundo passo na oração contemplativa, que Teresa de Ávila chama "oração de quietude". Por meio da reminiscência, afastamos os obstáculos do coração, todas as distrações e perturbações da mente, toda a hesitação da vontade. As graças divinas do amor e da adoração passarão sobre nós, como as ondas

[18] Apud Richard J. Foster, "Oração meditativa", capítulo 13.

do mar. Quando isso estiver acontecendo, experimentaremos uma conexão interior com os propósitos divinos. No centro de nosso ser, experimentaremos a quietude. Essa experiência, entretanto, é mais profunda que o mero silêncio ou que a ausência de palavras. É uma quietude, com certeza, porém uma quietude alerta. Sentimo-nos mais vivos e mais ativos, muito mais do que quando nossa mente está fervilhando. Às vezes, no fundo de nosso ser, somos despertados e chamados à atenção. Nosso espírito fica na ponta dos pés — alerta e pronto para ouvir.

Existe um olhar interior, do coração, às vezes referido na expressão "contemplar o Senhor". Nós nos aquecemos ao calor da presença divina. Sentimos sua proximidade e seu amor. James Borst declara: "Ele está tão perto de meu verdadeiro eu quanto eu de mim mesmo. Ele me ama muito mais do que amo a mim mesmo. Ele é *Abba* Pai para mim. *Eu sou* porque ELE É".[19]

No monte da Transfiguração, a voz de Deus saiu de uma nuvem resplandecente. Dizia: "Este é o meu Filho amado em quem me agrado. Ouçam-no!" (Mateus 17.5). Isso quer dizer que podemos ouvir a Deus, ouvi-lo realmente. Ouvimos com a mente, com o coração, com o espírito, com os ossos, músculos e tendões. Podemos ouvi-lo com todo o nosso ser.

François Fénelon diz: "Permaneça quieto e escute a voz de Deus. Deixe seu coração de tal maneira preparado, que o Espírito possa imprimir em você tantas virtudes quantas ele desejar. Deixe todo o seu interior escutá-lo. Silenciar todos os impulsos externos e terrenos e os pensamentos puramente humanos dentro de nós é essencial, se desejamos ouvir a voz de Deus".[20] O ato de ouvir pode envolver de fato o "silenciamento" de "todos os impulsos externos e terrenos". João da Cruz tem uma frase marcante: "Minha casa agora está toda silenciosa". Numa única linha, ele nos

[19] Apud Richard J. Foster, "Oração meditativa", capítulo 13.
[20] Idem.

ajuda a enxergar a importância da quietude física, emocional e psicológica.

Ao aguardar diante do Senhor, estamos graciosamente oferecendo um espírito receptivo. Digo "graciosamente" porque, sem essa atitude, qualquer palavra da parte de Deus que tenha a intenção de nos guiar à verdade servirá apenas para endurecer nosso coração. A menos que nos mostremos submissos, nossa tendência será resistir à orientação divina. No entanto, quando estamos dispostos a obedecer, a instrução do Senhor é vida e luz. O objetivo, naturalmente, é introduzir uma postura de oração sintonizada na experiência do dia a dia. Isso não acontece de uma hora para outra. Com o tempo, passamos a experimentar uma sintonia cada vez mais apurada com o Sussurro divino em meio à labuta diária — conferindo a conta bancária, aspirando o pó do chão, visitando conhecidos e parceiros de negócios.

Êxtase espiritual

O último passo para a oração contemplativa é o êxtase espiritual, que é bem diferente dos dois passos anteriores que mencionei, pelo fato de não ser um poder que possamos acionar, e sim uma obra de Deus em nós. Nossa responsabilidade consiste em nos manter receptivos, para que o Espírito possa repousar sobre nós. Além disso, o êxtase espiritual é assunto de Deus, não nosso.

Você deve estar lembrado que o apóstolo Paulo viveu a experiência de ser arrebatado ao terceiro céu, onde ouviu coisas que não teve permissão para revelar (2Coríntios 12.1-5), mas talvez você não tenha ouvido falar da fascinante experiência de Agostinho e sua mãe, Mônica, na cidade de Óstia, na foz do rio Tibre. Permita-me contá-la.

Os dois estavam debruçados numa janela, apreciando a beleza do jardim bem cuidado e discutindo sobre a excelência da vida no Reino de Deus. Agostinho relata: "Os lábios do nosso coração

abriam-se ansiosos para a corrente celeste 'da Vossa fonte, a fonte da Vida' ". Eles continuaram conversando. Então, de repente, as palavras lhes faltaram, e, "elevando-nos em afetos mais ardentes por essa felicidade, divagamos gradualmente por todas as coisas corporais até o próprio céu, donde o Sol, a Lua e as estrelas iluminam a terra. Subíamos ainda mais em espírito, meditando, falando e admirando as Vossas obras. Chegamos às nossas almas e passamos por elas para atingir essa região de inesgotável abundância, onde apascentais eternamente Israel com o pastio da verdade".

Após relatar essa experiência incomum de êxtase espiritual, Agostinho observa: "Suspiramos e deixamos lá agarradas 'as primícias do nosso espírito'. Voltamos ao vão ruído dos nossos lábios, onde a palavra começa e acaba".[21]

A experiência de Agostinho, embora incomum, não é única. Veja este testemunho de Theodore Brakel, pietista holandês do século XVIII:

> Fui [...] transportado a um estado tal de alegria e meus pensamentos se elevaram de tal maneira que, vendo Deus com os olhos de minha alma, senti que era um com ele. Senti-me transportado para dentro do Ser divino e fiquei tão cheio de alegria, de paz e de graça que não há como expressar o que senti. Em espírito, estive no céu por dois ou três dias.[22]

O êxtase é a oração contemplativa elevada ao último grau. Até mesmo autoridades reconhecidas na vida contemplativa acreditam ser mais uma experiência transitória na vida deles que sua dieta básica. Isso é um pouco mais do que você e eu podemos ambicionar, por enquanto, mas está tudo bem. O êxtase não é algo que

[21] *Santo Agostinho*, Confissões (trad. J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina, 4. ed., São Paulo: Nova Cultural 1987), p. 161 (Coleção Os Pensadores).

[22] Apud F. Ernest Stoeffler, *The Rise of Evangelical Pietism* (Leiden: Brill, 1965), p. 149.

possamos fazer; é algo que Deus nos concederá somente quando estivermos prontos. Além disso, é possível que o colóquio sobre contemplação mantido num nível elevado venha a desanimar você. Talvez você se sinta a quilômetros de distância de uma experiência desse tipo. Mais do que esforçar-se para chegar logo ao cume, ao êxtase espiritual, prefira a expectativa de poder fazer isso durante a próxima semana.

Se isso descreve seus sentimentos em alguma medida, não se deixe abater. Também senti algo semelhante enquanto escrevia este capítulo, pois temia estar caminhando sobre o fio de uma verdade não experimentada. Todos nós, muitas vezes, deixamos de atingir nossos objetivos. Outras vezes, nosso esforço para manter a sintonia na oração parece não superar nossa preocupação com a louça suja na pia ou com a prova de química no dia seguinte. Contudo, o pouco que temos experimentado nos anima, pois já tivemos um vislumbre do coração amoroso de Deus, cheio de graça e de misericórdia, recebendo-nos para a comunhão à mesa do Espírito.

Gostaria de acrescentar uma última palavra de incentivo acerca da oração contemplativa. Um de seus extraordinários valores pode ser apreciado no ocaso da vida, quando nossa faculdade mental começa a falhar. Chegará o tempo em que não conseguiremos mais articular as palavras, mas — aqui está a maravilha — continuaremos capazes de orar, de orar sem palavras. No fim da vida, assim como no início, nas palavras de Gerhard Tersteegen, "olhamos para Deus, que está sempre presente, e deixamos que ele olhe para nós".[23]

[23] *The Quiet Way* (New York: Philosophical Library, 1950), p. 23

Senhor meu e Deus meu, é difícil manter a sintonia contigo. Na verdade, não acho que seja realmente difícil, pois entendo que se trata mais de recepção que de tentar estabelecê-la. O que percebo é que sou tão orientado para a ação e tão constrangido a produzir, que fazer algo fácil vai contra minha natureza. Preciso de tua ajuda para poder aquietar-me e ouvir. Eu gostaria de tentar. Eu gostaria de aprender a me prostrar na luz da tua presença até me sentir à vontade nessa posição.

Ajuda-me a tentar de novo.

Obrigado. Amém.

Parte III
Movimento
para fora

Buscando
o sacerdócio
de que necessitamos

Transformação e intimidade, ambas as coisas clamam por serviço. Somos conduzidos pela fornalha da pureza de Deus não somente para o nosso bem, mas também para o bem de outros. Somos conduzidos ao seio do amor de Deus não meramente para experimentarmos aceitação, mas também para que possamos distribuir seu amor com os outros.

O mundo se contorce sob a dor de sua arrogância e autossuficiência. Podemos fazer a diferença, se assim quisermos.

Em tempos passados, experimentamos servir a despeito de nossa ruína espiritual e falhamos. Agora, sabemos que assim serviço deve fluir da abundância.

Bernardo de Claraval escreve: "Se você é sábio, mostrará ser, você mesmo, um reservatório e não um canal. Porque um canal espalha amplamente a água que ele recebe, mas um reservatório espera até ser cheio antes de transbordar, e então transfere, sem perder de si, sua água em profusão. Na Igreja de hoje temos muitos canais e poucos reservatórios". Decidimos ser reservatórios.

QUINZE

A ORAÇÃO PELO COMUM

Não se esqueça de que o mais precioso e mais interessante na vida não é tanto realizar coisas notáveis [...] *quanto fazer coisas comuns com a percepção de seu enorme valor.*

— TEILHARD DE CHARDIN

Atualmente, muitos de nós vivemos uma espécie de *apartheid* interno. Recolhemo-nos a um cantinho para alguma atividade virtuosa e depois não conseguimos extrair mais nada que seja espiritual do restante de nossa vida. Estamos tão acostumados a esse modo de vida, que não vemos quanto ele é contraditório. A desonra do cristianismo atual é a heresia de 5% de espiritualidade.

Superamos essa heresia moderna orando pelo comum. Oramos pelo comum de três formas: transformando em oração as experiências comuns da vida, vendo Deus nas experiências comuns da vida e orando ao longo das experiências comuns da vida.

A SANTIDADE DO DIA A DIA

Gostaria de relatar como foi a morte de minha mãe, Marie Temperance Foster. Eu era adolescente, e ela estava na meia-idade,

pelo menos assim nós pensávamos. A morte dela, porém, não foi repentina nem dramática. De início, ninguém sabia o que estava acontecendo de errado — minha mãe tinha apenas dificuldade para andar. Tempos depois, os sintomas foram diagnosticados como esclerose múltipla, embora ninguém tivesse muita certeza disso. Aos poucos, ela foi piorando. De vez em quando, eu a encontrava acordada às cinco da manhã, tentando passar o aspirador de pó na casa. Ela fazia um grande esforço apenas para limpar um pedacinho do carpete e então caía exausta no sofá. Após um breve descanso, levantava-se e limpava outro pedaço.

À medida que a doença piorava, eu e meus dois irmãos fomos assumindo as tarefas da casa. Na verdade, não era tão ruim, pois minha mãe sempre nos incentivava, e "reclamação" não fazia parte do vocabulário dela. Quando ela não pôde mais andar, instalamos uma cama de hospital no meio da sala. Eu tinha acabado de me tornar cristão, e uma de minhas primeiras orações foi pela cura de minha mãe. No entanto, a cura não aconteceu.

Tempos depois, fui morar a 1.500 quilômetros de distância, por causa da faculdade. Minha mãe já estava no hospital. Naquele primeiro ano, tive de correr três vezes para casa porque a equipe médica ligou, dizendo que o fim estava próximo. Todas as vezes, porém, ela se recuperava, e a tragédia da morte era substituída pela regularidade natural do cotidiano. Por fim, eu e meu irmão mais velho tomamos a difícil decisão de pedir para não sermos avisados até que ela morresse.

Na época, eu estava passando as férias de verão em casa. Não sei por quê, mas ela sabia que era a última vez que eu a visitava. Durante meses, nem sequer tínhamos certeza de que ela reconhecia algum de nós, pois ela não falava nem deixava evidente nenhuma resposta física. Naquela última visita, entretanto, ela apertou minha mão. Aquilo me deixou muito feliz.

Eu não estava lá quando ela passou para a eternidade. Havia tanto tempo que ela estava tão perto de partir, que a ideia de uma vigília não parecia sensata. Eram duas horas da manhã, e ela estava completamente só... exceto o fato de que estava cercada pelos anjos de Deus. Ela simplesmente parou de respirar, disse a equipe médica. Na verdade, a partida dela foi tão calma, tão tranquila, que só foi descoberta mais tarde.

Talvez devesse ser assim. Quase tudo na vida de minha mãe eram coisas comuns, rotineiras. Não houve nenhum drama espetacular, nem manchetes de jornal, nem aventuras. Sua vida era simples e ela teve uma morte simples — e saiu-se bem nas duas situações.

Mamãe amou muito meu pai e os filhos. Pisou o chão do comum com graça e gentileza. Aceitou definhar-se lentamente com uma fé nobre. Ela recebeu a morte da mesma forma que recebeu a vida e a incapacitação física: com paciência e coragem. Minha mãe compreendia a santidade do comum.

A santidade das coisas criadas

A Bíblia é quase casual ao afirmar que "Deus criou os céus e a terra [...] e tudo havia ficado muito bom" (Gênesis 1.1,31). Então, na plenitude dos tempos, Deus intensificou essa realidade ao escolher o nascimento num estábulo como última revelação. Como os pastores devem ter ficado espantados diante das indicações para identificar o Messias: envolto em panos numa manjedoura. Tão pouco impressionante! Tão clichê!

Pense, no entanto, assim: na Criação e na Encarnação, o grande Deus do Universo entrelaçou o espiritual e o material, casou o sagrado com o secular, santificou o comum e o cotidiano. Que maravilha! Que impressionante!

A descoberta de Deus está apoiada no cotidiano e no comum, não no espetacular e no heroico. Se não conseguimos encontrar

Deus na rotina de nossa casa ou no expediente normal de trabalho, jamais o encontraremos. Nossa rotina deve ser uma santidade sinfônica, na qual todas as atividades de trabalho, lazer, família, adoração, sexo e sono ocorram nos ambientes santos do infinito. Thomas Merton aconselha-nos uma "reverência impronunciável pela santidade das coisas criadas".[1]

Oração em ação

Lembre-se de que Jesus passou a maior parte de seus dias na terra trabalhando como operário. Ele não esperou até o batismo no Jordão para conhecer a Deus. Nada disso! Jesus validou a realidade de Deus na carpintaria muitas e muitas vezes, antes de começar a pregar a realidade de Deus como mestre da lei.

Muitos hoje em dia veem a própria vocação como um entrave para a oração. É comum pensar: "Se meu trabalho não exigisse tanto de mim, eu teria tempo para orar". A oração, porém, não é uma tarefa a ser acrescentada a uma agenda já entupida de compromissos. Com a oração pelo comum, nossa vocação não constitui um problema, e sim uma vantagem.

Como assim? Aprendemos o segredo da oração quando estamos no trabalho? Certamente isso é importante, mas não é por isso que nosso trabalho é uma vantagem na oração. Nossa vocação é uma vantagem porque o trabalho *se torna* uma oração. É a oração ativa. O artista plástico, o escritor, o cirurgião, o bombeiro, a secretária, o advogado, o construtor, o fazendeiro e o professor — quando eles dedicam seu trabalho a Deus, estão todos orando.

"... quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Coríntios 10.31). Cheguei a uma compreensão mais profunda desse conselho quando era adolescente e tive o privilégio de passar um verão entre os esqui-

[1] *Sign of Jonas, p. 238.*

mós de Kotzebue, no Alasca. Os esquimós cristãos que conheci ali tinham uma grande noção da profundidade da vida, sem distinção entre a oração e o trabalho.

Eu havia ido a Kotzebue aventurar-me na construção da "primeira escola de ensino médio acima do Círculo Ártico", mas o empreendimento estava longe de ser uma aventura. Era um trabalho difícil e estafante. Certo dia, eu estava tentando cavar uma vala para um escoamento de esgoto (tarefa não muito fácil de realizar nas tundras), e um esquimó cuja face e cujas mãos tinham a resistência ocasionada por muitos invernos ficou me observando por um tempo. Expressando-se de maneira simples, mas profunda, ele comentou: "Você está cavando um buraco para a glória de Deus". Sei que ele disse aquilo para me encorajar, mas nunca esquecerei suas palavras. Além de meu amigo esquimó, nenhum outro ser humano jamais soube nem quis saber se fiz um bom trabalho com aquela vala. O buraco foi logo coberto e esquecido, mas graças às palavras de meu amigo cavei com todas as minhas forças, pois cada vez que eu enchia a pá de terra era um momento de louvor a Deus. Embora na época não o percebesse, eu estava tentando, de uma forma humilde e nada sofisticada, imitar a atitude dos grandes artistas da Idade Média: eles não deixavam de esculpir a parte de trás de suas peças de arte, mesmo sabendo que apenas Deus poderia vê-la.

Segundo Anthony Bloom, a oração "só faz sentido quando é vivida. Se não for vivida, se oração e vida não estiverem entrelaçadas, as orações se tornam uma espécie de madrigal oferecido a Deus nos momentos em que se dedica tempo a ele".[2] A obra de nossas mãos e de nossa mente é oração ativa, uma oferta de amor ao Deus vivo. Numa das melhores falas do filme *Carruagens de fogo*, o atleta Eric Liddel diz à sua irmã: "Jenny, quando corro

[2] *Beginning to Pray*, p. 59.

sinto o prazer de Deus". Essa é a realidade que deve permear toda vocação, não importa se estamos escrevendo um livro ou limpando banheiros.

Muitos têm problemas com a tarefa de limpar banheiros. Não é difícil ver Michelangelo ou T. S. Elliot glorificando a Deus, pois o trabalho deles é criativo. Mas, e quanto aos empregos maçantes, banais e mundanos? Como podem ser uma oração?

Aqui devemos entender a ordem do Reino de Deus. É necessariamente nos "serviços ingratos" — aqueles que abominamos — que encontraremos a Deus com mais frequência. Não precisamos ter uma boa ideia para realizar um trabalho para a glória de Deus. Todo serviço bem feito é agradável ao Pai. Mesmo os trabalhos que nos parecem os mais insignificantes têm grande valor para Deus, pois ele valoriza o que é comum. Se, para a glória de Deus, você está no meio de pregos e parafusos, seu trabalho pode ser uma oferta de aroma suave subindo até o trono de Deus. Ele sente prazer no trabalho que você faz.

Talvez você esteja pensando que estou conferindo glória demais às coisas. Acho que não. O trabalho veio antes da Queda, e a maldição da Queda foi que o trabalho seria "com o suor do seu rosto", isto é, os resultados não seriam proporcionais aos investimentos. Aliás, um dos sinais mais claros de que a graça de Deus está sobre nós é constatar que os resultados obtidos são bem maiores que a quantidade de trabalho investida. Glorificamos a Deus com nosso trabalho porque nos aproximamos mais do Criador sempre que realizamos uma atividade produtiva.

"E quanto àqueles que não têm trabalho, os desempregados e aposentados? Como eles podem fazer a oração pelo comum?", você pode estar se perguntando. Podemos trabalhar com ou sem emprego. A remuneração não é um fator que decide o valor do trabalho no Reino de Deus. Se nossas habilidades e oportunidades nos permitem nada mais que juntar gravetos, devemos fazer essa

tarefa com todas as nossas forças, para a glória de Deus e pelo bem do próximo.

"Uma pessoa pode ter uma vida plena e satisfatória que glorifique a Deus sem trabalhar?", você pode questionar. Não sei como. Certamente, em Deus tudo é possível, mas tenho certeza de que isso seria uma exceção, não a regra. Na verdade, valorizo tanto o trabalho como reflexo da imagem de Deus, que acredito que parte do êxtase do céu será o trabalho alegre, criativo e produtivo.

Oração de ação

Oramos pelo comum também quando fazemos o que Jean-Nicholas Grou chama "oração de ação". Diz ele: "Toda ação executada sob a visão de Deus, por ser a vontade dele e por ser como ele quer, é uma oração e, na verdade, uma oração melhor que muitas das que são feitas com palavras".[3]

Cada atividade da vida diária em que nos esforçamos a favor de alguém é uma oração de ação. Acontece, por exemplo, quando cortamos os gastos e economizamos para comprar algo especial para as crianças, ou quando damos carona em manhãs chuvosas, ou ainda quando nos dispomos a acordar mais cedo para levar alguém para o trabalho. Acontece também quando fazemos contato com os amigos ou retornamos um telefonema, mesmo se estamos cansados. Essas e outras situações semelhantes são orações vivas. De acordo com Inácio de Loyola, "tudo o que se move na direção de Deus é oração".[4]

Assim, estamos fazendo a oração pelo comum quando temos um vislumbre de Deus nas experiências cotidianas. Podemos achar significado nas marcas de canetinha na parede feitas pelas

[3] *How to Pray*, p. 82.

[4] Apud Gloria Hutchinson, *Six Ways to Pray from Six Great Saints*, p. 62.

crianças? O dedo de Deus está de alguma forma escrevendo na parede de nosso coração?

A espera faz parte do cotidiano. Descobrimos a Deus enquanto esperamos em filas, esperamos que o telefone toque, esperamos a formatura, esperamos uma promoção, esperamos a aposentadoria, esperamos a morte. A espera em si se torna oração quando a entregamos a Deus. Quando esperamos, entramos em contato com os ritmos da vida — tranquilidade e ação, ouvir e decidir. São os ritmos de Deus. É no cotidiano e no lugar-comum que aprendemos a paciência, a aceitação e o contentamento. De acordo com a *Regra de São Bento*, para permitir a permanência de um visitante no mosteiro é preciso que ele se mostre "contente com o costume que encontrou neste lugar, e [...] não [perturbe] o mosteiro com suas exigências supérfluas, mas simplesmente [esteja] contente com o que encontra".[5]

Gosto muito da ideia de satisfação sem "exigências supérfluas", porque é assim que eu gostaria de viver. Neste mundo, em que *vencer por meio da intimidação* é a ordem do dia, aprecio os que não se deixam levar pela tirania da positividade.[6] Fico comovido com os que são capazes de simplesmente conhecer pessoas onde estiverem sem precisar controlá-las, liderá-las ou obrigá-las a fazer alguma coisa. Gosto de ficar perto deles, porque extraem o melhor de mim sem manipulação.

Outra forma de orar pelo comum é orar durante as experiências comuns da vida. Pegamos o jornal e pedimos a direção de Deus para os líderes do mundo que encaram decisões monumentais. Estamos passeando com amigos nos corredores da escola ou no *shopping*, e as palavras nos motivam a orar por eles, verbal ou silenciosamente, conforme as circunstâncias. Caminhamos pelo

[5] Cap. 61.

[6] V. Robert J. Ringer, *Winning Through Intimidation* (Greenwich, CT: Fawcett, 1974).

bairro, abençoando as famílias que moram ali. Fazemos um jardim, agradecendo ao Deus que está nos céus pelo sol, pela chuva e pelas coisas boas. É assim que se ora pelo comum, por meio das experiências comuns.

Santidade caseira

As orações que surgem do contexto familiar talvez sejam a maior expressão da oração pelo comum. Edward Hays sugere diversas orações que podem ser feitas pela família inteira, seja ela grande ou pequena. Essas orações abrangem tudo, desde "Abençoa nosso carro" até "Protege-nos da tempestade ou do perigo".[7] Quando oramos no contexto da família, aprendemos que a santidade é caseira. O altar primitivo era o coração no qual se acendia o fogo que ardia no centro do lar . Ainda hoje, a mesa do jantar pode ser um significativo altar, onde as refeições são celebradas e tudo de grande ou pequeno que aconteceu conosco ao longo do dia pode ser relatado. Aqui, o pai e a mãe cumprem o papel de sacerdotes.

Podemos também estabelecer um "eremitério" em nossa casa, um lugar adequado para o silêncio e a solitude. Na Rússia antiga, cada vilarejo tinha um eremitério ou *poustinia*. Hoje, não temos mais santuários religiosos no meio da comunidade, o que é mais um motivo para ter um deles dentro de casa. Pode ser o escritório, a sala de estudos ou o sótão. Pode ser qualquer cômodo silencioso que nos permita ficar isolados do restante da família.

Casas com pais ou mães solteiros precisam de outras estruturas comunitárias para que essa oração funcione. Às vezes, é bom reunir-se periodicamente com outras famílias para refeições e atividades em comum. Dessa forma, solteiros, famílias de pais solteiros,

[7] *Prayers for the Domestic Church* (Easton, KS: Forest of Peace Books, 1989).

casais sem filhos e famílias nucleares podem ser enriquecidas pela presença uns dos outros.

Algumas famílias têm sido ajudadas e fortalecidas pela experiência do "altar familiar" — um tempo dedicado à leitura da Bíblia e à oração conjuntas. Muitos acham a regularidade de tal experiência difícil ou até impossível e, por causa dessa omissão, sentem muita culpa. Essa culpa, porém, é desnecessária, pois essas coisas representam mais uma mudança nos padrões culturais que falta de santidade da família. Quando as comunidades rurais e as famílias numerosas eram dominantes e as refeições e atividades à noite eram comuns, esse tipo de altar familiar fazia muito sentido. Para a maioria de nós, contudo, esse tempo já passou. Vivemos em ambientes urbanos e pertencemos a famílias pequenas. Muitas vezes, jantamos fora e temos de conciliar aula de balé, treino de futebol e reunião de pais e professores na mesma noite.

Pergunta: o que devemos fazer? Resposta: o nosso melhor! Peça ao Senhor que abençoe seus filhos quando eles saírem pela porta e agradeça quando voltarem. Enquanto eles ainda são crianças, é especialmente apropriado orar à cabeceira deles. Isso pode ser feito antes de eles irem para a cama ou mais tarde, quando já dormiram. Podemos orar pela cura dos traumas emocionais ocorridos durante o dia e pedir proteção para o restante da noite e para o dia que virá.

Um antigo costume observado desde a igreja primitiva eram as crianças pedindo a bênção todas as noites, antes de dormir. Podemos achar difícil engolir a característica patriarcal desse costume, mas os pais e os avós *podem* abençoar os pequenos. Deixe que eles pulem em seu colo, leia uma história para eles e dê a cada um deles a bênção. Você também pode querer ninar seu filho enquanto entoa uma bênção em forma de canção.

A adolescência requer alguns ajustes. Em geral, os adolescentes não querem que você entre no quarto deles, não querem ser toca-

dos e não gostam de orar com a família! Mesmo que a oração não seja feita abertamente, você pode sempre orar por eles em espírito. Você também descobrirá que o conteúdo da oração mudará. Cada vez mais, você pedirá livramento, pois os filhos nessa idade estão cortando o cordão umbilical, e você precisa ajudá-los.

Não raro, esse é um período tenso, pois os adolescentes estão lutando para se afirmar. Talvez, por algum tempo, rejeitem aquilo em que você crê, a fim de cultivar a própria crença. Meus dois meninos passaram a frequentar igrejas diferentes da nossa durante a adolescência, pois queriam um espaço emocional onde pudessem explorar a própria experiência de fé.

Se você tem filhos adolescentes, quero dar-lhe uma palavra de incentivo. Sei que são anos turbulentos — como um caiaque descendo as corredeiras — e sei que essas corredeiras parecem que desembocarão direto numa cachoeira; contudo raramente existe essa cachoeira, e as águas do outro lado são tranquilas. Mesmo assim, devemos orar enquanto eles passam pelas corredeiras e pelo que vem depois delas. Dessa forma, estamos orando pelo comum.

Conjunturas comuns da vida

Todos nós tomamos parte no que D. Elton Trueblood chama "conjunturas comuns da vida" — nascimento, casamento, trabalho, morte.[8] Jesus, em sua vida e ensinamentos, deu importância sacramental às experiências rotineiras. Com seu nascimento, o comum e o sagrado foram unidos para sempre. Ele celebrou um casamento na Galileia e providenciou vinho para as festividades sagradas. Abraçou pescadores, coletores de impostos e outros empresários. Encarou a morte sem recuar, a fim de que pudéssemos encarar nossa morte com esperança.

[8] *The Common Ventures of Life* (Nova York: Harper & Row, 1965).

Firmados nessa Rocha, sabemos que todo trabalho é sagrado e que todos os lugares são lugares sagrados. Logo, levantemos a voz num cântico de alegria e declaremos:

Esta terra é santa.
Estamos em terra santa,
Pois o Senhor está aqui,
E o lugar em que ele está é santo.
Estas são mãos santas,
Ele nos deu mãos santas;
Ele trabalha por meio destas mãos,
E assim estas são mãos santas.[9]



Todo-poderoso, santíssimo e exaltado Deus, obrigado por prestares atenção às coisas pequenas. Obrigado por dares valor ao insignificante. Obrigado por te interessares pelos lírios dos campos e pelos pássaros do céu. Obrigado por cuidares de mim.

Em nome de Jesus. Amém.

[9] John Michael Talbot, Holy Ground, *Come Worship the Lord* (Brentwood, TN: Sparrow, 1990), v. 2, disco compacto.

DEZESSEIS

A ORAÇÃO DE PETIÇÃO

Gostemos ou não, a petição é a regra do Reino.

— C. H. SPURGEON

Você sabe por que o todo-poderoso Deus do Universo gosta de responder às orações? Porque seus filhos pedem. Deus se agrada de nossos pedidos. Ele tem prazer em ouvir nossos pedidos. O coração divino se comove com os nossos pedidos.

DIETA DE FIBRAS

Quando pedimos algo para nós mesmos, chamamos a isso "petição"; quando pedimos alguma coisa em favor de outros, chamamos a isso "intercessão". O pedido está no âmago das duas experiências.

Jamais devemos negar ou rejeitar esse aspecto de nossa experiência de oração. Alguns sugerem, por exemplo, que, enquanto pessoas com menos discernimento continuam apelando para a ajuda de Deus, os verdadeiros mestres da vida espiritual vão além da petição para adorar a essência divina, sem pedir nada. Por essa

perspectiva, nosso pedido representa uma forma de oração mais primitiva e ingênua, enquanto a adoração e a contemplação constituem um método mais esclarecido e generoso, pois não envolvem demandas egocêntricas.

Afirmo-lhe que isso é falsa espiritualidade. A oração de petição sempre se fará presente em nossa vida porque somos eternamente dependentes de Deus. É algo que jamais iremos "superar", mesmo que queiramos. Na verdade, os termos usados para "oração", em grego e hebraico, significam "pedir" ou "fazer uma petição".[1] A própria Bíblia está repleta de orações petitórias e recomenda que a façamos sem reservas.

Quando os discípulos pediram instruções sobre como orar, Jesus ensinou-lhes a oração mais completa, que chamamos "pai-nosso", essencialmente uma oração de petição. Ele aconselha os discípulos: "Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta" (Mateus 7.7,8).

Sei que muitas de nossas petições parecem imaturas e egoístas. Nesse sentido, seria menos problemático recomendar apenas o louvor, a adoração e a contemplação, que parecem tão mais grandiosos, superiores e nobres. O cristianismo seria, intelectualmente, uma religião bem fácil se nos mantivéssemos nesse território "elevado". Não precisaríamos lidar constantemente com a frustração de orações não respondidas nem com o constrangimento dos que tentam projetar Deus segundo as próprias intenções. Sim, podemos gostar das formas mais brutas de adoração e contemplação, mas, como observa P. T. Forsyth, "as petições que não são puras podem ser purificadas somente por meio da petição".[2] Além disso,

---

[1] C. W. F. Smith, Prayer, in: *The Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nashville, TN: Abingdon, 1962), v. 3, p. 858.

[2] *Soul of Prayer*, p. 38.

Jesus nos orienta conforme o relacionamento básico entre pai e filho, de pedir e receber. Hans Urs von Balthasar escreveu: "É um grande erro subordinar a *oratio* à *contemplatio*, como se a oração vocal fosse mais para iniciantes e a oração contemplativa fosse para os veteranos, pois cada parte determina e pressupõe a outra; uma leva diretamente à outra".[3] Logo, a petição não é uma forma inferior de oração. É nossa dieta de fibras. Em nossa expressão infantil de fé, apresentamos nossas necessidades e desejos ao Pai celeste. Nenhum de nós daria ao filho uma pedra se ele pedisse pão, disse Jesus. Nenhum de nós daria uma cobra se ele nos pedisse um peixe. Não, ainda que sejamos orientados por prioridades egoístas respeitamos um dos códigos mais fundamentais da vida: a relação entre pai e filho. Portanto, mais que isso, Deus, que nos ama e respeita, alegremente atende aos nossos pedidos (Mateus 7.9-11).

Dois problemas comuns

Se nos concentramos na relação pai e filho, chegamos a dois grandes problemas da oração de petição. O primeiro consiste na seguinte questão: por que devemos pedir a Deus, se ele já conhece nossas necessidades? A resposta mais direta a essa pergunta é simplesmente: Deus gosta de atender aos nossos pedidos. Temos prazer em que nossos filhos peçam coisas que já sabemos que eles precisam porque o pedido fortalece e aprofunda o relacionamento. P. T. Forsyth observa: "O amor gosta de ouvir o que já sabe. [...] Ele quer que peçam o que ele deseja dar".[4]

Além disso, não tenho certeza se Deus sabe tudo sobre nossa petição. Parece que ele decidiu, por vontade própria, permitir que a dinâmica do relacionamento determine o que vamos pedir. O fato de Deus saber todas as coisas, ou seja, ser onisciente, não

[3] *Prayer* (trad. Graham Harrison, San Francisco: Ignatius, 1986), p. 251.
[4] *Soul of Prayer*, p. 63.

impede o julgamento contido em questões nas quais a decisão depende do dar e receber do relacionamento. No capítulo seguinte, falaremos mais sobre esse assunto. Por ora, tenha certeza de que Deus deseja o diálogo autêntico e que, quando expressamos o que está em nosso coração, estamos dando a informação em que Deus está interessado.

Outro problema da oração de petição vem dos que têm o coração sensível. É a complacência de espírito que diz: "Eu não deveria incomodar a Deus com os detalhes insignificantes de minha vida. Há no mundo problemas com maiores consequências que minhas pequenas necessidades".

Devemos, entretanto, ver o coração *abba* de Deus. Para ele, nada é mais importante que a nossa ansiedade com a cirurgia a que vamos nos submeter amanhã, a exasperação sentida por nós diante da irresponsabilidade de nossos filhos e a nossa aflição ao ver a condição de nossos pais idosos. São questões de grande magnitude para nós. Não compartilhar nossas necessidades mais profundas consiste em falsa humildade. O coração de Deus fica magoado com nossa reticência. Assim como queremos que nossos filhos nos contem os mínimos detalhes do dia deles na escola, Deus deseja ouvir tudo sobre nossa vida. Ele se agrada quando a compartilhamos com ele.

A PERPLEXIDADE DA ORAÇÃO NÃO RESPONDIDA

Agora chegamos àquela que talvez seja uma das questões mais problemáticas da oração petitória: a oração não respondida. Não devemos nos apressar aqui em solucionar o problema com uma explanação superficial sobre Deus respondendo: "Sim", "Não" ou "Espere", e coisas desse tipo. Se formos honestos e não estivermos apenas tentando encobrir nossa insegurança, devemos tolerar a grande complexidade do assunto. Segundo C. S. Lewis, "toda

guerra, fome ou peste, quase todo leito de morte é o monumento para uma petição que não foi atendida".[5]

O problema se agrava quando pensamos nas abundantes promessas de resposta contidas no Novo Testamento, especialmente nas palavras de Jesus. Pense, por exemplo, em suas surpreendentes palavras registradas em Marcos 11.24: "... Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá". A honra dessa promessa é temperada pelos dados empíricos de nossa vida pessoal de oração. O que podemos dizer acerca desse inquietante problema?

A primeira coisa que devemos dizer é confessar que temos um problema genuíno, não imaginário. Qualquer suposta solução que eu — ou qualquer pessoa — possa dar será apenas parcial e não fará com que o problema desapareça. Não sei por que o pedido feito de coração por um doente terminal ou por um sem-teto não é atendido. Gostaria que fosse diferente. Deparamos aqui com o mistério dos caminhos de Deus, vendo apenas um reflexo num espelho embaçado. Chegará o tempo em que o compreenderemos plenamente, assim como somos plenamente compreendidos (1Coríntios 13.12).

Na verdade, é desse privilégio do tempo futuro que extraímos a primeira pista para a solução do problema da oração não respondida. P. T. Forsyth observa, com muita perspicácia: "Iremos para um céu onde, com gratidão, saberemos que as grandes recusas de Deus algumas vezes foram a sincera resposta à nossa mais sincera oração".[6] Muitas vezes, em nossa falta de visão, pedimos coisas que não são as melhores para nós. Acontece também de a resposta à nossa oração ser em detrimento de outros ou significar a recusa da oração deles — ou ambas as coisas. É possível ainda que nossa oração seja simplesmente contraditória. Por exemplo: "Senhor,

[5] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 58.
[6] *Soul of Prayer*, p. 14.

dá-me paciência imediatamente!". Por fim, há ocasiões em que seríamos prejudicados se nossa petição fosse atendida. Acontece quando não estamos preparados para o que pedimos.

Nesses casos, e em outros semelhantes, a graça e a misericórdia de Deus fazem com que nossas orações não sejam respondidas. Deus detém nossos presentes para o nosso bem. Há casos em que poderemos não fazer bom uso do que conquistamos na oração. Por isso, devemos agradecer a Deus por tantas orações não respondidas. C. S. Lewis escreveu: "Se Deus respondesse a todas as orações fúteis que fiz durante a vida, onde eu estaria hoje?".[7]

Outra realidade que merece reflexão é o simples fato de que muitas vezes nossas orações são respondidas, e não conseguimos perceber isso. Deus compreende o mais profundo intento de nossas orações e responde a essa maior necessidade, que, no tempo e ao modo divinos, resolve nosso problema. Devemos pedir mais fé para que possamos curar os outros, mas Deus, que compreende mais que nós mesmos a necessidade humana, nos concede uma compaixão maior para podermos chorar com o próximo. Parte de nossa petição deve sempre buscar um discernimento crescente, de modo que possamos ver as coisas tal como Deus as vê.

Devemos admitir também que nosso conhecimento do tempo e dos caminhos de Deus é pequeno. A exemplo dos discípulos no passado, às vezes queremos fazer cair fogo do céu sobre nossos inimigos. (É claro que eles sempre se tornam nossos inimigos, o que vem a calhar para nós.) Jesus, porém, deixa bem claro que lançar fogo do céu não é o estilo de Deus (Lucas 9.54,55). Em outras ocasiões, nossa ansiedade está fora de sincronia com a misericórdia sempre paciente do Eterno.

Por isso, devemos nos lembrar de que, como a oração petitória se concentra em nossas necessidades, não somos a parte

[7] *Letters to Malcolm: Chiefly on Prayer*, p. 28.

desinteressada. É muito mais fácil orar com clareza por questões que não exercem impacto direto sobre nós que por o nosso dedo do pé inflamado. Não devemos deixar de orar pelas nossas necessidades, pois é mandamento de Deus, mas devemos nos lembrar de que isso pode levar a uma infinita decepção.

Não há mais nada que eu queira dizer sobre a oração não respondida, embora hesite em afirmar isso, pois receio ser mal compreendido. Acontece que o pecado atrapalha nossas orações. Com isso, não estou reforçando o clichê equivocado que diz: "Deus nunca ouve a oração de pecadores". Se fosse assim, todos nós estaríamos com problemas. Também não estou dizendo que precisamos adquirir certo nível de santidade para que o Todo-poderoso atenda aos nossos apelos. A simples observação mostrará que Deus é abundante em misericórdia para com todos, sem restrição quanto à santidade. Minha história pessoal confirma isso.

Quando digo que o pecado atrapalha nossas orações, quero dizer algo bem diferente. Quero dizer que nosso pecado, por sua natureza, põe obstáculos à comunhão e dificulta a sensibilidade espiritual. Ficamos cegos e surdos. O resultado é a incapacidade de discernir entre o coração de Deus e um pedido errado. Pedimos de forma errada para satisfazer nossas paixões, como nos lembra Tiago (Tiago 4.3). Logo, nossas orações são prejudicadas.

Deus me manda, por exemplo, tratar meu vizinho com amor, convidando-o para jantar, talvez. Então decido que não vou fazer isso porque estou aborrecido com ele, pois meu quintal está cheio de folhas que caíram da árvore do quintal dele. Deus me alerta sobre meu ressentimento para com esse vizinho mais de uma vez, e não faço nada. Com o passar do tempo, já não escuto mais Deus falando sobre meu vizinho e penso: "Que bom, assunto encerrado!". Nada disso. É que veio a surdez, em parte. A insensibilidade de espírito é algo que devemos temer.

Sei que estes comentários não dissiparão suas dúvidas sobre a oração não respondida. Eu também, muitas vezes, fico perplexo com algumas orações que parecem ser ignoradas. Talvez nos sirva de estímulo saber que temos um Salvador que, na escuridão do Getsêmani, levou sobre os ombros o peso de todas as orações não respondidas e que, naquele momento de grande agonia, perguntou: "Por quê?".

O Pai-nosso

Por seu absoluto poder e grandiosidade, nenhuma oração se iguala ao Pai-nosso (Mateus 6.9-13). O pai-nosso é a oração que o Senhor ensinou aos seus discípulos, isto é, a você e a mim.

O Pai-nosso é uma oração completa. Abrange o mundo inteiro, desde o Reino que vem a nós até o pão de cada dia. Grande ou pequeno, espiritual ou material, interno ou externo — nada está fora do alcance do Pai-nosso.

Essa oração é consagrada a Deus em cada contexto concebível. Ela se eleva no altar das grandes catedrais e nas mais obscuras cabanas, em lugares desconhecidos. É recitada por crianças e por reis. O rico e o pobre, o culto e o iletrado, o simples e o sábio — todos recitam essa oração. Quando fiz a oração do Pai-nosso, hoje pela manhã com o grupo de formação espiritual, eu estava acompanhando as vozes de milhões de pessoas ao redor do mundo que fazem essa mesma oração todos os dias. É uma oração completa, que alcança todas as pessoas em todas as épocas e lugares.

O Pai-nosso é uma oração essencialmente petitória. A adoração aparece no começo e no fim, mas a petição está presente em toda oração. Dos sete pedidos feitos perfeitamente, três estão relacionados com a petição pessoal. Essas três solicitações podem ser resumidas em três verbos: "dar", "perdoar" e "livrar". Juntos, eles formam o paradigma da oração de petição por meio da qual podemos conjugar todos os verbos de nossos pedidos pessoais.

DAR Se não estivéssemos familiarizados com o Pai-nosso, ficaríamos surpresos com o pedido pelo pão de cada dia. Se não viesse dos lábios de Jesus, nós consideraríamos uma intrusão do materialismo na refinada esfera da oração. Aqui, no entanto, ele irrompe no meio da mais magnífica de todas as orações: "Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia".

Quando paramos para refletir sobre isso por um instante, entretanto, percebemos que é uma oração consistente com o padrão de vida de Jesus, pois ele se ocupava das trivialidades da raça humana. Ele forneceu o vinho para os que estavam celebrando, comida para os famintos e descanso para os cansados (João 2.1-11; 6.1-14; Marcos 6.31). Ele saiu de seu caminho para ir ao encontro dos "pequeninos": pobres, doentes, indefesos. Por isso, essa oração é consistente quando nos convida a orar pelo pão de cada dia.

Assim, Jesus exaltou as trivialidades de nossa existência. Tente imaginar como seria nossa experiência de oração se tivéssemos de ignorar as pequenas coisas. O que aconteceria se pudéssemos tratar somente de assuntos mais graves, de coisas importantes e de questões mais profundas? Estaríamos abandonados no cosmo, com frio e terrivelmente sozinhos. No entanto, a recíproca é verdadeira: ele nos recebe com nossas mil e uma banalidades, pois elas são importantes para ele.

Pedimos o pão de cada dia quando oramos pelas pequenas coisas que formam nosso dia. Não conseguimos encontrar uma babá para cuidar das crianças enquanto estamos trabalhando? Bem, vamos pedir uma babá. Precisamos de um espaço para pensar? Vamos pedir descanso e um tempo sozinhos. Precisamos de um casaco e de luvas para enfrentar o frio? Peçamos roupas de inverno. Estamos tendo dificuldades de relacionamento no trabalho ou em casa? Peçamos sabedoria, paciência e compaixão — todo dia, toda hora. É assim que oramos pelo pão diário.

Perdoar Sinto-me sempre maravilhado com o fato de a petição "dar" preceder a petição "perdoar", não o contrário. É como se a graça que Deus demonstra ao dar nos permitisse ver a imensa dívida que temos para com ele e nos levasse a exclamar: "Perdoa as nossas dívidas".

De fato, nossas dívidas são enormes. Não são apenas as coisas que fazemos, embora elas por si já bastem, mas são também as coisas que deixamos de fazer. Cometemos pecados por comissão e por omissão. A montanha de ofensas fica alta demais para nós, e seu peso ameaça nossa vida.

É quando temos dificuldade para respirar que Jesus nos convida a orar: "Perdoa as nossas dívidas". Ele nos ensina assim porque sabe quanto Deus aprecia conceder perdão. É a única coisa que ele anela fazer, anseia fazer, deseja fazer. A cada coração do Universo, Deus deseja dar e perdoar.

Todavia, nessa petição encaramos um dilema, pois aprendemos a orar: "Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores". É um pedido condicional. Somos perdoados quando perdoamos. E, como se quisesse reforçar a questão, essa é a única petição a que Jesus se sente compelido a acrescentar detalhes: "Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas" (Mateus 6.14,15). Por que isso? Não que Deus inveje nosso perdão ou que o perdão seja tão difícil para Deus, que ele precise nos ver perdoando os outros primeiro, como demonstração de fé. Não, nada disso! Trata-se tão somente da ordem natural da Criação: devemos primeiro dar para depois receber. Não posso, por exemplo, receber amor se não der amor. Alguém pode até tentar me oferecer amor, mas, se o ressentimento e a vingança enchem meu coração, essa oferta passará por mim sem fazer efeito algum. Se meus punhos estão cerrados e meus braços cruzados ao redor de mim, não posso pegar nada.

Contudo, a partir do momento que dou amor, sou um candidato a recebê-lo. Como diz Agostinho: "Deus dá quando encontra mãos vazias".[8]

É isso o que acontece com o perdão. Enquanto o único clamor ouvido for o de vingança, não haverá reconciliação. Se nosso coração é tão pequeno que enxergamos apenas as mágoas e as ofensas, não poderemos ver quanto ofendemos a Deus nem acharemos necessário buscar o perdão. Se estamos sempre calculando em nosso coração a que nível de violação de nossos direitos alguém chegou, não seremos capazes de orar pelo perdão.

Nas relações entre os seres humanos, existe um círculo vicioso: você atropelou meu boi, vou atropelar o seu; você me machucou, então vou machucar você. Entretanto, ceder o perdão é essencial porque ele quebra a lei da retribuição. Estamos ofendidos e, em vez de ofender também, preferimos perdoar. (Tenha a certeza de que só somos capazes de fazer isso por causa do supremo ato de perdão no Gólgota, que quebrou de uma vez por todas o ciclo de retaliação.) Quando agimos assim, quando perdoamos, uma chuva de perdão desce dos céus sobre os seres humanos.

Se o perdão é tão importante, precisamos perguntar: o que é perdão? Existe uma grande confusão a respeito disso hoje em dia, por isso devemos primeiro entender o que é e o que não é perdão.

Perdão não significa que a dor vai cessar. As feridas são profundas, e sofreremos por um tempo. Se ainda sentimos alguma dor, não quer dizer que não conseguimos perdoar.

Perdão não significa que vamos esquecer. Isso violaria nossas faculdades mentais. Helmut Thielicke, ministro alemão que sobreviveu aos dias mais negros do Terceiro Reich, dizia: "Ninguém deve mencionar as palavras 'perdoar' e 'esquecer' no mesmo

[8] Apud C. S. Lewis, *Cartas a uma senhora americana* (São Paulo: Vida, 2006), p. 91.

fôlego".[9] Quando perdoamos, porém, não usamos nossa memória contra o outro.

Perdão não é fingir que a ofensa não importou. Importou, sim, e ainda importa, e não devemos fingir outra coisa. A ofensa é real, mas, quando perdoamos, ela não controla mais nosso comportamento.

Perdão não é agir como se tudo fosse como antes. Devemos encarar o fato de que as coisas jamais serão como antes. Pela graça de Deus, tudo pode ser mil vezes melhor, mas nada será o mesmo.

Logo, o que é perdão? É um milagre da graça que impede a ofensa de causar separação. Se o marido ignora a esposa, dando mais valor ao trabalho e a outras coisas, ele peca contra ela. A ofensa é real, e a mágoa é real. Um laço sagrado de confiança foi rompido. Estamos certos em afirmar que algo se interpôs entre eles. Ela jamais se esquecerá dessa violação de respeito. Mesmo em idade avançada ela poderá sentir outra vez, pela lembrança, a frieza do descaso.

Perdão, portanto, significa que a ofensa, por mais real e terrível, não irá nos separar. Significa que não vamos mais usar a ofensa para criar uma barreira entre nós, magoando e ferindo um ao outro. Perdão significa que o poder do amor que nos une é maior que o da ofensa que nos separa. No perdão, estamos livrando nossos ofensores para que eles não nos prendam. De certa forma, estamos nos libertando para receber a graça de Deus. Estamos, ainda, convidando nossos ofensores a retornar ao círculo da comunhão.

Uma palavra final acerca do perdão: Deus se prontifica a perdoar quando perdoamos. Talvez você sinta profundamente o peso da culpa de sua ofensa contra o céu. Talvez esteja inquieto e inseguro acerca do perdão de Deus, ansiando pela certeza de que ele lhe dará paz. Bem, esta é a certeza dada pela maior autoridade: Jesus

[9] *Our Heavenly Father: Sermons on the Lord's Prayer* (New York: Harper & Brothers, 1960), p. 110.

Cristo, o Filho eterno, garante nossa absolvição: "Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará" (Mateus 6.14).

LIVRAR Essa é a terceira petição, e talvez a mais importante. Ela é tanto negativa ("não nos deixes cair em tentação") quando afirmativa ("mas livra-nos do mal").

A primeira parte da petição perturba muita gente. Como Deus pode nos tentar ou nos deixar cair em tentação? A própria palavra grega significa "provas" ou "circunstâncias difíceis", e a única circunstância em que Deus nos prova é quando existe algo em nosso coração que precisa ser revelado. Por exemplo, Judas tinha dificuldade com dinheiro, e justamente por isso Jesus lhe deu o cargo de tesoureiro do grupo de apóstolos. Com o tempo, veio à tona o que estava no coração de Judas.

Logo, a oração "não nos deixes cair em tentação" significa: "Senhor, que não haja nada em mim que te obrigue a me colocar em teste, a fim de revelar o que está em meu coração". Queremos progredir na esfera da transformação sem pecados escondidos, para que Deus não seja forçado a nos provar.

Não devemos pensar aqui nas tentações da infância, que Martinho Lutero chama "pecados de estimação".[10] Devemos nos preocupar com os pecados adultos. Nós, como Jesus no deserto, seremos tentados com poder e influência e com a oportunidade de ajudar os outros sem referência a Deus. Podemos pensar que conseguiremos fazer o bem com certas coisas. Esses desejos íntimos são sementes de destruição. Na oração do Pai-nosso, pedimos que essas coisas sejam removidas de nosso coração, de modo que Deus não nos coloque à prova.

[10] Apud Helmut THIELICKE, *Our Heavenly Father: Sermons on the Lord's Prayer*, p. 119.

Agora, em relação ao pedido "livra-nos do mal", o texto original deixa bem claro que Jesus nos manda pedir socorro não do mal em sentido genérico, mas do mal em pessoa, ou seja, Satanás. Sei que isso não soa bem diante do conceito moderno e pós-moderno da realidade, mas existe mesmo assim.

Helmut Thielicke pregou sobre essa passagem logo depois que os Aliados ocuparam sua cidade, Stuttgart, quase no fim da Segunda Guerra Mundial. Comentando sobre o " 'conceito de mal' propriamente espiritualizado", ele escreveu:

> Queridos amigos, em nosso tempo temos contato demasiado com potestades demoníacas;
>
> sentimos e vimos homens e movimentos inteiros ser corrompidos e controlados por potestades misteriosas e abismais, levando-os aonde não pretendiam chegar;
>
> temos observado frequentemente como um espírito alienado pode seduzir as pessoas e mudar a essência de homens que já foram decentes e racionais, conduzindo-os à brutalidade, às desilusões do poder e a acessos de loucura que não apresentavam anteriormente;
>
> ano após ano, temos visto uma atmosfera venenosa que aumenta cada vez mais sobre o globo terrestre, e percebemos como os espíritos do mal são reais e quase tangíveis, vendo passar uma mão invisível com uma taça invisível de veneno, de país a país, para levá-los à confusão.[11]

Desde então, não temos visto coisas horrendas e terríveis o bastante para usar sem constrangimento a expressão de Martinho Lutero — "o grande acusador"? Você deve se lembrar do restante do hino: "Já condenado está;/ Vencido cairá/ Por uma só palavra./ Sim, que a palavra ficará,/ Sabemos com certeza".[12] Esse é o resultado da oração por livramento.

---

[11] *Our Heavenly Father: Sermons on the Lord's Prayer*, p. 133.

[12] *Hymns for the Family of God*, hino 118.

Herbert Farmer, professor da Universidade de Cambridge, lembra que "se a oração é o centro da religião, a petição é o centro da oração".[13] Sem a oração petitória, teremos uma vida de oração incompleta. Devo lembrar-me, de uma vez por todas, de quanto Deus tem prazer em nosso pedido, buscando uma desculpa para nos dar alguma coisa.



Pai querido, não quero tratar-te como um Papai Noel, mas desejo pedir algumas coisas. Dá-me alimento para hoje. Não estou pedindo para amanhã, e sim para hoje. Perdoa-me pelas infinitas ofensas à tua bondade que cometi neste dia, nesta hora. Nem mesmo estou ciente da maioria delas, e isso em si já é um pecado contra o céu. Perdoa-me. Aumenta meu conhecimento.

E se, em minha ignorância, pedi algo que seja destrutivo, não me concedas tal coisa — não me deixes cair em tentação.

Protege-me do Maligno.

Pelo amor de Jesus. Amém.

---

[13] *The World and God* (London: Nisbet, 1935), p. 129.

DEZESSETE

A ORAÇÃO DE INTERCESSÃO

A oração de intercessão é o banho purificador no qual o indivíduo e a comunidade devem entrar todos os dias.

— DIETRICH BONHOEFFER

Quando realmente amamos as pessoas, desejamos para elas mais do que lhes podemos dar, e isso nos leva a orar por elas. A intercessão é uma forma de amar o próximo.

Ao passar da petição para a intercessão, estamos transferindo nosso centro de gravidade, antes situado naquilo de que precisávamos, para a necessidade e a preocupação do próximo. A oração de intercessão é a oração altruísta.

Na obra contínua de Deus, nada é mais importante que a oração de intercessão. Hoje, as pessoas necessitam desesperadamente de qualquer ajuda que possamos lhes dar. Casamentos são desfeitos. Crianças são maltratadas. O povo em geral leva uma vida de desespero silencioso, sem propósito nem futuro. Entretanto, podemos fazer a diferença... se aprendermos a orar em favor de outros.

A oração de intercessão é um ministério sacerdotal; e um dos ensinamentos mais desafiadores do Novo Testamento é o do sacerdócio universal de todo cristão. Como sacerdotes, escolhidos e consagrados por Deus, temos a honra de chegar ao Sumo Sacerdote para interceder por outros. Isso não é uma opção, e sim uma obrigação sagrada — e um precioso privilégio — de todo o que toma o fardo de Cristo.

Um exemplo magnífico

Moisés foi um dos maiores intercessores do mundo, e um acontecimento em sua vida nos dá um exemplo magnífico do trabalho de intercessão contínua. Os amalequitas entraram em guerra com os filhos de Israel (Êxodo 17.8-13). A estratégia militar de Moisés era estranha, mas poderosa. Josué liderava o exército na batalha que se desenrolava no vale. Moisés subiu uma montanha para observar a batalha, na companhia de seus dois tenentes, Arão e Hur. Enquanto Josué travava um combate físico, Moisés se envolvia num combate espiritual, levantando as mãos sobre o conflito. Evidentemente, Moisés tinha a tarefa mais difícil, pois foi ele quem se cansou. Arão e Hur tiveram de segurar os braços de Moisés até o Sol se pôr.

Nos anais militares, Josué foi o comandante vencedor naquele dia. Era a pessoa que estava à frente e no grosso do conflito. Você e eu conhecemos o resto da história. Nos bastidores, a batalha de intercessão foi vencida por Moisés, Arão e Hur. Todas as personagens foram essenciais para a vitória. Foi necessário o comando de Josué. Foi necessária a intercessão de Moisés a favor dos filhos de Israel. Foram necessários Arão e Hur para auxiliar Moisés quando este se cansou.

O que Moisés, Arão e Hur fizeram naquele dia é a incumbência que todos nós recebemos. Nem todos recebem o cargo de líder, mas todos nós temos de ser intercessores: "O mais profundo que

atingimos no vale da decisão é o mais alto que devemos atingir [...] no monte da oração e devemos segurar as mãos daqueles que têm como principal objetivo prevalecer com Deus".[1]

O Intercessor

Não estamos sozinhos no trabalho de intercessão. Nossas débeis orações de intercessão são apoiadas e reforçadas pelo eterno Intercessor. Paulo afirma: "... Foi Cristo Jesus que morreu; e mais, que ressuscitou e está à direita de Deus, e também intercede por nós" (Romanos 8.34). Como se quisesse reforçar a verdade dessa afirmação, o autor de Hebreus declara que Jesus é o eterno sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque e "vive sempre para interceder" (Hebreus 7.25).

No discurso do jantar relatado no evangelho de João, Jesus deixa indiscutivelmente claro para seus discípulos que a partida dele para o Pai os lançaria numa nova dimensão da oração. Jesus explicou à sua heterogênea equipe que ele estava no Pai e o Pai estava nele; que ele iria para o Pai, a fim de preparar um lugar para eles; que eles seriam capazes de realizar obras maiores ainda porque ele estava indo para o Pai; que eles não ficariam órfãos, pois o Espírito da verdade viria para guiá-los; que eles deveriam permanecer nele como os galhos permanecem na videira; que ele faria tudo o que pedissem em seu nome, e muito mais (João 13—17).

O que aconteceu quando Jesus foi para o Pai que mudou radicalmente a equação? Por que isso fez tanta diferença na oração — na dos discípulos e na nossa? A nova dimensão nisso é: Jesus assumiu seu trabalho de Intercessor eterno perante o trono de Deus, e, em consequência, temos a capacidade de orar pelos outros com uma autoridade inteiramente nova.

---

[1] P. T. Forsyth, *Soul of Prayer*, p. 53.

O que estou tentando dizer é que nosso sacerdócio de intercessão só existe porque Cristo está continuamente intercedendo por nós. É uma verdade maravilhosa saber que somos salvos apenas pela fé, que não há nada que possamos fazer para ser aceitos por Deus. Da mesma forma, oramos apenas por meio da fé — Jesus Cristo, nosso eterno Intercessor, é responsável por nossa vida de oração. Ambrósio de Milão escreveu: "Se ele não interceder, não há comunicação com Deus, nem para nós, nem para os santos".[2]

Por nós mesmos, não temos entrada no Reino do céu. Seria o mesmo que formigas falando a humanos. Precisamos de um intérprete, um intermediário, um mediador. Esse é o trabalho de Jesus como Intercessor eterno — "... há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus..." (1Timóteo 2.5). Ele abre as portas e nos garante acesso às coisas celestiais. Mais ainda: ele fortalece e purifica nossa intercessão fraca e mal direcionada e a torna aceitável perante o santo Deus. E ainda não acabou: as orações de Jesus sustentam nosso desejo de orar, dando-nos vontade e esperança de sermos atendidos. A visão de Jesus nessa intercessão espiritual nos dá força para orar em seu nome.

Em nome de Jesus

Agora que foi levantada a questão da oração em nome de Jesus, eu gostaria de fazer alguns comentários a respeito. Somos advertidos muitas vezes nos evangelhos e em outras passagens bíblicas a orar dessa maneira. Resultados maravilhosos são prometidos para quem o fizer: "Até agora vocês não pediram nada em meu nome", disse Jesus. "Peçam e receberão, para que a alegria de vocês seja completa" (João 16.24).

---

[2] *On Isaac or the Soul*, viii, 75; J. P. Migne, *Patrologia Latina* 14, p. 557. Para obter mais informações, v. Donald G. Bloesch, *The Struggle of Prayer*, p. 35, 48.

Sei que esse conceito parece provinciano e soa intolerável para alguns. Talvez você esteja pensando: "Será que é possível ter a mente um pouco mais aberta e aceitar todas as orações sinceras em nome de qualquer pessoa ou sob qualquer autoridade?". Bem, em primeiro lugar, não é da minha conta, nem da sua, aceitar ou rejeitar a oração de alguém. É um assunto, graças a Deus, que só diz respeito a ele. Meu palpite é que Deus aceita mais as orações que a maioria das pessoas de mente aberta que conhecemos. (É comum sermos terrivelmente limitados por causa de nossa mente fechada.) Nós, que estamos no Caminho, porém, recebemos pedidos de oração em virtude da autoridade a nós concedida por meio de Cristo Jesus, que declarou ser a única revelação de Deus para nós — e assim fazemos.

Aqui, entretanto, nós nos debatemos com a pergunta: como orar em nome de Jesus? Qualquer pessoa mais atenta sabe que isso significa mais que pregar uma fórmula no final de cada oração. O que isso significa exatamente?

Duas coisas, pelos menos. A primeira, já estamos discutindo. Orar em nome de Jesus significa a segurança de que a grande obra de Cristo está completa — durante a vida dele, na sua morte, por meio da ressurreição e por continuar reinando à direita de Deus Pai. Donald Bloesch escreveu:

> Orar em nome de Cristo significa orar com a consciência de que nossas orações não são dignas nem eficazes sem o sacrifício de expiação e a mediação redentora. Significa apelar para o sangue de Cristo como fonte de energia para a vida de oração. Significa reconhecer, na falta de sua mediação e intercessão, nossa completa impotência. Orar em nome de Jesus significa reconhecer que nossas orações não podem adentrar o tribunal de Deus se

não forem apresentadas ao Pai pelo Filho, nosso único Salvador e Redentor.[3]

Esse é o lado objetivo e retórico da oração em nome de Jesus, mas existe um lado subjetivo, experimental. Orar em nome de Jesus significa que estamos orando de acordo com a maneira e a natureza de Cristo. Significa que estamos realizando as intercessões que ele faria se estivesse em nosso lugar. Somos seus embaixadores, comissionados por ele. Recebemos seu nome para usar toda a sua autoridade. Logo, o conteúdo e o caráter de nossa oração devem estar, necessariamente, unidos à natureza de Cristo.

Simão, o mago, pediu o dom de impor as mãos para que as pessoas recebessem o Espírito Santo, mas queria usar o poder de Deus para outros fins (Atos 8.14-24). Ele não pediu em nome de Jesus, e Pedro, percebendo isso, repreendeu Simão. Os sete filhos do sumo sacerdote Ceva viram Paulo expulsar demônios em nome de Jesus e tentaram fazer o mesmo, dizendo: "Em nome de Jesus, a quem Paulo prega...". O espírito maligno, porém, retrucou: "Jesus, eu conheço, Paulo, eu sei quem é; mas vocês, quem são?" Embora tivessem usado a fórmula adequada, não haviam orado em nome da vida e do poder de Jesus, por isso não deu certo. De maneira quase cômica, Lucas nos conta que o espírito maligno deu uma bela surra nos sete pseudoexorcistas, que saíram correndo "nus e feridos" (Atos 19.11-16).

Então, como orar em nome de Jesus, isto é, em conformidade com a natureza dele? Jesus mesmo diz: "Se vocês permanecerem em mim, e as minhas palavras permanecerem em vocês, pedirão o que quiserem, e lhes será concedido" (João 15.7). A expressão "permanecerem em mim" é uma condição para ser um verdadeiro intercessor. É a chave para a oração em nome de Jesus. Aprendemos a ser como um ramo que vive graças à videira. "Permaneçam em

[3] *The Struggle of Prayer*, p. 36-7.

mim, e eu permanecerei em vocês. Nenhum ramo pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Vocês também não podem dar fruto, se não permanecerem em mim" (João 15.4). Nada é mais importante para uma vida de oração que aprender a ser como um ramo.

Quando vivemos dessa maneira, desenvolvemos o que Thomas à Kempis chama "familiar amizade com Jesus". Acostumamo-nos com seu rosto. Distinguimos a voz do verdadeiro Pastor em meio aos charlatães, assim como o joalheiro profissional distingue entre um diamante e uma imitação de vidro — por meio do conhecimento. Quando passamos muito tempo com algo genuíno, adquirimos conhecimento para identificar o barato, o de segunda qualidade.

À medida que nos aprofundamos no caminho de Cristo, podemos sentir o aroma do evangelho. Então, passamos a pedir e a fazer o que sabemos que ele pediria e faria. "Mas como *saber* o que Jesus pediria e faria?", você pergunta. Bem, como o casal que está junto há muitos anos sabe o que o outro pensa, quer e sente? Apenas sabemos. É assim que se ora em nome de Jesus.[4]

A PERSISTÊNCIA QUE VENCE

Se começarmos a orar pelos outros, logo descobriremos que é fácil nos sentir desencorajados com os resultados, que podem nos frustrar por causa da demora e da irregularidade. Isso acontece porque estamos chegando ao estranho cruzamento da influência divina com a autonomia humana. Deus não nos obriga a nada, e

[4] O leitor esclarecido perceberá que até agora não incluí nenhum capítulo neste livro sobre a oração de orientação. Agora você sabe por quê. A fascinação por "descobrir a vontade de Deus", tão comum hoje em dia, falha em perceber que conhecemos a Deus tanto quanto conhecemos sua vontade. Alguns, infelizmente, preferem a aplicação de técnicas à intimidade com o Senhor.

assim a influência divina sempre nos permite um caminho diferente. Ninguém é forçado a um tipo de obediência robótica.

Esse aspecto do caráter de Deus — esse respeito, essa cortesia, essa paciência — é difícil de aceitar porque trabalhamos de maneira diferente. Certas pessoas nos frustram tanto, que às vezes temos vontade de abrir a cabeça delas e consertar algumas coisas. Essa é a nossa maneira de agir, mas não é a de Deus. A maneira dele é como a chuva e a neve caindo suavemente sobre a terra, desaparecendo quando são absorvidas pelo solo. No tempo certo, brota uma nova vida. Sem manipulação, sem controle — com perfeita liberdade, perfeita libertação. Essa é a maneira de agir de Deus (Isaías 55.8-11).

Para nós, é difícil entender esse processo, o que pode nos abater. Acho que Jesus percebeu isso e pregou mais um ensinamento sobre a necessidade de nossa persistência — daí o título "A parábola da viúva persistente". Ele fez questão de especificar o motivo de contar essas histórias: para que possamos "orar sempre e nunca desanimar" (Lucas 18.1). Essas parábolas de Jesus têm significado especial para mim, pois desanimo facilmente. Talvez você saiba o que quero dizer. Oramos uma ou duas vezes e, quando parece que nada mudou, passamos a tratar de outros assuntos, ficamos de mau humor ou desistimos de orar. Nosso método se assemelha a ligar um interruptor de luz: se a lâmpada não acende imediatamente, dizemos: "Bem, não acredito em eletricidade mesmo!".

Jesus, no entanto, nos concede uma vantagem para vermos a oração funcionar. Ele diz que a oração é como uma viúva indefesa que não se acha assim tão indefesa e se manifesta contra a injustiça, e sua persistência a faz ganhar o dia (Lucas 18.1-8). É como forçar um vizinho a dar comida a um desconhecido — embora isso seja bastante inconveniente — porque senão toda a vizinhança será desgraçada por não acolher o visitante (Lucas 11.5-13). Em cada caso, o tema da pregação é a persistência. Continuamos pedindo, buscando e batendo.

Existe um termo religioso para o que descrevi: *súplica*. Suplicar é pedir com seriedade, intensidade e perseverança. É uma declaração de que estamos comprometidos com a oração. Não podemos desistir. João Calvino escreveu: "Devemos repetir uma súplica não duas ou três vezes, mas quantas vezes precisarmos, centenas, milhares de vezes. [...] Não podemos nos cansar de esperar a ajuda de Deus".[5]

Esse é um importante ensinamento, pois vivemos numa geração que se abstém do compromisso. Uma antiga virtude cardeal era a coragem, mas onde a encontramos hoje em dia? Temos de admitir que ela é muito rara, em qualquer lugar. No entanto, na oração de intercessão, Jesus transforma a coragem em algo real.

Temos demonstrado essa determinação paciente quando oramos pelos outros? Quão facilmente desistimos! No código de leis de Levítico, o fogo devia queimar continuamente; não podia se apagar (Levítico 6.13). Uma vez que Deus colocou a resistência e a coragem em nossa espiritualidade, hoje podemos aprender a queimar a chama eterna da oração no altar.

Oração de intercessão organizada

A intercessão é realizada individualmente, mas também é feita de forma coletiva. Jesus prometeu estar presente com grande poder onde houvesse uma comunidade de fiéis reunidos em seu nome (Mateus 18.20). Quando há fé, esperança e amor suficientes no meio do povo, as bênçãos são multiplicadas, por isso é possível existir a oração de intercessão organizada e em grupos.

Reproduzindo as palavras do profeta Isaías, Jesus declara: "... A minha casa será casa de oração..." (Isaías 56.7; Lucas 19.46). Eu gostaria muito de ver nossas igrejas tornando-se casas de oração, e

[5] *Sermons on the Epistle to Ephesians* (Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1975), p. 683.

sei que você também gostaria que isso acontecesse. Muitas vezes, porém, elas são lugares onde existe quase tudo, menos oração. Digo isso com pesar, pois acredito que essa situação entristece o coração de Deus. Precisamos de encontros, estudos bíblicos, cultos de adoração e grupos de apoio, mas tudo isso são apenas brasas, não o fogo principal.

No século XVII, Jonathan Edwards escreveu um pequeno livro com um título gigante: *Uma tentativa humilde para promover um acordo explícito e uma união visível do povo de Deus pelo mundo, em oração extraordinária, pelo reavivamento da religião e avanço do Reino de Cristo na terra, conforme as promessas e profecias das Escrituras referentes aos últimos tempos*. Edwards compreendeu a questão perfeitamente. Devemos apresentar tanto "um acordo explícito" quanto "uma união visível" para que esse tipo de oração funcione. Não é uma combinação muito fácil, mas, quando ela ocorre, "oração extraordinária" é um termo insuficiente para descrevê-la.

Um aluno meu, Jung-Oh Suh — pastor coreano em estudo sabático — tomou conhecimento de minha pesquisa sobre oração e me trouxe uma reportagem completa de jornal (com sua excelente tradução, pois estava escrita em coreano), que conta a história da Igreja Presbiteriana Myong-Song, localizada no sudeste de Seul. As igrejas coreanas são conhecidas por seus cultos de oração, que acontecem de manhã cedo, mas, mesmo assim, essa história é incomum. O grupo começara cerca de dez anos antes, com 40 membros. Hoje, 1.200 pessoas se reúnem todas as manhãs para três cultos de oração — às quatro, às cinco e às seis horas da manhã. Jung-Oh explicou que a porta é fechada às quatro da manhã; se alguém chegar atrasado, um pouco que seja, tem de esperar o culto das cinco horas. Ele acrescentou: "O problema é que em meu país o inverno é muito rigoroso! Por isso, todos levam um bule de chá ou de café para se manterem aquecidos enquanto esperam

pelo próximo culto".[6] Essa é a oração de intercessão organizada em grupos.

Existem indicações de que há um movimento maior de oração a caminho, tal como está na memória de muitos. Em escala menor, mas ainda assim importante, a história da Igreja Presbiteriana Myong-Song pode se repetir muitas e muitas vezes. Uma congregação que conheço realiza 40 cultos de oração por semana, envolvendo um total de mil pessoas. Tenho conhecimento de algumas igrejas em que cerca de um quarto dos membros participa semanalmente da oração de intercessão coletiva. Já conheci dirigentes de oração do país inteiro, e nenhum deles jamais viu algo parecido com o que está começando a acontecer. É muito cedo para dizer o quanto é importante esse novo despertamento para a oração, mas os sinais são encorajadores.

É desejo de Deus atrair pessoas e famílias para a fé que salva. É desejo de Deus tirar pessoas do vício das drogas, do sexo, do dinheiro e do poder. É desejo de Deus livrar o povo do racismo, do machismo, do nacionalismo, do consumismo. É desejo de Deus ganhar as cidades, trazendo comunidades inteiras para o evangelho da fidelidade. A oração de intercessão organizada é um aspecto essencial para o cumprimento desses anseios do coração de Deus.

Pelo bem-estar dos outros

Se você faz parte de uma comunidade em que a oração em grupos é o carro-chefe da igreja, espero que esteja aproveitando esse presente de Deus. Nem todos têm essa alegria. Muitos frequentam igrejas em que os líderes simplesmente ignoram esse aspecto da intercessão. Isso, porém, não nos deve impedir de fazer

[6] *Presbyterian Times* (20 mar. 1990). Este é um periódico publicado pela Igreja Plesbiteriana Nacional da Coreia. Estou em dívida com Jung-Oh Suh pela tradução do artigo "Myong-Song Presbyterian Church Built by Prayer Alone", p. 1, 8-9.

nosso trabalho. É nossa responsabilidade perante Deus orar pelos que são trazidos para o nosso círculo. Como Samuel, dizemos: "E longe de mim esteja pecar contra o SENHOR, deixando de orar por vocês..." (1Samuel 12.23). Fazemos isso individualmente e em pequenos grupos, de dois ou três. Algumas instruções serão úteis nesses casos.

Existem tantas formas de conduzir o trabalho de intercessão quanto o número de pessoas prontas para isso. Há quem goste de fazer listas com nomes de pessoas com quem se preocupam, a fim de orar por elas regularmente. Certa vez, visitei uma senhora muito consagrada que estava confinada ao leito. Ela me mostrou seu "álbum de família" com 200 fotografias de missionários e outras pessoas com as quais ela se preocupava e apresentava diante do trono de Deus. Explicou-me como utilizava o álbum cada semana, virando as páginas e orando sobre as fotos. Na época, eu era adolescente, mas pude entender que o lugar ao lado daquela cama era terra santa. Outro método é o do renomado pregador e homem de oração George Buttrick. Ele recomenda que comecemos a orar por nossos inimigos: "A primeira intercessão é: 'Abençoa fulano e sicrano, a quem tolamente considero um inimigo. Abençoa fulano e sicrano, a quem tratei injustamente. Mantém-nos sob teu cuidado. Acaba com minha amargura' ". Em seguida, ele nos incentiva a prosseguir com os líderes da "política, medicina, educação, artes e religião; a necessidade do mundo, nossos amigos no trabalho ou no lazer; nossos amados".[7] O grande valor do conselho de Buttrick é que ele nos coloca além de nossas preocupações provincianas e dentro de um mundo sofrido e necessitado.

O método que costumo usar é o seguinte: depois de orar por minha família, espero silenciosamente até que pessoas ou situações surjam espontaneamente em meu pensamento. Então, entrego-as

[7] *Prayer*, p. 263.

a Deus, buscando algum discernimento especial que me oriente no conteúdo da oração. Em seguida, falo sobre o que parece mais apropriado, na total confiança de que Deus irá ouvir e responder. Depois de feita a intercessão, convido o Espírito para orar por mim "com gemidos inexprimíveis". Prossigo com a mesma pessoa ou situação até me sentir livre de preocupação. Durante esse tempo, às vezes faço anotações em meu caderninho de oração quando sinto a direção do Espírito. Essas anotações são extremamente úteis, pois com o tempo surge um padrão que identifica a necessidade da pessoa. Elas informam o caminho para futuras intercessões.

Quando é possível e conveniente, é de grande ajuda falar diretamente à pessoa por quem queremos orar. Esse era o padrão de Jesus, embora não fosse exclusivo. Uma simples pergunta, como "Sobre o que você gostaria de orar?", pode ser tremendamente reveladora. Lembre-se: a oração é uma forma de amar o próximo, assim como o são a gentileza, a graça e o respeito.

Uma advertência: nenhum de nós deve levar nos ombros o fardo da oração por tudo e por todos. Somos seres humanos mortais, e reconhecer nossas limitações é um ato de humildade. Muitas pessoas nos procuram, dizendo: "Ore por mim". Entretanto, não fazem ideia do que estão nos pedindo. Em casos assim, devemos esperar até que haja informações de fontes superiores. Deus deixará claro qual deve ser o conteúdo de nossas orações, e outras situações deverão ser apresentadas a ele.

Contudo, sua situação pode ser o oposto disso. Talvez você ache difícil encontrar entusiasmo para orar pelos outros. O desejo não está simplesmente aí. O que você pode fazer?

Pode haver muitas causas para essa falha, mas sugiro que você comece a orar para ter maior amor pelo próximo. Quando Deus aumentar sua capacidade de amar, você começará, naturalmente, a trabalhar pelo bem do próximo, dos amigos e até dos inimigos. Fazendo isso, você logo ficará com os recursos esgotados, pois de-

sejará que eles recebam coisas que você não lhes pode dar. Isso fará com que você ore. "A oração", escreve Agostinho, "é a intercessão pelo bem-estar do próximo perante Deus".[8] Por meio da oração de intercessão, Deus entrega a cada um de nós um convite personalizado, feito à mão, para que fiquemos intimamente envolvidos com a obra do bem-estar do próximo. Nos capítulos seguintes, nossa atenção recairá sobre algumas formas de intercessão. Minha esperança é que cada um faça sua parte, aceitando o convite divino para dar livremente, assim como livremente recebe.



Bondoso Espírito Santo, muitas coisas em minha vida parecem girar em torno de meus interesses e de meu bem-estar. Gostaria de viver apenas um dia em que tudo o que eu fizesse beneficiasse alguém além de mim. Talvez orar por outra pessoa seja o começo. Ajuda-me a fazer isso sem necessidade de elogios ou de recompensas.

Em nome de Jesus. Amém.

[8] Apud Donald G. Bloesch, *The Struggle of Prayer*, p. 87.

DEZOITO

A ORAÇÃO DE CURA

Muitas coisas grandes e maravilhosas foram moldadas pelo poder celeste daqueles dias, pois o Senhor revelou seu braço onipotente e manifestou seu poder, para surpresa de muitos, a virtude da cura em que muitos foram curados de grandes enfermidades.

— GEORGE FOX

A oração de cura faz parte da vida cristã comum. Ela não deve ser elevada acima de nenhum outro sacerdócio entre os irmãos de fé, nem deve ser subestimada. Em vez disso, deve ser mantida em equilíbrio. É simplesmente um aspecto normal do que significa viver no Reino de Deus.

Isso não deveria nos surpreender, pois é um claro reconhecimento da natureza encarnada da nossa fé. Deus se preocupa muito com o corpo e com a alma, assim como demonstra preocupação com as emoções e com o espírito. A redenção encontrada em Jesus é completa e envolve o ser em todos os aspectos — corpo, alma, vontade, mente, emoção e espírito.

Infinita variedade

Deus emprega alegremente uma infinita variedade de meios para proporcionar saúde e bem-estar ao seu povo. Somos gratos pela vida dos amigos de Deus, os médicos, que com conhecimento e compaixão ajudam nosso corpo a lutar contra as doenças. Comemoramos cada avanço da psiquiatria e da psicologia modernas como formas de promover a saúde mental. Comemoramos também o exército cada vez maior de mulheres, homens e crianças que estão aprendendo a levar o poder curador de Cristo ao próximo, para a glória de Deus e para o bem dos interessados.

Além disso, podemos ser gratos pelos esforços cooperativos dos muitos tipos de cura. Afinal, a distinção entre sacerdote e psiquiatra ou médico é de uma safra recente. Antigamente, o médico da mente, o médico da alma e o médico do corpo eram a mesma pessoa. Os antigos hebreus, particularmente, viam as pessoas como uma unidade, e para eles seria impensável ministrar ao corpo sem ministrar ao espírito, e vice-versa. O Pentateuco contém instruções detalhadas sobre como proceder em caso de suspeita de doenças (Levítico 13 em diante). Jesus valeu-se de técnicas médicas bastante conhecidas no primeiro século (Marcos 7.33; João 9.6 etc.). Ainda hoje, em algumas culturas "primitivas", o médico e o sacerdote são uma única pessoa. Então, é com entusiasmo que aplaudimos a extinção da tendência herética de fragmentar e dividir os seres humanos.

Às vezes, Deus nos pede que busquemos a cura apenas por meio da oração, mas isso é uma exceção, não a regra. A recusa em utilizar recursos médicos pode ser um ato de fé, mas quase sempre é um gesto de orgulho espiritual.

É bem possível perder-se na direção contrária, é claro. Muitos confiam apenas nos recursos médicos e recorrem à oração somente quando a tecnologia disponível não é suficiente. Isso demonstra a base materialista que ocupa grande parte de nosso pensamento.

Os auxílios da oração e da medicina devem ser procurados ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, pois ambos são dons de Deus.

Pequenos começos

Meu interesse pela oração de cura começou com um desejo de cura emocional, não física. Na época, eu trabalhava num centro de aconselhamento familiar e estava convencido de minha suposta incapacidade de invocar o poder curador de Cristo para sanar enfermidades emocionais e mentais. O único sucesso que consegui podia ser facilmente explicado pelas técnicas humanas de manipulação psicológica. Embora nunca tivesse sentido a necessidade de rejeitar essas ferramentas profissionais, passei a acreditar que a oração de cura poderia melhorar o resultado.

Minha primeira experiência foi com um homem que vivera vinte e oito anos prisioneiro do medo e da amargura. Ele acordava à noite gritando e suando frio. Vivia em depressão, tanto que sua esposa me contou que havia anos ele não sorria.

Aquele homem relatou-me o que havia acontecido muitos anos antes e que lhe causara tão profunda tristeza. Ele estava na Itália durante a Segunda Guerra Mundial e era encarregado de uma missão com 33 homens. Eles ficaram cercados pelo fogo do inimigo. Com profunda tristeza no olhar, ele me contou que fez uma oração desesperada a Deus, pedindo uma saída. Isso, porém, não aconteceu. Ele mandou que seus homens saíssem de dois em dois e viu todos eles sendo mortos. Por fim, nas primeiras horas da manhã, ele pôde escapar com seis homens, quatro deles gravemente feridos. Ele sofreu apenas um pequeno ferimento. Confessou-me, então, que a experiência o tornou ateu. Sem dúvida, o coração daquele homem estava cheio de raiva, amargura e culpa.

Eu lhe disse: "Você não sabe que Jesus Cristo, o Filho de Deus, que vive eternamente, pode penetrar nessa dolorosa memória e

curá-lo, para que isso não controle mais você?". Ele revelou que não sabia ser isso possível. Perguntei-lhe se eu poderia fazer uma oração, mesmo sendo ele um ateu. Ele concordou. Sentado ao lado daquele homem, com a mão em seu ombro, convidei o Senhor Jesus a regredir no tempo vinte e oito anos e passar o dia com aquele bom homem. Orei: "Senhor, retira todo o sofrimento, todo o ódio e toda a mágoa e liberta-o". Pedi a Deus que lhe desse um sono tranquilo como prova da cura, pois ele não dormira bem durante todos aqueles anos. "Amém."

Na semana seguinte, ele me procurou com um brilho nos olhos e uma alegria no rosto que eu nunca tinha visto. "Tenho dormido bem todas as noites e acordo todas as manhãs com um hino na cabeça. E estou feliz! Pela primeira vez em vinte e oito anos, estou feliz!". A esposa confirmou a história. Isso foi há muito tempo, e o melhor de tudo é que, mesmo com os altos e baixos da vida, as marcas do passado nunca mais voltaram. Ele foi total e instantaneamente curado.[1]

Com o tempo, cheguei à inevitável conclusão de que o sacerdócio da cura se aplica a todas as partes do ser, e assim meu preconceito contra a cura física começou a ser quebrado. Minhas primeiras experiências com a oração pelos enfermos, porém, foram desanimadoras. Certa vez, orei por um paciente de câncer — ele morreu. Depois, orei por uma senhora que estava paralítica devido à artrite — ela continuou paralítica.

Achei que talvez tivesse de aprender algumas coisas. "Ensina-me", eu orava. Dias depois, a resposta chegou, por meio de uma senhora que não me conhecia. Ela disse ao nosso grupo:

[1] Diferentemente dos outros fatos narrados neste livro, não tive como conferir o atual estado emocional desse senhor. Perdemos contato alguns anos depois do ocorrido, e nunca mais o vi. Contudo, da última vez que nos vimos ele estava completamente normal. Ele e a esposa nos visitaram uma vez depois que mudamos de Estado.

"Quando estiverem aprendendo a orar pela cura, não comecem com casos difíceis, *como câncer ou artrite*. Comecem com algo mais simples".

Quase caí do banco. Aquele princípio de progressão era fundamental, e eu o utilizava em quase tudo o que fazia. Contudo, não sei por quê, esqueci de aplicá-lo à vida espiritual. Essa regra elementar abriu um novo mundo para mim. Comecei a orar por pequenas coisas, como dores de ouvido, dores de cabeça e resfriados — qualquer necessidade que surgisse em minha família e entre meus amigos. Aos poucos, um passo de cada vez, comecei a descobrir os caminhos da oração de cura.

Aprendi muito daquele tempo para cá. Embora muitas pessoas pelas quais orei ainda não estejam curadas, muitas outras já experimentaram a cura, principalmente quando oramos em grupo.

Uma pergunta desconcertante

Por que nem todas as pessoas por quem oramos são curadas? Creio que isso acontece porque a simples observação nos mostra que Jesus foi o único que "curou todos os doentes" (Mateus 12.15). Com certeza, nem todos por quem oro são curados. Acho que você também já passou por isso. Às vezes, a ausência de cura pode tomar dimensões trágicas que precipitam uma verdadeira crise de fé. Por que, então, algumas pessoas não são curadas?

A resposta mais direta a essa pergunta desconcertante é: "Não sei". Gostaria muito que cada pessoa que buscasse a cura por meio da oração fosse curada de maneira instantânea e completa. Entretanto, não é isso o que acontece. Algumas recebem a cura, e agradecemos a Deus por isso. Outras, porém, não apresentam mudanças. Conheço alguns irmãos que possuem verdadeiros sacerdócios de cura, mas eles mesmos estão aleijados por causa de alguma enfermidade.

Por um lado, a oração de cura é extremamente simples, como um filho que pede ajuda ao pai. Por outro lado, ela é incrivelmente complexa, envolvendo a interação entre o humano e o divino, entre a mente e o corpo, entre a alma e o espírito, entre o demoníaco e o angelical, como nos lembra Kenneth Swanson: "Todos vivemos num mundo decadente, no qual a enfermidade, o sofrimento e a dor fazem parte da estrutura da existência".[2]

Às vezes, fazemos um diagnóstico equivocado do problema e oramos, por exemplo, pela cura física, quando a real necessidade é a cura espiritual. Às vezes, negligenciamos as formas comuns de permanecer saudável, como dieta, exercícios e sono. Às vezes, não queremos tomar remédios, esperando que Deus nos cure. Às vezes, não queremos orar tão especificamente ou não queremos chegar à raiz do problema. Às vezes, não somos condutores adequados para o fluxo do amor e do poder de Deus, a fé e a compaixão em nós não estão suficientemente desenvolvidas. Às vezes, existe algum pecado em nossa vida atrapalhando a obra de Deus. Eu poderia continuar, pois os motivos para a ausência da cura formam um verdadeiro labirinto. Quaisquer que sejam as razões, porém, é triste saber que podemos ficar diante de alguém, orar pela pessoa e não ver seu sofrimento diminuído.

O que fazer? Bem, deixe-me explicar primeiro o que *não* devemos fazer. Sob nenhuma circunstância, devemos dizer aos que estão recebendo a oração que a culpa é deles: que eles não têm fé suficiente, que há algum pecado atrapalhando a oração ou coisa parecida. Isso apenas dobrará o peso do fardo que estão carregando. Para eles, já foi difícil procurar-nos. Se a culpa tem de ser de alguém, vamos assumi-la, nós mesmos, pois somos nós que estamos orando. Talvez nossa falta de fé ou nosso pecado esteja atrapalhando o fluxo da graça e da misericórdia de Deus.

---

[2] *Uncommon Prayer*, p. 185.

Na verdade, a questão da culpa não é o problema. Quando os discípulos entraram no jogo da culpa — "Mestre, quem pecou: este homem ou seus pais, para que ele nascesse cego?" —, Jesus descartou as especulações, pois eram irrelevantes (João 9.1-12). O simples fato é que estamos aprendendo sobre a oração que cura, e ainda há muitas coisas que precisamos aprender. Às vezes, caímos nos imponderáveis mistérios de Deus. Certa ocasião, os discípulos de Jesus também não obtiveram êxito numa oração de cura (Marcos 9.14-29).

A única coisa que *devemos* fazer é demonstrar compaixão. Sempre! Os autores dos evangelhos mencionam o fato de Jesus demonstrar compaixão pelo povo. As raízes da palavra "compaixão", em hebraico e aramaico, significam "partes internas" — em versões mais antigas, encontramos a expressão "entranhas de misericórdia". A palavra "ventre" tem a mesma origem, e assim devemos entender o coração protetor de Jesus quando ele curou um leproso. Jesus poderia ter mantido distância e ordenado que o homem ficasse bom, mas, em vez disso, tocou nele. Seu toque de compaixão pode ser comparado ao nosso cuidado com um soropositivo, estancando o sangramento com as mãos nuas e assim colocando nossa vida em risco. Essa é a compaixão de Jesus.

A imposição de mãos

Já que mencionei o toque de compaixão, é uma boa hora para discutir a imposição de mãos. Trata-se de um ensinamento encontrado em toda a Bíblia e um sacerdócio ordenado por Deus em benefício de seu povo. Não é um ritual vazio, e sim uma compreensão clara da lei de contato e transmissão. É um meio pelo qual Deus nos concede o que desejamos ou necessitamos, ou o que ele, em sua infinita sabedoria, sabe que é o melhor para nós. É uma das principais questões do evangelho, sem a qual não alcançamos a maturidade (Hebreus 6.1-6).

A imposição de mãos é mencionada na Bíblia em diversas situações, como na bênção apostólica, no batismo com o Espírito Santo e na concessão de dons espirituais;[3] contudo seu papel mais proeminente é na oração de cura. Jesus impôs as mãos sobre os enfermos de Nazaré, e eles foram curados (Marcos 6.5). Ele impôs as mãos sobre o cego de Betsaida duas vezes, e este recuperou completamente a visão (Marcos 8.22-25). Na ilha de Malta, o apóstolo Paulo impôs as mãos sobre os doentes, e eles foram curados (Atos 28.7-10). No final do evangelho de Marcos, os cristãos comuns são incentivados a essa prática (Marcos 16.18).

---

[3] Além da cura, existem outros motivos para a imposição de mãos:

1. *Bênção.* Comumente era uma bênção usada em tribos. Em Gênesis 48.14-16, Jacó impõe as mãos sobre a cabeça de Efraim e Manassés dizendo: "Anjo que me redimiu de todo o mal, abençoe estes meninos". Quando trouxeram crianças para que Jesus as abençoasse, ele impôs as mãos sobre elas e as abençoou (Marcos 10.13-16).
2. *Batismo com o Espírito Santo.* De acordo com o livro de Atos, estas são as principais formas de receber o batismo com o Espírito Santo: por meio da obediência da fé (Atos 1.4,5; 5.32); por meio do ministério da Palavra (Atos 10.44-46; 11.15); por meio da imposição de mãos. Em Atos 8:14.17, os crentes samaritanos receberam o Espírito Santo pela imposição de mãos de Pedro e José. Em Atos 9.17, Paulo recebe o Espírito Santo por meio da imposição de mãos de Ananias. Em Atos 19.1-6, os discípulos de Éfeso recebem o Espírito Santo por meio da imposição de mãos do apóstolo Paulo.
3. *Dons espirituais.* Os dons espirituais são dados por um ato soberano de Deus (1Reis 3.5-12; 1Co 12.7-11). Eles também são recebidos pela imposição de mãos. Paulo impôs as mãos sobre os discípulos de Éfeso, e eles receberam o dom da profecia (Atos 19.6). O jovem líder Timóteo foi incentivado a continuar com o uso do dom que fora dado a ele pela imposição de mãos (1Timóteo 4.14; 2Timóteo 1.6).
4. *Ministério especial.* Josué recebeu um dom especial de sabedoria pela imposição de mãos de Moisés (Deuteronômio 34.9). Mãos foram impostas sobre os levitas para que eles pudessem exercer seu ofício (Números 8.10-26). Os apóstolos impuseram as mãos sobre os primeiros diáconos para que estes, com sabedoria e equidade, pudessem cuidar da distribuição diária de comida (Atos 6.6). Mãos foram impostas sobre Barnabé e Saulo, antes de eles serem enviados ao campo missionário (Atos 13.3).

Impor as mãos, por si só, não cura os doentes: é Cristo quem cura. A imposição de mãos é um simples ato de obediência que impulsionava a nossa fé e dá a Deus a oportunidade de conceder a cura. Muitos utilizam também a unção com óleo, seguindo o conselho de Tiago 5.14. Como muitos outros cristãos, descobri que, quando oro impondo as mãos, às vezes é possível perceber um fluxo de energia. Entendi que não posso fazer o fluxo de vida celeste acontecer, mas posso impedi-lo. Se eu resistir ou me recusar a abrir um canal para que o poder de Deus possa descer sobre alguém, estarei impedindo a obra. Além disso, o espírito de ódio ou o espírito de ressentimento cancelam imediatamente o fluxo de vida. Se aquele que está recebendo a ministração deixou de perdoar alguém, isso também pode causar um bloqueio.

É óbvio que o bom senso e o respeito pela integridade do próximo evitarão que façamos esse trabalho relaxadamente. Não devemos sair por aí impondo as mãos sobre qualquer um. Paulo alerta sobre a imposição indiscriminada de mãos (1Timóteo 5.22).[4] O bom senso santificado nos ensinará o que é apropriado, no tempo certo.

Posso acrescentar que, enquanto nós, adultos, lutamos com a ideia de impor as mãos, as crianças não têm nenhuma dificuldade com isso. Certa vez, fui chamado para orar por uma garotinha que estava muito doente. O irmão de 4 anos de idade estava no quarto, e eu disse que precisava da ajuda dele para orar pela irmãzinha. Ele ficou muito feliz em ajudar, e eu fiquei muito feliz com a ajuda dele, pois sei que as crianças conseguem orar com uma eficácia incomum. Ele subiu na cadeira ao meu lado. "Vamos

[4] Paulo provavelmente pensava nisso como um dom e uma delegação de liderança, algo similar ao nosso conceito de ordenação. Nesse caso, a preocupação seria em jamais levar à experiência de liderança alguém que não estivesse preparado, isto é, em que o exercício de autoridade e poder levasse ao orgulho e a vários outros abusos. Nos casos da oração de cura, parece que a imposição de mãos era feita livremente.

fazer um joguinho", sugeri. "Já sabemos que Jesus está sempre com a gente, por isso vamos imaginar que ele está sentado na cadeira à nossa frente. Ele está esperando pacientemente que voltemos nossa atenção para ele. Depois que conseguirmos vê-lo, vamos pensar mais em seu amor que na gravidade da doença de Júlia. Ele vai sorrir, levantar-se e depois virá para perto de nós. Então vamos colocar nossas mãos sobre Júlia, e, quando fizermos isso, Jesus vai colocar a mão dele em cima das nossas mãos. Vamos prestar atenção na luz que vai fluir para dentro de sua irmãzinha e deixá-la bem. Vamos prestar atenção ao poder curador de Cristo lutando contra os germes ruins até que eles tenham desaparecido. Tudo bem?". Muito sério, o menino concordou. Juntos, oramos da maneira que eu lhe havia ensinado e em seguida agradecemos a Deus. Amém. Enquanto orávamos, percebi que meu pequeno companheiro de oração demonstrava uma fé incomum.

Na manhã seguinte, Júlia estava perfeitamente bem. Não posso provar a você que nossa pequena "brincadeira de oração" fez Júlia melhorar. Tudo o que sei é que Júlia foi curada, e isso era tudo o que eu precisava saber.

Quatro passos

Não creio que quem esteja lendo estas palavras venha a ministrar a cura em grandes auditórios, a milhares de pessoas, mas todos nós teremos, no dia a dia, inúmeras oportunidades de levar a cura aos que estão ao nosso redor. Por isso, eu gostaria de ensinar-lhe um método que, espero, seja útil nas situações do cotidiano. Esse método tem quatro passos.

Primeiro passo: *ouvir*. Esse é o passo do discernimento. Ouvimos as pessoas e ouvimos a Deus. Às vezes, as pessoas compartilham suas necessidades mais profundas da maneira mais casual, mas se estivermos ouvindo de verdade sentiremos algo dentro de nós, uma confirmação — é Deus nos convidando a orar. Então, devemos

perguntar educadamente se a pessoa gostaria que fizéssemos uma oração. Faço esse tipo de trabalho há mais de vinte anos, e até hoje ninguém recusou uma oração — e faço isso em aeroportos, *shoppings* e ambientes lotados. Demonstrar amor e preocupação dessa maneira é a coisa mais natural do mundo.

Assim, também estamos ouvindo a Deus, pedindo que ele nos mostre a chave do problema, que pode acontecer por revelação direta ou estar escrita nas entrelinhas — ou as duas coisas. Um amigo meu estava ouvindo uma mulher bem vestida contar em forma de monólogo uma triste história de doença emocional, tratamento psiquiátrico e manicômios. O tempo todo, vinha à mente dele o conselho: "Diga-lhe que os pecados dela foram perdoados". Ela, porém, não parava de falar, nem para tomar fôlego.

— Senhora, seus pecados foram perdoados.

Ela continuou a descrever seu histórico de doenças e internações. Mais uma vez, ele disse:

— Senhora, seus pecados foram perdoados.

Mais uma vez, ela continuou com o monólogo. Finalmente, ele a segurou pelos ombros, olhou-a diretamente nos olhos e falou:

— Olhe para mim! Estou tentando dizer que seus pecados foram perdoados!

A mulher parou no meio da frase como se tivesse perdido a respiração.

— O que você disse? — ela perguntou.

— Seus pecados foram perdoados.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Foram mesmo?

Meu amigo respondeu de forma simples e amorosa:

— Sim, foram.

A represa arrebentou, e uma enxurrada de lágrimas saltou dos olhos dela. Ela se virou para o marido e anunciou em meio às lágrimas:

— Meus pecados foram perdoados!

Essa ruptura era necessária, era a chave para uma cura substancial. Aquela gentil senhora precisava de aconselhamento, mas desde esse episódio nunca mais precisou voltar ao hospital psiquiátrico, e agora desfruta perfeita saúde mental. Ouvir.

Segundo passo: *perguntar*. Esse é o passo da fé. Quando conhecemos a necessidade, invocamos a cura divina. Declaremos de maneira definida e direta o que deve ser feito. Não enfraqueçamos nossos pedidos impondo condições. Falemos com a mesma coragem de Martinho Lutero quando orou por seu amigo Melâncton, que estava doente: "Suplico com grande vigor ao Deus todo-poderoso [...], citando das Escrituras todas as promessas das quais me lembro, que as orações serão atendidas, e dito isso ele deve atender à minha oração, se eu tiver fé em suas promessas".[5]

Visitei, por certo tempo, um garotinho no hospital, a quem vamos chamar Frank. Ele estava internado com uma doença degenerativa no olho. Toda vez que eu o visitava, ele melhorava, mas sua visão continuava a degenerar. Seus pais informaram-me que os médicos temiam pelo pior. Então, um dia, entrei no quarto do hospital e vi as cortinas fechadas e a luz apagada. Franky não podia me reconhecer, embora soubesse que havia alguém no recinto.

Fiquei ali, parado, procurando uma forma de aconselhar Franky e, por um instante, alimentei a ideia demoníaca de que talvez a cegueira fosse a vontade de Deus para ele. Logo recuperei a fé e cochichei para mim mesmo: "Não! Agora não é hora de aceitar a deficiência. Ainda devemos lutar contra isso". Então disse baixinho para Franky: "Nós dois sabemos que seus olhos não estão melhorando, mas devemos pedir a ajuda de Deus mesmo assim. Você me deixa colocar as mãos em seus olhos e convidar a luz da cura de Cristo a entrar neles? Não posso prometer que vá acontecer

[5] Apud Bengt R. Hoffman, *Luther and the Mystics* (Minneapolis, MN: Augsburg, 1976), p. 196.

alguma coisa, mas tenho certeza de que não vai fazer mal". Franky concordou imediatamente, e juntos pedimos o que eu ainda não tivera coragem de pedir.

Na semana seguinte, quando fui visitá-lo, a luz do sol estava atravessando a janela, e Franky se preparava para sair do hospital com luva e bola de beisebol na mão. Os pais dele disseram-me que, de maneira extraordinária, a deterioração havia sido revertida e que a visão de Franky estava quase normal. Não sei que tipo de tratamento os médicos ministraram a ele, mas fico feliz pela dedicação deles. Fico feliz também por ter orado pela visão de Franky naquela tarde, junto com ele. Pedir.

Terceiro passo: *acreditar*. Esse é o passo da certeza. Cremos com o corpo, a alma e o espírito. Às vezes, precisamos confessar como o pai do menino endemoninhado: "Creio, ajuda-me a vencer a minha incredulidade!" (Marcos 9.24). Não importa se estamos fortes ou fracos, lembremos de que nossa segurança não se baseia na capacidade de dissipar algum sentimento especial. Em vez disso, ela é construída sobre a confiança na fidelidade de Deus. Concentremo-nos em sua confiabilidade e principalmente em seu amor constante. Francis MacNutt escreveu: "Pessoalmente, prefiro me concentrar no amor do Deus visível em Jesus, do qual flui poder para curar".[6]

Eu era novo na universidade e estava na segunda semana do semestre. Cheguei cedo para a aula de formação espiritual que estava ministrando. Uma aluna — vamos chamá-la Maria — já estava lá, e assim nos conhecemos. Mais tarde, naquele dia, estava andando por uma parte do *campus* que ainda não conhecia e percebi uma movimentação por perto. Quando me aproximei para ver o que estava acontecendo, uma ambulância parou com a sirene soando. Um espectador informou-me que uma estudante

[6] Francis MacNutt, *Healing* (Notre Dame, IN: Ave Maria, 1974), p. 153 [*É Jesus que cura*, São Paulo: Loyola, 1993].

caíra da caçamba quando uma caminhonete virou a esquina e bateu com a cabeça no asfalto. Quando colocaram a vítima na ambulância, reconheci a jovem que havia conhecido na aula. Eu sabia que aquele encontro havia ocorrido na hora certa.

Rapidamente, entrei na ambulância e expliquei à equipe médica que eu era o "pastor" dela. Fiz isso para que pudesse orar por ela, e de perto. Segurei as mãos de Maria enquanto os paramédicos cuidavam dela. A jovem estava inconsciente e sangue pingava de um de seus ouvidos.

Estudantes amigos de Maria começaram a se reunir no pronto-socorro do hospital. Eu disse a eles:

— Vocês podem me ajudar. O cérebro dela está inchado e sangrando por causa do impacto. Por isso, em nossa oração inicial, devemos pedir que as veias de seu cérebro comecem a ser curadas e que o inchaço diminua.

Eles levaram a tarefa a sério, e alguns até passaram a noite no hospital, pois realmente acreditavam que a oração faria a diferença no caso daquela estudante.

O médico pediu que eu ligasse para os pais dela, que moravam no Texas, a seis horas de viagem.

— Peça-lhes que venham o quanto antes — ele instruiu. — Vamos ter de operá-la.

Os pais de Maria chegaram por volta da meia-noite, e coloquei-os a par da situação.

— Sim, ela ainda está inconsciente, mas eles ainda não fizeram a cirurgia. Se a hemorragia e o inchaço estancarem a tempo, não será necessária a operação.

Depois, informei-lhes que havíamos orado por Maria e dei a eles algumas sugestões sobre como eles também poderiam ajudar em oração. Geralmente, os pais não ajudam muito nessas horas, em razão de temores compreensíveis, mas os pais de Maria foram excepcionais nesse aspecto e oraram com fé incomum.

Foi um contraste absoluto com a reação de alguns professores com quem me reuni para orar pela estudante. Um deles orou: "Colocamos Maria em tuas mãos. Não há mais nada que possamos fazer". Entendo esse sentimento, mas ele estava completamente equivocado: ainda podíamos fazer algo muito importante, trazendo a luz da cura de Cristo para Maria.

Outro orou: "Senhor, ajuda Maria a ficar bem, se for da tua vontade". Aquilo bastou para mim. Eu sabia que meus colegas, embora bem-intencionados, não acreditavam que Maria podia melhorar, e suas orações acabavam sendo um empecilho à fé. Deixei a sala o mais rápido que pude e voltei para meus alunos no hospital, que estavam cheios de fé, esperança e amor.

Depois, fui para casa dormir. Mais tarde, soube pelos alunos o que aconteceu às seis da manhã do dia seguinte. Os pais de Maria estavam hospedados num hotel próximo ao hospital e decidiram orar da forma que eu lhes havia sugerido, pensando em como seria ver a filha acordando de seu estado de inconsciência. Naquele momento, uma estudante que estava na UTI viu quando Maria abriu os olhos e sorriu para ela. Em uma semana, Maria recebeu alta, completamente restaurada, em grande parte graças à fé daqueles estudantes e daqueles pais. Acreditar.

Quarto passo: *agradecer*. Esse é o passo da gratidão. A simples cortesia nos leva a agradecer quando alguém faz o que pedimos. Nunca fui capaz de orar como muita gente ora, anunciando que algo já aconteceu. Costumo dizer algo como: "Obrigado, Jesus, porque o que temos visto e o que temos dito é o que irá acontecer. Amém". O que estou fazendo? Com os olhos da fé, estou apenas vendo um pouco mais à frente — algumas semanas, meses, anos, não importa — e dando graças pelo que poderá ou irá acontecer, pela misericórdia de Deus.

A gratidão em si é muito poderosa. Um psiquiatra inglês ensinava sobre o histórico dos traços hereditários na árvore genealógica

e sobre a necessidade de orar por cura e para que as características negativas não cheguem às gerações futuras. Na semana seguinte, um membro da turma — uma senhora com mais de 70 anos de idade — começou a pesquisar sua árvore genealógica, mas não encontrou nenhum problema pelo qual precisasse orar. A família dela tinha um histórico cristão, com muitos pastores e vários parentes que amavam e serviam a Deus verdadeiramente. Ela não encontrou nenhuma doença hereditária nem mortes trágicas. Enquanto lia a história de seus ancestrais, sentiu-se invadida por uma grande onda de gratidão e começou a agradecer aquela maravilhosa herança.

Quanto à própria situação, aquela boa senhora nunca enxergou a necessidade de orar por sua cura. Quando criança, ela fora acometida de poliomielite e ficou com uma perna paralisada. Precisava andar com um suporte, mas como convivera com isso a vida toda nunca pensou em orar a respeito. Assim, foi para a cama naquele dia louvando e agradecendo a Deus pela vida de homens e mulheres que ela nunca conheceu, mas por quem sentia profunda gratidão. Na manhã seguinte, quando acordou, descobriu que sua perna estava completamente curada — o resultado da gratidão. Agradecer.

Ceticismo saudável e fé proveitosa

Gostaria de ter espaço para tratar de outros assuntos, pois há muito que aprender. Talvez você continue cético em relação à oração de cura. Isso não é de todo mau — há pessoas em nossos dias a quem um pouco de ceticismo saudável pode ser benéfico.

Agostinho era assim. Ele duvidava da validade da oração de cura, afirmando em seus primeiros textos que os cristãos não deveriam buscar a continuação do dom de cura. No ano 424, porém, um casal de irmãos chegou à cidade de Hipona, em busca da cura para convulsões. Aqueles dois irmãos iam todos os dias à

igreja de Agostinho a fim de orar pela cura. Nada aconteceu até o segundo domingo depois da Páscoa. Agostinho ainda estava no vestíbulo, arrumando-se para a procissão, quando o jovem, que estava orando na igreja lotada, caiu como morto. As pessoas em volta afastaram-se com medo, mas em seguida ele se levantou e olhou para eles, perfeitamente normal e completamente curado.

Agostinho levou o jovem para jantar em sua casa, e eles conversaram durante horas. Aos poucos, o ceticismo de Agostinho começou a desaparecer diante do testemunho do rapaz. Por fim, no terceiro dia depois da Páscoa, o irmão e a irmã postaram-se nos degraus do coral, onde toda a congregação poderia vê-los — ele estava quieto e normal; ela, porém, tremia convulsivamente — enquanto Agostinho lia uma declaração do rapaz. Então pediu que todos se sentassem e começou um sermão sobre cura. Agostinho, porém, foi interrompido pelos gritos do auditório, pois a moça também havia caído no chão — e foi curada instantaneamente. Mais uma vez, ela ficou diante do povo e, nas palavras do próprio Agostinho, "o louvor a Deus era tão alto, que meus ouvidos mal podiam suportar o estrondo".[7]

Tudo isso aconteceu enquanto Agostinho escrevia sua obra magna, *A cidade de Deus*, e então dedicou uma das seções finais aos milagres de cura que aconteceram em sua diocese. Ele descreveu como organizou um processo para relatar e autenticar milagres, pois "uma vez percebi que muitos milagres aconteciam em nossos dias [...] [Eu vi] como seria errado permitir que a memória dessas maravilhas do poder divino perecesse no meio do povo. O relato

[7] Santo Agostinho, *The City of God* (trad. Gerald G. Walsh e Daniel J. Honan, New York: Fathers of the Church, 1954), p. 450 [*A cidade de Deus*, Petrópolis: Vozes/ São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 2000]. Essas e muitas outras histórias são relatadas em detalhes por Morton T. Kelsey, em seu livro *Healing and Christianity: in Ancient Thought and Modern Times* (New York: Harper & Row, 1973).

de milagres começou há apenas dois anos em Hipona e já, quando escrevo, temos cerca de setenta milagres atestados".[8]

Nós, assim como Agostinho, podemos trocar nosso ceticismo saudável por uma fé proveitosa como prova do humilde testemunho daqueles que receberam o toque curativo de Deus.



Meu Senhor e meu Deus, tenho mil argumentos contra a oração de cura. És o único argumento a favor... e ganhaste! Ajuda-me a ser um canal, e que por meio de mim flua o teu amor para curar outras pessoas.

Em nome de Jesus. Amém.

[8] *City of God*, Livro XXII: 8, p. 445.

DEZENOVE

A ORAÇÃO DE SOFRIMENTO

É a oração de agonia que salva o mundo.

— MARIA DE JESUS

Vamos tratar agora de um assunto que não é dos mais apreciados. Eu hesitaria em mencioná-lo, não fosse minha convicção de que você leva muito a sério a vida e a tarefa da oração. Estou falando, naturalmente, da oração do sofrimento.

Se em todo o panteão da oração existir uma forma considerada excêntrica, estamos chegando a ela. Na oração do sofrimento, deixamos para trás nossas necessidades e desejos, até mesmo nossa transformação e união com Deus. Nela, oferecemos a Deus as várias dificuldades e provações que enfrentamos, pedindo-lhe que explore sua função redentora. Além disso, tomamos voluntariamente como nossas as aflições de outros, para torná-los livres. Em nosso sofrimento, os que sofrem podem ver a face do Deus sofredor.

Não há imagem mais sublime

Não existe imagem mais sublime de sofrimento por amor e de amorosa redenção que a de Jesus pregado no madeiro do Gólgota clamando por absolvição: "Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que estão fazendo" (Lucas 23.34). Esse é o supremo e irrevogável ato de redenção, e nele não podemos, de forma nenhuma, acompanhar a Cristo. Temos de seguir essa trilha sozinhos.

No entanto, ele nos convida a tomar parte em seu sofrimento e, desse modo, participar da redenção do mundo. Paulo entendeu essa realidade. Assim escreveu o grande apóstolo: "Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja" (Colossenses 1.24).[1] Paulo não está querendo dizer que alguma coisa tenha se perdido no sofrimento de Cristo, como se houvesse algo faltando no sacrifício vicário de Jesus para a salvação do mundo. Na verdade, ele está nos convidando a ser parceiros de Cristo na redenção pela "participação em seus sofrimentos" (Filipenses 3.10).

---

[1] A frase "o que resta das aflições de Cristo" tem sido motivo de acirrados debates. Isso porque, no conceito apocalíptico judaico, a presença do artigo definido no grego — "[de +] *as* aflições de Cristo" — indicam as dores de parto do Messias (que terão começo e fim), o qual se manifestará na era por vir. Nesse caso (e os estudiosos de hoje inclinam-se nessa direção), a ideia é a seguinte: com a morte e ressurreição de Cristo, a era por vir já foi inaugurada. No entanto, o mal ainda impera, e desse modo, os cristãos vivem a realidade de dois éons. As dores do Messias, isto é, as aflições de Cristo, já começaram, e, quando o limite estipulado para elas for alcançado, a era por vir será consumada, e o império do mal passará. Todos os cristãos participam dessas aflições e, por meio delas, é que ingressam no Reino de Deus (Atos 14.22; 1Tessalonicenses 3.3-7). Paulo, com seu sofrimento, contribuiu para o montante dessas aflições escatológicas. Por essa razão, ajudando a completar a medida predeterminada de aflições, o apóstolo está colaborando para que a era por vir chegue a seu termo.

Sofrimento redentor

Antes que você venha a pensar que o estou aliciando para alguma estranha prática de masoquismo religioso, vamos retroceder e tentar enxergar o quadro com mais clareza. Estou falando de uma forma de sofrimento, sem dúvida, mas de um sofrimento redentor. É que estamos habituados a pensar numa espécie de sofrimento negativo, que não traz redenção — um sofrimento brutal e sem sentido. Devemos combater esse tipo de sofrimento com todas as nossas forças, pois ele sempre se opõe à vida no Reino de Deus.

Contudo, há uma espécie de sofrimento que tem propósito e significado, que enriquece a vida do ser humano e exerce poder curativo sobre o mundo. No nível puramente humano, entendemos isso instintivamente com relação aos nossos filhos. Ficamos felizes quando privamos a nós mesmos de algumas coisas para que eles possam ter melhores chances na vida. (Essa deve ser uma das razões pelas quais a rebeldia da adolescência é tão penosa para nós, pois é quando experimentamos a sensação de que todo o nosso sacrifício pode ter sido inútil.)

É difícil para nós absorver a ideia do sofrimento redentor porque nossa cultura se esforça para atenuar qualquer forma de desconforto ou de inconveniência. Pela mesma razão, encontramos dificuldades para conciliar as palavras de Cristo quando ele nos manda carregar a cruz e ao mesmo tempo nos promete vida abundante. Entretanto, a vida inteira de Jesus demonstra a compatibilidade entre a graça e o sofrimento. Paulo, cujos sofrimentos foram abundantes e bem documentados, declara: "Considero que os nossos sofrimentos atuais não podem ser comparados com a glória que em nós será revelada" (Romanos 8.18). O papa João Paulo II escreveu: "O cristão pode ter, ao mesmo tempo, duas experiências diferentes e opostas — tristeza e alegria —, as quais se tornam complementares".[2]

[2] The Role of Suffering, *The Pope Speaks* 19, n. 2, 26 jun. 1974, p. 170.

No sofrimento redentor, postamo-nos ao lado das pessoas em seu pecado e em suas tristezas. Não há como manter distância. O sofrimento delas é como um redemoinho, e devemos estar preparados para ficar bem no meio dessa confusão. Estamos "crucificados", não *pelos* outros, mas *com* os outros. Oramos durante o sofrimento e, à medida que o fazemos, somos transformados. Nosso coração se faz maior, a fim de receber e aceitar a todos. Os pronomes "eles" e "lhes" são convertidos em "nós" e "nos". Qualquer suposta superioridade — intelectual, cultural, espiritual — simplesmente desaparece. Estamos todos juntos sob a cruz.

A alegria, não a miséria, é a mola propulsora do sofrimento redentor. Não significa que amemos a dor ou que estejamos procurando um meio de nos tornar mártires. Não se trata de miséria trabalhando a favor da miséria. Trata-se de Deus nos usando para o bem de todos —um conceito maravilhoso, se pararmos para pensar. É por isso que se diz que Jesus, "pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz" (Hebreus 12.2). É por isso que hoje podemos fazer eco às palavras de Pedro: "Alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria" (1Pedro 4.13).

Identificando os benefícios

São inúmeros os benefícios da oração do sofrimento. Para começar, esse tipo de oração nos salva da superficialidade do triunfalismo. Talvez você já tenha ouvido alguém falar sobre fé, confiança e vitória. Em certo sentido, essas são coisas boas, e as histórias com certeza parecem edificantes. No entanto, por alguma razão, elas não soam totalmente verdadeiras. O problema é que você está ouvindo alguém que descansa sobre o lado macio da fé, alguém que não recebeu o batismo de fogo do sofrimento.

Agostinho faz uma estranha observação: "Quão profundo no profundo estão eles que não clamam das profundezas".[3]

Contudo, temos um Salvador que foi "um homem de dores e experimentado no sofrimento" (Isaías 53.3). Somos informados de que "Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas" (Hebreus 5.7). Pergunto: é o servo melhor que seu Mestre? Existe um triunfo em Cristo, que é obtido *por meio do* sofrimento, não à parte dele. A nota triunfal do apóstolo Paulo não é triunfalismo. A frase "somos mais que vencedores" é a outra face da tribulação, da angústia, da perseguição, da fome, da nudez, do perigo e da espada (Romanos 8.35b-39).

As palavras cortantes de William Penn reverberam verdadeira vida: "Nem cruz nem coroa". Para o discípulo de Jesus, o sofrimento simplesmente vem com a experiência. Thomas Kelly observa: "Deus, fugindo aos padrões de seu coração, plantou a cruz na estrada da obediência".[4]

O maravilhoso nisso tudo é que o sofrimento não é em vão. Deus toma nossas aflições e delas forma algo belo, que ultrapassa nossa imaginação. No presente momento, captamos apenas alguns vislumbres aqui e ali, como a luz refletida na Lua, mas chegará o dia em que a cegueira será removida. As escamas cairão de nossos olhos, e então veremos uma glória em nosso sofrimento que refulgirá como o meio-dia. Jesus avisa, com toda a franqueza: "Neste mundo vocês terão aflições", mas logo acrescenta: "Contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo" (João 16.33).

Outro benefício desse tipo de oração: nosso coração é expandido e se torna sensível ao sofrimento. Tornamo-nos "médicos doentes", como Henri Nouwen costumava dizer. Foi-se para sempre aquela resposta pronta que fazia tudo ficar bem. Agora,

---

[3] *St. Augustine: Sermons on the Liturgical Seasons* (trad. Irmã Mary Sarah Muldowney, New York: Fathers of the Church, 1959), p. 86.

[4] *A Testament of Devotion*, p. 71.

suportamos a agonia que nos capacita a entrar na angústia dos outros. Glenn Hinson escreveu: "Quanto mais o amor areia nosso coração, mais ele nos arrasta para o sofrimento".[5] Passamos a reconhecer no coração o sofrimento de nossa época, e isso se torna o ponto de partida de nosso sacerdócio.

Certa vez, orei por uma jovem cujo pai era pastor. Muitas coisas maravilhosas poderiam ser ditas sobre aquele bom ministro, mas, na ocasião, o coração de sua filha estava abatido pela sensação de perda: as inúmeras vezes em que ele se ausentara para cumprir as obrigações do ministério; o orçamento apertado, que significava poucos brinquedos, férias muito curtas e nenhum presente especial; os membros da igreja, bisbilhoteiros e murmuradores, que encontravam defeito em qualquer coisa e em todas as coisas. Eu sabia que eram questões banais mas o fato de serem questões banais não fazia com que aquela jovem sofresse menos.

Fiquei chocado ao perceber que era como se ela estivesse repetindo a história de meus filhos, pois, na época, eu era um jovem pastor, e no meu caso também o dinheiro era curto, o expediente era longo e era difícil agradecer aos paroquianos.

Depois que ela acabou de falar, posicionei-me atrás dela e iniciei o ritual de imposição de mãos. Eu pretendia orar pela cura da garotinha que ainda se encontrava no interior daquela jovem e que havia sofrido com aquelas perdas. No entanto, só pude dizer umas poucas palavras, pois senti uma profunda tristeza brotar de minha alma em face da sua dor. Orei suplicando o perdão para aquele pai que desconhecia o mal que havia feito, mas não pude continuar porque um grande quebrantamento veio sobre mim, e comecei a chorar e soluçar em silêncio por causa da jovem. Não me emociono com facilidade, por isso é fácil imaginar que, no mínimo, algo incomum estava acontecendo. Lá estava eu, de pé

[5] The Contemplative View, in: *Christian Spirituality*, p. 179.

atrás dela, enquanto grandes lágrimas caíam ao chão, como se eu tivesse absorvido sua dor, me arrependido pelo seu pai e tentado curar aquela criança interior. É evidente que as lágrimas fizeram o que as palavras não puderam fazer, pois ela ficou realmente curada. Essa forma de oração só é aprendida na escola do sofrimento.

Deveria eu enumerar os benefícios do sofrimento redentor, assinalando um por um, como se faz numa lista de supermercado? Penso que não, pois, embora sejam todos verdadeiros, podem se tornar como aquelas respostas prontas que usamos para evitar o nervo exposto da tristeza. Não, penso que seria melhor passar a nos dedicar à oração do sofrimento.

O QUE VAMOS FAZER?

Nossa tarefa — sua e minha — seria mais fácil se tivéssemos, por exemplo, de dissertar sobre o problema do mal. Poderíamos debater todas as teorias dentro de um molde apropriado. A questão, entretanto, não é: "Por que existe sofrimento no mundo?", e sim: "Como posso penetrar o sofrimento que há no mundo para proporcionar redenção e cura?". Devemos inquirir do assunto na prática.

O que vamos fazer? Façamos o mesmo que Moisés. Depois que os filhos de Israel foram libertados da escravidão no Egito, eles agradeceram com a rebeldia, confeccionando um bezerro de ouro. Embora tenha se recusado a desistir deles, Moisés disse: "... agora subirei ao SENHOR, e talvez possa oferecer propiciação pelo pecado de vocês" (Êxodo 32.30b) — e foi exatamente o que ele fez. Moisés posicionou-se corajosamente entre Deus e o povo, pedindo a Deus para que recolhesse a mão e não os castigasse. Observe o que Moisés diz em seguida: "... agora, eu te rogo, perdoa-lhes o pecado; se não, risca-me do teu livro que escreveste" (Êxodo 32.32). Que oração! Que temerária e conciliatória oração

de sofrimento! É desse tipo de oração que temos o privilégio de participar.

O que vamos fazer? Façamos o mesmo que Daniel. Daniel viveu toda a sua vida adulta na corte da Babilônia, até que leu nos escritos do profeta Jeremias que os dias de devastação de Jerusalém haviam chegado ao fim. Essa descoberta deu origem a uma das mais belas orações registradas nas Escrituras, superada apenas pela Oração Sacerdotal, de Jesus. Trata-se de uma oração de arrependimento: "Orei ao SENHOR, o meu Deus, e confessei..." (Daniel 9.4). Daniel, no entanto, não confessou os seus pecados, e sim os pecados de seu povo, Israel. Observe que ele não faz o menor esforço para se manter a uma distância segura desses pecados, por meio da justiça própria. Em vez disso, identifica-se intimamente com eles. Ouça: "... *nós temos* cometido pecado e *somos* culpados [...] não te *demos* ouvidos [...] *pecamos* contra ti" (Daniel 9.5-19, grifos do autor). Isso implica que Daniel ficou ao lado do seu povo, que se arrependeu no interesse de seu povo e que serviu de mediador entre Deus e seu povo. Ele encerrou sua oração apresentando o caso pela perspectiva correta: "Não te fazemos pedidos por sermos justos, mas por causa da tua grande misericórdia". Que oração! Isso é o que devemos fazer.

Muitos outros viveram e oraram dessa maneira. Pense em José no seu exílio. Pense em Maria, fazendo vigília no Calvário. Pense em Estêvão, na hora de seu apedrejamento. Pense em Paulo e suas tribulações. Pense nos heróis da fé mencionados em Hebreus 11, todos sofredores, e em seu apropriado epitáfio: "O mundo não era digno deles" (Hebreus 11.38).

Reitero minha declaração: não se trata de sofrimento trabalhando a favor do sofrimento. Não há nenhum desejo ardente pelo martírio aqui. Trata-se de conscientemente suportar o fardo dos pecados e da tristeza dos outros, de modo que eles possam ser restaurados e viver uma nova vida. George MacDonald observa:

"O Filho de Deus sofreu até a morte não que os homens não possam sofrer, mas que seus sofrimentos possam ser como os dele".[6]

O lado passivo e o lado ativo

Há um lado passivo e um lado ativo na oração do sofrimento. O lado passivo compreende as muitas provas que enfrentamos no curso de nossa existência, as quais podem ser apenas irritantes ou verdadeiramente trágicas. Às vezes, são resultado de desobediência ou de um modo errado de viver — nesse caso, temos de mudar nosso estilo de vida. Há ocasiões, todavia, em que somos apanhados no redemoinho de uma situação boa que se torna ruim: um colapso na economia que devora o que poupamos a vida inteira; a animosidade de alguém no escritório que afeta nossa posição; um terrível acidente que muda nossa vida para sempre.

Quando passamos por sofrimentos desse tipo — coisas pelas quais não somos responsáveis e que fogem ao nosso controle —, devemos enfrentá-los, depositando nossa confiança em Deus. Poucos de nós hoje têm força para encarar o desespero e o desamparo, e a oração do sofrimento aumenta essa capacidade. A aridez da alma às vezes nos acomete com esse propósito. Jean-Nicolas Grou escreveu: "Deixemos nosso sofrimento ser carregado por Deus. Sofra com submissão e paciência em Jesus, e você terá oferecido a mais excelente oração".[7]

Esteja certo disto: Deus, que sabe tudo e vê tudo, acertará todas as coisas no final. Nesse meio-tempo, ele trabalhará nossas tristezas para restaurar o mundo.

Sei do perigo inerente ao conselho que acabei de dar. Alguns poderão, de maneira equivocada, adotar a passividade em relação à injustiça e ao mal. Jamais devemos fazer tal coisa. Estamos sob

[6] Apud C. S. Lewis, *O poder do sofrimento* (São Paulo: Vida, 2006), p. 7.
[7] *How to Pray*, p. 83.

ordens divinas, comprometidos em lutar contra toda forma de mal. A passividade, entretanto, é realmente o nosso problema. Temos a tendência de nos debater diante da menor inconveniência que cruze nosso caminho, mas com a maturidade espiritual vem a capacidade de distinguir as provações naturais que fazem parte da vida sob a cruz das injustiças de um mundo mau que precisa de correção.

O lado ativo do sofrimento envolve aquelas ocasiões em que voluntariamente assumimos como nossas as aflições e tristezas de outros, de modo que os tornemos livres. Uma mulher, a quem chamarei Anne, certa vez procurou minha esposa, Carolynn, pedindo oração e conselhos. Era fácil perceber que o problema de Anne era a depressão. Não demorou, e a razão de ela estar deprimida também veio à tona — a súbita e trágica perda de sua filha. Carolynn tem o dom de carregar o fardo dos outros e assim, de forma vicária, tomou para si as dores de Anne. Ondas de soluços e lamentos passaram sobre Carolynn enquanto ela chorava a morte da filha de Anne. Ela pediu a Deus que aliviasse a dor de Anne por meio da cruz de Jesus Cristo. Assim que ela disse isso, o pranto cessou e foi substituído por uma grande paz.

Mais tarde, Carolynn recebeu uma carta de Anne, a qual descrevia a nova vida que fora soprada sobre ela durante aquela sessão de oração. A restauração que Anne experimentou naquele dia foi significativa, embora não absoluta, pois as raízes de sua dor eram muito profundas e ramificadas. No entanto, sua depressão foi aliviada o suficiente para permitir que ela voltasse a viver uma vida normal. Por meio do sofrimento redentor de Carolynn, Deus abriu um canal de cura para o passado de Anne, de modo que ela mesma pudesse chorar a morte da filha.

Devo acrescentar um singelo conselho a essa história. Não precisamos carregar o tempo todo o fardo dos outros: é preferível lançá-lo nos braços do Pai. Se não aliviarmos nossa carga, ficaremos

esmagados sob seu peso, e a depressão tomará conta de nós. Isso não é necessário. Nossa tarefa, na realidade, é bem simples: assumir agonia do próximo apenas o tempo suficiente para que ele receba forças para suportá-la. Então, juntos, podemos entregar tudo a Deus.

Arrependimento em nome de outros

A oração do sofrimento distingue-se em sua realidade mais crua quando alcançamos a graça de nos arrepender pelos outros, especialmente pelos nossos inimigos, perdoando-os e tornando-os livres. Dietrich Bonhoeffer diz que, quando oramos pelos nossos inimigos, "estamos tomando suas aflições, suas misérias, sua culpa e sua perdição sobre nós e suplicando a Deus a favor deles. De forma vicária, estamos fazendo por eles o que eles não podem fazer por si mesmos".[8]

Em Ravensbruck, campo de concentração nazista onde se estima que 92 mil homens, mulheres e crianças foram assassinados, foi encontrado um pedaço de papel de embrulho junto ao corpo de uma criança. No papel, estava escrita esta oração: "Ó Senhor, lembra-te não somente dos homens e mulheres de boa vontade, mas também dos que são inclinados para o mal. Lembra-te não somente do sofrimento que eles nos infligiram; lembra-te dos frutos que produzimos graças a esse sofrimento: nosso companheirismo, nossa lealdade, nossa humildade, a coragem, a generosidade, a grandeza de coração que desenvolvemos acima de tudo isso. E quando eles forem julgados, permite que todos os frutos que apresentamos sejam pela absolvição deles".[9]

---

[8] *The Cost of Discipleship* (2. ed., trad. R. H. Fuller, New York: Macmillan, 1963), p. 166 [*Discipulado*, São Leopoldo: Sinodal, 2004].

[9] Rob Goldman, Healing the World by Our Wounds, *The Other Side* 27, n. 6, nov./ dez. 1991, p. 24.

A ideia de se arrepender pelos outros talvez seja nova para você. "As pessoas não têm de se arrepender elas mesmas?", você pode perguntar. É claro, você está certo. Cada um de nós deve sentir no coração a tristeza pelas nossas ofensas ao Deus misericordioso. Entretanto — e aqui está a parte interessante —, nossas orações de arrependimento a favor de outros às vezes parecem facilitar-lhes o perdão. Como isso funciona, não sei dizer, mas sem dúvida funciona. Não que cada um por quem oramos será instantaneamente transformado numa espécie de santo. (Nem mesmo o sacrifício de Jesus produziu essa espécie de resultado — um resultado que nem cogitamos entender plenamente.) Não, isso se parece mais com o transudar de pequenas gotas de graça e de misericórdia — pequenas porções que talvez possam ser removidas, mas nunca ignoradas.

Os gemidos de uma fé lutadora

Posicionar-se entre Deus e alguém implica uma forma de luta com Deus. Ela é parte de nosso sofrimento, algo como discutir com nosso melhor amigo. Tertuliano chama a isso "uma espécie de violência contra Deus".[10] A exemplo de Jacó, que lutou a noite inteira com um anjo, recusamo-nos a desistir antes de receber a bênção — não para nós, mas para os outros. Argumentamos com Deus para que sua justiça seja sobrepujada por sua misericórdia. Somente quem tem intimidade com Deus pode lutar com ele.

Essa intensa interação não é estranha para Deus, pois, como nos informa Donald Bloesch, "Deus luta consigo mesmo, procurando conciliar sua santidade, que não tolera o pecado, com seu infinito amor pela raça humana pecadora".[11] Mesmo assim, essa é uma ideia que temos dificuldade de aceitar. Preferimos o conceito de

[10] Apud Donald G. Bloesch, *The Struggle of Prayer*, p. 132.
[11] *The Struggle of Prayer*, p. 77.

uma tranquila harmonia. Nossa dificuldade deve-se, em parte, à incapacidade que tem nossa cultura tem de conciliar a luta com o amor. Presumimos que todo relacionamento amoroso, por sua natureza, tenha de ser pacífico e harmonioso, embora no nível humano estejamos dispostos a defender com paixão as coisas pelas quais temos maior apreço. A luta é consistente com o amor, pois é uma expressão de nosso cuidado.

Não se trata de raiva nem de queixa. Trata-se, isto sim, como diz Martinho Lutero, de "uma ação contínua e impetuosa do espírito de alguma forma direcionada a Deus".[12] Estamos engajados num empreendimento muito sério. Nossas orações são importantes e surtem efeito diante de Deus. Queremos que Deus conheça o zelo de nosso coração. Batemos à porta do céu porque ali queremos ser ouvidos. Sofremos. Clamamos. Gritamos. Oramos entre soluços e lágrimas. Nossas orações tornam-se gemidos de uma fé lutadora, como lembra Charles Spurgeon: "A oração tem a capacidade de prevalecer no céu e dobrar a onipotência aos seus desejos".[13]

O jejum é uma expressão de nosso esforço. É a negação voluntária de uma função normal em prol de uma intensa atividade espiritual. Quando jejuamos, estamos conscientemente renunciando ao primeiro direito concedido à família humana no Éden — o direito de comer. Dissemos não à comida porque nossa intenção é receber um alimento muito mais substancioso. No propósito de libertar os cativos, estamos comprometidos em romper com qualquer jugo. Nosso jejum é um sinal de que nada poderá nos deter em nossa luta a favor dos fracos e oprimidos.

Meu livro *Celebração da disciplina* contém detalhadas instruções sobre a prática do jejum, e existem muitos outros bons

[12] Wm. PAUCH (Org.), *Lectures on Romans* (trad. Wm. Pauch, Philadelphia: Westminster, 1961), p. 349.

[13] Apud Friedrich HEILER, *Prayer* (trad. Samuel McComb (New York: Oxford University Press, 1958), p. 279.

livros sobre o assunto que podem ajudar você. Desejo ressaltar aqui o jejum como um meio de nos ajudar a sofrer alegremente. Impomos uma privação a nós mesmos para conquistar um grande bem. Nosso jejum tem peso diante de Deus e causa efeito na vida de outros. O pastor Hsi, da China, estava tão empenhado em ver sua esposa livre da depressão e do tormento mental, que "proclamou um jejum de três dias e três noites em sua casa e, nesse tempo, se dedicou à oração. Enfraquecido no corpo, mas fortalecido na fé, ele agarrou-se às promessas de Deus".[14] A oração por sua esposa alcançou pleno êxito: ela teve a saúde restaurada. Tempos depois, tornou-se uma parceira ativa em seu notável ministério.

O jejum não é excesso nem ascetismo doentio. Não tem nenhuma relação com atos extremos de tortura e automortificação, os quais são distorções do genuíno sacrifício. Não temos prazer na dor nem a estamos procurando sem necessidade. Nosso jejum é parte de nossa luta com Deus. Tem relação com as dores de parto que encaramos para ver uma nova vida se desenvolver.

A luta pode ser dolorosa, mas o resultado positivo compensa o esforço, pois, como lembra Søren Kierkegaard, nós vencemos — e Deus também: "O justo se empenha na oração a Deus e sai vencedor — naquilo que Deus vence".[15]

Sofrendo com o Corpo de Cristo

A Bíblia diz que somos o "corpo de Cristo". Essa descrição da comunidade de fé é não somente uma metáfora romântica, como também uma genuína realidade. Jesus Cristo, por meio do Espírito, vive dentro de sua Igreja, e nossos sofrimentos são

[14] Apud Arthur Wallis, *God's Chosen Fast: A Spiritual and Practical Guide to Fasting* (Fort Washington, PA: Christian Literature Crusade, 1986), p. 67.

[15] *Edifying Discourses* (trad. David Swenson e Lillian Swenson, Minneapolis, MN: Augsburg, 1946), v. 4, p. 113.

os sofrimentos dele. João Calvino escreveu: "Assim como sofreu *outrora* em sua pessoa, agora Cristo sofre *diariamente* em seus membros".[16] Esses sofrimentos são redentores. São de fato usados por Deus para transformar e trazer as pessoas para o caminho de Cristo.

Assim como nossos sofrimentos são dele, os sofrimentos dele são nossos. De vez em quando, temos o privilégio de participar dos sofrimentos de Cristo em relação a alguma necessidade de seu Corpo. Um ministro, na África, certa vez acordou banhado em lágrimas no meio da noite. Um nome desconhecido veio-lhe à mente repetidas vezes. Ele sentiu que estava sendo convocado a orar, mas por quem ou pelo quê? Ele não fazia ideia. Contudo, orou em espírito, fazendo menção daquele nome e sentindo intensa dor na alma enquanto orava. Depois de muitas horas, ele pôde largar aquele fardo, quando sentiu que o trabalho de intercessão estava completo. No dia seguinte, os jornais contavam a triste história de um vilarejo cristão cujos habitantes haviam sido massacrados durante a noite. O vilarejo tinha o mesmo nome pelo qual o ministro havia orado.[17] De alguma forma, que não podemos entender, aquele ministro teve permissão para tomar parte nos sofrimentos do povo que vivia naquele vilarejo e também nos sofrimentos de Cristo. Jamais devemos desprezar o privilégio da oração. Em vez disso, devemos dar-lhe a maior importância.

[16] *Commentaries on the Epistles to the Philippians, Colossians, and Thessalonians* (trad. John Pringle, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1948), p. 164.

[17] História contada por Paul Yonggi Cho, *Prayer: Key to Revival* (Dallas, TX: Word, 1984), p. 86.

Ó Espírito Santo de Deus, quantos estão sofrendo hoje! Ajuda-me a ficar do lado deles em seu sofrimento. Não sei exatamente como fazer isso, pois sou sempre tentado a oferecer apenas uma rápida oração e a me livrar da responsabilidade, em vez de encarar com eles a desolação causada pelo sofrimento.

Mostra-me o caminho para a dor deles.

Em nome de Jesus e para sua glória. Amém.

VINTE

A ORAÇÃO DE AUTORIDADE

Deus instituiu a oração para conferir a suas criaturas a dignidade de causas essenciais.

— BLAISE PASCAL

Na oração de autoridade, cumprimos a vontade do Pai sobre a terra. Nessa oração, não falamos tanto *a* Deus quanto falamos *por* Deus. Não estamos pedindo a Deus que faça alguma coisa. Em vez disso, estamos usando a autoridade de Deus para ordenar que alguma coisa seja feita.

Existe a oração pessoal e também a oração devocional, mas o tipo de oração de que estamos falando pertence a uma categoria diferente. Muitas vezes, temos necessidades pessoais. Então pedimos a Deus, e ele nos responde. Outras vezes, sentimos a proximidade de Deus e somos estimulados à intimidade. Mas existe também a oração que Deus usa para invadir o território inimigo e estabelecer seu Reino. É esse tipo de oração que estamos considerando aqui.

Quando os filhos de Israel tinham o mar Vermelho às suas costas e o exército do Faraó a pressioná-los pela frente, a Bíblia

diz que eles "clamaram ao SENHOR"; contudo Deus disse a Moisés: "Por que você está clamando a mim? Diga aos israelitas que sigam avante. Erga a sua vara e estenda a mão sobre o mar, e as águas se dividirão..." (Êxodo 14.15,16a). Nessa ocasião em particular, a oração, como normalmente a entendemos, não era apropriada. Em essência, Deus estava dizendo: "Parem de orar a mim e comecem a exercer a autoridade que eu lhes dei!". Deus estava ordenando a Moisés que tomasse o controle da situação, e foi precisamente o que ele fez. É também exatamente o que fazemos na oração de autoridade.

AVENTURANDO-SE

No que se refere à minha experiência, posso dizer que deparei com essa forma de oração quase por acidente, muitos anos atrás. Nosso filho mais velho, Joel, sofria com frequentes infecções no ouvido e, por ser ainda um bebê, exigia muito de nossa atenção. Eram dores muitos fortes, e vezes sem conta ficamos a noite inteira acordados com ele. Numa dessas noites, durante meu "turno" com Joel, fiz todo tipo de oração que me veio à mente, mas nenhuma parecia ajudar. Por volta das quatro horas da madrugada, eu estava andando de um lado para outro com o ouvido dele colado ao meu ombro, na esperança de que a dor diminuísse o suficiente para ele parar de chorar e finalmente dormir. Eu estava cansado e frustrado.

De repente, dei-me conta de que eu podia falar diretamente à dor. A ideia pareceu-me um pouco estranha, mas com muita calma comecei a falar à dor: "Obrigado por nos deixar saber que existe uma infecção no ouvido de Joel. Nós o estamos medicando da melhor maneira que podemos. Já entendemos a mensagem, portanto não é preciso continuar enviando sinais de dor ao seu ouvido. Então, em nome de Jesus, pare com isso *agora*!". No mesmo instante, o choro e a inquietação de Joel cessaram. Ele deitou a cabeça sobre meu ombro e quase de imediato caiu no

sono. Foi tudo tão rápido e perfeito que fiquei espantado. Quando Joel despertou, a infecção já havia ido embora. (Devo acrescentar que, poucos meses depois, ele teve as amídalas removidas, pois o médico constatou que eram a causa daquelas constantes infecções.)

Autoridade unida à compaixão

Para dizer a verdade, eu quase gostaria de não ter de falar acerca da oração de autoridade. Essa é uma área que tem sofrido toda espécie de abuso nos dias de hoje. O velho adágio "o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente" se aplica muito bem aqui. Essa forma de oração pode ser muito perigosa, razão pela qual esperei chegar ao final do livro para tratar do assunto. Minha esperança é que até agora tenhamos experimentado o bastante da graça transformadora de Deus para que a velha tendência de não ter consideração pela vida dos outros tenha sido de fato anulada ou pelo menos identificada.

Já percebi que os excessos na oração de autoridade na maioria das vezes ocorrem porque as pessoas deixam de unir o exercício do poder de Cristo a um claro entendimento de sua compaixão. Dostoievski, no livro *Os irmãos Karamazov*, expõe muito bem esse problema na pessoa de dois monges, o padre Ferapont e o padre Zosima. O padre Ferapont é um ascético rigoroso e frio, mas que detém verdadeiro poder espiritual. Todos tremem quando ele entra na sala. Já o padre Zosima é o epítome do sacerdócio bondoso e compassivo. Todos amam o padre Zosima.[1]

Assim, em nossa prática da oração de autoridade, temos uma boa chance de ser uma bênção se combinarmos o poder do padre Ferapont com o do padre Zosima. É comum entendermos o poder e a compaixão como mutuamente exclusivos, mas em Cristo eles estão unidos de maneira maravilhosa. A autoridade precisa da

[1] Algumas das passagens mais relevantes estão nos livros 4 e 6.

compaixão para que não se torne destrutiva. A compaixão prepara o terreno para que a autoridade possa funcionar.

As cercas do discernimento e da prudência

Ressalte-se que a compaixão sozinha não é suficiente. Também necessitamos do dom espiritual do discernimento e da virtude cardeal da prudência como cercas de proteção para o perfeito exercício da oração de autoridade. O discernimento é um carisma sobrenatural concedido pelo Espírito Santo, e a prudência é universalmente reconhecida como virtude indispensável para os que buscam viver uma vida correta. Ambos se equilibram, como num giroscópio, instrumento usado para manter os navios em sua rota. O discernimento é como o eixo rotatório do giroscópio, e a prudência corresponde ao plano horizontal, combinação que proporciona liberdade de movimento num contexto de equilíbrio e direção.

O discernimento é a capacidade divina de perceber o que realmente está sendo feito e o que ainda precisa ser feito em determinada situação. Como diz John Woolman, "sentimos e entendemos o espírito das pessoas".[2] Esse dom do Espírito é fundamental, porque o sacerdócio eficaz precisa de diagnósticos acurados. Precisamos, por exemplo, ter a capacidade de discernir entre as múltiplas personalidades causadas por feridas emocionais e aquelas causadas por atividades demoníacas. Não nos devemos sentir deslumbrados com o mundo espiritual a ponto de pensar que cada jota ou cada til da vida tem como causa uma atividade sobrenatural. Não devemos também nos deixar envolver com as presunções naturalistas da sociedade moderna a ponto de não conseguir enxergar os rastros do transcendente.

---

[2] *Journal and Essays of Woolman*, p. 112.

A melhor maneira de aprender acerca do dom espiritual do discernimento é estar junto de pessoas que tenham experiência nessa dimensão. Observe-as — elas não são difíceis de localizar, ainda que raramente procurem chamar a atenção sobre si. São elas a quem todos procuram quando precisam de ajuda ou de orientação. A respeito delas, costumamos ouvir comentários como estes: "Ela é realmente sábia"; "Não sei como ele sabia, mas ele disse exatamente o que eu precisava ouvir"; "Cada vez que converso com ela, sinto que passo a entender as coisas muito melhor". Quando você encontrar alguém assim, descubra um meio de se aproximar e aprender com ele.

C. S. Lewis diz: "A prudência significa a sabedoria prática, parar para pensar nos nossos atos e em suas consequências".[3] Essa é uma virtude escassa nos dias de hoje. Alguns cristãos, ao tomar conhecimento da autoridade que possuem em Cristo, parecem perder todo o bom senso... e as boas maneiras. Eles saem por aí ordenando que isto ou aquilo aconteça, numa atitude que varia de indiferente a destrutiva. Jesus nunca agiu assim. Ele sabia quando falar e quando ficar em silêncio. Ele sempre se comportava de maneira adequada à situação em que se encontrava. Até mesmo seus ensinos eram orientados pelo "senso prático". Quando ele disse que não devemos lançar nossas pérolas aos porcos, por exemplo, não estava sendo maldoso. Ele sabia que os porcos não conseguem digerir pérolas — elas não lhes fazem nenhum bem (Mateus 7.6). Nós também devemos ter o bom senso de evitar transmitir ao povo aquelas verdades que ele ainda não está pronto para receber. Esse bom senso prático permeava tudo que Jesus dizia e fazia.

Na maioria das vezes, o discernimento e a prudência trabalham como se fossem uma coisa só. Um conhecido meu, a quem chamarei Derek, certa vez se dispôs a ir até o hospital visitar um

[3] *Cristianismo puro e simples* (trad. Álvaro Oppermann e Marcelo Brandão Cipolia, São Paulo: Martins Fontes, 2005).

amigo que estava prestes a trilhar o vale da sombra da morte. Enquanto subia pelo elevador, ele pensou e decidiu que deveria ordenar que a enfermidade fosse embora, mas quando entrou no quarto viu que o amigo estava dormindo. Derek então fez uma coisa inusitada. Aproximando-se do pé da cama, orou pedindo orientação: "Senhor, como queres que eu ore?". Na mesma hora, ele sentiu algo como uma chancela interior para "ordenar que a doença fosse embora", mas na verdade não se sentiu motivado a orar. Pareceu-lhe que o melhor a fazer era conversar um pouco com o amigo.

Derek então chegou para mais perto do amigo, tocou-lhe o ombro para despertá-lo e disse:

— Bom dia! Só vim aqui conversar com você.

O amigo de Derek respondeu, com voz fraca, mas demonstrando gratidão:

— Oh! Fico feliz com isso. Cada um que vem aqui impõe as mãos sobre mim para que eu fique bom, mas tudo o que desejo é ir para minha casa no céu. O que eu mais queria era justamente que alguém viesse conversar um pouco comigo.

Devemos ser sábios e sensíveis, para que executemos o comando da fé *apenas* quando isso for correto e bom.

A conduta de nosso Líder

Devemos também estar seguros de falar a palavra de autoridade somente quando isso for correto e bom. Não podemos simplesmente alegar o fato de que Jesus orava dessa maneira e insistia em que seus seguidores fizessem o mesmo. Numa passagem significativa, Jesus diz: "Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: 'Levante-se e atire-se no mar', e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito" (Marcos 11.23).

Observe que Jesus não está dizendo que devemos falar a Deus a respeito da montanha: ele está dizendo que devemos falar diretamente à montanha. Esse não é o conceito de oração com o qual estamos acostumados, mas, seguramente, é oração.

Certa ocasião, os discípulos de Jesus tentaram libertar uma criança que apresentava sinais de opressão demoníaca, mas, lamentavelmente, falharam. Jesus teve de resolver o problema. Após inteirar-se da situação e vendo que o pai do menino demonstrava ter fé, o Mestre repreendeu o espírito maligno, dizendo: "Espírito surdo-mudo, saia desse menino e nunca mais entre nele!" (*NTLH*). O menino entrou em terrível convulsão e, depois que o espírito foi embora, ficou estendido no chão, como morto. Os presentes chegaram mesmo a pensar que ele havia morrido, até Jesus erguê-lo pela mão e deixá-lo completamente curado.

Os discípulos estavam compreensivelmente espantados e mal podiam esperar o momento de estar a sós com o Mestre para interrogá-lo sobre o motivo do sucesso *dele* e do fracasso *deles*. A resposta de Jesus foi simples e direta: "Essa espécie só sai pela oração e pelo jejum" (Marcos 9.14-29). Observe, porém, que nesse caso Jesus não orou da maneira em que costumamos entender a oração. Ele não se dirigiu a Deus em nenhum momento. Em vez disso, falou diretamente ao espírito demoníaco, ordenando-lhe que se retirasse.

Isso é oração, tudo bem, mas é uma oração de comando. Esse tipo de oração é visto ao longo de todo o ministério de Jesus. Ele fez com que o vento forte e as ondas do mar sossegassem, dizendo: "Aquiete-se! Acalme-se!". Ele ordenou ao leproso: "Seja purificado!". Ele tocou os olhos do cego, dizendo: "Recupere a visão!". Aos ouvidos de um surdo, ele disse: "Abra-se!". Ao paralítico, ordenou: "Levante-se". Junto ao túmulo de seu amigo Lázaro, deu a ordem: "Venha para fora!". Aos espíritos malignos, ordenou: "Saiam!".

Jesus não apenas exercitou a oração de comando; ele também delegou a outros a mesma autoridade. Quando enviou os Doze, ele "deu-lhes poder e autoridade para expulsar todos os demônios e curar doenças, e os enviou a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos" (Lucas 9.1,2). Em essência, ele os mandou declarar a viabilidade do Reino e demonstrar sua realidade com obras de poder. Foi exatamente isso o que eles fizeram: "Então, eles saíram e foram pelos povoados, pregando o evangelho e fazendo curas por toda parte" (Lucas 9.6).

Quando ele enviou os Setenta, foi com a mesma comissão: "Curem os doentes que ali houver e digam-lhes: O Reino de Deus está próximo de vocês" (Lucas 10.9). Eles retornaram eufóricos de sua missão, dizendo: "Senhor, até os demônios se submetem a nós, em teu nome" (Lucas 10.17). O Mestre estava emocionado, pois então soube que o poder do alto podia ser delegado a seres humanos comuns: "Naquela hora Jesus, exultando no Espírito Santo, disse: 'Eu te louvo, Pai, Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado' " (Lucas 10.21).

Imitando a conduta de nosso Líder

As passagens que mencionei não são novas para mim; contudo, durante anos acreditei que o sacerdócio de poder era somente para uns poucos selecionados — você sabe, apóstolos, santos e outros semelhantes. Nunca me imaginei fazendo aquele tipo de coisa, mas então deparei com as surpreendentes palavras de Jesus: "Digo-lhes a verdade: Aquele que crê em mim fará também as obras que tenho realizado. Fará coisas ainda maiores do que estas, porque eu estou indo para o Pai" (João 14.12). Não pude me esquivar por muito tempo de minha responsabilidade nem de meu envolvimento.

Essa descoberta, entretanto, não foi uma boa notícia para mim. Eu estava preocupado com alguns conceitos de conduta

em relação ao poder. Afligia-me o fato de que pessoas dotadas de autoridade se afastavam da soberania de Deus e seguiam um caminho próprio. Eu ficava angustiado com os rumores acerca do orgulho e da presunção em torno do poder delegado. Acima de tudo, eu temia que essas pessoas caíssem no abismo. Temia que *eu* viesse a cair no abismo.

Entretanto, logo percebi que o perigo da superficialidade é tão grave quanto o do excesso; talvez ainda mais do que esse. Em minha preocupação com uma possível queda no abismo, cheguei à conclusão de que também podia cair em lugar plano. Meu desejo de preservar uma respeitabilidade religiosa podia com facilidade redundar numa fé subjugada. Eu estava ciente de que não ousaria chegar a esse ponto. Eu devia estar pronto para descer do barco mesmo que as águas parecessem profundas.

Além do mais, havia muitas vidas preciosas precisando de ajuda. Alguns anos atrás, durante uma série de palestras em Santa Barbara, na Califórnia, conheci uma mulher de aparência distinta. Vou chamá-la Glória. O foco de minhas palestras era a oração contemplativa, e a atmosfera do lugar era enriquecida pela relaxante beleza de imponentes eucaliptos e pelas construções de telhas vermelhas. Após uma reunião vespertina, Glória pediu para falar comigo em particular. Fomos para a encantadora biblioteca, onde ninguém poderia nos interromper. Lembro-me das sólidas estantes de carvalho e da magnífica mesa de madeira trabalhada no centro da sala. Lembro-me também da refinada dignidade com que Glória se portava. "Sofisticada", pensei comigo mesmo.

No entanto, a história que ela me contou naquele dia não tinha nada de sofisticado. Sendo uma pessoa católica muito espiritual, Glória sofrera durante seis meses terríveis aflições da parte do Diabo — é a única maneira pela qual posso descrever a situação. Tudo começou durante uma semana de retiro, quando Glória,

de repente, começou a sentir agudas dores no estômago. "Eu me dobrava com a dor intensa", contou-me ela. "Então, senti uma presença, uma medonha presença. Comecei a chorar profusamente. Sentia um peso inacreditável nos pés, como se estivesse carregando uma cruz. Vi uma coisa monstruosa — grande, preta e feia. Falava com voz grave e sombria, como um animal. Tive logo um sentimento: 'O Diabo está tentando me devorar!' ".

Curvada por causa da dor, Glória reuniu suas forças e tomou o caminho da capela. Ela espargiu água-benta sobre si mesma e prostrou-se no chão, dizendo: "Adorarei somente a Deus". Ali mesmo, no chão da capela, Glória adormeceu.

Quando acordou, ela já se sentia melhor. Na liturgia da tarde, recebeu a eucaristia e depois foi para a cama, na esperança de que o problema estivesse resolvido. No meio da noite, porém, ela foi despertada de forma brusca. "Meu corpo sacudia tão violentamente", contou-me ela, "que fiquei com medo de quebrar o pescoço. Tudo o que eu conseguia pensar era: 'O Diabo está tentando me destruir!' ". Ela cambaleou pelo saguão e esmurrou a porta do quarto ocupado pelo sacerdote que supervisionava o retiro. Despertado de um sono profundo e inseguro quanto ao que fazer, ele chamou uma das freiras e ambos se sentaram ao lado de Glória até as trevas ficarem menos densas. "Percebi que eles pensavam que eu estava mentalmente perturbada", confidenciou-me Glória, "e o que mais eles podiam pensar?".

"As crises e esse período de trevas já duram seis meses" — Glória estava sendo muito franca e sem dúvida estava lúcida ao conversar comigo. Ela continuou: "Então, em sua palestra sobre oração, você alertou acerca dos espíritos que se opõem ao caminho de Deus, e pensei que talvez você pudesse entender minha história. Não posso contar isso para qualquer um. Por favor, pode me ajudar?".

Eu já a estava ouvindo talvez por uns quarenta minutos, e sabia estar diante de uma pessoa muito sensata. Senti que as aflições

que Glória experimentava provinham do Inimigo. Respondi com firmeza e, espero, de modo compassivo: "Sim, posso ajudar você". (Na verdade, eu não estava nem perto da confiança que minhas palavras transmitiam e sabia que, se alguma ajuda aparecesse, essa não viria de mim. Contudo, eu também sabia que não era hora de ponderar sobre minúcias teológicas.)

Impus as mãos sobre a cabeça de Glória e orei com toda a autoridade e ternura que pude reunir. Ordenei que as trevas — ou o que quer que fosse — a deixassem e fossem lançadas nos braços poderosos de Jesus. Glória começou a chorar — um lamento profundo, vindo do interior, acompanhado de imensos suspiros. Convidei a paz e o amor a entrar nela e encher cada recanto de sua mente, corpo e espírito. Então, as trevas se foram. A paz chegou para ela. Ficamos sentados ali, em silêncio, sentindo o desabrochar da graça e da misericórdia.

Já se passaram mais de dez anos, e as trevas nunca mais voltaram a envolver Glória. Há pouco tempo, depois de refletir sobre aquele período, ela me contou, numa conversa telefônica, que a oração naquele dia foi "como um soneto recitado para mim". Gostei de sua descrição, e devo apenas acrescentar que, nesse caso, foi um soneto vindo do alto.[4]

---

[4] Para escrever essa história, repassei toda a sequência de eventos com Glória ao telefone. Suas palavras, colocadas na forma de citação, foram extraídas dessa conversa.

Aqueles que acreditam que o cristão não pode ser possuído por demônios acharão essa história problemática. Eles estão corretos no sentido de que os demônios não podem assumir o controle total sobre o cristão ("possessão"). Na verdade, o termo "possessão demoníaca" é uma tradução pobre e imprópria para *daimonizomenoi*. Estamos falando aqui muito mais de influência e perturbação que de posse e controle. Pelo que sei, não existe uma passagem bíblica que ateste sem sombra de dúvida a possibilidade de o cristão ficar "endemoninhado", como se diz. Esse é um argumento baseado no silêncio, mas, quando comparamos diversas passagens, a influência demoníaca sobre alguns crentes nos parece óbvia. Assim, temos uma base

Usando o bom senso

Creio que alguns conselhos simples são necessários nessa questão. Primeiro: espero que, por causa dessa história, você não presuma agora que toda dor de estômago seja um ataque do Diabo. Na maioria das vezes, uma dor é uma dor! Nada mais que isso. Não precisamos procurar um demônio debaixo de cada moita. Além do mais, muitas de nossas incursões nesse campo, por meio da oração, não chegam a níveis tão dramáticos na escala cósmica. O foco recai, com maior frequência, em questões do mundo material — que não deixam de ser importantes. No poder de Deus, aprendemos a exercer autoridade sobre os problemas cotidianos, como hábitos alimentares, fantasias sexuais, temores e deficiências.

Segundo: não precisamos impostar a voz, nem exagerar nas demonstrações de alegria ou de tristeza, nem fazer algo bizarro para causar efeito na dimensão espiritual. Se o poder de Deus está presente, não precisamos de efeitos especiais; se a autoridade divina está ausente, nem toda a ginástica do mundo conseguirá suprir as deficiências. Assim, em vez de tentar ser o que não somos, vamos falar normalmente e fazer apenas o que parece adequado a cada situação.

Terceiro: temos recursos especiais aos quais recorrer. É comum receber uma unção especial do Espírito Santo para ministrar em situações específicas. Quando necessário, recebemos porção maior do poder do Espírito, somos cercados pela luz de Cristo, cobertos com o sangue de Cristo e selados pela cruz de Cristo. Além do

---

sólida para acreditar na demonização de cristãos. Saul, ao que parece, tinha o "Espírito do Senhor" sobre si e também "um espírito maligno" que o atormentava (1Samuel 10 e 16). A mulher encurvada, a quem Jesus se referiu como "uma filha de Abraão", era prisioneira de Satanás havia dezoito anos (Lucas 13.10-17). A pessoa que Paulo manda ser entregue a Satanás para destruição da carne é sem dúvida um cristão, pois o apóstolo acrescenta: "... para que [...] seu espírito seja salvo no dia do Senhor" (1Coríntios 5.1-5).

mais, muitos anjos de Deus foram designados para nos auxiliar em nossas batalhas. Podemos solicitar a Deus a ajuda deles.

Quarto: ao mesmo tempo que tomamos uma atitude firme e decidida contra o mal, devemos nos manter amáveis e compassivos com o indivíduo. As pessoas não podem ser expostas, nem sua situação pode ser explorada, de maneira nenhuma. São almas preciosas, pelas quais Cristo morreu, e devemos demonstrar-lhes o máximo de cortesia e respeito, em qualquer ocasião.

Quinto: a oração de autoridade não substitui a forma disciplinada de viver. Em muitos casos, a pessoa não precisa de libertação, mas de disciplina. Nossa tarefa então será ajudá-la a incorporar um padrão de vida abrangente que envolva as disciplinas espirituais.[5]

Sexto: nesse tipo de trabalho, faremos bem se nos associarmos a outros cristãos. Não se trata de um sacerdócio "bata e corra". Às vezes, Deus prefere enviar um Elias, um João Batista solitário, mas o padrão normal é o que conta com a proteção da comunidade, na qual encontramos responsabilidade e apoio. Isso também nos permite estar com o povo sem ser o centro das atenções — o que é uma grande bênção.

Sétimo: conquanto desejemos sempre ser valentes no vigor de Deus, devemos imergir nossas realizações na mais profunda humildade de espírito. Afinal, há muita coisa que não sabemos e muita coisa que não podemos fazer. Às vezes, meu desejo é percorrer os centros de tratamento intensivo e as enfermarias dos hospitais, curando um por um, mas não posso fazer isso e não conheço ninguém que possa fazê-lo. "Você precisa ter fé", alguém pode dizer, e sem dúvida está certo. De fato, tenho certeza de

[5] Sem dúvida, escrevi exaustivamente sobre o assunto em meu livro *Celebração da disciplina*. Recomendo também *O espírito das disciplinas*, de Dallas WILLARD (Rio de Janeiro: Habacuc, 2003), bem como os clássicos devocionais de William LAW, *A Serious Call to a Devout and Holy Life* (New York: Paulist, 1978), e de Jeremy TAYLOR, *The Rule and Exercises of Holy Living* (Wilton, CT: Morehouse-Barlow, 1981).

que preciso de muita coisa. Contudo, não é por falta de tentativa, e vou continuar tentando, porque algumas vezes — nem sempre, só algumas vezes — coisas maravilhosas acontecem, e quando acontecem podemos tão somente dar graças e bendizer ao Deus do céu.

Do céu para a terra

Formas comuns de oração partem da terra para o céu — quando pedimos perdão, damos graças ou buscamos a cura. Para usar a linguagem espacial, é a oração ascendente.

A oração de autoridade, no entanto, caminha no sentido oposto. Estamos fazendo vir recursos do céu para suprir uma necessidade particular na terra. Isso é oração descendente, se você preferir.

William Law declara que a oração é um instrumento poderoso "não para que a vontade do homem seja feita no céu", mas "para que a vontade de Deus seja feita na terra".[6] O dr. Ole Hallesby destaca a mesma realidade ao escrever: "A oração é o canal pelo qual o poder do céu é trazido à terra".[7] Nesse caso, com efeito, estamos orando do céu à terra.

O apóstolo Paulo conta-nos que, depois que Deus ressuscitou a Jesus, este se assentou "à sua direita, nas regiões celestiais, muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, [...] [e] Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés" (Efésios 1.20b-22a). Seu argumento era simples: Jesus, por meio de sua ascensão e de seu governo celeste, tem autoridade sobre qualquer poder, espiritual ou material.

---

[6] Sidney Spencer (Org.), *The Spirit of Prayer and the Spirit of Love* (Canterbury, England: Clarke, 1969), p. 120.

[7] *Prayer*, p. 117.

Em seguida, o apóstolo nos insere no quadro. Deus, diz Paulo, tomou aqueles que foram salvos pela graça, por meio da fé, e os "ressuscitou com Cristo e com ele [os] fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (Efésios 2.6). Jesus não foi o único a ser colocado numa posição de autoridade, acima de todas as coisas criadas: nós também fomos elevados à mesma posição.

Isso nos leva à famosa descrição paulina da guerra espiritual em que estamos envolvidos e dos recursos espirituais que temos à disposição (Efésios 6.10-20). O fluxo desse argumento leva-nos à conclusão de que a posição de autoridade de Cristo no céu (Efésios 1) nos dá também uma posição de autoridade no mesmo céu (Efésios 2), a qual resulta na capacidade de participar da guerra espiritual do Cordeiro "contra os poderes e autoridades" (Efésios 6). Exercitamos a oração de autoridade tendo como base essa posição de autoridade no céu.

Lutando na guerra do Cordeiro

Por ser um meio de progredir no Reino de Deus, a oração de autoridade concentra-se primariamente na luta contra os principados e potestades da maldade reinante. Paulo escreveu: "... nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Efésios 6.12, *ARA*). Paulo não está afirmando que "o sangue e a carne" não têm importância, mas que a batalha real vai mais além. Por trás do misterioso senhorio do gueto estão as forças espirituais da avareza e da cobiça. Ocultas na irracional e excessiva resistência à mensagem do evangelho estão as forças demoníacas da desobediência e da perturbação. Por baixo das organizadas estruturas de injustiça e opressão arma-se a jurisdição do privilégio e do *status*. Favorecendo a violência sexual, o racismo e o abuso contra crianças que fazem parte da sociedade moderna, estão os poderes

diabólicos da destruição e da brutalidade. Entretanto, diz Paulo, quando deparamos, por exemplo, com aqueles que são surdos ao evangelho, com leis cruéis e injustas ou com líderes opressores, estamos na verdade lidando com poderes e principados cósmicos provenientes do inferno.

Na oração de autoridade, estamos engajados na guerra do Espírito contra o reino das trevas. No Apocalipse, o último livro da Bíblia, Cristo aparece como o Cordeiro do sacrifício e também como Rei vitorioso (Apocalipse 5 e 19). Essa extraordinária perspectiva escatológica de conquista e sofrimento descreve a missão e a luta do peregrino povo de Deus. Ole Hallesby escreveu: "A oração em secreto no quarto é um sangrento campo de batalha. Ali são travadas videntes e decisivas batalhas".[8]

Devemos nos lembrar, porém, de que as portas do inferno não poderão resistir aos ataques da Igreja (Mt 16.18). O reino das trevas bate em retirada quando estamos com todas as armas de nossa batalha. Paulo nos orienta: "... vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau...". São armas de poder real: o cinto da verdade, a couraça da justiça, os calçados da paz, o escudo da fé, o capacete da salvação, a espada do Espírito, a vida de oração (Efésios 6.13-18).

Cristo, escreveu James Nayler, "pôs armas espirituais em [nossas] mãos e em [nosso] coração [...] para guerrear [...] para vencer e dominar não como o príncipe deste mundo [...] com açoites e prisões, torturas e tormentos [...] mas com a palavra da verdade [...] retribuindo o ódio com amor, lutando com Deus contra a inimizade, com oração e lágrimas noite e dia, com jejum, choro e lamentação, em paciência, fidelidade, verdade, amor não fingido,

[8] *Prayer*, p. 98.

sofrimento e com todo o fruto do Espírito, o que, de alguma forma [possamos] usar para vencer o mal com o bem".[9]

Exercitando nossa autoridade

A guerra espiritual não é algo sobre o que falamos: é algo que fazemos. E como fazer? Fazemos isso quebrando todos os votos destrutivos — conscientes e inconscientes — que cerceiam a existência das pessoas. Muitos condenam a si mesmos com votos que trazem doença, decadência e morte. Observando tais situações e sabendo que não é bom para ninguém estar escravizado, podemos, com uma declaração de autoridade, quebrar a maldição. Alguns carregam maldições que são transmitidas de uma geração para outra, como o alcoolismo, as doenças mentais, e assim por diante. Não importa se a maldição é física, emocional ou espiritual: podemos quebrá-la no nome e na autoridade de Jesus.

Como podemos fazer isso? Podemos fazê-lo exercendo autoridade sobre os males da mente, do corpo e do espírito. A doença é um inimigo, e temos de lutar contra ela. Declaramos equilíbrio emocional e mental diante de fobias e neuroses. Repreendemos a febre e fazemos parar o suprimento de sangue para as células cancerosas. Evocamos saúde e bem-estar geral para a vida das pessoas.

Como podemos fazer isso? Podemos fazê-lo removendo cada "montanha" que esteja obstruindo nosso progresso em Deus. Podemos ordenar aos temores, de qualquer espécie, que se retirem e nunca mais retornem. Podemos nos posicionar contra os maus pensamentos, as dúvidas e distorções de toda espécie. Podemos amarrar o espírito da ira, do ciúme, da intriga, e liberar o espírito do perdão, do amor, da fé.

---

[9] *A Collection of Sundry Books, Epistles, and Papers, Written by James Nayler, etc.* (London: s.n., 1716), p. 186.

Como podemos fazer isso? Podemos fazê-lo expulsando demônios. Onde quer que encontremos forças demoníacas atuando, podemos ordenar-lhes que se retirem. Nós é que estamos em autoridade, não os demônios. No sacerdócio de poder, temos autoridade sobre qualquer oposição que se levante contra nossa vida no Reino de Deus.

Como podemos fazer isso? Podemos fazê-lo combatendo os males sociais e a injustiça institucional. Podemos tocar a trombeta contra as estruturas institucionais que asseguram a pobreza do pobre. Podemos fazer oposição às leis injustas que aviltam e desumanizam aqueles por quem Cristo morreu. Podemos trabalhar pela instituição de leis que promovam a equidade e a justiça. Podemos ajudar o pobre, dar alimento ao faminto e abrigo ao sem-teto. Todas essas coisas e muito mais podem ser obra da oração de autoridade. Essa é uma obra feita em espírito de oração e grande humildade, pois estamos confiando no poder de Deus, não em nossas habilidades. Richard Sibbes escreveu: "O que não poderia fazer a oração se o povo de Deus tivesse ânimo no coração e começasse a orar? A oração pode abrir o céu. A oração pode abrir a madre. A oração pode abrir a prisão e quebrar os grilhões".[10]

[10] Alexander GROSART (Org.), *The Complete Works of Richards Sibbes* (Edinburgh, Scotland: Nichol, 1862-1864), v. 3, p. 186.

No nome poderoso de Jesus, posiciono-me contra o mundo, a carne e o Diabo. Resisto a cada poder que tente me distrair de minha concentração em Deus. Rejeito os conceitos distorcidos e as idéias que tornam o pecado plausível e desejável. Oponho-me a qualquer ataque para impedir minha completa comunhão com Deus.

Pelo poder do Espírito Santo, falo diretamente aos pensamentos, às emoções e aos desejos de meu coração e ordeno-lhes que encontrem sua satisfação na infinita variedade do amor de Deus, em vez de na dieta insípida do pecado. Que o bem, a verdade e a beleza brotem de meu interior e que o mal desapareça. Suplico por mais justiça, paz e alegria no Espírito Santo.

Pela autoridade do Deus todo-poderoso, ponho abaixo as fortalezas de Satanás que existem em minha vida, na vida daqueles que amo e na sociedade da qual faço parte. Tomo para mim as armas da verdade, da justiça, da paz, da salvação, da Palavra de Deus e da oração. Ordeno que toda influência maligna se retire: você não tem nenhum direito aqui e não permito que você encontre nenhuma porta de entrada. Suplico por mais fé, mais esperança e mais amor para que, pelo poder de Deus, eu possa ser uma luz colocada no alto, espalhando a verdade e a justiça.

Oro por essas coisas para glória de quem me amou e se deu a si mesmo por mim. Amém.

VINTE E UM

A ORAÇÃO RADICAL

Unir as mãos em oração é o começo de um motim contra a desordem do mundo.

— KARL BARTH

A oração radical dirige-se para a raiz, para o coração, para o centro. A palavra "radical" vem do latim *radix*, que significa "raiz". A oração radical recusa-se a nos deixar à margem das questões importantes da vida. Ela nos desafia a acreditar que as coisas podem ser diferentes. Seu propósito é a transformação total de pessoas, instituições e sociedades. A oração radical, como se pode ver, é profética.

EPIFANIA NO OREGON

Na primavera de 1978, Carolynn e eu viajamos de carro para a costa do Oregon nos poucos dias de folga de nossa apertada agenda de inverno. Na primeira manhã ali, levantei-me antes do nascer do sol, embora o dia já estivesse clareando. Carolynn ainda estava dormindo. Então, retirei-me em silêncio para uma caminhada.

À exceção de uma ou outra gaivota, eu estava sozinho na praia. A maré estava baixando, e a névoa da noite começava a se dissipar com a chegada da manhã. Perto dali, destacava-se um grande monólito, conhecido na região como Haystack Rock [Rocha do Monte de Feno]. Aninhados no topo da rocha, estavam verdadeiras esquadras de papagaios-do-mar — robustos pássaros negros de bico avermelhado e plumagem branca na cabeça. Com a maré vazante, eu podia dar uma volta quase completa em torno da magnífica fortaleza rochosa que emergia da areia. Fiquei maravilhado com sua resistência ao inexorável ataque das ondas do oceano.

O Sol agora começava a despontar por trás das montanhas ao longe. O esplendor daquela cena quase me deixou sem fôlego. Não me contive e gritei: "Isto é maravilhoso!". Entenda que esse deslumbramento não tinha nada de religioso. Tratava-se tão somente de ficar maravilhado diante de um espetáculo de luz, árvores, oceano e neblina. Houve, contudo, uma resposta — uma resposta clara, franca, sem enfeites: "Eu sei. Eu fiz isto". Sem pensar, exclamei: "Obrigado, Senhor!" — e mais uma vez a resposta: "De nada!".

Fiquei paralisado. Não sei quanto a você, mas não costumo "ouvir vozes".[1] Mesmo assim, o que aconteceu não foi estranho, embora fosse incomum. Foi como um diálogo normal entre amigos, não os estereótipos bobinhos de ficção científica que vemos na TV. A experiência deve ter durado hora e meia, embora eu não tivesse um relógio para poder afirmar com certeza. Louvei a Deus, dei risada, agradeci e até fiz algumas perguntas que me incomodavam. Acho que Deus até riu da ingenuidade de uma delas.

---

[1] Estou usando a palavra "ouvir", mas não me refiro a algo que possa ser gravado em uma fita. É quase um som interno, mas também é uma experiência diferente de ter uma ideia. Já tive três experiências desse tipo, e essa foi a segunda. Cada uma delas veio num momento crucial de minha vida.

É difícil explicar o que aconteceu em seguida. Aproximei-me do despenhadeiro para observar a praia. Lá em cima, havia um bosque de pinheiros, abetos e cedros. Fiquei admirando principalmente um cedro gigante, pois sei que são necessários alguns séculos para que a árvore atinja aquele tamanho. Depois, ao dar alguns passos para a direita, vi o que se escondia atrás daquela árvore saudável — outro grande cedro, mas que estava apodrecendo. Havia alguns brotos verdes dos dois lados, mas a árvore morreria em pouco tempo, pois estava rachada. Aparentemente, fora atingida por um raio num passado distante. Fora o tamanho gigantesco das duas árvores, não havia nada incomum na cena.

Quando examinei mais de perto aquela árvore decadente, a palavra de Deus veio a mim: "Esta é minha Igreja!". Quando ouvi isso, meus olhos se encheram de lágrimas. Trabalhei em igrejas a vida inteira e sabia que era assim. A Igreja, mesmo imensa e com alguns vestígios de vida, estava decaindo. Então, por alguma razão que desconheço, dei meia-volta e olhei para a rocha Haystack, que estava ao fundo. A maré havia subido, e a rocha estava completamente cercada de água, as ondas batendo fortemente contra ela. A palavra divina continuou: "Mas é assim que minha igreja vai ficar!". Olhar para aquele símbolo de força e resistência deu-me grande esperança.

Em seguida, recebi uma instrução que acredito ter sido o motivo do encontro: orar pela consagração de uma nova geração de líderes, profetas nos moldes apostólicos. Líderes que pudessem reunir outra vez o povo de Deus em comunidades de fé radical.

Com isso, a experiência parecia chegar ao fim, e assim voltei para contar a Carolynn tudo o que tinha visto e ouvido. Com o passar dos anos, desde aquele encontro com Deus tenho procurado orar de acordo com aquela instrução, mas não tão fielmente quanto poderia. Contudo, percebo que grande número de pessoas

ao redor do mundo recebeu também a mesma instrução. Por isso, grandes ondas de oração em busca de líderes proféticos têm subido ao trono de Deus durante esses anos. Agora, creio que estamos começando a ver profetas emergindo — muitos deles em países do Terceiro Mundo. Profetas que estão trazendo expressões renovadas e corajosas de fidelidade e obediência.

O MENSAGEIRO PROFÉTICO

Estou ciente de que alguns cristãos têm motivos teológicos para acreditar que o carisma do profeta encerrou-se com a era apostólica. Para outros, a palavra profética não é mais útil por causa dos abusos e dos estereótipos atuais. Compreendo essas preocupações; mesmo assim, prefiro continuar dizendo *profeta* porque foi a palavra que ouvi na praia, no Oregon, e porque existe uma rica tradição bíblica que dá substância ao que estou falando.

Com que se parecem os profetas? Eles vêm de todas as classes e categorias. Alguns são educados, outros são analfabetos ou semianalfabetos; uns vêm de igrejas e denominações organizadas, outros não têm acesso a essas estruturas. São homens, mulheres e crianças.

Eles amam a Jesus de todo o coração. Todos dão prova do chamado de Deus em sua vida, e a mão do Senhor está sobre o sacerdócio deles. Para estes, não faz diferença quem está à frente, quem chama atenção ou quem será lembrado nos anais da História. Poucos são conhecidos pelos meios de comunicação modernos, pois a maioria não reúne os elementos necessários para serem "dignos de nota": dinheiro, poder e escândalo.

Para a maioria, eles são insignificantes, irrelevantes, mesmo no mundo religioso. Não que sejam pouco influentes, mas seu lugar de influência não é visto como importante. Quem se importa se alguns milhares de aldeões do Zaire se entregaram a Cristo? Não que eles causem pouco impacto, mas o impacto que causam é

tido como irrelevante. Quem nota quando algum anônimo de Los Angeles começa a amar os inimigos e a compartilhar seus bens com o próximo? Aos olhos de uma pessoa comum, são indivíduos sem prestígio, mas no Reino de Deus são os "maiores". Eles são os herdeiros espirituais de Débora, de Elias, de Amós, de Jeremias, de Paulo e das filhas de Filipe.

Sob a liderança dessas pessoas e pelo poder do Espírito Santo, o povo de Deus está sendo organizado outra vez. (Não no sentido organizacional, mas organicamente.) Estamos testemunhando em nossos dias o surgimento de um grupo de crianças, mulheres e homens que se agarram a uma nova ordem de realidade e poder.

Esses cristãos viram a pedra esmagando, sem o auxílio de mãos, os reinos deste mundo, tornando-se uma grande montanha que encheu toda a terra (Daniel 2). São aqueles que viram essa Pedra viva — "a pedra que os construtores rejeitaram" — tornar-se a Pedra angular, e eles mesmos se tornaram pedras vivas na construção de uma casa espiritual, um sacerdócio santo (1Pedro 2). São aqueles que entraram no Reino de Deus e de seu Cristo.

São aqueles que podem conceber um novo futuro, com justiça, paz e alegria do Espírito Santo. Eles são tomados por um santo poder para fazer o bem, e não são escravos de seres humanos. Não podem ser subornados, manipulados ou bajulados. Amam os inimigos e oram por aqueles que os desprezam. Com o passar do tempo, a presença deles romperá com as estruturas sustentadas pela inveja, pelo orgulho e pelo medo. A simples não cooperação com a opressão, com o preconceito e com a luta de classes da cultura moderna deixará o mundo quase irreconhecível.

Creio que você que lê estas palavras está entre os que fazem parte desse compromisso. A mão de Deus está sobre você para conduzi-lo até ele mesmo.

A mensagem profética é ainda mais importante que o mensageiro profético, pois visa a uma forma radical de vida e a um

modo radical de oração. Agora vamos definir as diretrizes básicas dessa mensagem.

Desafio espiritual

A verdadeira mensagem profética conclama-nos a propor um desafio espiritual ao mundo. Nossa oração, quando autêntica, questiona o *status quo*. É um movimento alternativo de resistência espiritual. Somos subversivos num mundo de injustiça, de opressão e de violência. A exemplo de Amós, exigimos que "corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene!" (Amós 5.24). Reivindicamos a causa do órfão e da viúva, ou de qualquer indefeso que estiver entre nós. Em nossas ações e em nossas orações, colocamo-nos contra o racismo, o machismo, o nacionalismo ou qualquer outro "ismo" que separe, segregue e divida.

Tornamo-nos a voz dos que não têm voz, pleiteando a causa deles perante o trono dos céus. Queremos ser ouvidos. Insistimos em mudanças. "A oração bíblica", escreve Walter Wink, "é impertinente, persistente, destemida e indecorosa. Está mais para um debate em praça pública que para os monólogos educados nas igrejas".[2] A exemplo de Abraão, fazemos barganha com Deus sobre o destino da cidade (Gênesis 18). A exemplo de Moisés, discutimos com Deus sobre o destino do povo (Êxodo 32). A exemplo de Ester, rogamos a Deus pelo destino da nação (Ester 4).

Nosso desafio espiritual inclui a tentativa de mudar a mente de Deus quando acreditamos que isso é consistente com o amor incondicional do Senhor. Segundo Donald Bloesch, "às vezes a oração de fé implica desafiar a Deus, beirando a presunção".[3] Para Martinho Lutero, o "poder da oração" é "tão grande", que "ultrapassa o céu e a terra". Ele também acha que devemos "conquistar

[2] Prayer and the Powers, *Sojourners* 19, n. 8, out. 1990, p. 13.
[3] *Struggle of Prayer*, p. 79.

a Deus", no sentido de que buscamos comprometê-lo com as promessas que ele nos fez.[4]

Falamos com Deus sobre os quebrantados, os feridos e os desabrigados. Falamos com outras pessoas também. Nosso desafio espiritual leva à ação agressiva contra toda forma de injustiça e de opressão. Ficamos furiosos quando alguém é jogado na prisão por mero capricho de uma autoridade injusta ou quando vemos uma criança de rua sofrendo abusos físicos e emocionais. Sentimo-nos insultados porque nossa cultura coloca o corpo da mulher contra ela mesma e faz com que o pobre afunde cada vez mais na pobreza. Devemos tapar os ouvidos para as caricaturas dos meios de comunicação, a fim de discernir os caminhos de Cristo entre as complexas questões da vida.

As armas de nossa resistência nos fazem parecer deslocados neste mundo baseado em poder, eficiência e controle. Falamos a verdade e não colaboramos com a injustiça, e, por incrível que pareça, essas armas são poderosas para derrubar fortalezas e promover o Reino justo e pacífico de Jesus.

Santidade social

Para usar a expressão de John Wesley, podemos afirmar que a verdadeira mensagem profética sempre nos convoca à "santidade social". Com nossa vida e nossa oração, sabotamos todas as distinções de classe.

Jesus foi, e ainda é, um revolucionário social. Quando ele curava os doentes, proporcionava mais que a cura: curava a doença numa sociedade que alienava essas pessoas. Quando pronunciou as bem-aventuranças, exaltou as classes que a sociedade classificava como "não abençoadas" e "não abençoáveis". Ele declarou àquele povo

[4] Jaroslav Pelikan (Org.), *Luther's Works* (St. Louis, MO: Concordia, 1961), v. 6, p. 158. V. tb. Donald G. Bloesch, *Struggle of Prayer*, p. ix, 49.

pisoteado, cuspido e humilhado que eles eram preciosos para o Reino de Deus. Ele abençoou as crianças; falou com uma mulher estrangeira; fez companhia a um homem rico (Marcos 10.13-16; João 4.1-26; Lucas 19.1-10).

Devemos agir da mesma forma. Em nossa vida e em nossas orações temos de quebrar todas as barreiras, valorizando a todos. Atualmente, as barreiras de classe têm se levantado. Valorizamos as pessoas esbeltas, e não as gordas. As pessoas que se dão bem são valorizadas, e não as que fracassam. Valorizamos os poderosos, mas não os indefesos. Os inteligentes são valorizados; os ignorantes, não. E por aí vai, *ad nauseam*. Para os filhos de Deus, porém, não importa *quem* a pessoa seja, apenas que ela *é*.

A revolução social de Jesus percorreu todos os corredores do poder religioso. No Sermão do Monte, ele declarou a todo o povo, em essência, que o sistema ritual do templo podia definhar e morrer, mas a bênção continuaria. Jesus, como você pode perceber, prefere libertar a amarrar as pessoas.

E assim fazemos. Por meio de nossas orações e de nossas palavras, libertamos as pessoas, em vez de amarrá-las. Quando oramos por outras pessoas, nós as estamos conduzindo a Jesus, o Mestre delas, para que elas não precisem mais de nós. Qualquer crença que faça com que a fé dependa de alguém ou de alguma coisa que não seja Deus é uma crença falsa.

A santidade social leva-nos além das zonas de conforto e limites geográficos. Quando Jesus definiu o próximo na parábola do bom samaritano (ou do filho perdido), ele apresentou um retrato popular, ou seja, o próximo é alguém como nós. Sob a tutela do Espírito, Pedro também teve a percepção de que "Deus não trata as pessoas com parcialidade, mas de todas as nações aceita todo aquele que o teme e faz o que é justo" (Atos 10.34b-35).

Certa vez, um venerável e antigo filósofo perguntou aos seus discípulos:

— Como podemos saber que a noite está indo embora e que o dia está chegando?

— Quando vemos uma árvore no horizonte e sabemos que é um olmo, não um zimbro — arriscou um aluno.

— Quando podemos ver um animal e saber que é uma raposa, não um lobo — disse outro.

— Não — disse o velho homem. — Nada disso irá nos ajudar.

Intrigados, os estudantes indagaram:

— Então, como podemos saber?

O mestre levantou-se e respondeu bem baixinho:

— Sabemos que a noite está indo embora quando podemos ver outra pessoa e saber que é nosso irmão ou irmã. Se não, independentemente da hora, ainda é noite.

Abraçando o mundo inteiro

A verdadeira mensagem profética convida-nos a abrir bem os braços e a abraçar o mundo inteiro. Com coragem santa, cobrimos a terra com a graça e a misericórdia de Deus. Essa é uma grande e nobre tarefa. Deus colocou em nossas mãos o destino do mundo e, por meio da oração, seguramos a fúria divina. Helmut Thielicke escreveu: "O mundo em si vive e é mantido como se estivesse nos ombros de Atlas por meio das orações daqueles cujo amor não esfriou. *O mundo vive por causa dessas mãos levantadas e por nada mais!*".[5]

Por isso, lançamos o medo fora e oramos não apenas por pessoas, mas por países inteiros; não apenas pela renovação da Igreja, mas também pela transformação do mundo. Oramos e trabalhamos para que venha a nós o Reino — a todos nós —, assim como está no céu.

---

[5] *Our Heavenly Father*, p. 109.

Eis como uma sábia mulher de oração me ensinou a orar pelos países.[6] Segundo ela, devemos começar escolhendo um país e discernir que tipo de país esse deveria ser. Se for um país agressivo, por exemplo, podemos sentir que ele precisa deixar de se engrandecer e começar a "enviar ao mundo pequenas flechas de negociação, comércio e cooperação financeira".[7] Às vezes, devemos concentrar nossas orações naqueles que tomam decisões que podem mudar o curso de um país à favor da justiça. Abençoamos as virtudes de que esses líderes já dispõem e pedimos que, como pães e peixes, elas sejam multiplicadas e usadas para o bem.

Em seguida, e mais importante, devemos nos arrepender dos pecados do mundo. Dessa forma, faremos bem em começar com nosso país, não importa qual seja ele. Como nenhum país é inocente perante Deus, colocamo-nos como representantes da nação e nos arrependemos de seus pecados.

Não é uma tarefa simples, como qualquer pessoa que a tenha realizado pode testificar. Devemos estar acima de qualquer promoção ou interesse pessoal e nos ajoelhar com pesar e tristeza pela arrogância, egoísmo e inveja que causam a injustiça nacional. Feito isso, podemos também nos arrepender a favor de outros países. Abrimos fontes espirituais ainda maiores quando recebemos graça e capacidade de perdoar para nos arrepender em nome de nossos inimigos.

Além disso, ouvimos a voz do verdadeiro Pastor nos chamando para ir ao encontro de todos os povos com a libertadora mensagem de Cristo. Fazemos isso com ousadia, mas também com humildade de coração, pois sabemos que Jesus, a verdadeira luz, tem iluminado o coração das pessoas (João 1.9). Nossa tarefa,

---

[6] A pessoa é Agnes Sanford, que escreveu sobre essa maneira de orar em seus muitos livros, especialmente *A luz que cura: oração pelos doentes* (São Paulo: Loyola, 1976), cap. 15, e *Behold Your God* (St. Paul, MN: Macalester Park, 1973), cap. 13.

[7] *The Healing Light* (Plainfield: Logos, 1972), p. 160 [*A luz que cura: oração pelos doentes*, São Paulo: Loyola, 1976].

portanto, é ver onde Deus tem trabalhado e, nesse contexto, proclamar o eterno evangelho de Jesus Cristo. George Fox escreveu: "Que todas as nações conheçam a palavra falada ou escrita. Não poupe lugar, nem língua, nem caneta, mas obedeça ao Senhor Deus [...] e seja valente em prol da verdade sobre a terra [...] ande alegremente pelo mundo".[8] Quando fazemos essas coisas chegamos ao lugar em que amamos os outros por causa do amor de Deus, não do nosso. Dessa forma, recebemos compaixão sem limites por todas as pessoas.

Comunhão cristã

Nosso compromisso com o mundo inteiro também deve ser específico; assim, a verdadeira mensagem profética sempre nos convidará à comunhão cristã. Não vivemos isolados nem oramos isoladamente.

A Igreja dispersa tornar-se-á a Igreja unida. Ainda não sabemos como essa união se dará. Estamos entrando numa espécie de "centrífuga espiritual". (Centrífuga é um aparelho que gira a uma velocidade tremenda, quebrando as estruturas existentes e fazendo surgirem novas estruturas.)

Estamos vendo isso acontecer diante de nós. Antigas estruturas — velhas formas de vida espiritual — estão sendo quebradas para dar lugar a novas. Todos nós que fomos reunidos por Jesus Cristo, nosso Profeta que vive para sempre, estamos encarregados de planejar o futuro.

Para os dias vindouros podemos esperar uma comunhão cristã que incorpore uma de suas quatro expressões básicas, embora cada forma tenha infinitas variações: mentoria espiritual nas formas institucional, comunal, pessoal e formação de pequenos grupos. Essas quatro expressões não precisam excluir uma à outra, pois em

[8] *Journal of George Fox*, p. 263.

muitas situações funcionam todas juntas. Permita-me descrever brevemente cada uma delas.

Muitas de nossas estruturas organizacionais sobreviverão e alcançarão êxito. Alguns profetas, como Francisco de Assis, há muito tempo ouviram o chamado para edificar a Igreja com base nas estruturas existentes. O caminho não é fácil, pois existem muitos obstáculos. A observação de Jesus sobre a futilidade de colocar vinho novo em odres velhos mostra a dificuldade da restauração (Mateus 9.17). Uma das questões cruciais sobre a vida institucional será como encontrar um local para o exercício do sacerdócio profético. Podemos dar a honra de profeta aos que têm o manto profético ou devemos sempre matá-los?

A tarefa será monumental e haverá empecilhos, mas também produzirá ganhos. Deus é perito em soprar vida nova em ossos secos. Um grande princípio da Reforma protestante diz que a Igreja reformada está sempre em reforma. Acredito que isso é possível e que a oração estável precisa chegar a todos os que foram chamados para o ministério sacerdotal de reforma da Igreja e das igrejas. Queremos nos alegrar com cada explosão de vida, com cada força criativa de renovo.

A vida comunal é a expressão mais intensa da comunhão cristã, presente em todas as eras da Igreja. Embora eu não seja membro, sou parceiro de um grupo comunal chamado Comunidade dos Amigos de Jesus. São quatro famílias que juntaram recursos para comprar um pequeno condomínio no centro da cidade, a fim de curar as feridas do racismo. Eles escrevem:

> Como amigos de Jesus, nosso chamado para a comunidade intencional surgiu da convicção de que devemos ter uma comunhão mais aproximada, compartilhando com cada um nossa resistência às ênfases erradas de nossa cultura e sendo fiel

ao chamado de Deus para dividir nossa vida com os pobres e indefesos.[9]

Posso dizer com conhecimento de causa que o testemunho deles é marcante em diversos sentidos. Muitos outros grupos tentaram fazer algo parecido.

Os que buscam expressões da comunhão cristã devem lutar contra grandes questões: como manter a autoridade adequada sem transformá-la em autoritarismo; como manter um alto padrão de vida comunitária sem ficar fechado em si mesmo; como tornar esse tipo de vida acessível a famílias com filhos pequenos e casais que se mudam frequentemente. É necessário que se levantem cristãos com visão profética que deem novas soluções a velhos problemas.

Alguns, em sua caminhada com Jesus, acham proveitoso encontrar alguém que os instrua nas coisas do Espírito. "Líder espiritual" é o termo antigo. Atualmente, diz-se "amigo espiritual". Pessoalmente, prefiro "mentor espiritual". Os mentores espirituais são cristãos com dom de discernimento, sabedoria e conhecimento. A tarefa deles é ajudar as pessoas a enxergar as pegadas de Deus e, mais uma vez, alertá-los sobre a direção que devem tomar.

Essa é uma expressão da comunhão cristã que não se mantém sozinha. Outras expressões da vida em grupo são necessárias, especialmente a adoração em grupo. O grande desafio para os que seguem nessa direção é descobrir maneiras de formar um número suficiente de mentores espirituais num breve período de tempo a fim de obter um impacto significativo na vida da Igreja. Se não, irá se tornar interesse exclusivo de uns poucos privilegiados. Devemos orar para que Deus dê um jeito naquilo que não tem jeito.

Um modelo de comunhão cristã que demonstra um potencial tremendo são os pequenos grupos de formação espiritual. É um

[9] Dorothy Craven, Sharing in Community, *Friends of Jesus Community Newsletter* 2, n. 6, dez. 1991.

método que busca suprir educação e responsabilidade. Eu, por exemplo, me reúno semanalmente com um grupo de quatro pessoas. O objetivo é um ajudar o outro a ser um discípulo melhor de Jesus. Fazemos isso por meio de cinco perguntas, a que respondemos semanalmente. As perguntas são bem simples, mas às vezes nos tocam profundamente.

Listo aqui as perguntas; pense antes de responder. Que experiências de oração e meditação você teve esta semana? Que tentações você encarou esta semana? Que movimentos do Espírito Santo você sentiu esta semana? Que oportunidades de servir o próximo você teve esta semana? De que forma você encontrou a Jesus enquanto estudava a Bíblia esta semana?[10]

Muitas questões precisam ser resolvidas para os que estão comprometidos com pequenos grupos de formação espiritual. Como formar mentores espirituais, mantendo a liderança compartilhada? Como permitir a livre proliferação de grupos sem excessos destrutivos? Como manter a responsabilidade sem legalismo? É necessário que haja pessoas santas e de oração, de modo que se tenham novos sonhos e novas visões.

Não importa o formato de nossa vida comunitária; é extremamente importante orar em conjunto. Embora a oração, na maioria das vezes, seja pessoal, ela nunca está fora da realidade da comunidade de louvor e oração. Na verdade, não conseguiríamos sustentar uma vida de oração fora da comunidade, pois ou desistiríamos ou faríamos à nossa maneira. Sem o discernimento da comunhão cristã, rapidamente transformaremos a oração num monólogo para nos justificarmos.

A comunhão cristã é um dom de Deus criado pelo poder do Espírito e baseado em nosso perdão em Jesus Cristo. Todos vivem sob a cruz, perdoando e sendo perdoados.

---

[10] Essas perguntas fazem parte de um programa maior de formação espiritual. Para mais detalhes, escreva para RENOVARE BRASIL [veja detalhes nas últimas páginas deste livro].

Dallas Willard escreveu: "O objetivo de Deus na História é a criação de uma comunidade abrangente de pessoas amorosas, estando ele nela inserido como o principal mantenedor e mais glorioso habitante".[11] Acredito que Deus está reunindo uma comunidade assim em nossos dias. É uma comunhão que mistura escatologia com ação social, o domínio de Jesus com o servo Messias. É uma comunhão de cruz e coroa, de conflito e reconciliação, de atos corajosos e amor sofredor. É uma comunhão que dá poder para combater o mal em todas as suas formas, vencendo-o com o bem. É uma comunidade de amor generoso e de testemunho. É uma comunidade que navega sobre a visão do governo eterno de Deus, iminente não apenas no horizonte, mas já em nosso meio.

A LEI RÉGIA

O amor divino, o *ágape*, não sustenta sozinho a comunhão para a qual Deus nos convida. Portanto, a verdadeira mensagem profética sempre nos chama para o amor dinâmico de Deus e para o amor ao próximo, que está no centro do evangelho. Amamos a Deus por amarmos o próximo e só podemos amar o próximo quando amamos a Deus. Os dois mandamentos formam um manto sem emendas.

Quando tentamos amar o próximo sem amar a Deus, enganamos a nós mesmos com a idealização de um relacionamento, que no final o destrói. O amor humano sem apoio ama o próximo em benefício próprio. O amor humano estende a mão esperando algo em troca. O amor *ágape*, ao contrário, nada espera em retorno. "É por isso", escreve Bonhoeffer, "que o amor humano se transforma em ódio pessoal quando encontra um genuíno amor espiritual, que não deseja, apenas serve".[12] A tentativa de amar

[11] *Studies in the Book of Apostolic Acts: Journey into the Spiritual Unknown* (guia de estudo não publicado).

[12] Dietrich BONHOEFFER, *Life Together* (trad. John W. Doberstein, San Francisco: Harper & Row, 1954), p. 35 [*Vida em comunhão*, São Leopoldo: Sinodal, 2001].

o próximo sem um relacionamento contínuo com Deus acabará com a comunhão.

Quando tentamos amar a Deus sem amar o próximo, somos cortados da "artéria pulmonar de Deus". O amor de Deus exige expressão; não pode permanecer sozinho. É como Deus "respira", se você preferir. Assim como nosso sangue deve ir do coração para os pulmões, o amor de Deus deve fluir por toda a Criação. Logo, se amamos a Deus de todo o coração, toda a nossa alma, todo o nosso entendimento e toda a nossa força, seremos levados pela necessidade do próximo. Vemos a face de Deus no próximo, e negligenciar o próximo é negligenciar a Deus. Se amando a Deus esquecemos nosso próximo, logo esqueceremos Deus. Somente por meio da lei régia do amor nossos atos de compaixão e misericórdia se transformarão em bênção. Sem isso, por mais que tentemos nossa adoração será sempre tingida de arrogância condescendente. Vicente de Paula diz: "É somente por causa de seu amor, seu amor somente, que os pobres o perdoarão, pelo pão que você lhes deu".[13]

A oração faz o amor fluir livremente, no sentido vertical e no sentido horizontal. Quando oramos, somos levados pelo amor de Deus, que irresistivelmente nos conduz ao próximo. Quando tentamos amar o próximo, descobrimos que somos incapazes, o que irresistivelmente nos leva a Deus. Assim, entramos num círculo de amor que dá vida à comunhão cristã.

Final

Talvez você tenha percebido que completamos um ciclo. Comecei este livro com as palavras de Santo Agostinho: "A verdadeira e

[13] Esta frase é do filme francês de 1947 *Monsieur Vincent* (Paris: EDIC/Union General Cinematographique). Os roteiristas, Jean-Bernard Luc e Jean Anouilh, puseram essas palavras na boca de São Vicente, e, apesar da indubitável licença poética, a ideia certamente é consistente com a vida e o espírito de São Vicente de Paula.

completa oração não é outra coisa senão o amor". E aqui estamos de volta ao amor. Durante nossa jornada, tentei descrever algo sobre o coração de Deus, que busca um amor abrangente e tenta nos persuadir à intimidade da oração. Vimos algumas formas pelas quais a amizade com Deus nos conduz à transformação de que necessitamos (*movimento para dentro*), mudando-nos, moldando-nos e formando-nos. Fomos convidados a participar da comunhão de que necessitamos (*movimento para cima*), adorando a Deus, descansando em Deus e ouvindo a Deus. Ouvimos o chamado para o sacerdócio de que necessitamos (*movimento para fora*), curando os doentes, sofrendo com os quebrantados e intercedendo pelo mundo.

Há dois mil anos, durante um café da manhã, próximo ao mar da Galileia, Jesus tinha apenas uma pergunta para Pedro: "Simão, filho de João, você me ama?" (João 21). Jesus não perguntou sobre suas certezas nem sobre suas habilidades: queria saber de seu amor. Por três vezes Jesus perguntou: "Simão, você me ama?". Pedro lutou por uma resposta adequada a essa questão profunda. Por fim, ele disse sem pensar: "Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo". Seguro quanto ao coração do discípulo, Jesus deu-lhe uma tarefa: "Cuide das minhas ovelhas".

A mesma pergunta é feita a nós. Temos de fazer o mesmo trabalho.

BÊNÇÃO

Que agora você, pelo poder do Espírito Santo, receba o espírito da oração. Que ela se torne, em nome de Jesus Cristo, a ocupação mais importante de sua vida, e que o Deus de toda a paz fortaleça, abençoe e dê alegria a você. Amém.

O IMPACTO DE *ORAÇÃO: O REFÚGIO DA ALMA* NA VIDA DE GRANDES AUTORES

"Durante muitos anos, *Oração*, de Richard Foster, tem sido um raio de luz muito bem-vindo, iluminando os conceitos obscuros e as concepções falsas e sombrias predominantes em nossa cultura, que atormentam os que desejam orar. Um estudo magistral sobre um tema magistral." — EUGENE H. PETERSON, autor de *The Message*

"Richard Foster destila o que os santos aprenderam sobre oração ao longo dos anos e o oferece a pessoas como eu, cuja vida de oração é muitas vezes seca e superficial. Portanto, este livro me ajudou imensamente em minha luta por vitalidade e profundidade espirituais". — TONY CAMPOLO, autor de *Carpe Diem*

"Estou fortemente pressionado a expressar o impacto deste clássico atemporal em minha vida. O livro de Richard Foster é inestimável". — BRENNAN MANNING, autor de *Convite à loucura*

"Richard Foster mostrou o caminho para que outros entrem e experimentem a oração no nível mais profundo do coração — não apenas um lugar para a emoção e o sentimento, mas o ponto central, em que o espírito humano é transformado e desfruta uma nova unidade com Deus. A leitura deste livro pode mudar sua vida!" — LUCY SHAW, autora de *God in the Dark*

"Este maravilhoso livro sobre oração só poderia ser escrito por uma pessoa a quem Deus deu poder por meio da oração. É um grande presente, que me ensinou e incentivou a aceitar o convite divino de trilhar os caminhos da oração". — LEWIS B. SMEDES, autor de *Perdoar e esquecer*

"Este livro é um presente raro — com informações da sabedoria antiga, acessível a leitores modernos — e prático, no melhor sentido da palavra. Para muitos leitores, inclusive eu, é um guia para a oração e a resposta a uma delas". — JOHN ORTBERG, autor de *Venha andar sobre as águas*